
18+
EDITORA
BELEZA CRUEL
ROMANCE DARK MÁFIA
BEENA KHAN
BEAUTY & THE BEAST LIVRO 1

BELEZA CRUEL

Beauty & the Beast – livro 1

Beena Khan

Copyright © 2021 Beena Khan

Copyright © 2022 Editora Bezz

Título original: *A Beauty so Cruel*

Tradução: Lígia Barros

Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes

Capa original: Ms Betty

Capa adaptada: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Khan, Beena.

Beleza Cruel (Beauty & the Beast, livro 1)/Beena Khan; Tradução: Lígia Barros. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2022.

ISBN: 978-65-89906-68-1

Sobre *trademark*™ : a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.

Leitura indicada para Maiores de 18 anos

CONTEÚDO ADULTO

AVISO DA EDITORA

Esta é uma obra de ficção, apenas com o intuito de entreter o leitor. Falas, ações e pensamentos de alguns personagens **não** condizem com os da autora e da editora.

O livro contém cenas descritivas que podem servir de **gatilhos** para pessoas mais sensíveis ao tema: *violência verbal e física, sexo consentido, violência sexual contra vulnerável, drogas lícitas e ilícitas, cárcere privado.*

Leitura indicada para 18+

Sumário

Playlist
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34

Capítulo 35
NOTA DA AUTORA E AGRADECIMENTOS
SOBRE A AUTORA

Em homenagem ao meu parceiro....

E a todos os sobreviventes ao redor do mundo.

Playlist

Hard For Me – Michele Morrone

Him & I – Halsey & G-Eazy

Arcade – Duncan Laurence & Fletcher

Young God – Halsey

Devil In Me – Halsey

Breathless – Shayne Ward

Crazy In Love – Beyonce

Hurricane - Halsey

Prisoner – Raphael Lake, Aaron Levy, and Daniel Murphy

Die For You – The Weeknd

Surrender – Natalie Taylor

Lovely – Billie Eilish Ft. Khalid

Game of Survival – Ruelle

Young and Beautiful – Lana Del Rey

Capítulo 1

Vlad

ERA UMA VEZ...

O Dia dos Namorados.

Mais como o Dia de Finados.

Vlad tinha um negócio a fechar no baile de máscaras.

Era mais seguro já que o rosto de todos estaria escondido. Ninguém o reconheceria em sua máscara preta e prateada. Ele levantou a mão para passar em seu cabelo preto cheio e grosso, mas parou quando percebeu que estava brilhante e arrumado. Reprimiu um suspiro, ele estava irritado. Vlad odiava se arrumar e estava doido para alargar a gravata que parecia uma forca em volta de seu pescoço. Ele já queria tirar o terno, mas no momento ele precisava se misturar, não se destacar.

Vlad deu um gole do *scotch*, cercado por dois de seus homens na área do bar. As risadas eram altas e as vozes tagarelavam ao redor dele, ficando mais altas que a leve música de fundo. Cada conversa tentava dominar a outra, vozes erguidas para serem ouvidas. Os ouvidos de Vlad absorveram a risada em volta. Algumas pessoas se sentavam em grupos de cinco pessoas ou mais enquanto outras dançavam e se balançavam na pista de dança como uma massa no salão.

E ali, uma mulher chamou sua atenção.

Ela era jovem, provavelmente em seus vinte e poucos. Algo sobre ela o fazia observá-la. Ela era esguia, talvez 1,70m, num corpo esbelto. A mulher usava uma máscara dourada, escondendo seu rosto. As penas acentuavam seu cabelo preto e sedoso que descia em cachos longos e cheios.

A bela usava um vestido de veludo, de mangas longas e que ia na altura dos joelhos. Os olhos de Vlad se focaram nela. A parte da frente do vestido tinha uma fenda que subia até a coxa, expondo suas pernas atléticas perfeitamente esculpidas. Ela carregava uma pequena bolsa em sua mão. O decote descia em direção às

costelas, enfeitado por lantejoulas douradas, que brilhavam sob as luzes douradas e prateadas acima deles.

Algo se agitou dentro dele, uma fera caçando sua presa. Agora, uma onda de adrenalina o percorreu e seus músculos se retesaram. Ele jurava que suas pupilas se dilataram.

Ele nem tinha visto o rosto dela ainda. Vlad engoliu em seco, manteve o olhar nela e a estudou com curiosidade.

A bela não parecia se encaixar com as pessoas podres de ricas ao seu redor. Ela parecia cautelosa, curiosa e nervosa como uma gazela inocente.

Um homem estava com ela, talvez o acompanhante. Ele usava uma máscara e Vlad não o reconheceu. O homem alto com cabelo castanho-escuro penteado para trás se inclinou e sussurrou alguma coisa no ouvido da mulher. Depois, ele colocou a mão possessivamente na cintura dela. A bela estremeceu, apesar de tentar esconder do homem.

E, então, o homem se afastou.

Vlad esperou.

Uma batida, duas batidas, três batidas.

A mulher olhou na direção de Vlad.

Vlad se encostou contra o bar e deu um gole na bebida calmamente enquanto alguém conversava com ele, mas sem prestar atenção.

A bela em preto ficou parada, sem se mover. Ela não se aproximou e nem ele fez um movimento em direção a ela. Vlad se perguntou quem daria o primeiro passo. E então, pensou: *Que se foda.* Ele podia muito bem ir até ela.

O primo dele, Gabriele, o pegou observando.

— O que é aquilo? — Gabriele olhou a bela que Vlad encarava e assobiou baixinho.

Entretido, Vlad se virou para encará-lo.

— Não olhe.

Vlad levou a bebida com ele e deslizou facilmente através da multidão como fumaça, atraindo olhares de várias mulheres ao seu redor. Um odor forte de bebidas dos garçons em volta flutuava em direção a ele. Vlad passeou casualmente até a

mulher, gostando de como os olhos dela o examinavam. O olhar da bela viajou pelo caro terno preto dele antes de pousar novamente no rosto de Vlad. Ela olhava cautelosamente para a direita como se temesse que seu acompanhante voltasse.

Um sorriso de lado apareceu no rosto dele.

Hora de brincar.

Vlad pegou uma bebida da bandeja do garçom. Ele tinha que, pelo menos, levar algo para oferecer a ela.

Vlad parou a alguns metros da moça quando os olhos fortemente delineados o olharam novamente. O leve perfume dela ficou no ar. Era doce e não exagerado. A bela o encarou com um olhar afiado que faria qualquer pessoa se encolher, mas não ele. Era como se ela estivesse tentando o avaliar por debaixo da máscara dele.

Olhos cor de âmbar.

Olá, linda.

Então Vlad disse: — Seu acompanhante te dispensou?

Ele queria provocá-la.

Suave. Muito suave, Vlad.

Vlad era direto e gostava assim. O que ele deveria falar? Oi? No mundo dele, não havia tempo para conversas casuais. Não havia motivo para conhecê-la. Ele sabia o que queria e esperava que ela também soubesse. A bela parecia tímida e mais reservada agora que ele a abordara. Ele duvidava que ela concordasse em simplesmente foder agora.

Os lábios cheios e rosados dela se ergueram em um sorriso.

Ela é minha.

Ele soube antes que ela se desse conta.

— Estou feliz que você veio. Eu não gostei nem um pouco dele — respondeu a bela.

Sua voz era grave e rouca. Ele ficou surpreso por não haver nenhuma leveza nela. A voz pertencia a uma mulher mais velha, mas ela parecia tão nova. Ele tinha esperado uma voz angelical e doce, mas não era nada disso. No entanto, era uma boa voz.

Vlad se perguntou como seu nome soaria quando estivesse enterrado dentro dela.

Ele estudou o vestido nela. Era decotado, abraçando as curvas. Os olhos de Vlad se demoraram nas curvas da mulher antes de erguê-los novamente.

Ele ofereceu a bebida que segurava na outra mão.

— Obrigada — disse ela, antes de aceitar a bebida. A bela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha em desconforto.

Ela estava nervosa ou sabia quem ele era? Mas o rosto dele estava escondido.

— Você sempre vem aqui? — Perguntou ele, casualmente.

Ele não se importava de verdade. Vlad não tinha o menor interesse em manter uma conversa, mas ele queria que a bela relaxasse. Ela parecia fria demais. Ele tinha que tentar com ela.

Você é um babaca, Vlad.

Ótimo. Não que ele ligasse. Babacas se machucam menos.

— Não — disse ela, uma pequena risada escapando dela. — É minha primeira vez.

— Quem é o seu acompanhante?

Puxar papo. Ele conseguia fazer isso. Será que ele deveria perguntar o nome dela? Normalmente Vlad só fazia isso depois que tivesse terminado de foder.

— Emilio Valentino.

As sobrancelhas dele se ergueram. Ele conhecia Emilio. O cara era desprezível e visitava um dos bordéis de Vlad com frequência. Um dos melhores clientes dele. Vlad também sabia o tipo de coisas doentias que Emilio curtia.

Os olhos dela encontraram os dele de novo. Eles eram como duas enormes piscinas âmbares. Ele gostava de olhá-la nos olhos. Havia algo nessa mulher que aguçava a sua curiosidade.

Talvez fosse o fato de ela estar ali, mas não parecia pertencer àquele lugar.

Ela não se encaixava.

Algumas mulheres se sentiam confortáveis e felizes, outras tentavam se jogar em cima dele. Vlad não ficava surpreso, ele sabia que suas roupas eram caras e transbordavam riqueza.

Ele estava prestes a perguntar o nome da bela, mas seu acompanhante voltou.

Emilio não reconheceu Vlad de máscara e o olhou com cautela.

— Quem é você?

Havia um ciúme óbvio na voz dele.

Vlad não respondeu.

Os olhos de Emilio viajaram da garota para Vlad antes de perguntar a ela:

— Você o conhece?

— Não. Ela é toda sua — disse Vlad, apesar de não estar falando sério.

Os olhos de Emilio se arregalaram.

Vlad tentou não lançar um sorriso gelado.

— Ah. Don Vlad... Eu sinto muito. Peço desculpas. Eu não o reconheci. Por favor, me p-perdoe. — Emilio gaguejou, suas bochechas ficando vermelhas como um tomate.

Vlad só assentiu.

A garota com olhos cor de âmbar os olhava com uma mistura de confusão e curiosidade. Vlad sabia que ela queria fazer perguntas, mas permaneceu em silêncio, talvez por causa do acompanhante.

Vlad saiu de perto.

Ele conseguia sentir o olhar da mulher queimando suas costas, mas não se deu ao trabalho de olhar de volta. Ele não podia ceder e olhar o rosto dela mais uma vez. Afastando os pensamentos da garota, Vlad se focou na tarefa que veio fazer. Havia bastante gente agora, então, ele não se destacaria tanto.

Ao longo da noite, os olhos de Vlad acharam a bela muitas vezes, mas ele não a abordou.

Ele tinha coisas a fazer.

Vlad saiu com seus homens e foi em direção ao carro. Ele se sentou no banco de trás no estacionamento enquanto seus homens conduziam a transação da outra parte. Vlad raramente saía. Não era seguro, então, se mantinha escondido em um carro à prova de balas. Ele simplesmente dava ordens e seus homens obedeciam, lidando com seus acordos. Vlad só aparecia quando necessário.

Houve gritos dos homens de Vlad ao fundo.

O telefone dele tocou e ele atendeu: — Alô?

Era Gabriele.

— Ele está dando desculpas sobre o motivo de ter menos.

Foi tudo o que Gabriele disse. Eles não podiam comunicar certas mensagens pelo telefone. Ele sabia que seus celulares sempre poderiam estar grampeados.

— Você já sabe — respondeu Vlad.

Ele sabia que Gabriele era esperto. Ele sabia o código.

Vlad desligou.

Mate-o. Essa era a mensagem.

Essa era a consequência para a traição.

Olhando o ambiente, Vlad abriu a janela dois centímetros, para ouvir a conversa.

— Onde está Vlad? Eu quero falar com *ele*. — Vlad ouviu o intermediário falar.

— Não — respondeu Gabriele.

— Leo, traga Vlad Vitalli — o mesmo homem disse.

O som de salto alto chamou a atenção de Vlad. Enquanto os passos se aproximavam, o ritmo era hesitante e então, parou.

Vlad a viu antes que ela o visse.

Ela estava na frente da janela dele, mas não o via. As janelas eram escurecidas.

Vlad ficou momentaneamente surpreso.

Era a mesma garota com quem estava falando mais cedo.

A bela.

Olhos âmbar.

Houve um tiro abafado no ar.

Depois, ele suspirou quando ela gritou.

Ter testemunhas sempre era um pé no saco.

Capítulo 2

Dahlia

EU QUERIA NÃO ter gritado.

Eu vi algo que não devia ter visto.

Um assassinato.

Não houve muito barulho do tiro. Talvez eles tenham usado um silenciador.

Percebi uma coisa.

Esses homens eram preparados para matar.

De olhos arregalados, encarei o homem que tinha sido baleado. Sangue escorria de sua ferida, molhando e manchando o terno azul-marinho. Algo fez meu estômago embrulhar. Foi um tiro limpo, feito para matar. Ele não levou um tiro na perna ou no braço. Foi no coração.

Na porra do *coração* dele.

Exalei lentamente e prendi uma mecha solta atrás da minha orelha. Ao olhar para cima, quatro pares de olhos me encaravam.

Eles tinham me visto e agora eu não podia correr.

Quando eu estava prestes a me virar, fui encurralada rapidamente. Quatro homens me cercaram, todos apontando um objeto preto na minha direção.

Armas.

Pensei em lutar, mas essa era a forma mais rápida de me matar.

Parada, falei a mim mesma.

Eu estava em perigo. Adrenalina corria pelas minhas veias enquanto eu lutava para me controlar. Meus instintos me diziam novamente para correr, mas eu temia que se o fizesse, eles atirariam em mim.

Eu estava saindo para pegar um táxi, fugindo depois que o meu acompanhante desprezível tentou se esfregar em mim a noite inteira. Hoje era Dia dos Namorados

e eu não queria ficar infeliz em casa. Tentei evitar o toque dele, mas o cara encontrava formas diferentes de colocar as mãos em mim. O toque dele era repulsivo e eu não conseguia esquecer da última coisa que ele me disse antes de eu ir embora.

Eu vou te foder até sangrar.

Eu tinha corrido, deixando-o na festa, esperando escapar, mas não esperava *isso.*

Não havia ninguém por perto para me ajudar.

Mesmo que eu gritasse, ninguém me escutaria.

Nós estávamos em uma área isolada do estacionamento, cheia de carros, mas deserta de pessoas. Os manobristas estavam na entrada e esse lugar era escondido da vista deles. Todos os convidados estavam no baile.

— O que vocês estão planejando fazer? — perguntei.

Levantei minhas mãos em rendição, para mostrar a eles que eu era inofensiva e estava desarmada.

Não recebi resposta.

Eu temia que eles estivessem prestes a atirar em mim.

Eu tinha que, pelo menos, negociar a minha vida.

Um dos homens se aproximou, ainda apontando uma arma para o meu rosto.

— Você pode me deixar ir, eu não vou contar a ninguém — falei, com medo em minha voz. — Vocês estão usando máscaras. Eu nem consigo ver o rosto de vocês!

— Você ouviu nossos nomes — disse a voz.

— Não! Não ouvi — menti.

Eu tinha escutado os nomes Leo e Vlad Vitalli.

Um tremor subiu pelo meu corpo ao pensar no nome, *Vitalli.*

— Não minta para nós. Não vai acabar bem para você — outra voz avisou.

Todas as vozes eram grossas e assustadoras.

Eu estava cercada e não tinha para onde ir.

Um dos homens mais assustadores pegou o telefone, digitou um número e falou:

— Don, nós temos um problema.

Don? Por que isso soava tão familiar? Aterrorizada, minhas pernas quase cederam. Eu tentei ser forte, mas era difícil quando quatro homens enormes me olhavam feio, segurando armas.

Olhei para o homem com o telefone. Ele estava se preparando para atirar, sua mão prestes a apertar o gatilho.

— Espere! Não me mate! — Protestei. — Posso dar dinheiro! Alguém que eu conheço pode trazer! — Eu estava desesperada, agarrando-me a qualquer coisa. Então, outro pensamento cruzou minha mente. — E se vocês me levarem? Aí, eu não poderia falar! Pergunte a seu chefe!

Estremeci com o quão idiota eu soava. Quem falaria "me leve"? Que droga.

Os homens ficaram em silêncio enquanto encaravam uns aos outros. Perguntei-me se eles já tinham encontrado uma situação assim antes. Eu sabia que não poderia haver testemunhas. Eu não era idiota! No entanto, imaginei quantas das testemunhas estavam dispostas a serem reféns. Prisioneiras.

Houve um barulho ao fundo; o som de alguém saindo de um carro por perto.

Na mesma hora, eu soube quem era.

O Don ao telefone.

Eu não me virei para olhá-lo. Em vez disso, fiquei parada.

Naquele momento, uma voz à minha esquerda disse:

— E o que te faz pensar que eu vou querer você? — A voz dele era fria e divertida. Tão grossa e masculina que enviava arrepios pela minha espinha. Não havia misericórdia naquela voz. E parecia vagamente familiar.

Eu estava prestes a me virar para olhá-lo, mas em vez disso, ele veio até mim. Meus olhos permaneceram nele, em seu andar silenciosamente letal enquanto ele ficava a alguns metros de distância. Ele parecia se mover tão devagar, como se quisesse me assustar deliberadamente.

Vlad Vitalli.

Eu sabia que teria que implorar pela minha vida. Eu soube no mesmo instante.

Meus olhos cor de âmbar encontraram os olhos perigosos e cinza dele.

Aquela cor era rara. Algo que pertencia a animais, não a humanos. Eu tinha visto aqueles olhos antes... no baile.

Ele não estava usando uma máscara agora. O rosto dele estava exposto. Ele estava me deixando vê-lo.

Vislumbres do homem com as bebidas me atingiram. Era o mesmo homem. Emilio tinha até chamado o homem de Don Vlad. E aquele homem soou charmoso e até doce naquela hora, mas agora ele era só assustador.

Os olhos dele eram emoldurados por sobrancelhas pretas fortes e arqueadas. Meu olhar encontrou o dele novamente. Duas piscinas de um vazio gélido, mas alguma coisa estava espreitando neles. Um brilho de divertimento. Eles pareciam estar rindo de mim.

No entanto, a voz do homem não combinava com seu olhar provocador.

O homem tinha cabelo preto que estava bagunçado. Quando o conheci mais cedo, o cabelo estava liso e puxado para trás, mas ele deve ter decidido bagunçá-lo de propósito. Parece que aquele visual refinado não era seu "eu verdadeiro".

Esse era quem ele era de verdade.

Bruto. Desalinhado. Despenteado.

Meus olhos examinaram o rosto dele, memorizando suas feições. Ele era alto, magro e, ainda assim, musculoso. Seu nariz era reto e sua boca era carnuda. Ele tinha maçãs do rosto definidas e uma mandíbula angular e acentuada. Ele estava com a barba feita, mas já com uma sombra. Isso me lembrava de quando eu raspava as pernas, os pelos começavam a crescer no mesmo dia. Tentei afastar esses pensamentos. Aqui estava eu, pensando sobre depilação. Talvez eu estivesse traumatizada.

O homem se aproximou, mas mantinha uma certa distância.

Uma leve brisa afastou o cabelo dele para o lado e a cabeça dele virou com o vento, expondo uma pequena tatuagem de coruja em seu pescoço. Meus olhos foram atraídos para aquela área. Depois de um instante, o vento parou e o cabelo dele voltou ao lugar. Perguntei-me se a tatuagem estava realmente ali ou se eu tinha imaginado.

Bom, pelo menos ele é bonito, minha voz interior tentou me acalmar.

Eu ignorei e tentei lembrar a pergunta.

Eu tinha que tentar. Não tinha mais volta.

Isso seria difícil. Eu precisava da atenção dele. Perguntei-me se já a tinha. Ele parecia me estudar. Talvez pensasse que eu era uma garota boba, ou estava esperando que eu apresentasse os motivos sobre o porquê eu merecia viver.

Tentei acalmar a minha respiração inspirando e expirando profunda e consistentemente.

Uma, duas, três vezes.

Eu estava grata pela yoga e meditação que fazia.

A postura dele era relaxada enquanto ele me olhava. Uma de suas mãos tocou o queixo e meus olhos seguiram o movimento. Nessa hora, um pequeno sorriso de lado apareceu em seus lábios cheios.

Foi aí que eu soube.

Eu o tinha. Ele não ia me matar.

Ele tinha me abordado no baile, mas se afastou quando Emilio apareceu, me deixando confusa sobre o que ele realmente queria.

Eu não sabia onde tinha encontrado coragem em frente a cinco homens fortes e intimidadores, mas tirei a minha máscara e a joguei no concreto duro aos pés dele. A máscara caiu com um barulho na frente dele, ecoando no estacionamento vazio.

O olhar do homem caiu sobre a máscara antes de parar em mim.

Sustentei seu olhar e deixei que ele visse.

O homem observou meus traços e um arrepio me percorreu. Ele o percebeu antes mesmo que eu sentisse. Eu sabia qual seria a reação dele. Havia desejo em seus olhos.

Só foi preciso um olhar. Um olhar e eu estava perdida.

Uma energia emanava dele, parecia que algo dentro dele tinha acordado como se tivesse sentido o cheiro de uma presa. Ele era o predador e eu era sua próxima refeição. Ele parecia faminto enquanto inclinava a cabeça para o lado.

Minha respiração parou sob seu olhar intrusivo, desafiando-me a desviar o olhar de seus olhos intensos.

Eu sentia que ia me tornar seu brinquedo, algo para quebrar.

Involuntariamente, eu tinha convidado-o para enterrar suas garras de fera em

mim.

Tentei engolir o meu medo. Meu corpo se encolheu ao pensar em seu toque. Ele era um estranho. Eu não o conheci pessoalmente, muito menos gostava dele. Tentei me preparar para a dor e a tortura que eu sabia que chegaria mais tarde.

No entanto, eu sabia tudo sobre ele. Quem não sabia? Era difícil não saber quando se vivia na cidade que ele comandava. Ele era um homem perigoso. Era jovem, em seus trinta anos, e o líder de uma das famílias dominantes de Nova York, a máfia italiana, *La Cosa Nostra*.

O Don do submundo.

Ele era um monstro. Um assassino treinado e sangue-frio.

O Don vivia livremente, andando entre as pessoas porque não existia evidência contra ele. Ninguém ousava ficar contra ele e sua família. Se havia algum caso contra ele, o caso era descartado porque alguém, talvez um de seus homens, levava a culpa e nunca mencionava seu nome.

Ele era conhecido por ter os Homens de Honra mais leais.

Homens de Honra. Era isso que os homens à minha frente eram.

Após um instante, o Don foi embora sem dizer nada e voltou para o carro. Um dos homens o seguiu e se sentou no banco do motorista. Eu não entendi o que isso significava. Ele tinha concordado ou os homens iam me matar?

Naquele momento, o telefone de um dos capangas fez barulho.

Minha cabeça se virou na direção, olhando o aparelho.

O homem olhou para cima.

— Bom, é seu dia de sorte. Você vai viver, vadia.

Babaca. Automaticamente, decidi que não gostava dele.

Um suspiro de alívio deixou a minha boca. Eu ia viver. Ótimo. O Don tinha claramente gostado do que vira. O que isso significava agora? O que aconteceria a seguir? Eu seria o brinquedinho dele? Eu realmente não queria isso. Eu tinha me oferecido a ele, mas agora pensava nas consequências e elas não eram boas.

No entanto, meu destino estava selado agora.

Era tarde demais.

Levada pela fera.

O homem de máscara preta apontou a arma em direção a outro carro.

O carro do Don foi embora primeiro.

O motorista correu pelo estacionamento, o barulho estridente machucando meus ouvidos.

Segui a *Ferrari* preta fosca com os olhos.

Outro homem parou na minha frente e, com a ajuda de um segundo cara, pegaram o corpo morto do chão e o colocaram no porta-malas do carro. Meus olhos se arregalaram com o que eu tinha acabado de testemunhar. Eles pareciam não se incomodar, como se tivessem feito isso diversas vezes.

Essa merda acabou de ficar dez vezes mais real.

Obedeci e andei com passos hesitantes em direção ao carro. Era preto e caro. Uma *Mercedes*. Os assentos eram brilhantes, frios e feitos de couro. Dentro do carro tinha cheiro de cigarro. Tentei não estremecer com o fato de que havia um corpo no porta-malas. Dois homens se sentaram na frente e o homem de máscara preta que tinha falado comigo por último se sentou ao meu lado. Eu ainda não sabia seu nome.

Meu celular estava na bolsa e eu estava louca para ligar por ajuda, mas não podia tirá-lo da bolsa na frente deles.

A minha porta foi trancada instantaneamente e o carro começou a se mover. Permaneci quieta, mexendo minhas mãos, nervosa. Eu deveria estar chorando, mas nunca fui de chorar. Olhando para fora da janela enquanto nos colocávamos no tráfego, tentei pensar em formas de escapar do carro em movimento sem me machucar.

Assim que minha mão estava prestes a pressionar contra a maçaneta da porta, o homem ao meu lado balançou a cabeça e apontou a arma para mim.

— Eu tenho uma arma, querida. Não se esqueça.

A voz dele era mais fria e cruel do que a do Don. Eu não achava que isso era possível.

Eu fiquei quieta no meu assento.

— O que vai acontecer comigo? — perguntei.

— Existem muitas opções — respondeu o homem. Ele tirou a máscara e a descartou. — Você vai me ver bastante. Eu sou Leo. É apelido para Leonardo.

Encarei Leo. Ele seria atraente se não fosse pelo rosnado irônico horrível que brincava em seus lábios. As feições dele eram muito fortes e acentuadas. Ele era magro e encorpado – mais musculoso que seu Don –, cabelo castanho-escuro e pele morena. O cabelo era mais curto dos lados e mais longo no topo. Ele tinha várias cicatrizes na bochecha e no pescoço, que desciam até seu peito. Eu podia dizer que esse era um homem que viveu pela tortura e pela crueldade. O brilho diabólico em seus olhos pretos dizia tudo.

Leo se aproximou de mim.

Tentei me afastar, mas ele agarrou meu braço com força, me impedindo. Tentei exalar lentamente e me forçar a ficar calma.

Ele pegou a minha bolsa e a revistou. Arregalei os olhos quando ele encontrou meu celular. Tentei arrancá-lo das mãos de Leo, mas ele virou o corpo para longe. Depois, entortou o telefone e o quebrou.

Literalmente, ele quebrou o celular em dois segundos e o jogou no chão.

Leo era forte, muito forte. Talvez ele estivesse planejando me quebrar como um graveto também. Ele me notou o observando e piscou, se aproximando. O fôlego quente de Leo cheirava a álcool e o odor me envolveu.

— Talvez o Don compartilhe.

Olhei para frente, para não ter que encarar seu rosto cruel sorrindo ironicamente. Eu tinha medo de fazer algo irracional, tipo socá-lo e acabar morta.

Concentrei-me na minha respiração novamente, uma inspiração de cada vez.

— Deixe-a em paz, Leo. Vlad mandou uma mensagem dizendo que ninguém deve machucá-la — disse o motorista. Eu esperava que ele ouvisse.

— Seu Don provavelmente irá te açoitar — retruquei, não resistindo ao meu impulso de atacar Leo.

— Você é atrevida. Interessante — respondeu ele.

O olhar de Leo me queimava, mas não dei a satisfação de deixá-lo saber como eu realmente me sentia. Então, ele agarrou o meu braço e começou a me apalpar.

— Me solte, idiota! — rosnei, tentando arranhar o rosto de Leo.

Talvez ele estivesse procurando um outro celular? Eu duvidava muito.

Uma risada profunda saiu da garganta dele antes que suas mãos viajassem por meus seios e quadris. Ele agarrou o decote do meu vestido e espiou meus seios. Eu o encarei, chocada. Eu odiava seu toque; fazia minha pele sentir como se estivesse pinicando. Tentei não tremer debaixo dele, apesar de estar apavorada com o que ele podia fazer.

— Sabe, algumas garotas fazem isso... esconder coisas no sutiã — disse, me encarando.

Ele checava o sutiã de mulheres diariamente?

As mãos dele roçaram contra as curvas dos meus seios e eu tentei não estremecer. Tentei me livrar, mas o toque de Leo só ficou mais firme.

Foi o meu primeiro abuso sexual por eles.

Eu não sabia quantos mais teriam. Naquele momento, eu desejei ser um homem e não ter partes femininas. Entristecia-me que a minha aparência fizesse com que eu me destacasse, fizesse de mim um alvo. Fizesse com que eu parecesse fraca e impotente e eu odiava isso mais do que qualquer coisa.

Eu não confiava em Leo.

Os olhos dele estavam diferentes agora, cheios de luxúria. Eu não queria saber o que ele estava pensando, apesar de ter deixado seu interesse claro. Ele lambeu o lábio inferior enquanto me olhava.

Estava escuro no carro, mas a luz da lua vinda de fora tocava a minha pele, delineando meu corpo. Movi-me para cobrir meu decote, mas Leo afastou minha mão. Ele beliscou o meu mamilo através da roupa, me fazendo protestar. Aquilo doeu.

Dei uma cotovelada no estômago de Leo, que fez um barulho e me soltou.

Ele realmente estava me revistando ou só tentando me apalpar? Eu queria quebrar a mão dele.

— Você é italiana? — perguntou Leo, depois de um momento.

Eu fiquei calada. Eu não ia, de forma alguma, conversar com esse tarado.

A mão dele agarrou o meu braço de novo, com força. Rangi os dentes, mas sabia que ele deixaria um hematoma. Eu estava brava e franzi o cenho. Leo estava me

tocando muito.

— Eu fiz uma pergunta.

Mostrei meus olhos raivosos, querendo gritar e o atacar.

— Eu sou libanesa.

— Você é lésbica? — zombou.

Ignorei-o. Eu já tinha ouvido essa no Ensino Médio. Adolescentes misturavam as duas palavras de propósito, já que tinham pronúncias similares.

— Então, você fala árabe?

— Eu falo *vai se foder* — retruquei, cruzando meus braços sobre o peito.

Ele era irritante e eu não podia evitar de retrucar. Eu tinha que tomar cuidado e não provocar esses homens, mas meu temperamento era algo que nunca consegui controlar. Eu deveria saber. Retrucar não ia me ajudar. Eu teria ficado quieta se Leo não tivesse me tocado.

Houve risadas dos dois homens nos bancos da frente.

Na mesma hora, Leo perdeu seu sorriso. Ele se esticou e agarrou a minha garganta, me sufocando. Eu não esperava isso. Leo pressionou o centro da minha garganta, cortando o meu ar. Eu não conseguia respirar, já que o aperto dele no meu pescoço era forte demais. Era doloroso. Não era só um aviso. Ele me tocava como se quisesse me matar.

Acertei meu cotovelo no peito dele, tentando me livrar. Arranhei minhas unhas longas, pintadas de preto, na bochecha dele. Leo gritou como um bebê dramático e tirou a mão. Minha alma se iluminou com a visão do sangue dele, a pequena vitória me incentivando.

Um ponto para mim.

Escroto idiota.

O carro entrou na vaga e parou abruptamente, me fazendo bater no assento na minha frente. Estremeci quando minha testa bateu nele. Senti dolorido, mas não doía tanto quando o meu pescoço.

O motorista se virou rapidamente e encarou Leo com uma expressão entediada. O homem no assento do passageiro se virou para nos olhar também. Eles estavam

sem as máscaras do baile. Ambos os homens tinham lindas feições italianas. O motorista tinha cabelo loiro-escuro e olhos azuis. A princípio, pensei que o cabelo fosse castanho-claro, mas quando olhei com cuidado, vi que tinha mechas loiras. Eu estava cercada de homens lindos, mas eram todos babacas insensíveis. Homens que matavam para viver.

— Tire as mãos, seu doente.

Ele está me ajudando.

— Você não pode estragar a mercadoria.

Retiro o que eu disse.

Leo se afastou, apesar de eu conseguir senti-lo me observando atentamente. Encolhi-me no meu assento contra a porta, mantendo distância. Pressionei uma das mãos contra o meu pescoço sensível e inchado, estremecendo com o toque. Com certeza um hematoma apareceria logo. Olhei para Leo, que segurava um lenço contra sua bochecha arranhada, tocando sua ferida como eu tocava a minha.

Então, nós chegamos em uma mansão com portões prateados.

Parecia mais um palácio, cercado como seu próprio mundo.

Os Hamptons.

A área de Water Mill.

Meu estômago revirou com a riqueza óbvia que eu estava testemunhando. Eu não tive isso enquanto crescia; pessoas normais não tinham. Apenas os ricos e privilegiados tinham, não órfãos como eu.

Tinham seguranças na entrada da gaiola dourada. Meu coração despencou um pouco. A aparência e a beleza do lugar eram incríveis, mas, ainda era uma gaiola.

Eu ficaria presa.

A mansão parecia ter sido construída recentemente, feita com tudo de mais moderno, com suas janelas de vidro. Eu me perguntei quantas pessoas viviam nessa casa. Havia um carvalho enorme no centro do terreno cercado de natureza. A área estava tingida de dourado e marrom. Meus olhos se deleitaram nas cores acolhedoras. Passamos por um grande jardim de rosas e uma estufa. O clima estava ficando mais frio e algumas das rosas tinham murchado e não estavam mais florescendo.

De alguma forma, lembrou-me do meu destino.

Era surreal pensar que essa era a casa que eu moraria. Pelo menos eu esperava morar ali. Poderia facilmente ser a mansão dos meus sonhos. Era tipo um palácio, mas eu sabia que não era um conto de fadas. Uma enorme fonte ficava em frente à mansão e havia estátuas de leões e águias com asas gigantes.

Uma vez que estacionamos, fui levada para dentro da mansão.

Ninguém me tocou, já que eu andei sozinha.

Leo se mantinha à distância de mim agora... enquanto eu seguisse as ordens.

Meus olhos percorreram a área, rondando, memorizando, procurando por possíveis rotas de fuga. Eu precisava ser inteligente, e não estúpida. Dentro, a casa era tradicional, com várias fotografias de família e pinturas clássicas nas paredes.

Don Vlad já estava sentado em uma poltrona com braços dourados.

Um trono para um rei.

Mais como uma fera.

Ele tinha tirado o paletó e a gravata e estava sentado na minha frente usando uma camisa preta de cetim e calça preta. As mangas da camisa estavam enroladas, expondo tatuagens em seus braços e o *Rolex* em seu pulso. A camisa dele estava desabotoada, expondo tatuagens também em seu peito. Eu não conseguia identificar muito, mas eu sabia que elas significavam algo.

Don Vlad parecia casual e confortável. Sua postura mostrava autoridade sem dizer nada. Eu podia sentir os homens à minha volta ficarem retos e ajeitarem a postura.

Ele controlava aquele lugar.

O pensamento devastador que ele poderia me controlar também entrou na minha mente.

A mão de Vlad repousava em sua mandíbula enquanto ele me observava com olhos afiados e calculistas. A perna estava cruzada na coxa, como se ele estivesse confiante. Era estranho, porque eu me sentia uma bagunça na frente dele. Minhas emoções estavam por todo o lugar. Tentei esconder o melhor que pude, para não mostrar nenhuma fraqueza, mas eu temia que ele pudesse ver através de mim. Havia um peso na boca do meu estômago. A presença de Vlad era avassaladora, ele

era intimidador. Ele mal tinha falado comigo no estacionamento; só fez uma pergunta antes de desaparecer novamente. Ele não parecia ser um homem de muitas palavras. Ações falavam mais do que palavras em alguns momentos.

Vlad levantou a mão, talvez para dispensar seus homens que cercavam cada canto da sala, mas parou. Ele permaneceu imóvel enquanto olhava o meu rosto, então, seu olhar desceu até o meu pescoço, se focando nele.

Seu olhar não era desconfiado e ele não estava me secando.

Era diferente.

O Don falou, com sua voz grossa e imponente.

— Quem te estrangulou?

Capítulo 3

Vlad

CONTRA A PELE fantasmagórica, as marcas na garota eram grotescas. Vlad não queria acreditar que um de seus homens tinha a tocado, mas claramente alguém a tocou. Ela tinha marcas largas e vermelhas de dedos no pescoço. Ele sabia que elas ficariam roxas no dia seguinte e escureceriam durante a semana antes de deixarem manchas amarelas feias.

A mão da garota foi até o pescoço. Talvez ela estivesse surpresa por ele ter dito algo. Ela permaneceu imóvel, sem responder a ele. Era desafiadora em seu próprio jeito, mas Vlad não queria brincar agora. Ele precisava de respostas.

— Eu só vou dizer isso uma vez. Eu não gosto de me repetir. Da próxima vez que você não responder, eu vou te matar. — Os olhos dela se arregalaram. — Quem te estrangulou? — perguntou ele, calmamente.

Os olhos da garota se viraram na direção de um de seus homens nervosamente. O olhar de Vlad seguiu a direção antes de pararem em Leo, que segurava um lenço contra a bochecha.

É claro.

Vlad franziu a testa para Leo. Ele era o único que poderia tê-la tocado. O Don sabia que Leo era atrevido com as mulheres. Isso significava que ele tinha agido sem uma ordem.

— Leo? — questionou Vlad, voltando sua atenção para a garota.

Ela mordeu o lábio antes de responder.

— Sim.

Vlad tentou não suspirar. O Don tentou esconder sua fúria antes de chamar Leo com o dedo, para ficar na frente dele. A garota se afastou e ficou ao lado.

— Você a tocou? — perguntou com um certo tom em sua voz.

— Ela me xingou! — disse Leo, seu olhar lançando adagas na garota. Vlad arqueou a sobrancelha.

— E o que ela disse?

— Ela disse "vai se foder".

Vlad piscou lentamente e olhou para a jovem.

Vai se foder?

Não parecia a garota nervosa que ele tinha conhecido no baile.

Ele voltou o olhar para Leo, observando sua bochecha sangrando.

— O que aconteceu com o seu rosto?

— Ela me arranhou. — Leo olhou feio para a garota. Vlad escondeu um sorriso.

— Você a tocou em mais algum lugar?

— Ele tentou me apalpar e agarrou o meu braço com força — a jovem respondeu em vez de Leo.

Vlad não deixou de perceber o olhar vingativo que Leo enviou para a moça. Ela estava segurando os braços e mexendo os dedos nervosamente. Ele se focou nas palavras dela mais uma vez. Sua voz o perturbava. Ela era uma beleza, alguém que parecia um anjo e, ainda assim, sua voz não era nada disso. Não havia suavidade por trás. Sua voz era menos tímida agora e mais confiante. Havia poder nela... como uma figura de autoridade.

Ele lidaria com Leo, mas algo atraía sua curiosidade no momento.

— Qual é o seu nome? — perguntou Vlad, desconfiado.

Os olhos cor de âmbar dela encontraram os dele.

— Dahlia.

Dahlia.

— Nome completo — ordenou.

Ela exalou lentamente antes de responder.

— Dahlia Hadid.

Ele olhou para ela mais uma vez.

— Eu sou Vlad — zombou.

Vlad sabia que não precisava se apresentar. Ela sabia quem ele era. Ele sabia disso, mas ainda sentia a necessidade de se apresentar. A garota parecia confusa e

perplexa, como se estivesse zombando dele. Vlad tentou esconder o sorriso por ela estar desconfortável.

— Onde você trabalha?

— Eu sou garçonete.

Ele ficou surpreso.

— Onde?

— No Queens. Hank's Diner.

Vlad arqueou uma sobrancelha. Isso era bem longe do Hamptons.

— E como uma garçonete foi convidada para um baile de máscaras da alta sociedade?

Apesar do legado de sua família ser cheio de dinheiro, Vlad não era da alta sociedade. Não havia nada de chique ou da alta sociedade em ter suas mãos cobertas de sangue.

A garota parecia confusa.

— Eu tinha um encontro. Ele me convidou.

— Emilio Valentino — adicionou Vlad.

— Ele foi ao restaurante em que eu trabalho. Foi se encontrar com alguém lá.

Vlad assentiu. Valentino era um dos homens mais ricos da cidade. Não o surpreendia que ele tivesse visto Dahlia e a convidado como sua acompanhante. Ela era deslumbrante.

Incrivelmente deslumbrante.

— Cheque os antecedentes dela, Gabriele — falou ele, em voz alta, para um de seus homens.

Gabriele apenas assentiu. Vlad só queria ter certeza. Ele já tinha inimigos demais.

O Don olhou para Dahlia novamente.

— Você disse que pessoas poderiam enviar dinheiro por você?

No entanto, ele não ligava para o dinheiro.

A jovem abriu a boca para falar antes de fechá-la de novo. Uma mecha de cabelo

caiu ao redor do rosto dela e parecia estar irritando seu olho. Ela levantou a mão e a afastou rapidamente.

— Eu tenho seis mil dólares na minha conta.

Vlad parecia estar se divertindo. Isso deveria impressioná-lo? Essa quantia era muito para algumas pessoas, mas quase nada comparada ao seu estilo de vida.

— Gostei mais da sua outra oferta.

Leve-me.

Os olhos arredondados dela se arregalaram.

— E a sua família? — perguntou, mudando de assunto. — Com quem você vive? Existe alguém que procuraria por você?

Ela mordeu o lábio nervosamente e balançou a cabeça.

— Eu moro sozinha.

Ela tinha mentido antes?

É claro, ela teria dito qualquer coisa naquele momento. Mas ele não ligava muito.

— Você tem um namorado? Um marido?

Mais uma vez, a garota balançou a cabeça.

— Não.

Isso o surpreendeu. Como ela estava solteira?

— Uma namorada? — Perguntou em vez disso.

Ele ficaria desapontado se a resposta dela fosse *sim*. Dessa forma, ela não jogaria no time dele.

Ela balançou a cabeça de novo.

— Eu te fiz uma pergunta. Quando eu perguntar, você responda, não balance só a cabeça — disse Vlad em um tom severo e irritado.

Os olhos de Dahlia se estreitaram.

— Eu não tenho namorada.

— Você tem pais que procurariam por você? Irmãos?

Ela estava prestes a balançar a cabeça mais uma vez, mas pensou melhor.

— Não. Eu fui criada em lares temporários.

Uma órfã? Isso era estranho. Ela não tinha ninguém. Vlad ficou desconfiado de novo; era bom demais para ser verdade. A garota estava mentindo para ele e protegendo alguém? Ele cerrou a mandíbula e franziu a testa, mantendo seu olhar frio. Gabriele faria uma checagem extensa.

Vlad voltou ao problema original.

— Mostre os braços.

Dahlia quase pulou, ouvindo a ordem. Ela parecia surpresa antes de morder aquele lábio carnudo. Desejo embrulhou o estômago de Vlad. Ela precisava parar de fazer isso. Em vez disso, ele queria morder o lábio dela.

— Seus hematomas — disse Vlad, entediado.

Ela levantou a manga do vestido e a afastou.

— Chegue mais perto — ordenou ele.

A jovem deu passos hesitantes na direção de Vlad como se tivesse medo dele. Ela mostrou o braço. Havia marcas fortes e recentes em sua pele cremosa e pálida.

Vlad se levantou e Dahlia deu um passo para trás, sendo pega desprevenida.

Todos os homens ficaram tensos.

Vlad colocou as mãos para trás enquanto encarava Leo. Ele era uma cabeça mais alto que Leo, que o encarava com medo nos olhos. Ele parecia apavorado.

— Ele disse algo a você? — perguntou, ainda olhando para Leo, mas dirigindo a pergunta a Dahlia. Quando ela hesitou, ele virou a cabeça na direção dela, irritado mais uma vez.

Ela já tinha quebrado a regra dele diversas vezes. Suas respostas eram lentas demais. A garota lambeu os lábios e os olhos de Vlad seguiram o movimento. Ela exalou lentamente antes de falar:

— Ele disse: "Talvez o Don compartilhe".

Vlad abaixou os braços e apertou a cartilagem do nariz. Seus olhos ficaram severos e sua mandíbula cerrou. Os olhos furiosos encontraram Leo, que se encolheu em resposta.

— Eu não sei se corto a sua língua pelo que você falou ou a sua mão pelo que

você fez — disse Vlad. Os olhos de Leo se arregalaram, quase saindo dos buracos.

Dahlia congelou. — Talvez os dois? — sugeriu tranquilamente.

Algo cresceu dentro do Don: uma necessidade de caçar e matar. No entanto, ele não podia matar seu Braço Direito. Leo era o melhor lutador que ele tinha e Vlad sabia que Leo daria sua vida por ele quando chegasse a hora. Mas isso não era desculpa para suas ações.

Os olhos ferozes de Vlad encontraram os de Leo.

— De joelhos — ordenou.

Leo olhou, nervosamente, de Vlad para o resto dos homens, que permanecerem imóveis, assistindo ao show. Eles sabiam que não deviam interferir.

Leo assentiu e se ajoelhou no chão lentamente.

— Com qual mão ele te tocou? — Vlad perguntou a Dahlia.

Ela ficou em silêncio.

O Don lançou um olhar inflamado para ela e os olhos da garota se arregalaram. Ele esperava que ela tivesse se lembrado da ameaça que tinha feito quando disse que não gostava de se repetir.

— A-ambas — gaguejou.

Idiota. Vlad queria balançar a cabeça.

Antes mesmo que Vlad pedisse, Leo já tinha se preparado para a sua punição. Ele colocou as mãos no chão, próximas aos sapatos do Don.

Vlad olhou nos olhos de Dahlia antes de levantar o pé e pisar na mão de Leo. Vlad não piscou, nem uma vez. Os ossos de Leo se quebraram debaixo do pé de Vlad, mas ele se fez imune à dor de seu Braço Direito. A dor funcionava perfeitamente em seu mundo. Aqueles que não ouviam tinham que ser punidos.

Vlad nunca tirou seus olhos de Dahlia, saboreando sua reação. Ele podia sentir o cheiro do medo dela, mesmo à distância. Agora ela sabia muito bem com quem estava lidando. Um grito abafado escapou dos lábios da jovem. Então, ela rapidamente cobriu a boca com as mãos. Dahlia o olhava como se não pudesse acreditar que ele estava machucando um de seus próprios homens. Será que ela achava que ele estava fazendo isso por ela? Não estava. Dahlia tinha se oferecido para Vlad, não para Leo. E ao colocar as mãos nela, Leo tinha passado do limite. Ele

quis parecer imune às regras e Vlad não podia deixar isso passar sem punição.

Ao seu lado, Leo não gritou, apesar de ter deixado um gemido agonizante escapar.

Ele era forte; um dos motivos porque Vlad o mantinha por perto.

A mão de Leo estava, sem dúvida, quebrada agora.

Vlad repetiu a mesma ação na outra mão de Leo.

Dessa vez, a garota, Dahlia, não gritou, apenas arfou.

Leo estava abaixo dele, machucado, com as mãos quebradas. Ninguém podia indeferi-lo. Nunca. Ele destruiria qualquer um que tentasse. Ele já tinha matado por menos.

— Suas mãos vão se recuperar. Não desobedeça a minha ordem de novo. Da próxima vez, corto a sua língua.

Vlad sabia que a mensagem era clara. *Vocês me obedecem e não tocam no que é meu.*

O Don dispensou Leo e o resto de seus homens. Leo lutou para conseguir se levantar. Era difícil, já que suas mãos estavam destruídas e ele não podia usá-las para se apoiar. Vlad ficou ali, se forçando a permanecer imóvel. Leo assentiu com o olhar baixo e foi embora dando um olhar para trás. O resto dos homens o seguiu, deixando Vlad sozinho com uma Dahlia assustada.

Vlad deu dois passos e parou na frente dela. Descontraidamente, colocou as mãos nos bolsos enquanto a encarava.

Ela era alta, mais alta do que as mulheres com quem ele esteve antes. Mesmo assim, só alcançava seus ombros. Vlad tinha 1,87m. Dahlia abaixou a mão do rosto enquanto seus olhos amendoados olhavam para cima. Ela parecia perdida com o que tinha acontecido consigo em um espaço de poucas horas.

Sequestrada, feita de refém, testemunha de um homicídio... e depois, viu a mão de um homem ser destruída.

De perto, a beleza de Dahlia era ainda mais alarmante.

Cada parte de seus sentidos estava alerta. Ele tinha visto o rosto da garota quando ela tirou a máscara e a jogou no estacionamento. Foi uma ação confiante e ousada, revelar sua identidade. Ela não teve medo de que ele pudesse negá-la e matá-la.

Vlad tinha visto muitas mulheres bonitas antes, mas essa era linda. Essa era a palavra para descrevê-la. Tinha se passado muito tempo desde que ele achou uma mulher linda. Ela tinha se oferecido como uma refém em troca de poupar sua vida.

Ele estudou as feições da jovem. Ela tinha sardas no nariz. Os olhos de Don foram atraídos para seus lábios cheios e pintados de rosa. Depois, ele examinou o rosto dela. Vlad estava a secando descaradamente. Dahlia tinha um pescoço longo e gracioso.

Linda. Exótica.

Os olhos de Dahlia encontraram os de Vlad e ele tinha certeza de que o desejo estava claro em seus olhos. Os dela não tinham qualquer desejo por ele e não havia qualquer ar de flerte nela. Só pura raiva.

— Você esmagou as mãos dele — disse ela, talvez tentando fugir da situação.

— Esmaguei — confirmou. — E esmagaria de novo.

Não havia hesitação em sua voz.

Então, Dahlia fez algo.

Ela juntou os braços em suas costas como se estivesse se oferecendo novamente.

A visão dela fez a boca dele se encher de água e um instinto primitivo de tomar o que ela estava oferecendo o acertou.

Ela sabia o que estava fazendo?

Era estranho. Leo tinha tentado tocá-la e ela tinha o atacado, mas ela não estava mais em modo de ataque. Talvez ela o temesse mais do que a Leo.

Vlad arqueou uma sobrancelha, esperando a jovem falar.

— Você vai fazer aqui?

— Fazer o quê? — questionou Vlad. Ele sabia o que ela estava insinuando, mas, ainda assim, sentia necessidade de perguntar.

— O que eu ofereci — respondeu ela, lançando seu olhar ao chão. — Porque você, claramente, não quer o dinheiro.

Ela parecia derrotada.

A raiva e a rebeldia que ele vira momentaneamente tinham sumido.

Vlad as queria de volta. Ele gostava daquela pequena chama, o espírito que ela

tinha mostrado.

O olhar de Vlad desceu até o pescoço inchado dela. Ele queria esticar a mão e traçar sua pele delicada e macia com os dedos. O pulso dela pulou enquanto ela engolia em seco. Os olhos dele seguiram a direção do pequeno movimento. Vlad estava ciente de que a jovem estava com medo e com razão. Uma parte dele gostava do medo dela e até desfrutava dele.

— Eu não decidi o que quero de você — mentiu ele.

Vlad sabia exatamente o que queria.

Dahlia levantou a cabeça, confusa, antes de encará-lo cuidadosamente.

— Então, eu não sou refém? — perguntou ela.

— Não.

Você nunca foi. Eu só deixei que pensasse que era.

— Enviarei a governanta a você com roupas e jantar. Ela vai te mostrar o quarto onde você irá dormir.

Vlad se virou para ir embora.

— Dormir? — perguntou Dahlia, com dúvida em sua voz.

Ele parou e seus olhos encontraram os olhos confusos dela.

— Sim. Você vai dormir.

Não era um pedido, e sim, uma ordem.

E, então, ele a deixou ali.

Capítulo 4

Dahlia

NA MANHÃ SEGUINTE, eu acordei sozinha, enrolada em lençóis brancos de seda.

Os melhores lençóis em que eu já dormi. Um luxo. Esfreguei minha pele contra eles, criando uma carícia macia e gentil. Cada centímetro desse palácio me lembrava da pobreza em que eu havia crescido. A cama *king-size* estava em uma plataforma e eu me perguntava se ela rodava. Olhei o quarto. Era, em sua maioria, branco e prata. Lustres estavam pendurados acima. A distância do teto para onde eu estava deitada me surpreendeu. Pelo menos 5 metros.

Eu não pertencia a este lugar.

Era um quarto feito para uma rainha.

Tinha uma varanda, mas quando tentei abrir na noite anterior, percebi que estava trancada.

Quando tentei abrir a porta do quarto, descobri que ela também estava trancada.

Esfreguei meus olhos sonolentos e olhei o lado vazio da cama. Eu, provavelmente, tinha dormido muito, mas estava inquieta. Fiquei acordando durante a noite, me revirando, esperando Don Vlad aparecer.

Surpreendeu-me que ele não tivesse entrado no quarto na noite anterior. Chocou-me até. Eu pensei que ele já teria feito alguma coisa a essa altura. No entanto, eu sabia que estava por vir, eu só não sabia quando. O Don era um mistério e eu ainda não conseguia decifrar.

Ele parecia distante e indiferente. Calmo, mas calculista. Reservado, mas implacável. Ainda assim, eu sempre lembrava da forma com que ele tinha olhado para mim.

Alguém bateu à porta.

Sentei na cama rapidamente e encarei em apreensão.

Será ele?

Mas por que ele bateria da porta? Era a casa dele.

Era a governanta, Sra. Messana. Ela era idosa, com cerca de 60 anos, e cabelos ficando grisalhos. Ela era baixa e rechonchuda, mas tinha olhos castanhos gentis. Na noite passada, ela tinha me dado roupas para trocar e um jantar. Rosbife e purê de batata.

— O Patrãozinho solicitou a sua presença lá embaixo.

Olhei para ela, surpresa. Depois, olhei minhas roupas. Eu usava pijamas pretos de seda. A Sra. Messana deve ter me visto olhando porque disse:

— Vou trazer novas roupas. Você deve tomar banho e estar pronta em 10 minutos.

Dez minutos? Apenas assenti.

Momentos depois, ela voltou com uma blusa de algodão de cor vinho, uma calça jeans simples azul-clara e novas roupas de baixo. Pelo menos Vlad não estava planejando me exibir por aí como sua puta particular. A governanta já tinha me dado pasta e escova de dente novas e fechadas na noite passada.

Peguei as roupas e entrei no banheiro branco e dourado. Olhei, piscando com a quantidade de ouro. As riquezas naquele cômodo seriam impressionantes, se fossem reais. Eu nem queria entrar ali. A banheira era luxuosa e espaçosa com uma *Jacuzzi*.

Na noite passada, tive problemas para dormir, mas não tomei banho. Agora, no entanto, deixei a água cair sobre as minhas costas, descendo pelos meus ombros e coluna. Meus ombros caíram enquanto eu respirava fundo debaixo da água corrente.

Pensamentos sombrios entraram na minha mente.

O que aconteceria comigo?

Eu tinha me entregado para a fera mais cruel no reino.

Eu estava muito ciente do que ele era capaz depois de vê-lo amassar as mãos de Leo. Ele era um homem disposto a machucar seus homens para ensiná-los uma lição. Isso significava, em seus olhos, que eu não era nada.

Eu era poeira.

Saí do banho rapidamente e me sequei com a toalha. Coloquei as roupas e saí.

Na penteadeira tinha alguns utensílios de maquiagem e uma escova. Pulei a maquiagem e penteei meu cabelo preto e liso. Quando estava molhado, batia na minha cintura. Eu sempre mantive meu cabelo longo, desde mais nova. Em lares adotivos, eles sempre tentavam cortá-lo, mas sempre resisti.

Eu não tinha família.

Eu tinha alguns dias quando meus pais me deixaram. Anos depois, quando voltei à mesquita, o sacerdote me disse que uma mulher árabe tinha dito o meu nome e que ela não poderia ficar comigo. Ela era libanesa e, provavelmente, a minha mãe, mas isso era tudo o que ele podia falar. Procurei pelos meus pais biológicos quando fiquei mais velha, mas não encontrei nada.

Entristecia-me que minha mãe não tinha nem se dado ao trabalho de me colocar para adoção. Ela simplesmente me colocou nos braços de um religioso e fugiu antes que ele pudesse segui-la. Até hoje, eu não sabia o porquê.

Eu não lembrava dos meus pais ou da aparência deles.

Eu só sabia o meu nome.

Dahlia Hadid.

Fui levada à proteção do serviço social. Dali, pulei de lar adotivo para lar adotivo até os 18 anos. Fui para a faculdade e estava trabalhando como garçonete até Emilio Valentino me encontrar. Ele tinha me conhecido e me convidado para o baile de máscaras. Como eu fui estúpida e ingênua. Eu nunca deveria ter ido ao baile.

Agora, eu era parte de um filme de terror.

Exalei lentamente e saí do quarto.

Os corredores eram longos e intermináveis. Eu tive certeza de que ia me perder assim que comecei a andar, até um dos homens me encontrar. Era Gabriele.

Eu o reconheci da noite anterior. Ele era o motorista e o homem que Vlad tinha ordenado para fazer uma busca nos meus antecedentes. Felizmente, Leo não estava em nenhum lugar à vista. Provavelmente se escondendo de seu Don.

— Por aqui — disse Gabriele.

Olhei para cima, com curiosidade.

Ele era mais alto que eu, mas parecia menos intimidador. Talvez fosse sua aparência. Ele tinha as típicas feições do garoto de ouro, não as feições severas que

seu líder tinha. Isso o fazia parecer gentil, mas acabei descartando a ideia. Ele me pegou olhando, estreitou os olhos e eu desviei o olhar rapidamente, não querendo que ele pensasse que eu estava interessada.

Don Vlad e Leo já eram mais do que o suficiente para lidar.

A mansão era sem fim, com alas separadas. Complicada demais com suas muitas alas. Eu não sabia qual era a ala do Don. Meus olhos seguiram a escada longa branca e dourada. Era linda.

Quando chegamos à sala de estar, Don Vlad estava sentado com um homem mais velho. Dizer que a sala de estar era grandiosa não fazia justiça. O cômodo era gigantesco. Ontem, eu não tinha assimilado tudo porque estava muito chocada com o que estava acontecendo ao meu redor, mas hoje, não. Agora, eu assimilava tudo.

O Don era podre de rico.

Retratos antigos e fotografias estavam pendurados ao longo das paredes douradas. Os sofás eram tradicionais prata e dourado. Antiguidades espalhadas. Olhei para os meus pés descalços enquanto eu estava parada ali no chão frio de mármore. Eu não tinha recebido sapatos – talvez porque eles não quisessem que eu fugisse. A Sra. Messana tinha levado minhas sandálias na noite anterior. Eu teria, pelo menos, apreciado meias.

Antes que meus olhos pudessem encontrar os de Don, eles caíram sobre o homem mais velho ao lado dele.

Se o Don era gelo, esse homem era fogo.

Os olhos de cor cinza dele me percorreram e seu olhar queimou. Aqueles eram os olhos de Vlad. Esse homem era parente dele. Seu pai.

Eu tinha visto a foto dele nos noticiários também. Um ex-Don. Eles eram notórios. O velho era alto como seu filho e, se eu olhasse com cuidado, seu cabelo preto tinha alguns fios brancos, mostrando sua idade. Ele tinha uma cicatriz no pescoço. Era estranho. Vlad, Leo e esse homem, todos tinham cicatrizes. Um arrepio desceu pela minha espinha pelo estilo de vida que eles deviam levar. Ele era extremamente atraente para um homem com um filho adulto.

Enzo Vittali.

O homem parecia estar me estudando atentamente em seu terno preto e brilhante.

— Então, essa é a mercadoria nova?

A voz do homem era baixa e dominante. Até Vlad ajeitou a postura com a pergunta.

Abaixei a cabeça e olhei para qualquer outro lugar.

— Sim, pai — respondeu Vlad.

— Você decidiu o que fazer com ela?

Vlad ficou quieto.

— Tem o bordel — ofereceu o pai. Tentei não bufar por suas palavras. — Ou nós podemos vendê-la.

Neste momento, o medo me acertou e eu o senti no fundo da minha alma. Levantei os olhos no mesmo instante. Esse não podia ser o meu destino. Eu não podia ser usada e abusada até não haver mais nada de mim. Eu tinha me oferecido a Vlad, mas quando me ofereci, não tinha considerado que poderia haver outras opções. Eu achei que fosse ser seu brinquedinho, mas agora não tinha certeza. Merda, eu deveria ter pensado melhor, mas é difícil pensar direito quando você acabou de testemunhar um homicídio no meio da noite. Meu instinto de permanecer viva tinha dominado qualquer pensamento racional.

Olhei para Vlad, que estava me encarando.

A mão dele estava descansando no braço do sofá, seus dedos tamborilando como se estivesse me provocando. Segui os movimentos nervosamente antes de encontrar seus olhos severos. Tentei implorar silenciosamente, esperando que minha mensagem fosse ouvida.

Não me venda.

— Ela tem um rosto bonito. Um bom corpo — disse o pai de Vlad.

Estremeci. Eu não queria olhar aquele homem, então mantive meu olhar focado em Vlad.

— Veremos — disse Vlad.

— Eu tenho que ir. Te vejo por aí, filho.

O homem mais velho se levantou em sua altura dominante. Ele me olhou de novo, seus olhos deslizando sobre mim antes de ir embora, me deixando sozinha com Vlad.

Gabriele também desapareceu.

Por um momento, Vlad me olhou, sem dizer nada. Ele era uma boa visão, uma visão intimidadora. Ele usava roupas formais de novo, ajustadas e modeladas em sua figura. Eu estava na casa dele, à mercê e vivendo sob o comando dele. Fiquei parada na frente de Vlad como uma estudante na frente do professor. Ele esperava que eu cedesse sob o peso de sua presença, mas estava errado.

— Você vai me vender? — perguntei, brincando com as mãos.

Um hábito nervoso que eu tinha adquirido recentemente. Eu nunca fiz isso.

Vlad parecia estar se divertindo e, então, sua expressão caiu um pouco. Percebi algo que não tinha visto antes.

Pena.

Ela desapareceu tão rápido quanto chegou, fazendo eu questionar se realmente tinha visto.

— Você tem um rosto bonito. Eu queria que não tivesse. Chama a atenção de muitos.

A esperança que eu tinha no meu coração estava morrendo lentamente. Eu queria não ter um rosto bonito. Ele podia muito bem cortá-lo com uma faca. Exalei antes de acalmar minha respiração devagar.

— Mas eu me ofereci para você... — minha voz sumiu antes que eu pudesse continuar.

Só para você.

Ele se levantou e andou lentamente na minha direção.

Seu andar era predatório e poderoso. Eu não sabia se ele estava fazendo de propósito para me deixar com medo, mas estava funcionando. Eu sabia que ele era o homem mais poderoso ali.

— Você pensou antes de se oferecer? — perguntou ele.

Garota idiota. Mordi meu lábio, nervosa.

— Eu não queria morrer.

O olhar de Vlad inflamou e viajou até os meus lábios. Eu parei de mordê-lo. O olhar dele me deixava nervosa. Vlad estava em silêncio enquanto me encarava. Seus

olhos escureceram, lembrando uma noite de tempestade.

— Você vai fazer o que ele disse?

— Eu sou o Don. Eu tomo minhas próprias decisões.

Esperança preencheu o meu coração novamente.

— Então, você não vai me vender?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Eu provavelmente deveria. Eu ganharia um bom dinheiro, mais do que você me prometeu.

Ele estava falando sério? Não tinha um sorriso em seu rosto. Vlad era a droga de um bilionário. Mesmo se eu tivesse cem mil dólares, isso seria trocado para ele.

A esperança que estava batalhando no meu coração estava diminuindo de novo. Era uma batalha constante.

— Por favor, não me venda — pedi.

Eu odiava implorar para ele. Fazia com que eu me sentisse patética, mas eu ficaria de joelhos se isso o fizesse me ouvir. Implorar por misericórdia parecia melhor do que perder minha dignidade do jeito difícil. Eu poderia deixar meu orgulho de lado, pelo menos essa vez.

Vlad chegou mais perto até ficar a poucos centímetros de distância. Levantei a cabeça para encontrar seus olhos. Sua expressão satisfeita e de pena sumiram. Em vez disso, elas foram substituídas por algo que eu não podia definir.

— Diga essa palavra de novo — ordenou em um tom perigosamente baixo.

Que palavra?

Olhei para ele, confusa.

— Me implore de novo — explicou.

Franzi a testa e o olhei feio dessa vez.

Ele realmente se excitava com mulheres implorando?

— Não — retruquei, mas me arrependi na mesma hora por usar um tom tão ríspido.

Eu tinha desobedecido uma ordem.

Merda.

Congelei enquanto o medo me tomava. Eu sabia, em primeira mão, o que acontecia quando alguém não seguia as ordens de Vlad. Pressionei meus lábios e tentei evitar que meu corpo tremesse, passando os braços em volta de mim mesma, tentando me segurar. Internamente, me preparei, antecipando o golpe que ele certamente acertaria em mim.

Fechei meus olhos.

Depois de três segundos, os abri novamente.

Sua expressão divertida estava de volta. Talvez ele estivesse se perguntando que diabos eu estava fazendo.

Ele não ia me bater?

Vlad se inclinou para frente, acabando com o espaço entre nós. Afastei-me, mas ele apenas se moveu para frente e a pequena perseguição continuou até minhas costas baterem contra a parede atrás de mim. Seus olhos estavam mais escuros agora e significativamente mais frios. Eles me penetravam sem me tocar, se recusando a permitir que eu desviasse o olhar.

Agora eu não tinha para onde ir.

Eu estava presa.

Eu pensei que se ele me batesse, eu poderia, pelo menos, acertar um soco. Balancei a cabeça silenciosamente. Não, Vlad tinha uma arma e um exército de homens disposto a matar sob seu comando. Lembrei de como Leo tinha colocado as mãos na frente de Vlad para sua punição.

Ele era dominante. Não o rei do seu próprio universo – era mais como o deus. Ele não era bonito da forma tradicional, mas era atraente.

Vlad se inclinou, pairando sobre mim. Pressionou os braços contra a parede, quase prendendo os meus dos lados do meu corpo. Tentei pressionar a mim mesma contra a superfície dura, mas eu estava presa. Meu coração subiu até a minha garganta e meu sangue ficou mais quente. Vlad repousou os antebraços na parede, ficando muito mais próximo de mim. Ele ainda não tinha me tocado, mas seu fogo e seu calor marcavam a minha pele.

Eu podia sentir o cheiro de canela em seu hálito. Seu perfume tinha um cheiro

masculino, amadeirado, bom. Tentei não gostar, mas sua presença e odor eram devastadores. Seu cheiro estava bem debaixo do meu nariz, basicamente me pedindo para cheirá-lo. Ele engolia os meus sentidos.

Eu nunca o tinha visto tão de perto. Suas íris tinham manchas de mel e dourado nelas, lembrando a um lobo. Eles quase pareciam azuis. Vlad era como um camaleão, mudando de cor bem na minha frente, criando uma visão mística e serena. Seu cabelo escuro um pouco longo estava perfeitamente desarrumado, como se ele não tivesse qualquer preocupação. Perto de suas sobrancelhas, havia uma cicatriz profunda e visível. A cicatriz marrom e irregular se destacava contra sua pele bronzeada, marcando-o com uma imperfeição com a qual ele não tinha nascido.

Preparei-me mais uma vez para ele me tocar, me violar.

Eu estava me preparando desde que me ofereci.

Talvez doesse menos se eu não lutasse. Sexo com ele... não poderia ser tão ruim, certo? Mas poderia ser ruim.

Leo tinha tentado comigo também e eu não tinha qualquer desejo de esquentar a cama dele. Tentei não me vangloriar por suas mãos estarem quebradas porque ele as encostou em mim. Ele mereceu.

Olhei para cima e encarei os olhos afiados de Vlad. Seu olhar parecia estar procurando o meu. Eu não sabia o motivo.

— Você vai me machucar? — perguntei baixinho. Eu odiava o medo na minha voz.

Vlad inclinou a cabeça para o lado, sorrindo maliciosamente.

— Você está com medo de mim?

Era difícil não estar, de frente com um Don da máfia.

Não respondi e permaneci imóvel. Com sorte, ele pararia de perguntar.

— Eu disse antes, *Dahlia*. Não gosto de me repetir. Eu já deveria ter te matado. Você tem sorte de ainda estar viva. — a voz dele era firme e indiferente. Foi a primeira vez que ele disse o meu nome em voz alta. Tentei não gostar de como saiu de sua boca.

— Eu não vou dizer — respondi, desafiando-o.

Olhei para cima e um pequeno sorriso de lado brincava em seus lábios.

— Tudo que eu pedi foi para você implorar.

— E eu disse não — sussurrei, minha respiração batendo nos lábios dele.

Vlad ficou imóvel, olhando profundamente nos meus olhos. Eu queria que ele desviasse o olhar. Era hipnotizante. Sua respiração estava mais pesada e, logo, estávamos respirando o mesmo ar.

— Quão difícil é dizer "por favor"? — murmurou ele.

Ah. Era isso o que ele queria?

— *Por favor*, Vlad — falei suavemente.

Era a primeira vez que eu falava o nome dele.

— Você fica tão linda quando implora.

Meus olhos arregalaram.

Então, algo mudou. Vlad abaixou os braços e se afastou.

Ele não ia me tocar?

O calor que irradiava dele desapareceu instantaneamente.

— Isso significa que se eu pedir por favor, você não vai me vender?

Tentei não ficar animada e esperançosa, mas eu sabia como soava. Eu estava desesperada e até Vlad sabia que eu estava me agarrando a qualquer coisa.

Ali, os olhos de Vlad mudaram. Eles mudaram de sombrios para suaves no mesmo instante.

Ele sorriu para mim. Estava tão diferente agora. Eu não sabia que algo tão pequeno e simples poderia mudar a aparência física de alguém. Era a primeira vez que eu o via sorrir. Uma covinha profunda apareceu em sua bochecha direita, algo que eu não tinha notado antes. Eu não entendia qual a razão de ele ter uma covinha, se ele raramente sorria. O sorriso o deixava lindo.

Lindo até demais para o meu gosto. O sorriso o deixava humano.

Ele era melhor como uma fera.

Vlad esticou a mão e tocou meu pescoço suavemente.

Pisquei devagar quando seus dedos quentes traçaram um padrão.

— Suas marcas... — sussurrou ele, olhando-as antes de encontrar os meus olhos. Depois, Vlad mudou de assunto abruptamente e disse: — Você deveria tomar café da manhã.

E foi embora.

A terceira vez desde o dia anterior.

Capítulo 5

Dahlia

NÃO ERA SÓ comida na mesa do café da manhã. Era um banquete exuberante. Tentei não estremecer com o fato de que essa comida poderia alimentar uma família durante uma semana. Pratos de omelete, rabanada, rolinhos de canela, manteiga, café e jarra de suco de laranja me impressionavam.

Eu não sabia onde sentar. Eu deveria sentar ao lado de Vlad ou na outra ponta da mesa, longe de sua vista? A mesa tinha dezesseis cadeiras. Eu não via sentido nisso, já que o café da manhã era só para duas pessoas. Fui em direção ao fim da mesa até a voz de Vlad me parar.

— Sente perto de mim onde eu posso te ver.

Assenti e fiz o que ele mandou. Vlad se sentou à cabeceira da mesa. Peguei um prato e comecei a pôr omelete e rabanada. Eu certamente não pediria permissão para começar. Ele não pareceu se importar, nem me parou. Meu estômago fez um barulho vergonhosamente alto, o que chamou a atenção de Vlad.

Ele sorriu de lado.

Eu odiava seu sorriso irritante.

— Com fome? — perguntou.

Desviei os olhos e encarei meu prato. Estiquei a mão para pegar o café e, bem na hora, a mão de Vlad roçou contra a minha. Congelei, pega de surpresa. Era a segunda vez que ele tinha me tocado. Olhei-o bruscamente. Vlad também queria o café. A mão dele era suave contra a minha e eu tentei não pensar muito sobre isso.

Meus olhos encontraram os dele.

Os olhos de Vlad eram como aço frio, tipo um lobo faminto, um predador. Desviei o olhar e afastei minha mão, esperando-o terminar de servir seu café primeiro.

Comecei a comer lentamente, me forçando a mastigar pequenas quantidades porque era difícil engolir com um enorme nó na minha garganta.

Eu não sabia o que aconteceria comigo, mas eu não queria ser enviada para trabalhar em um bordel, nem me tornar uma escrava sexual. Não sei o que era pior. Talvez a escravidão sexual. Enquanto crescia, estava ciente das pessoas que se vendiam em bordéis ou na rua por dinheiro. Pelo menos você poderia recusar nesse cenário, certo? Você poderia recusar um cliente. Você seria paga. Você poderia impor limites. Você poderia escolher. Mas eu nunca tinha ouvido falar de alguém disposta a ser traficada.

Sem escolha, sem limites.

Eu não acho que conseguiria viver comigo mesma sendo uma escrava sexual sem identidade, pertencendo a alguém e saindo de um dono para outro. Tornar-me uma casca vazia de quem eu costumava ser, uma vítima que perdeu muita coisa. Eu não queria me perder dessa forma. Eu queria ser mais forte, mas estava se tornando difícil, quando a vida real podia ser tão cruel.

— No que você está pensando? — o murmúrio grave de Vlad interrompeu. Olhei para cima e balancei a cabeça.

— Nada — menti.

Ele parecia estar me olhando com curiosidade, mas eu não tinha palavras a dizer.

A Sra. Messana estava passando manteiga na torrada com uma faca. Logo depois, ela a deixou na mesa e foi embora. A faca estava bem ao meu lado. Ela estava tentando me ajudar? Desviei meus olhos antes que Vlad percebesse para o que eu estava encarando. Ela não poderia estar me ajudando. A senhora parecia leal a Vlad e não tinha oferecido para me ajudar a escapar. Eu não tinha pedido porque sabia que ela não ajudaria.

Ela provavelmente tinha abaixado a faca e esquecido dela. Apertei ligeiramente o guardanapo que estava perto de mim e mantive meu olhar na comida.

Vi uma brecha e aproveitei, agarrando a faca.

Vlad saiu da cadeira instantaneamente e agarrou meu pulso.

Eu levantei da cadeira, derrubando-a com um baque.

Rosnei e tentei esfaqueá-lo com a faca, mas Vlad agarrou a minha mão, me impedindo. Ele me olhava com decepção e raiva. A ira emanava dele e eu conseguia senti-la no ar à nossa volta. Ele estava irritado. Não era sábio irritar um homem que estava comendo. Eu tinha perturbado seu café da manhã e arruinado seu apetite.

Mas ele realmente esperava que eu não fosse lutar?

Ele estava planejando me vender! Seu pai tinha enfiado isso em seu cérebro.

Vlad agarrou meu pulso com mais força. Foi o suficiente para doer, mas não o suficiente para deixar um hematoma. O toque dele não era como o de Leo. Isso parecia mais um aviso, não um ataque. Deixei a faca cair da minha mão e ela caiu no meu prato com um tinido.

Não prestei atenção nisso, estreitando meus olhos em Vlad. Minha respiração saía em sopros pesados. Eu me recusava a ser vendida, eu não permitiria.

— Vai se foder — lancei com todo o ódio que pude reunir. Arrependi-me das palavras no instante que elas saíram da minha boca.

Minha voz soou alta e os homens de Vlad conseguiram me ouvir. De repente, eles estavam em todos os cantos, nos cercando à distância, mas sem interferir ainda. Observei suas expressões. Todos pareciam chocados e suas mãos foram instantaneamente para suas armas, mas Vlad levantou uma mão para impedi-los.

Eu congelei e ele também.

Droga, minha boca grande. Ficamos nos encarando, apesar de eu não conseguir esconder minha frustração. Mantive minha boca fechada com força e meu olhar firme. Eu o odiava com cada fibra do meu corpo e não tinha medo de mostrar.

— Todos nós sabemos, Dahlia, que é você quem vai ser fodida. — a voz dele era alta o suficiente para seus homens ouvirem.

Lágrimas encheram meus olhos. Eu não queria chorar. Tentei piscar para evitar que caíssem. Elas não podiam cair tão facilmente. Eu me recusava a chorar.

Eu odiava a expressão no rosto de Vlad. Ele estava com aquele sorrisinho, e tão satisfeito.

Vlad moveu a faca para longe, escondendo-a. Seu aperto em meu pulso sumiu e ele voltou a se sentar na cadeira. Seus olhos me ordenavam a fazer o mesmo. Eu tinha medo de desobedecer, sentei na minha cadeira como uma criança repreendida e magoada.

— Talvez por vários homens.

Ele estava falando isso tão casualmente enquanto se sentava e dava um gole em seu café.

Eu esperava que ele não me vendesse. Mesmo que me mantivesse para si mesmo, seria melhor.

— Você faria uma boa escrava. Consigo te imaginar em uma coleira preta. Você fica bem de hematomas.

Meu sangue ficou gelado. Qual era a dele? Vlad tinha tocado as marcas no meu pescoço com desgosto em seu rosto, agora, ele estava admirando como lesões piores ficariam? Ele era tão frio. Exalei lentamente e olhei para qualquer lugar, menos ele. Tive um grande problema para digerir o que ele estava insinuando.

— Talvez eles façam um novo buraco em você depois que acabarem com os que você já tem.

Fechei meus olhos pela indiferença na voz de Vlad. Suas palavras não eram só cruéis agora. Elas eram perversas.

Ele era perverso.

As lágrimas nos meus olhos ameaçavam me dominar, já embaçando minha visão.

Eu sentia medo de verdade neste momento. Vlad estava planejando fazer o que seu pai queria o tempo todo. Eu me sentia derrotada. Aquele fogo que senti antes desapareceu rapidamente. Tentei não fungar e manter minhas costas retas. Eu podia ser forte.

Eu sou forte. Eu sou destemida.

Bom, eu estava morrendo de medo, mas finja até se tornar verdade, certo?

Vlad colocou a mão em cima da minha como se estivesse sendo territorial. Fazendo sua reivindicação.

Acariciou minha mão gentilmente com o polegar. Isso me pegou desprevenida e eu congelei. Para os olhos de todos, podia parecer que ele estava sendo possessivo, mas de perto, seu toque significava outra coisa. Ainda assim, não encontrei seus olhos e encarei meu prato que estava cheio de comida já fria.

Agora, eu estava mais confusa do que nunca.

Era tudo um maldito jogo para ele?

— Não ouse falar comigo assim de novo — avisou em um tom grave e dominante que sobrecarregava o cômodo.

Ele ia me machucar? Seu toque era gentil, dizia uma coisa, mas seu tom enviava outra mensagem completamente diferente.

E então, um sussurro.

— Pelo seu bem e pelo meu, não me pressione na frente dos meus homens.

A voz de Vlad era tão baixa que fiquei com medo de ele não ter falado nada.

Era gentil agora. Sua voz combinava com seu toque.

Meus olhos surpresos encontraram os de Vlad. Eu estava completamente apavorada e não havia como esconder dele. A mandíbula de Vlad estava tensa, mas os olhos dele eram gentis. O olhar dele estava diferente.

Estudei-o, curiosidade substituindo o medo.

Vlad Vitalli.

Ele deveria ser pura maldade.

Meus ombros relaxaram, mas me mantive alerta. Eu não podia diminuir as minhas defesas. Eu tinha muito a perder, mas vi algo diferente em Vlad hoje.

Algo parecido com misericórdia.

*

Depois do café da manhã frio, Vlad me disse para voltar para o meu quarto.

Dispensada.

Assenti e obedeci.

O babaca até colocou um de seus homens para ficar de guarda do lado de fora do meu quarto. Acho que depois da minha tentativa malsucedida de esfaqueá-lo, Vlad não confiava em mim. Ótimo, estávamos na mesma *vibe*. Eu não confiava nele também.

O almoço e o jantar foram levados ao meu quarto.

Aparentemente, Vlad acreditava que não era seguro eu ficar perto dele.

A noite caiu.

Pensei que essa poderia ser a noite que Vlad viria para me tomar, mas não foi.

Nem na seguinte, nem na próxima.

*

Eu estava sentada à frente da minha penteadeira e me olhava no espelho.

Minha pele estava ficando mais pálida e olheiras cresciam em volta dos meus olhos, que pareciam fundos dando a impressão de serem maiores do que o normal. Olhos de gazela. Era assim que me chamavam em um dos meus lares adotivos. A princípio, achei que fosse um apelido carinhoso, mas depois percebi do jeito mais difícil que o apelido era usado com outro significado.

Tentando esquecer o passado, me concentrei na minha imagem no espelho.

Meu reflexo significava que eu estava viva. Fazia eu me lembrar da minha existência.

Eu estava sendo mantida presa nesse quarto há dias, sem nada para fazer. Não havia nada no quarto que pudesse me manter ocupada. Eu só podia ficar na *Jacuzzi* ou fazer yoga por um tempo antes de ficar entediada.

Eu controlava quantos dias haviam se passado contando quantas noites eu tinha dormido.

Já era a sétima noite agora e o isolamento estava me incomodando. Eu precisava falar com alguém, qualquer pessoa. Vlad não tinha vindo até mim e a Sra. Messana trazia café da manhã, almoço e jantar até o meu quarto, mas sempre saía apressada quando eu chamava seu nome. A porta sempre fazia um clique atrás dela, me trancando no quarto.

Pisquei lentamente quando ouvi a maçaneta sendo girada. Minha cabeça se virou naquela direção, esperando a porta ser aberta. Já tinha passado da hora do jantar e a Sra. Messana já tinha ido embora.

Meu coração acelerou. Eu esperava que não fosse Leo. Eu ainda não o tinha visto. Talvez ele estivesse tirando uma folga, se recuperando. Uma risadinha histérica escapou da minha boca. Uma folga, não é? Em uma vida como essa, não existia folga. Não era um trabalho normal.

Parei de rir quando vi quem era.

A porta estava completamente aberta agora.

Vlad estava encostado no batente. Ele me encarava.

Eu vestia uma camisola preta fina de cetim que batia nos meus joelhos. Estava

parecendo a rainha morta naquele momento. Eu sabia que era transparente, mas felizmente eu estava com roupas de baixo. Meus braços estavam nus. Eu me sentia exposta na frente dele, do jeito que seus olhos viajavam do meu rosto para o meu corpo. Passei o robe de cetim preto ao meu redor, entrando no tecido suave, deixando que acariciasse minha pele. Apertei o cinto, me sentindo melhor sabendo que estava completamente coberta. Minha tentativa de me cobrir seria inútil se ele decidisse acabar com a distância entre nós e abrisse o cinto; aí, eu estaria exposta de novo, mas me fazia sentir melhor.

Olhei para cima e encontrei os olhos de Vlad.

Eles estavam diferentes. Eu esperava calor ou desejo, mas eles pareciam estar se divertindo. A expressão familiar que ele tinha me mostrado antes estava de volta. Vlad estava encostado contra o batente casualmente e sem qualquer preocupação. Ele era difícil de entender.

Vestia uma camisa azul-marinho de seda e calça preta formal. Os dois botões de cima na camisa estavam abertos e os punhos estavam enrolados. A camisa estava meio para fora e meio para dentro da calça, como se ele não conseguisse decidir o que queria. Ser formal ou não.

Esperei que Vlad falasse ou entrasse no quarto, mas ele apenas ficou onde estava.

Não entrou.

Será que estava esperando permissão?

Eu queria rir. Era a mansão dele, o quarto dele.

— Está gostando do isolamento? — perguntou Vlad.

Sustentei seu olhar. Então, essa era a minha punição por tentar esfaqueá-lo?

— É aconchegante — respondi com um toque de sarcasmo.

O lábio superior de Vlad franziu para cima. Eu quase pensei que fosse um leve sorriso, mas depois ri. Pessoas como ele não sorriam de verdade, a não ser para zombar. Seus corações e interiores estavam mortos.

— Talvez, da próxima vez, você pense duas vezes antes de me atacar, Dahlia.

Eu gostava de como ele falava o meu nome. Não podia evitar. Soava como um ronronado sedutor saindo da sua boca.

— Você está ficando pálida — comentou ele. É claro, eu estava presa ali e não

pegava sol.

Fiquei quieta, não querendo retrucar.

— Eu não tenho nada para fazer aqui — confessei baixinho.

É tão solitário.

Vlad parecia curioso. Eu não conseguia dizer o que ele estava pensando.

— O que vai acontecer comigo? Eu perguntei, mas você nunca respondeu.

Esperei pela resposta dele. Pensei que ele responderia, mas em vez disso, Vlad perguntou:

— O que você gosta de fazer?

Encarei-o, achando suspeito.

— Gosto de jardinagem — comecei —, mas não acho que tenho permissão para sair. — dei um sorriso fraco com pouca esperança. Tentei procurar por misericórdia mais uma vez nos olhos dele. Normalmente, eu era boa em ler as pessoas, mas Vlad era um mistério sombrio.

— O que mais? — pediu.

— Literatura — respondi. — Eu gosto de livros.

Seus ouvidos pareceram se levantar em atenção e ele deu um sorriso preguiçoso.

— A Bela de *A Bela e a Fera* também gostava de ler — comentou. Eu o olhei, confusa.

— No entanto, isso não é um conto de fadas.

Vlad arqueou uma sobrancelha.

— Talvez não, mas você é uma beleza.

O elogio dele parecia genuíno e não havia qualquer malícia por trás. Eu não sorri quando olhei para cima.

— Sabe, o nome original dela era *Belle*, como Linda.

— Devo começar a te chamar assim, então?

— Eu devo te chamar de Fera? — fiz uma careta por como soei. Eu não deveria estar provocando esse monstro. Eu tinha tentado antes e acabei em isolamento. — Linda parece... um pouco cafona.

Vlad me deu mais um de seus pequenos sorrisos.

Eu não sabia o que ele queria. Ele não tinha tentado me tocar, nem chegar mais perto de mim. Vlad ainda estava à porta, sem se aproximar.

— Farei Natalie te trazer livros.

Olhei para ele, confusa.

— A Sra. Messana — esclareceu.

Assenti. É claro que seria ela.

Vlad se virou para ir embora. Minha respiração falhou, não querendo que ele fosse.

Ele era o primeiro contato humano que eu tinha em dias. Eu percebi que queria mais disso. Imaginei se essa era uma tática calculada que ele estava usando. Prender-me, trancar-me. Privar-me de tudo. Isolar-me e, então, lentamente começar a me visitar até que eu necessitasse dele e me jogasse nele. Era um plano inteligente.

Um caso clássico de Síndrome de Estocolmo.

Mas eu não sabia o porquê Vlad precisava me manipular. Ele não precisava fazer jogos mentais comigo quando a sua palavra era a lei.

— Espera — chamei, sem nem pensar.

Idiota. Eu era tão idiota. Devia ter mantido minha boca fechada.

As costas de Vlad ficaram tensas e ele parou de andar. Ele se virou para mim, erguendo uma sobrancelha, esperando que eu falasse.

— Você vai... voltar? — perguntei.

Estremeci quando percebi quão patética eu parecia. A forma mais fácil de controlar alguém no cativeiro é através do isolamento. Era psicologia básica. Mas eu não queria ficar sozinha. Pela última semana, eu fui confinada no meu quarto.

Eu sentia falta.

Contato humano.

Eu não sabia o que era mais perigoso: Vlad me tocando ou Vlad não me tocando e usando o isolamento para me deixar maluca.

Sua expressão tornou-se de satisfação e seu lábio se ergueu em um sorriso de lado.

— Você quer que eu volte? — perguntou em um tom de voz baixo.

— Sim — respondi suavementeVlad, sem hesitação.

Ele era o inimigo e, mesmo assim, eu o queria por perto.

Capítulo 6

Vlad

VLAD ESTAVA EVITANDO o pai, Enzo.

O pai de Vlad não morava com ele, tendo sua própria casa nos Hamptons e, apesar de tentar convencer Vlad a ir morar com ele com frequência, o Don sempre recusava. Ele sabia o motivo do pai querer que ele morasse lá.

Vlad se tornou Don cinco anos atrás, quando seu pai se aposentou. Ele sabia que o pai ainda desejava o poder. Se ficasse perto de seu pai, o mais velho tentaria ter o controle e interferir em suas decisões, como estava fazendo com Dahlia.

Ela não era um cordeiro que devia ser levado para o abate.

Quando Vlad a levou, ele queria mantê-la para si.

Ele sabia o que acontecia com as mulheres que trabalhavam nos bordéis. Elas se tornavam vazias depois de algum tempo. No entanto, viviam melhor... do que as mulheres que eram vendidas.

As mulheres no bordel tinham comida quente, dinheiro e viviam em luxo. Vlad garantia que elas não fossem abusadas. Ele tinha regras em seus bordéis, impunha limites. Não deveria haver marcas ou hematomas nas mulheres. Vlad tinha explicado ao pai que era porque os clientes reclamavam sobre "mulheres usadas e surradas" e não achavam que valiam a pena o dinheiro. Ele nunca contou o verdadeiro motivo.

As prostitutas eram compensadas por seu tempo e serviço enquanto... as escravas eram tratadas como propriedade.

Vlad conseguia olhar as mulheres do bordel nos olhos. Droga, ele até dormia com algumas delas. Mas tinha dificuldade em olhar as escravas.

Quando o carregamento de escravas sexuais chegava, Vlad evitava olhar para elas. Ele podia ouvir suas súplicas e suas vozes, podia ouvir as batidas. Ele sabia que elas conseguiam vê-lo através das caixas de metal, mas sempre as ignorava e virava de costas. As vozes delas o assombravam.

Ele não poderia ajudá-las, não importava o quanto quisesse.

Vlad queria acabar com a escravidão sexual, mas tinha que tomar cuidado porque seu pai tinha criado essa regra e acabar com ela significava desobediência e desrespeito ao pai. Vlad era Don, podia fazer o que quisesse, mas até ele sabia que em algumas situações, quando se tratava de família, ele estava de mãos atadas.

Vlad não era um peão como aqueles ao seu redor, mas também não era livre. Ele tinha nascido nessa vida e não tinha como escapar.

Um pecador, longe de ser um santo.

Ele tinha matado pessoas inocentes. Testemunhas inocentes que estavam no lugar errado, na hora errada.

Os pensamentos de Vlad voltaram para Dahlia. Ele tinha dito que voltaria e a visitaria de novo. Ela ainda estava trancada em seu quarto e estava assim há mais de uma semana. Ele não sabia se aquela pequena bela ardilosa era inteligente ou idiota por atacá-lo na frente de seus homens.

Vlad tinha escolhido dois livros para ela e abordou Natalie para entregá-los, mas mudou de ideia de última hora.

Eu mesmo entregarei para ela.

Vlad foi em direção ao quarto de Dahlia.

Ele tinha feito uma checagem de antecedentes nela e tinha voltado limpa. Ela tinha sido criada em lares adotivos, então, esteve falando a verdade. Frequentou a faculdade local e se formou lá.

Seus homens tinham checado o apartamento dela. Era pequeno, mas eles não acharam muita coisa além de roupas, notebook e livros. Dahlia era uma editora freelancer e garçonete em meio-período. Ela não tinha nenhuma família, nenhum parente. Era como se ela não fosse ninguém. Ele não tinha visto a foto dela nos noticiários, nem havia qualquer notícia sobre uma garota desaparecida. Parecia que Vlad tinha escolhido a pessoa certa para levar.

Ele dispensou os guardas do lado de fora do quarto e eles foram embora.

Vlad destrancou a porta, sem se importar em bater. Não era como se ela estivesse fazendo alguma coisa mesmo. No entanto, ele estava alerta, caso ela tentasse atacá-lo de novo.

Ele abriu a porta lentamente e olhou em volta.

Dahlia estava deitada na cama, olhando para o teto, fazendo absolutamente nada.

Vlad tentou não sentir pena dela.

Ao som da porta, ela o olhou. Os olhos dela estavam mais escuros agora que ele se aproximava. Vlad entrou no quarto dessa vez. Da última vez, não entrou porque não queria assustá-la. Ela provavelmente já estava morrendo de medo dele, como deveria.

Dahlia piscou e logo se sentou na cama. Seu corpo ficou tenso, seus instintos gritando para ficar alerta. Ela parecia uma leoa, esperando para rugir a qualquer momento. Ela não se moveu para trás na cama, apenas o encarou. Seu olhar foi até o rosto dele antes de descer para os livros que ele segurava.

Dahlia relaxou e seus ombros caíram.

Ela usava uma blusa branca e calça jeans. Roupas básicas, mesmo Vlad tendo enviado um novo guarda-roupa para ela.

Ainda sem maquiagem. Mas ela não precisava.

Dahlia o lembrava um anjo inocente, mas Vlad podia dizer que ela estava longe disso. Ele sabia que ela tinha crescido em lares adotivos. Ninguém que crescia lá poderia sair inocente e imaculada.

— Você voltou — disse ela, finalmente.

Vlad parou perto da cama, parecendo enorme.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Voltei.

— Que livros você trouxe? — perguntou ela, depois bufou como uma criança. — Não me diga, *A Bela e a Fera*.

Ele se divertiu com o comportamento dela.

— Veja você mesma — disse, oferecendo um dos livros.

Dahlia olhou o primeiro livro por um instante como se fosse venenoso antes de pegá-lo com um aceno. Ela olhou a capa.

Era *Ruthless People*, de J.J McAvoy.

— É sério? — perguntou, sorrindo. — Romance da máfia?

Era a primeira vez que Vlad a via sorrindo para ele. Isso o pegou desprevenido, fazendo-o perder a compostura. Ela tinha um sorriso bonito. Os lábios dela se esticaram e os olhos ficaram mais brilhantes.

Ela deu uma risadinha. Uma porra de risadinha para ele.

Dahlia cobriu a boca com a mão.

— Que irônico.

Vlad piscou lentamente, tentando se recompor.

— Você estava esperando contos de fadas?

Ela deu de ombros.

— Talvez. Qual é o outro livro?

Ele entregou o livro para ela.

O Poderoso Chefão.

Agora, o sorriso dela sumiu. E dessa vez, Vlad sorriu.

— O que significa isso? — perguntou ela.

— Você é uma garota esperta, Dahlia.

— Você está tentando me dizer que eu tenho uma escolha sobre como a minha vida vai ser aqui baseada nesses dois livros?

Os lábios de Vlad se esticaram em um sorriso frio.

— Não. Eu estou dizendo que a sua vida aqui vai ser exatamente como o segundo livro... a não ser que eu decida o contrário. Não é uma escolha sua.

Os ombros de Dahlia caíram novamente.

— É claro. Eu faço a sua vontade.

Dahlia desviou o olhar de Vlad e encarou os lençóis. Ela parecia tão pequena na frente dele. Vlad fez uma coisa sem pensar: foi em direção à varanda e destrancou.

— O que você está fazendo? — Dahlia perguntou de trás.

Vlad abriu as portas de vidro da varanda. As cortinas brancas do quarto sopraram para dentro com a rajada de vento.

— Ar fresco vai fazer bem para a sua pele. Você parece um fantasma.

Ele se virou para ir embora. Estava quase na porta quando a ouviu falar de novo.

— Você confia em mim para não fugir, depois de tudo?

Vlad se virou e lançou um sorriso provocador. As palavras dela o fizeram sorrir. Dahlia o olhou perplexa e impressionada. Ele quase nunca sorria abertamente, mas quando o fazia, sabia que chamava a atenção de muitas pessoas. Sorrisos eram contagiantes. Eles costumavam fazer isso.

— Eu não sabia que você era capaz de sorrir — acusou suavemente. — Por um momento, achei que seu rosto estava congelado.

Uma risada ameaçou escapar do peito de Vlad, mas ele a segurou.

— Seu quarto é no quarto andar. Abaixo de você é chão duro. Você não é a *Rapunzel* — provocou, voltando à pergunta original. Os olhos de Dahlia se arregalaram. — Espero que você tenha aprendido sua lição, mas sinta-se à vontade para tentar escapar. Talvez você morra, o que faria uma bagunça para limpar o sangue. Se você quebrar vários ossos, eu vou ser obrigado a acabar te matando. Vamos dizer que você consiga sair do quarto sem quebrar algum osso, este lugar é fortemente guardado. Existem alarmes e câmeras escondidas por toda a propriedade.

Vlad deu um sorriso convencido para Dahlia, como se estivesse contando um segredo.

Não tinha como escapar do reino de Vlad – bom, não com vida, pelo menos, já que ela sempre poderia se jogar da varanda. O Don se virou para ir embora, mas olhou para trás brevemente.

— Você está presa a mim agora.

Capítulo 7

Dahlia

MAIS TARDE, NAQUELA noite, Enzo Vitalli chegou.

Ele parecia ainda mais perigoso que Vlad e eu não sabia como isso era possível. A imagem de Vlad esmagando as mãos de Leo ainda passava pela minha cabeça de vez em quando. Olhei o Don anterior, que estava à minha frente, na sala de estar.

Estudei as semelhanças entre Vlad e Enzo.

Vlad podia ser a cópia exata de seu pai. Alto, moreno e bonito. Eles tinham em comum o cabelo preto e olhos cinza, duros.

Apesar de que, os olhos de Vlad eram mais estreitos, como se ele sempre estivesse calculando alguma coisa. Seus narizes eram diferentes. Vlad não tinha o nariz aquilino como o de Enzo. Ele não tinha um nariz italiano; era mais reto. Enzo deu um meio-sorriso para Vlad e foi aí que eu notei a diferença. Enzo não tinha uma covinha. Apesar de mal ter sorrido nas duas ocasiões que o encontrei, ele parecia gostar do filho.

Virei na direção de Vlad, perguntando-me se a mãe dele tinha uma covinha.

Eu não sabia o motivo de não a ter visto ainda. Ela estava na casa de Enzo?

Eu esperava que Enzo não estivesse aqui para falar para Vlad me vender de novo. Até agora, Vlad não tinha mencionado mais isso. Eu esperava que ele decidisse em meu favor, não que minhas vontades importassem. Vlad tinha expressado claramente que eu não tinha escolha. Eu vivia sob seu domínio agora.

— Então, Vladimir, você decidiu o que quer fazer com ela? — perguntou Enzo.

Vladimir. O nome inteiro de Vlad. Um nome russo.

Vlad olhou o pai e balançou a cabeça.

— Talvez eu fique com ela para mim.

Meu coração flutuou com essas palavras. Melhor Vlad do que qualquer outra pessoa. Ele não tinha tentado me machucar até agora. Estava longe de ser gentil e

me aterrorizava, mas não tinha me machucado fisicamente... ainda.

Enzo estreitou os olhos para Vlad.

— Ela se sairia muito melhor no mercado. Você pode ter qualquer puta.

Tentei não estremecer com as palavras saindo da boca dele. Meu sangue corria quente e eu estava a um segundo de retrucar, mas me contive. Vlad tinha mostrado controle quando o ataquei, mas eu tinha certeza de que Enzo não teria hesitaria em me matar. Até eu notei no primeiro encontro como Vlad respeitava o pai e valorizava sua opinião.

Observei a reação de Vlad, esperando que ele viesse ao meu resgate, mas ele não o fez. Ele parecia distante, talvez até entediado com a conversa.

Enzo se virou para mim.

— Você é virgem, garota? — sua voz era autoritária como a de Vlad, mas ainda mais assustadora.

Uma risadinha histérica deixou meus lábios. Em que século esse homem acha que vivíamos? Eu era uma adulta de 26 anos. Aparentemente, Enzo notou minha diversão. Talvez ele tenha tomado como provocação. Eu estava prestes a responder, mas ele me deu um tapa com as costas da mão, fazendo minha cabeça ir para trás e meus olhos encherem de água.

Eu não estava pronta para isso. Eu não esperava que ele me batesse na frente de seu Don. Pisquei lentamente e rangi os dentes. O escroto tinha me batido com força. O tapa ardia, queimava a minha pele. Forcei-me a engolir em seco e soltei uma respiração irregular. Os hematomas no meu pescoço estavam se curando. Estavam ficando amarelados em cor e agora eu já tinha conseguido um novo. Por que não adicionar à coleção, certo?

Isso ia acontecer todos os dias?

Encarei Enzo com ódio e rancor. Eu podia sentir o sangue escorrendo pelo meu queixo. Meu lábio estava cortado, minha mandíbula doía pelo golpe. Toquei meu lábio e limpei o sangue, mas estremeci quando encostei na minha boca. Doía, mas eu me recusava a deixá-lo ver qualquer lágrima. Não estiquei a mão para segurar minha bochecha. Eu não queria ser fraca na frente dele.

Enzo lançou um sorriso malicioso e provocador. Não era como os pequenos sorrisos satisfeitos de Vlad. O de Enzo era mais frio e cruel.

Lancei um olhar discreto para Vlad, procurando por sua reação. Seus olhos tinham se arregalado em surpresa, mas não tinha mais nada vindo dele. Eu esperava raiva e retaliação. A quem eu estava enganando?

Ele tinha esmagado a mão de Leo por me tocar, por agir contra suas ordens. Enzo não tinha acabado de fazer a mesma coisa? Vlad reagiria da mesma forma?

Esse era o pai dele.

Meu coração, que uma vez voou, caiu em desespero. Desviei meus olhos de Vlad, no caso de fazer alguma loucura como acusá-lo de não me defender.

Enzo se virou e se sentou. Seu olhar nunca deixando meu rosto. Não era como o de Leo, que queria me apalpar. Não, o olhar desse homem era pior de formas que eu não queria imaginar. Ele não estava me olhando como se estivesse pensando em me violar. Ele estava calculando, provavelmente pensando sobre como e onde eu poderia servir às necessidades de pessoas como ele. Era como se ele estivesse planejando a minha vida bem na minha frente e eu não podia pará-lo.

Seus olhos eram tão frios, como se tivessem perdido o brilho há muito tempo. Eu me perguntava o que teria transformado esse homem no que ele era hoje. Por que ele era cruel? Seria ele apenas pura maldade? Eu não tinha certeza se existia qualquer explicação.

Vlad seguiu e se sentou em sua cadeira... ou trono.

Fiquei parada na frente deles, como um pedaço de mercadoria para dissecarem e analisarem.

— Sem marcas, pai — disse Vlad, finalmente.

Era com isso que ele estava preocupado?

— Eu não sou virgem — respondi à pergunta original de Enzo.

A expressão do mais velho ficou sombria.

— Isso é uma pena. Elas vendem por um preço melhor.

Engoli com dificuldade.

Se eu fosse vendida, seria abusada. Seria um caso eterno de pular da cama de um homem para outra. Isso é, se tivesse sorte de ter uma cama. Eu tinha ouvido histórias terríveis de mulheres que foram escravas sexuais. Elas eram colocadas em coleiras e tratadas com menos respeito que animais. Eu não queria esse destino para

mim. Meu coração ficaria tão vazio que, em algum momento, isso acabaria comigo.

— Quantos homens? — perguntou Enzo. — Para eu saber quão apertada você é.

Fiz uma careta pela pergunta dele. Recusei-me a olhar para Vlad, já que não havia necessidade de fazê-lo agora.

— Eu tive alguns namorados. — Bom, eram mais como transas casuais, mas eu não ia falar isso.

Enzo parecia estar me estudando.

— Garotas virgens vendem melhor. Talvez eu deva te deixar apertada. Costurar você e, *voilá*, virgem de novo.

Estremeci e minhas mãos foram automaticamente para o fim das minhas coxas, para cobri-las de seus olhos interrogativos. Enzo me deu um sorriso provocador e seus olhos seguiram as minhas mãos. Meus olhos arregalaram tanto que eu tive medo que eles fossem pular.

Ai, meu Deus.

A bile ameaçou subir pela minha garganta.

A princípio, eu não sabia se ele estava falando sério. Percebi que ele estava só brincando comigo, se alimentando do meu medo. Percebi o sorriso sinistro que brincava em seus lábios. O coração de Enzo estava endurecido.

Algo registrou no fundo da minha mente: não havia mulheres por perto além de mim e da governanta.

Eu não tinha conhecido, nem visto a mãe de Vlad.

Será que ela existia?

Quem iria querer ficar casada com esse psicopata?

Olhei para Vlad. Se ele estava horrorizado como eu, não tinha mostrado. Seu rosto se manteve sem expressão. Por que ele não estava reagindo? Franzi a testa, esperando mais uma vez que ele me defendesse.

— Seus peitos são de verdade? — perguntou Enzo, me distraindo.

Virei-me para ele, não surpresa por suas perguntas invasivas agora. Seu olhar se focou nos meus seios, como se ele tivesse visão de raio-X e conseguisse ver através da minha blusa verde-clara. Meus braços estavam pendurados ao meu lado. Não

fazia sentido tentar me cobrir. Enzo não tinha vergonha e não ia parar agora.

— Sim.

Enzo se virou para Vlad.

O que ele disse a seguir me pegou desprevenida.

— Vlad, por que não vê se eles são reais? Precisamos checar o inventário.

Na frente de todo mundo?

Eu tinha certeza de que parecia enojada pela sugestão e olhei em volta nervosamente. Os homens de Vlad estavam em todos os cantos. Até Leo estava aqui agora. As mãos dele pareciam melhores, já que ele não estava mais usando ataduras. Tinham se passado duas semanas desde o incidente; desde a noite em que eu fui levada. Os olhos de Leo endureceram quando meu olhar encontrou o dele. A mandíbula ficou tensa, mas depois ele sorriu de lado. Leo parecia estar gostando do discurso de Enzo. Perguntei-me se ele estava esperando pelo momento em que poderia se vingar de mim.

Virei-me para olhar os homens sentados.

Vlad arqueou uma sobrancelha para Enzo.

— Eu sei que eles são reais.

Olhei para Vlad, surpresa. Depois, meu olhar se tornou suspeito. Enzo o olhou com as sobrancelhas erguidas, como se estivesse esperando o filho continuar, mas Vlad não se rendeu. O pai riu.

— Então, você tem visitado a cama dela?

Minhas bochechas esquentaram debaixo do olhar escrutinador de Enzo.

Vlad tinha me visitado algumas vezes, mas ele não tinha me tocado nenhuma vez... mas ninguém precisava saber disso.

— Sim. Toda noite.

Meu coração bateu com força.

Eu sabia o que ele estava insinuando, que tinha me visto nua. Eu só esperava que Enzo acreditasse na história. No entanto, uma coisa me confundia: Vlad não estava... só mentindo para o pai, mas também estava insinuando uma coisa que não era verdade. Eu não sabia o que pensar. Minha mente estava fritando.

— Eu gostaria de vê-los — disse Enzo, com um brilho mau em seus olhos.

Meu rosto fumegava. Eu decidi que o odiava mais do que odiava a Leo. Ele não dava a mínima para me ver nua, ele só queria me humilhar.

— Não, pai — disse Vlad.

A voz de Vlad era calma e firme, mas a ira emanando de seu corpo fazia eu me encolher. Essa foi a primeira vez que eu o tinha visto desobedecer ao pai, e eu não esperava.

— Ela pertence a mim.

Meu coração estava pronto para explodir. Enzo sorriu.

— Vamos, só uma espiadinha. Compartilhe com o seu velho. — a voz de Enzo estava mais gentil, não ordenando mais.

No entanto, eu reconhecia o que era: um jogo de poder.

Enzo parecia estar desafiando Vlad e de um jeito que estava dificultando para Vlad negá-lo. Enzo riu de Vlad.

— Se você estiver sendo tímido, filho, talvez um dos homens possa fazer.

Instantaneamente, meus olhos foram para Leo, que sorriu. Tentei não estremecer pela forma que ele me olhava. Seu toque tinha sido repulsivo no carro e eu não queria experimentá-lo de novo.

Espero que ele tenha uma morte lenta e dolorosa um dia.

Nenhum dos homens se moveu, todos esperando pelas instruções de Vlad, embora eu esperasse que Leo agarraria a oportunidade assim que Enzo mandasse. Como o cretino que era.

Vlad encostou contra o sofá, um braço apoiado no encosto. Ele passou uma perna por cima da coxa enquanto encarava Enzo nos olhos.

— Eles são os *meus* homens, pai. Eles farão o que *eu* disser.

— Devem ser uns peitos de ouro — disse Enzo com um sorrisinho dissimulado.

Vlad lançou um sorriso tão cruel para Enzo que enviou arrepios pela minha espinha. Não havia misericórdia naquele sorriso. Lembrava muito o do pai e eu não gostava nada disso. Eu ficava com medo.

— Você sabe que eu não divido, pai.

Enzo encarou Vlad atentamente.

— Eu só estou pedindo, filho.

A postura de Vlad ficou tensa. Ele parecia estar ficando cada vez mais irritado. Lembrei do que ele me disse uma vez: *não me teste na frente dos meus homens.*

Era essa a mesma situação? Eu sabia que Vlad seria testado em breve, agora que seu pai estava *pedindo* isso para ele e não mais ordenando. Se Vlad não o atendesse, ele poderia parecer fraco na frente de seus homens por me escolher em vez do pai.

Então, eu fiz a escolha. Eu preferia as mãos de Vlad em mim do que as mãos de sapo de Leo ou até mesmo as de Enzo.

Respirando lentamente, me movi em direção a Vlad.

— Ah, veja, a putinha foi até você — disse Enzo, rindo.

Ignorei suas palavras idiotas e me concentrei em Vlad, embora meu coração estivesse pesado e vazio. Eu não sabia que era possível sentir as duas coisas ao mesmo tempo até agora.

Notei Vlad estremecer com as palavras de Enzo, mas isso desapareceu rapidamente.

Mas eu tinha visto, mesmo que tivesse passado despercebido para todo o resto.

Meus músculos relaxaram e a dor nos meus ombros diminuiu.

Ele não queria isso – pelo menos não desse jeito. A primeira vez. A escolha foi arrancada de nós dois hoje.

Os olhos cinza de Vlad olharam para mim, me questionando.

Minhas mãos trêmulas se moveram para levantar minha blusa por cima da minha cabeça. Era agora ou nunca, certo? O ar gelado atingiu minha pele nua instantaneamente. Eu estava de calça jeans, mas ainda me sentia exposta. Joguei minha blusa no chão e emoldurei meu peito com meu cabelo longo e cheio para que Enzo e os homens de Vlad não pudessem ver o meu perfil. Eu não queria que eles me olhassem. Isso me deixava enjoada.

Fiquei parada na frente de Vlad usando *lingerie* de renda vermelha. O detalhe da renda chegava nos meus mamilos, fazendo o sutiã transparente. A Sra. Messava tinha me dado um novo guarda-roupa recentemente e isso fazia parte dele. De

todos os dias, por que eu tinha que escolher hoje para usá-lo? *Ótimo.*

Eu era uma gazela no meio de um bando de lobos. Sentimentos de vergonha e insegurança me acertaram em cheio. Eu estava cercada por todos esses homens e só podia imaginar do que eles eram capazes. Eu era a única jovem e esses homens estavam famintos... todos, exceto o homem à minha frente.

O alfa.

Os olhos de Vlad não vagaram pelos meus seios. Eles ainda estavam no meu rosto, mantendo contato visual comigo. Seus olhos afiados se estreitaram, parecendo questionar o que eu estava fazendo. Apesar de estar sentado e eu de pé à sua frente, Vlad não olhou para baixo nenhuma vez. Eu estava praticamente nua, meus seios na cara dele e ele não estava olhando. Vlad tinha autocontrole, isso eu tinha que admitir. Mas por que ele não estava fazendo nada?

Esse era o meu destino agora.

Eu estava sendo testada, e ele também.

Tentei dizer a ele com meus olhos: *Está tudo bem.*

As mãos de Vlad estavam ao lado de seu corpo. Ele não as moveu, então, eu fiz o que tinha que fazer. Coloquei minhas mãos para trás e abri o sutiã.

Capítulo 8

Vlad

DAHLIA ESTAVA NA frente dele, com os seios de fora.

Ele tentou evitar isso, mas seu pai o tinha colocado em uma situação desconfortável.

Vlad estava a um segundo de falar para o pai se foder, mas não sabia como isso seria visto por seus homens. Todo mundo sabia que seu pai, Enzo, tinha sido o Don antes dele. Enzo ainda era respeitado e chamado de Rei.

Família sempre vinha em primeiro lugar.

Isso era o que tinha sido colocado em sua cabeça desde a infância.

Desde que ele foi "iniciado".

Os olhos de Vlad encontraram os de Dahlia. Eles pareciam estar implorando para que ele continuasse.

Vlad não a queria desse jeito. Não foi assim que ele a imaginou nua à sua frente e, certamente, não com público para testemunhar.

Ele puxou Dahlia para seu colo e ela deixou escapar um pequeno suspiro de surpresa. As mãos dela caíram nos ombros de Vlad antes que as abaixasse. Era melhor agora que Dahlia estava no colo de Vlad. Talvez ele conseguisse escondê-la dos olhos de seus homens. Ele não encontrou o olhar de ninguém. Certamente não o de seu pai.

Vlad tentou pensar em uma forma de examinar os peitos dela sem realmente olhá-los, mas ele sabia que tinha que fazer, então, primeiro, olhou-a nos olhos.

A expressão dela estava mais sombria, como se seus olhos tivessem perdido aquele brilho lutador que ele tinha visto antes, mas parecia estar tentando dizer alguma coisa. Um pequeno e triste sorriso apareceu em seus lábios. Porra, ela estava sorrindo para ele, encorajando-o a ser o monstro que era. Havia uma vulnerabilidade nos olhos de Dahlia que ele não conseguia resistir.

Eu estou bem, ela parecia dizer.

Mas eu não estou, ele queria gritar.

Vlad queria soltar o fôlego, para prepará-la, mas todos os olhos estavam nele. Seu pai e seus homens estavam assistindo e ele sabia que tinha que dar o exemplo. Ele não podia demonstrar fraqueza. Vlad queria escondê-la de todos, mas sabia que seu pai podia vê-la.

Ele se permitiu olhar.

Seu olhar faminto viajou dos olhos dela até suas clavículas pálidas e delicadas e mais para baixo, até seus peitos fartos. Ele esteve fantasiando com eles. Inferno, ela era a razão para ele ter uma ereção matutina toda vez que acordava. Ele imaginava o peso deles, a sensação de tê-los em suas mãos, o gosto deles.

Agora, ela estava em seu colo. Os peitos de Dahlia eram mais cheios e firmes do que ele tinha imaginado. Ela tinha belos peitos. Não, *ela* era exuberante.

Sem o sutiã, os peitos de Dahlia ficavam um pouco mais caídos e moldados à sua forma. Vlad encontrou seus olhos de gazela mais uma vez. Eles pareciam atordoados e cheios de lágrima. Ele esperava que ela não chorasse. Dahlia mordeu seu lábio inferior trêmulo. O sangue tinha secado, mas a mordida o fez sangrar de novo. Vlad queria ordenar que ela parasse, mas tinha perdido a voz.

Ele não tinha dito nada quando o pai a bateu, apesar de ter bradado por dentro. Suas mãos estavam coçando para tocar a boca ensanguentada dela e a bochecha machucada, que agora estava com uma grande marca vermelha. Ele queria examinar as feridas dela, em vez de tocar seu corpo exposto.

Vlad odiava que os homens em seu mundo já tinham a machucado quando ele nunca tinha a manipulado de forma grosseira. Balançando a cabeça silenciosamente, ele olhou os peitos da garota mais uma vez. Vlad roçou o polegar contra o quadril dela, acalmando-a. Ele tinha feito isso antes na mesa do café da manhã e esperava que ela entendesse a mensagem agora também.

Os olhos de Vlad estavam cheios com a visão de Dahlia, seu olhar demorando nos lugares que tinha fantasiado. Como quando a viu naquela camisola fina preta. Ele pôde ver o contorno sutil dela e tomou um banho bem gelado assim que voltou para seu quarto.

Os mamilos dela eram pequenos e rosados. A boca de Vlad se encheu de água com a visão deles. Ele queria chupá-los com tanta força que ela se contorceria

debaixo dele.

Caralho, ela era tão perfeita. Mais do que ele tinha imaginado.

As mãos de Vlad se ergueram e ele segurou os seios dela, checando seu peso, caso o pai estivesse olhando. Dahlia ficou tensa contra ele, os braços pendurados nas laterais. Vlad explorou a parte de baixo. Ele os olhou, procurando por cicatrizes de cirurgia, enquanto fazia um show para todos.

Ele passou um polegar sobre o mamilo suave dela.

Dahlia não estava excitada. Isso o surpreendia. Ele nunca teve uma mulher em suas mãos que não estivesse excitada. Talvez fosse o momento de acordar os mamilos dela. Vlad puxou o mamilo de Dahlia, que endureceu no mesmo instante. Ele escondeu um sorriso e se perguntou como seria a sensação em sua boca.

Dahlia deixou um pequeno gemido escapar e ele a encarou nos olhos.

Eles estavam embaçados e a respiração dela tinha acelerado. Os lábios em formato de coração de Dahlia estavam semiabertos enquanto ela o olhava. Ela estava tão lindamente exposta na frente dele. Sua pele estava acalorada e brilhando, quente contra a palma da mão de Vlad. Sua língua cruzou os lábios antes de desaparecer de novo. Ele queria a mesma língua em seu pau.

Vlad não era um bom homem.

Ninguém o questionaria se ele a fizesse performar tal ato bem ali, na frente de todos. A ideia de chupar os peitos dela e tê-la o chupando estava deixando-o louco. Ele tinha uma ereção e sabia que ela podia sentir, já que estava pressionada contra ele. Vlad poderia se mover facilmente contra ela, mas se controlou. O sangue corria em suas veias enquanto ele continuava sua tortura.

Vlad odiava que estava vendo Dahlia pela primeira vez dessa forma, mas, cacete, ele gostava de ver. Só de olhar para ela, nua à sua frente, em suas mãos, fazia seu sangue correr mais quente.

Dahlia estava quente e macia nas mãos dele. Os seios eram responsivos ao seu toque. A respiração estava ficando mais pesada. Vlad não queria gostar disso mais do que deveria. Ela se moveu como se estivesse prestes a arquear as costas, mas ele colocou uma das mãos na cintura dela para firmá-la, mantendo-a reta.

O olhar surpreso de Dahlia o encarou, confusa.

Não. Desse jeito eles vão te ver.

— Eles são reais. O show acabou. Podem sair todos — disse ele, finalmente.

Capítulo 9

Dahlia

ENQUANTO EU ASSISTIA aos homens indo embora, fiquei ali, confusa. Vlad tinha pressionado a mão contra o meu quadril, evitando que eu me movesse contra ele.

Uma vez que os homens de Vlad se foram, apenas o pai dele se demorou no assento. Ele não tinha se movido. Prendi minha respiração e meus olhos se arregalaram quando Enzo se levantou, mas não para ir embora. Em vez disso, ele se aproximou. Soltei um pequeno ofego de surpresa e tentei me afastar.

Enzo pairou sobre nós.

Olhei para Vlad. Ele tinha pedido para todos irem *embora,* merda. Eu estava irritada agora. Vlad olhou para o pai com olhos estreitos, calculistas, e uma sobrancelha erguida.

Eu estava exposta demais enquanto Enzo agigantava-se na minha frente. Graças às pequenas bençãos, Enzo só me olhava com ligeiro interesso e tédio. A luxúria parecia ter desaparecido dos olhos dele, o que não fazia sentido. Até mesmo Vlad estava excitado agora.

Enzo era como um gigante de fogo. Hostilidade queimava em seus olhos enquanto ele pairava sobre nós, queimando-me com seu veneno. Os olhos dele viajaram até os meus seios e eu automaticamente os cobri, até ele falar:

— Abaixe os braços.

Virei minha cabeça na direção de Vlad rapidamente.

Pare-o, por favor.

Vlad não o fez. Apenas se encostou na cadeira enquanto olhava o pai. Ele não me olhou. Uma voz irritante no fundo da minha mente dizia: *Esse é o pai dele. Ele não pode me escolher.*

Eu me senti pequena e sem valor, presa entre esses dois homens, mas me recusei a abaixar os braços.

Enzo esticou a mão e tirou meus braços da frente dos meus seios. Dei um gritinho, meus lábios se partindo enquanto eu o encarava. Ele se inclinou e capturou meu seio em sua mão.

Minha voz parecia ter deixado o meu corpo e eu me encontrei sem palavras. Pisquei lentamente, tentando acalmar a minha respiração, mas meus lábios estavam tremendo agora. Eu podia sentir a tensão no ar.

Enzo ia me forçar? Olhei, horrorizada, enquanto ele puxava meu mamilo, torcendo-o com força. O toque dele não era nada como o de Vlad, que tinha me tocado gentilmente antes. Levantei a mão para pará-lo, mas ele a afastou.

Olhei para a fera, o meu captor, querendo que ele acabasse com aquilo, mas Vlad apenas olhou para frente, sem interferir. Sua mandíbula ficou tensa e seus olhos nervosos seguiam os movimentos de Enzo.

Enzo puxou a minha pele com mais força ainda. Estava doloroso demais agora e um choramingo assustado deixou minha boca.

Os olhos duros de Vlad encontraram os meus e suavizaram.

Mordi meu lábio trêmulo, sentindo o gosto metálico do sangue quente, e meus olhos se encherem de lágrimas.

E então, senti de novo. O polegar de Vlad que estava na minha cintura, alisando para cima e para baixo, quase me confortando. Olhei para Vlad, surpresa e confusa, afastando as lágrimas.

Depois, olhei para Enzo, cujo rosto estava sem expressão. Ele não parecia sentir qualquer prazer em me tocar. Eu acho que ele só queria me atormentar, mexer com a minha cabeça, ou talvez quisesse reivindicar poder sobre Vlad.

Doente.

— Um par de peitinhos de ouro, viu? — disse Enzo, depois se virou sobre os calcanhares e foi embora. Assim.

Tinha acabado.

Voltei meu olhar para Vlad.

Ele não estava mais olhando para o meu corpo e sim, para os meus olhos. Seu olhar desceu até minha boca ensanguentada. Eu sabia que tinha sangue escorrendo pelo meu queixo, mas não conseguia dizer o que ele estava pensando. Antes, seus

olhos estavam cheios de desejo e necessidade. Agora, eles pareciam retraídos e vazios. Era como se algo dentro dele tivesse se desligado.

— Você está bem? — perguntou depois de um instante.

A voz de Vlad era como uma carícia suave.

Não deveria ser tão baixa.

Eu não sabia como responder.

— E-estou — gaguejei uma mentira.

Eu não sabia se eu devia sair ou ficar no colo dele. Agora que todos tinham saído, eu deveria me mover, mas me sentia grudada no lugar. *A ele*. Eu queria me encostar contra ele, sem querer sair.

— Eu te machuquei? — Vlad perguntou suavemente.

Meus olhos surpresos encontraram os dele.

Seu pai me machucou.

Os olhos de Vlad estavam escuros, sem qualquer brilho, como se estivesse exausto da luta interna que tinha enfrentado. Ele se encostou no sofá e tirou as mãos dos meus quadris.

E você não me defendeu.

Certas vezes Vlad me fazia temer pela minha vida, mas em outras, ele me mostrava um lado diferente dele. Toda noite, eu caía no sono achando que essa seria a noite que ele viria e me abusaria, mas ele sempre me surpreendeu. Já tinham se passado duas semanas e eu ainda estava intocada. Bom, não agora, mas eu sabia o que queria dizer.

— Estou bem — respondi, rouca.

Eu estava um pouco nervosa e sem fôlego, mas estava segura agora que o pai de Vlad tinha ido embora. Vlad não me machucou. Seu toque foi suave e gentil. Suas mãos eram ásperas e calejadas, mas ele fez com que fosse bom para mim. Não precisava, mas surpreendentemente o fez.

— Tem certeza?

A voz dele estava mais rouca, como se estivesse com dificuldade falar.

Por que ele ligava se eu estava machucada?

Eu apenas assenti.

Vlad esticou a mão na minha direção. Pensei que sua mão ia até o meu peito, mas em vez disso, ele segurou minha bochecha machucada. Ela foi engolida na palma da mão, tocando-me suavemente. A pressão da mão me deu alívio. Uma sensação cresceu dentro de mim, transtornada por como Vlad estava se comportando.

— Eu não tenho um lenço comigo — murmurou.

Olhei-o, confusa. A mesma mão que segurava minha bochecha, tocou meu lábio machucado. Estremeci ligeiramente com o toque e ele diminuiu a pressão.

Vlad limpou o sangue do meu rosto com os dedos. Encarei-o, maravilhada, meu corpo necessitando de seus toques cuidadosos. Quando Vlad afastou, tinha sangue em sua mão.

Ele falou: — Vou mandar Natalie enviar gelo e um kit de primeiros socorros para isso.

Mais uma vez, apenas assenti. Lembrei que ele odiava quando as pessoas assentiam, mas notei desta vez, ele não parecia mais se importar. Ele também não tinha me matado, como tinha dito que ia.

Vlad se aproximou, sentado, sem se encostar contra o sofá. Olhei para ele, surpresa, querendo que ele falasse.

— Você está machucada em outro lugar?

A voz dele estava tão baixa, envolta de proteção. Seus olhos pareciam atormentados, como se houvesse tanto que ele quisesse dizer, mas não pudesse. Eu não podia mais olhá-lo nos olhos, então, olhei para a camisa branca. Eu sabia o que Vlad estava perguntando. Meu mamilo ainda doía pela agressão de seu pai doentio.

— Responda — rosnou Vlad.

Ele não estava mais pedindo, estava mandando. Recusei-me a responder ou olhar para ele. Vlad podia descobrir por si só.

Uma coisa que eu não esperava acontecer, como se ele tivesse lido minha mente.

O polegar de Vlad tocou meu mamilo machucado.

No mesmo instante, levantei meus olhos.

Eu não podia lê-lo tão bem, mas não via mais luxúria ou desejo em seus olhos.

Ele começou a me acariciar suavemente e eu o encarei, de olhos arregalados.

Vlad abaixou a cabeça até o meu seio e eu prendi a respiração.

Ele ia...?

Aqueles olhos gelados me encararam.

Seu olhar sustentou o meu, procurando, verificando pela minha recusa. Por que eu não o estava parando? Ele ficou assim, pairando sobre o meu seio, mas não o tomando.

Finalmente, ele falou.

— Você tem três segundos para me parar.

Eu podia acabar com isso. Eu podia dizer não. Ele ia ouvir.

Fiquei de boca fechada.

No quarto segundo, nem mais, nem menos, Vlad quebrou o contato visual, cobrindo meu mamilo com sua boca quente.

Um pequeno barulho de êxtase deixou meus lábios e eu passei meus braços em volta dele, minhas mãos em seu cabelo, pressionando-me contra ele. Eu não tinha certeza se tinha permissão para tocá-lo ou abraçá-lo. As mãos de Vlad permaneceram na minha cintura, sem me tocar em outro lugar. Ele teve cuidado de não usar os dentes ou puxar com a boca. Ele apenas chupou meu mamilo por alguns momentos, diminuindo a dor.

Senti Vlad dar um beijinho.

Foi um beijo?

Eu estava chocada com o afeto dele. Não havia ninguém por perto para o show. Era só eu e ele. Isso tudo era para mim.

Olhei para baixo, mas, então, ele se afastou, expondo meu mamilo quente ao ar gelado. Tinha acabado antes que pudesse começar. Vlad se encostou no sofá, seus braços caindo para os seus lados e simplesmente me encarou por alguns instantes. Eu não sabia por quanto tempo ficamos assim – talvez segundos, talvez minutos.

Olhei-o, desnorteada e confusa com o que tinha acabado de acontecer.

Abaixei o olhar para os lábios cheios de Vlad e corei.

Eu estive na boca dele.

Vlad parecia estar esperando, eu não sabia exatamente o quê. Ele ergueu uma sobrancelha.

— Você está planejando ficar no meu colo?

Minha boca se abriu com as palavras dele antes de se fechar novamente. Encarei Vlad com minhas sobrancelhas franzidas.

Divertimento apareceu nos olhos de Vlad antes que um sorriso brincasse em seus lábios. Não era um dos seus sorrisos de lado, mas um sorriso diferente, de provocação. Os olhos dele se iluminaram com malícia e suas palavras eram descontraídas.

— Já chego lá — murmurei.

Eu me encolhi. Isso pareceu outra coisa.

Eu tinha certeza que meu rosto estava da cor de rosas vermelhas. Minhas bochechas estavam pegando fogo. Eu fiz papel de boba e Vlad notou. Eu deveria ter pulado do colo dele no momento em que Enzo foi embora. Eu estava envergonhada por estar sentada em seu colo por tempo demais. Nem mesmo busquei a minha blusa descartada. Por um momento, tinha esquecido que estava nua na frente dele.

Eu odiava ter me permitido ficar confortável demais com o inimigo. O monstro. Eu não podia baixar minha guarda novamente.

Evitei seu olhar e meu corpo se moveu, mas algo me cutucou debaixo da minha coxa e eu parei. Vlad ainda estava duro debaixo de mim. Meu rosto ficou ainda mais vermelho e eu exalei lentamente. Fiquei morta de vergonha pelo fato de ele conseguir ver minhas bochechas vermelhas. Eu ainda estava exposta e meus seios balançavam quando eu me movia. A maldição dos seios grandes.

Saí de cima de Vlad e peguei meu sutiã do chão.

Virando de costas para o Don, passei meus braços pelo sutiã e tentei fechá-lo às minhas costas, mas minhas mãos trêmulas ficavam se atrapalhando com o fecho. Minhas tentativas eram inúteis. Uma onda de desespero e frustração me atingiu. Era difícil vestir-me na presença dele. Sentimento de culpa e vergonha me assolaram ainda mais. Eu sabia que Vlad estava atrás de mim. Ele ainda estava sentado ali, talvez me assistindo ser atrapalhada como nunca. Isso me deixava uma pilha de nervos.

Houve um movimento atrás de mim.

Vlad tinha se levantado. Meu fôlego parou na minha garganta e eu parei.

— Permita-me... — Vlad pediu suavemente.

Ele estava muito perto de mim. Eu não o tinha percebido tão perto assim. O hálito dele tocou minha orelha, causando-me um arrepio. Eu podia sentir o cheiro do perfume dele. O odor masculino de cedro e madeira queimando. Sem pensar, virei meu rosto para a direita e olhei para cima, para ele.

Vlad me olhava de volta, como se estivesse esperando por uma resposta.

Assenti, confusa.

Ele colocou meu cabelo para o lado, expondo meu pescoço e costas nuas lentamente para si. Calor parecia emanar dele, esquentando meu corpo dormente.

Vlad puxou as costas do meu sutiã, fazendo com que eu batesse contra o peito dele. Minhas mãos foram até os meus seios, por reflexo. Deixei um som surpreso escapar antes dos meus olhos encontrarem os dele de novo. Seu olhar sustentou o meu antes que Vlad o desviasse e fechasse o sutiã.

Vlad se afastou de mim.

Eu deveria dizer 'obrigada'?

Eu realmente deveria pegar a minha blusa, mas algo estava me incomodando. Não deveria perguntar, mas me deixou curiosa.

— Por que você pediu a minha permissão?

Esperei pela resposta dele, que nunca veio.

— Você não precisava — adicionei. Minha voz falhou com as minhas palavras. Eu sabia do que ele era capaz.

— Talvez não — murmurou ele. —, mas eu não gosto de pegar à força.

Pisquei lentamente por suas palavras e me virei, passando meus braços em volta do meu peito antes de virar completamente para Vlad, olhando-o em surpresa. Uma parte de mim achava que eu estava sendo idiota, uma vez que ele já tinha me visto nua, mas outra parte de mim queria se sentir segura, menos exposta.

— Mas você não me pegou? — perguntei em voz baixa.

Você me sequestrou.

Os olhos de Vlad não estavam mais provocando. Ele se tornara o mesmo homem

taciturno que eu tinha já tinha visto muitas vezes antes. Vlad era mais assustador assim, especialmente quando eu não fazia ideia do que ele estava pensando.

— Você se ofereceu — respondeu ele.

— Você poderia ter negado — retruquei fracamente.

Os olhos de Vlad escureceram e ele disse baixinho:

— Você me mostrou o seu rosto.

Ah. Isso era só eu sendo ousada. Minhas bochechas coraram ligeiramente por ele ter me achado atraente.

— Meu rosto te tentou? — Perguntei, agora sem qualquer emoção. — Por que você não cortou a minha cabeça e guardou como lembrança?

Vlad apenas me encarou.

Eu não o estava provocando, simplesmente estava curiosa.

Balancei a cabeça antes de suspirar.

— Não era muito uma escolha... me oferecer. Era morrer ou ser... violentada.

Minha voz refletia a triste realidade que eu sabia que estava chegando. Certamente, Vlad não poderia ser paciente por muito mais tempo. Ele não poderia mostrar piedade para sempre, especialmente quando seu pai psicótico rondava, tentando reivindicar poder.

Vlad inclinou a cabeça enquanto me olhava.

— Eu fiz alguma coisa que te faz pensar que eu vou te tocar à força? Hoje não conta. Eu te toquei voluntariamente?

Olhei para Vlad, pega desprevenida. A boca dele estava em mim há poucos minutos quando todo mundo tinha ido embora. Minhas bochechas ficaram rosadas e meu sangue correu quente. Ele pareceu notar, porque disse:

— Você estava machucada. É diferente.

Abri minha boca para falar, mas nada saiu.

— Você também não me parou — terminou, em um tom de voz baixo.

Dei um passo para longe de Vlad. Os olhos dele ficaram mais suaves.

— Você tem medo de mim?

Meus lábios se curvaram em um sorriso gélido.

— Eu não deveria temer o homem que comanda a máfia? Eu não deveria temer Vlad Vitalli, que comanda bordéis e trafica... — Exalei profundamente antes de continuar. — Escravas sexuais.

Cala a boca, cala a boca, garota idiota!

Mas era tarde demais. Eu já tinha falado.

Vlad ficou em silêncio e não respondeu.

— Você ainda não me disse o que está planejando fazer comigo — falei, apertando meus braços à minha volta, me sentindo vulnerável. — Por favor, me fala. Está me matando. Esse suspense... esse jogo. Eu não gosto disso. Você vai me vender?

Eu não queria chorar na frente dele, então, dei a minha péssima versão de coragem. Eu odiava me sentir fraca. Desejei poder ser forte de novo, mas meu espírito estava se esvaindo. A fachada de coragem e tenacidade estava desaparecendo lentamente.

— Você acha que eu vou te salvar do meu pai? — perguntou ele. Mordi meu lábio, sem ter certeza de como responder. — Sabe, Dahlia, eu não vou te salvar.

Meu coração afundou no meu peito. A pequena esperança que brilhou dentro de mim foi destroçada. Sumiu. Desapareceu como se nunca estivesse ali.

— Eu não vou te salvar *de mim* — adicionou com um certo tom em sua voz.

Levantei a cabeça rapidamente com as palavras de Vlad.

Ele tinha dito mais cedo que não iria me forçar, então, o que essas palavras significavam?

Vlad se abaixou.

Ele se *ajoelhou* na minha frente.

Os Dons se ajoelhavam na frente de alguém?

Vlad pegou a minha blusa verde que estava no chão e me entregou. Peguei a blusa, desconcertada e chocada. Ele se virou para ir embora, mas parou para falar de novo.

— Eu já tomei a minha decisão em relação a você hoje.

Observei as costas de Vlad enquanto ele ia embora. Ele desapareceu no corredor, me deixando sozinha.

Ela pertence a mim.

As palavras de Vlad ecoavam na minha mente.

As palavras que ele tinha dito para o pai.

Eu não compartilho.

Um pesado suspiro de alívio deixou o meu peito e meus joelhos quase cederam.

Vlad não ia me vender, nem me fazer trabalhar em um bordel.

Sorri para mim mesma, apesar do meu lábio doer. Tão rápido quanto apareceu, o sorriso sumiu quando me concentrei nas outras palavras dele.

Eu não vou te salvar de mim.

Eu não era mais refém de Vlad.

Será que um dia eu fui?

Eu era prisioneira dele.

Se Vlad estivesse sendo sincero, ele não ia me tocar à força, mas ia me manter em seu castelo para sempre.

Antes, havia três infernos apresentados como opções, mas, de alguma forma, esse parecia o céu.

Capítulo 10

Dahlia

VLAD ME DEIXAVA andar pela propriedade agora.

Eu até tinha sapatos.

De qualquer forma, a área era bem guardada pelos homens dele, eu não podia fugir.

Eu estava do lado de fora, na área do jardim, usando um casaco de inverno branco. O casaco ia até os meus calcanhares, quase me engolindo no tecido. A lã estava quente contra a minha pele fria. Por baixo do casaco, eu usava um suéter creme e jeans azul-escuro.

Imaginei que era o início de março. Eu não tinha um calendário para acompanhar a data, então, dependia do clima. Perguntei-me se, quando fosse verão e o clima estivesse mais quente, eu teria permissão para fazer jardinagem, mas eu não queria ter esperanças.

O ar estava tão gelado que eu conseguia ver a minha respiração cada vez que exalava. Olhei para o céu. Nada de nuvens de chuva agora, apesar de ter chovido forte durante a manhã. Ultimamente as nuvens estavam baixas e cinzentas. O frio no ar significava que o inverno ainda estava aqui. O ar cortava a minha pele exposta. Inspirei o ar frio, deixando-o assentar e esfriar meus pensamentos caóticos.

A brisa bagunçou meu cabelo preto. Eu estava mais pálida pela falta de sol. O frio tirou o calor da minha pele, me deixando gelada por dentro.

Recentemente, eu estive procurando por beleza nas coisas ao meu redor, algo para ocupar a minha mente. Estive notando coisa em que nunca me concentrei antes. Meus olhos caíram sobre o carvalho. Ele se destacava, nu como um exibicionista, sem as folhas. Não era mais vibrante como quando cheguei. Inspirei o cheiro almiscarado da terra úmida e olhei em volta. Não tinha guardas na área, dei um salto e pulei em uma poça com as minhas galochas de chuva. Sorri para mim mesma, me sentindo como uma criança. Eu sempre amei fazer isso quando era mais

nova.

Segui em frente e observei o enorme jardim de rosas. Talvez, em algum momento, ele tivesse estado cheio e lindo, mas agora as rosas tinham murchado. Estreitei os olhos e percebi uma coisa. Uma rosa solitária que estava perfeitamente saudável.

Uma beleza isolada. Eu sabia como era isso.

O caule delicado estava brilhando com as gotas de chuva que tinham caído mais cedo. Cada gota tinha o beijo gelado do inverno. A promessa da neve que ia chegar. A rosa estava escondida perto do chão. As rosas de cima já tinham morrido, apenas essa pequenina estava viva. Olhei-a antes de me abaixar e a colher, tirando o caule desde a raiz cuidadosamente para não destruir algo tão precioso.

Avistei uma cabeça de cabelos loiro-escuro.

Gabriele estava indo em direção ao portão.

— Ei! — chamei, impulsivamente.

Ele parou e se virou na minha direção a alguns metros de distância.

Deus, ele era tão alto. Eu achava que Vlad era alto, mas Gabriele parecia ainda mais alto. Acho que era por ser mais esguio que Vlad. Eu não tinha certeza qual era a posição dele. Eu sabia que Leo era seu Braço Direito, mas o que Gabriele era?

Enquanto ele se aproximava, meu olhar viajou do rosto até o corpo dele, analisando-o. Seus olhos azuis eram o que mais se destacavam. Eles seriam a melhor característica dele, se eles não fossem tão duros e frios. Ele era muito bonito com seu jeito tenso. Gabriele se vestia diferente de Vlad, abandonando as roupas formais. Ele usava uma jaqueta de couro preta e jeans azul-escuro, algo que não combinava com o clima. Se Gabriele alargasse a jaqueta e o sorriso, ele poderia ser um garoto de ouro da faculdade, o *quarterback* principal. Mas até eu sabia que ele era tudo, menos isso.

Pigarreei e perguntei: — Você pode chamar Vlad?

— Ele não está em casa. — a resposta de Gabriele foi curta e grossa, como eu esperava. Ele se virou para ir embora, mas o chamei.

— Espera!

Gabriele parou e se virou lentamente.

— Sim? — perguntou, impaciente.

— Eu quero ficar com esta rosa.

Minha mão levantou a rosa até a altura dos olhos.

Gabriele apenas piscou, claramente sem entender.

— E daí?

Passei uma mão gelada pelos meus cabelos.

— Eu quero preservá-la. Vou precisar de algumas coisas.

Gabriele me encarou com curiosidade.

— O que você precisa?

Ergui minhas sobrancelhas.

— Vlad pode trazer?

Ele apenas balançou a cabeça.

— Isso é algo pequeno. Posso pegar para você.

— Mas, aí, você não vai levar uma surra? — franzi a testa.

Lembrei das mãos esmagadas de Leo.

Gabriele me olhou como se eu fosse louca, antes de balançar a cabeça. O movimento fez seu sedoso cabelo loiro-escuro cair sobre seus olhos. Ele cruzou os braços sobre o peito. Meus olhos foram atraídos para o monte de músculos debaixo da jaqueta dele que esticavam o couro sobre o bíceps. Ele não estava com medo de pegar pneumonia? Aquela jaqueta era fina demais. Eu queria rir. Gabriele não tinha medo da morte. Nenhum deles tinha. Desviei meu olhar, esperando que ele não tivesse percebido que eu estava encarando.

— Por pegar umas merdas de rosas para você? — perguntou, incrédulo.

Fiquei ofendida com as palavras dele e o olhei feio.

— Não são merdas.

Ele revirou os olhos.

— Vai por mim, ele não vai ligar.

— Você pode perguntar primeiro?

Eu não conhecia Gabriele, mas também não conhecia Vlad bem o suficiente. Eu

não queria causar problemas, especialmente se pudesse se voltar contra mim.

Gabriele suspirou profundamente e um xingamento baixo deixou seus lábios. Ele pegou o celular e discou. Depois de alguns instantes, disse:

— Vlad. A garota quer falar com você. — Gabriele me entregou o celular. — Toma. Seja rápida.

Franzi a testa de novo, não apreciando o fato de ele me achar um estorvo. Virei de costas para ter alguma privacidade.

— Não vá longe — Gabriele gritou atrás de mim.

Ele pensava que eu ia ligar para mais alguém?

Levei o celular até a minha orelha.

— Oi.

— *Olá* — o ruído grave de Vlad veio do outro lado. Então, ele ficou quieto, esperando que eu falasse primeiro.

Limpei a garganta, me sentindo nervosa e infantil.

— Eu quero uma rosa. — estremeci com a escolha de palavras.

— *O quê?* — questionou Vlad. — *Você quer que eu compre flores para você?*

Mordi o interior da minha bochecha para evitar de sorrir. Será que ele já tinha comprado flores para alguém antes?

— Quero dizer... Eu quero preservar uma rosa que encontrei no jardim. É a última. — eu queria que Vlad dissesse alguma coisa, mas ele ficou em silêncio. Eu ficava nervosa quando ele não falava. — Sabe, eu amo flores e jardinagem. Eu já mencionei isso antes. Quero manter essa flor.

— *Eu posso te enviar rosas, se você quiser* — disse ele, depois de um instante.

Ele faria isso por mim?

— Não. Eu só quero fazer alguma coisa com o meu tempo. Vai ser uma tarefa divertida, preservá-la. — ah, como eu queria que alguém me matasse agora mesmo. Eu não tinha nada melhor para fazer do que preservar rosas. Minha vida era patética.

— *Tudo bem, Boneca. Se é isso que você quer* — disse ele, suavemente.

Boneca?

Franzi minha testa.

— Então, você pode pedir para Gabriele pegar as coisas para mim?

— *Peça você mesma* — ordenou Vlad.

Virei-me para olhar o loiro e ele me encarou de volta.

— Ele parece um pouco mau — murmurei.

Houve um barulho do outro lado da linha, algo como uma risada.

— *Ele não vai ser mau com você, confie em mim* — disse Vlad.

Por algum motivo, as palavras de Vlad me afetaram mais do que deveriam. Eu não tinha nenhuma razão para confiar nele, mas isso era só sobre rosas.

— Por que você não pode pedir a ele?

Vlad ficou quieto e eu fiquei com medo de ter passado dos limites.

— *Peça por favor* — ordenou Vlad.

O quê?

Franzi o cenho mais uma vez.

— Não – respondi, desafiando-o.

— *Então você mesma pode pedir.*

Vlad desligou na minha cara.

Olhei o celular, boquiaberta. Pisquei lentamente e me virei na direção de Gabriele. Suspirei. Eu tinha que pedir para ele. Devolvi o celular e ele me esperou falar.

— Eu preciso de uma tesoura.

Gabriele balançou a cabeça.

— Não vai rolar, garota. E se você me apunhalar?

Cruzei meus braços na frente do peito e o encarei.

— Eu preciso cortar o caule e tirar as folhas.

Gabriele me observou e disse: — Tudo bem. Mas eu vou vigiar.

Revirei os olhos.

— Eu vou precisar de *spray* de cabelo, fita adesiva, glicerina e um vaso, de preferência algo transparente como vidro, que possa conter a rosa e cobri-la — falei de cabeça. Era só o que eu conseguia lembrar sobre preservação de flores.

Gabriele apenas assentiu e me deixou sozinha ali, provavelmente indo pegar as coisas que eu tinha pedido. Depois que ele foi embora, voltei para o meu quarto.

O palácio moderno era lindo, mas solitário demais. Quase não havia pessoas por perto. Eu tinha vivido sozinha antes de eles me levarem, mas com modéstia e conforto. Agora, eu sentia falta disso. Uma mansão sem pessoas não podia ser chamada de lar de ninguém. Era só uma mansão. Uma ostentação. Vlad vivia em isolamento do mundo.

Dez minutos depois, Gabriele pigarrou. Ele não entrou no meu quarto. Ele não tinha permissão para isso? Será que Vlad tinha proibido?

— Trouxe suas coisas — disse, estendendo uma sacola de papel branca.

Sorri para mim mesma e, feliz, saltitei até ele como se fosse uma bailarina.

O rabugento apenas balançou a cabeça.

— Faça perto da penteadeira, onde eu possa te ver — ordenou.

Assenti e me sentei na cadeira antes de me empenhar em preservar a rosa. Assim que terminei com a tesoura, Gabriele a pegou de volta. No entanto, eu não estava planejando apunhalá-lo. Ele me observou o tempo todo, como se eu fosse um bebê na hora da brincadeira. Talvez eu estivesse sendo infantil. Mas eu amava jardinagem. Eu não podia fazer nada agora, então, peguei a coisa mais próxima. Colher e preservar a rosa. Ela me lembrava um pouco a mim.

No arbusto, a rosa era a única viva. Eu estava cercada de homens sem coração, que estavam mortos por dentro.

Eu sentia como se também fosse a única que estivesse viva.

Quando acabei, coloquei a rosa no vaso de plástico que Gabriele tinha trazido cuidadosamente.

— Eu tinha pedido de vidro — inquiri.

— Eu não vou te dar nada afiado — disse ele, com firmeza.

Apertei meus lábios e assenti. Meu lábio não doía mais e já tinha cicatrizado. Olhei para ele mais uma vez.

— A penteadeira é de vidro. Eu podia quebrá-la facilmente se estivesse tão desesperada.

Gabriele estreitou os olhos, mas não disse nada.

O tratamento do silêncio.

Tudo bem!

Primeiro, prendi o caule da rosa no fundo para que ficasse de pé e, depois, coloquei o vaso sobre ela. Eu ficava triste de estar prendendo a pequena rosa, mas fui confortada pelo fato de que pertencia a mim. Era a única coisa ali que era minha.

Ela me dava esperanças que coisas bonitas poderiam durar se preservadas.

Gabriele ainda não tinha ido embora.

— Você vai ficar parado aí, me olhando, o dia todo? — perguntei, sentindo seu olhar em mim. — Vlad não gostaria disso — adicionei, com um sorriso de lado.

Quando olhei para Gabriele, ele não desviou o olhar. No entanto, não me olhava como Leo ou Enzo. Seu olhar era diferente, tingido de um leve interesse e fascinação. Eu acho que era um experimento de ciências para ele.

— Loiros não fazem o meu tipo — soltei, meus olhos se iluminando com a piada.

Eu sabia por que estava tentando arranjar uma briga, mas eu não sabia o que ele queria. Ele deveria ter saído quando entreguei a tesoura, *a arma* para ele.

— Esse foi o ponto alto do seu dia? Você não tem ninguém para matar hoje? — provoquei.

Ah, minha boca grande realmente deveria aprender a ficar fechada.

Eu não sabia quando meu espírito lutador tinha voltado. Talvez quando Vlad disse que não ia me vender.

Olhei para Gabriele, esperando que ele mordesse a isca.

— Você é uma encrenqueira — disse ele, finalmente, cruzando os braços na frente do peito. Os olhos de Gabriele brilharam com suspeita.

Sorri, convencida.

— Então, qual é o seu trabalho?

A expressão de Gabriele se tornou divertida.

— Meu trabalho?

Isso parecia tão ridículo.

— Quero dizer, qual é a sua posição?

— Eu sou o segundo em comando, depois de Vlad.

Ergui minhas sobrancelhas.

— Ah. Achei que fosse Leo.

Gabriele balançou a cabeça.

— Não... Leo faz as coisas. Ele trabalha como executor. O Braço Direito.

Executor... Uma palavra tão estranha para "interrogador". Então, ele punia as pessoas.

Ele gosta de dor... e eu cutuquei a onça. Fantástico!

— Como não é você? — perguntei a Gabriele.

O loiro inclinou a cabeça, mas eu não tinha medo dele. Gabriele parecia mais legal do que os outros, mesmo que fosse um enorme rabugento.

— Eu tenho outro papel.

Essa foi a única resposta que ele me deu. Ele podia ter dito que não gostava de torturar pessoas como Leo, mas não o fez.

— Quantos anos você tem?

Gabriele arqueou uma sobrancelha.

— Isso é um jogo de 21 perguntas?

Eu sorri, mas ele não retornou o sorriso.

— Você está no meu quarto. Posso muito bem conversar com você. Ou eu deveria começar a conversar com a rosa em vez disso? — perguntei, balançando minhas sobrancelhas

Ele estava tão tenso. Não machucaria relaxar um pouco.

— Tenho 25 anos — respondeu.

Ah. Ele era um ano mais novo que eu.

— Você é um bebê. — sorri.

Gabriele estreitou os olhos.

— Agora consigo entender por que Vlad te manteve por perto.

Quase perdi meu sorriso. O que ele queria dizer com isso? Eu queria perguntar tantas coisas a seguir.

— Você é parente de Vlad?

— Somos primos. Nossos pais são irmãos.

Assenti como se isso fizesse sentido.

Ele também é um Vitalli.

Um arrepio desceu pela minha coluna.

Dois rabugentos. Três, se contasse Enzo.

Depois de alguns instantes, perdi o interesse na conversa.

A vontade de brincar dentro de mim tinha ido embora.

Lentamente, Gabriele se virou, saindo do quarto e me deixando sozinha.

Capítulo 11

Dahlia

EU ESTAVA PRESTES a sair quando vi a Sra. Messana.

Eu sorri, apesar de ela não conseguir me ver. Estudei-a cuidadosamente. Eu queria saber como era trabalhar para Vlad. Ela estava passando um pano sobre a mesa da cozinha. Como se tivesse sentido a minha presença, ela olhou na minha direção e sorriu.

— Olá, Dahlia.

— Como você está, Sra. Messana? — perguntei educadamente.

— Me chame de Natalie. Todo mundo chama.

Eu sorri. Chamando pelo primeiro nome... Isso era bom.

Esperei que falasse de novo, mas ela continuou a limpar. A Sra. Messana me olhou e um pequeno sorriso brincou em seus lábios.

— Tem uma pergunta? Você está parada aí.

Eu assenti.

— Há quanto tempo trabalha aqui?

— Há cerca de 37 anos. — minhas sobrancelhas se ergueram. Isso era muito tempo. — Eu costumava servir ao pai de Vlad, o Vitalli mais velho, antes de ele me falar para tomar conta de Vlad.

Minhas sobrancelhas se juntaram.

— Tomar conta?

Ela confirmou, assentindo.

— Ele ficou sob meus cuidados quando era menino.

— Onde estava a mãe dele?

Nessa hora, ela me olhou com suspeita.

— Nós não falamos sobre ela aqui.

Eu queria perguntar “Por que não?”, mas me contive. Em vez disso, perguntei uma coisa diferente:

— Como Vlad é? — ela me lançou um olhar conhecedor e eu dei de ombros, tímida. — Só estou tentando aprender mais sobre ele.

Mais sobre o meu captor.

— O Patrãozinho é um bom líder. Ele trata a mim e ao resto dos empregados com respeito.

Sorri pelo apelido e esperei que ela continuasse.

— Ele pode ser quieto às vezes, na dele, e na maior parte do tempo, reservado.

Eu já sei disso, me dê algo mais.

Natalie me olhou.

— Ele nunca trouxe uma mulher para esta casa antes.

Eu estava chocada.

Sério? E as mulheres com quem ele dormia?

— Você é a primeira mulher em 33 anos.

Trinta e três. Essa era a idade dele?

Ela encontrou o meu olhar.

— Vlad fez aulas *online* e tem diploma em Administração. — Ah. Acho que isso o ajudava a administrar sua rede de restaurantes. Pelas notícias, eles tinham mencionado que ele era um homem de negócios. Bom, esse era o lado legítimo de Vlad. Sua imagem pública. Eu tinha ouvido falar sobre outros negócios mais suspeitos também.

Bordéis, tráfico de pessoas, drogas. Era uma lista extensa.

— O Patrãozinho é como um filho — terminou Natalie. — Eu posso não ter dado à luz a ele, mas eu o criei como se fosse meu. Eu era a guardiã dele. — ela parecia gostar muito de Vlad. Natalie me olhou e inclinou a cabeça. — Parece que ele quer proteger você. Espero que você não o desaponte.

Tentei não estremecer com as palavras dela. Elas ressoaram em mim profundamente.

— Ele me sequestrou — disse, como se não fosse óbvio o suficiente.

Natalie apenas deu de ombros.

— Eu diria que não de propósito. Pelo que ouvi, você testemunhou alguma coisa.

Ela era leal a Vlad.

— Você acha que ele vai me soltar um dia?

A expressão de Natalie virou uma de pena antes de mudar mais uma vez e ela balançou a cabeça. Eu não me sentia triste mais. Eu sabia que ele não ia me soltar. Pensei que confirmar isso com alguém além de Vlad, me ajudaria a ter um desfecho.

— Vlad nunca namorou ninguém a sério. Ele nunca teve um relacionamento; vários casos e transas. — Natalie chamou a minha atenção. Ela estava falando isso por um motivo. — Ele não tem nenhuma fraqueza. Ele não se permite chegar perto de ninguém.

A senhora me olhou com cautela e eu estreitei os olhos em resposta. Eu entendi o que ela quis dizer.

— O Patrãozinho não é nada como o pai. Ele parece frio, mas até o homem mais frio tem um coração — terminou em um sussurro, como se estivesse compartilhando um segredo.

Era uma mensagem que eu podia entender muito claramente.

Se você quer sobreviver, aproxime-se de Vlad.

Assenti, guardando a informação para mais tarde, antes de me virar. Meu estômago revirou um pouco e meu coração acelerou, me deixando ansiosa.

Afastei-me sem prestar atenção aonde estava indo e descobri que meus pés me levaram na direção da entrada da mansão. Eu gostava de passar o tempo ali. Eu usava um casaco nude hoje, mas não usava gorro. Deveria, porque estava nevando no momento que saí. Não estava nevando quando olhei pela janela mais cedo. O sol parecia forte e brilhante. Acho que esse era o clima imprevisível de Nova York. A neve que tinha caído já começava a grudar no chão. Pelo menos não tinha granizo. A neve parcialmente derretida era o pior.

Estava tão claro do lado de fora que precisei proteger meus olhos. A neve era clara. Estava frio, mas não tão frio quanto eu esperava. Apesar disso, o vento gelado me fez tremer. O vento sussurrava enquanto a brancura rodopiava pelo ar. Apertei

meu casaco à minha volta. Ele não tinha capuz, então, eu não podia cobrir meu cabelo. Por um momento, hesitei e me perguntei se deveria voltar para dentro. Eu não queria ficar doente, mas estava tão lindo do lado de fora.

Sereno e até mesmo libertador.

A neve que pousara sobre o jardim de rosas tinha a aparência macia e fofa. Ainda me deixava triste o fato de não poder fazer jardinagem, mas a neve ainda era boa. O gelo que caía do céu pousou sobre os meus lábios. Coloquei minha língua para fora, deixando os flocos de gelo caírem nela e ri de felicidade, como uma criança faria tentando comê-los. Franzi o nariz, me sentindo boba.

Neste momento, uma voz por trás de mim falou:

— Você está comendo neve?

Capítulo 12

Dahlia

A VOZ ERA grave e masculina.

Virei-me para olhar Vlad parado ali, em seu casaco preto, seu cabelo igualmente preto úmido pela neve. Por algum motivo, eu queria ir até ele e tirar aqueles pequenos flocos brancos do cabelo dele. Enquanto Vlad se aproximava, vi que sua pele bronzeada tinha um corado devido ao frio. Como eu, ele não estava de gorro.

Pedaços de neve caíam em mim, mais pesados do que antes.

— O que você está fazendo aqui sem um guarda-chuva? — perguntou ele, quando parou na minha frente, a poucos metros. — Você vai ficar doente.

Dei de ombros, mas um sorriso apareceu no meu rosto.

Os olhos de Vlad desceram até meus lábios pintados de vermelho-cereja, antes de voltá-los para o meu rosto.

— Estou me divertindo — falei teimosamente.

Parecia que ele queria bufar para mim.

Encarei Vlad. Ele ainda era um mistério. Se eu ia viver em sua casa e comer sua comida, eu poderia muito bem tentar conhecê-lo. Ódio não me levaria a lugar nenhum. Vlad não parecia mais um monstro. Menos intimidante, talvez? Ah, quem eu queria enganar? Às vezes ele me fazia morrer de medo, mas às vezes ele parecia menos perigoso, mais acessível.

Eu podia tentar. Eu *precisava* tentar.

— O que está pensando? — perguntei, depois de um instante. Vlad arqueou uma sobrancelha.

— Que você precisa crescer.

Sem pensar, fiz biquinho. Então, meus olhos se arregalaram quando percebi que tinha feito um gesto íntimo e parei.

— Eu não sabia que ia nevar. Vim caminhar — acabei respondendo.

As mãos de Vlad estavam enfiadas em seu chique casaco preto. Por baixo, ele usava um suéter de caxemira. Meu olhar viajou até a sua calça jeans. Ele não estava usando calça social. Mais uma vez, era um jeans preto. Era uma cor escura, mais fácil de passar despercebido. Talvez ele não quisesse chamar atenção. No entanto, combinava com ele. Vlad era como um homem ranzinza que raramente sorria.

— Você está encarando. — ele decidiu me expor.

— Eu estou *observando* — corrigi, com um sorriso de lábios unidos.

— É um pouco assustador — retrucou, satisfeito.

Minha respiração saía em pequenos sopros no ar frio. Olhei para Vlad, chocada. Meu *sequestrador* estava me chamando de assustadora?

— Você sempre me observa — falei, revirando os olhos.

Vlad inclinou a cabeça para o lado.

— Obviamente. Você pode me esfaquear de novo.

Eu estava prestes a retrucar com alguma resposta espertinha até ver o pequeno sorriso provocador aparecendo em seus lábios. Ele estava brincando? Talvez ele estivesse tentando ser engraçado. Apesar disso, eu não ri. Em vez disso, cruzei os braços sobre o peito, corando pelo jeito que ele me olhava. Seus olhos de lobo estavam mais suaves e vidrados.

— Onde está o *seu* guarda-chuva? — perguntei, tentando me distrair da maneira que eu estava me sentindo, o calor se espalhando pelo meu baixo ventre por ter a atenção de Vlad totalmente focada em mim.

Ele apenas piscou. E depois olhou para o céu.

— A neve está ficando mais pesada. Precisamos entrar agora.

Percebi que não era um pedido e sim, uma ordem.

Assenti, e lentamente fomos em direção à entrada e para dentro da mansão. Pelo canto do olho, vi Vlad me olhando. Eu não ia falar com ele, a não ser que ele falasse primeiro.

— Como é crescer no sistema? — perguntou ele, depois de uma pausa.

Olhei para Vlad. Ah. Era essa a pergunta dele? Exalei lentamente, me perguntando quanto da verdade eu deveria revelar.

Uma vez do lado de dentro, Vlad levantou sua grande mão e balançou a neve de seu cabelo, que acabou caindo sobre o meu rosto, me pegando desprevenida.

Os pequenos flocos de neve derreteram contra a minha pele.

Alguns segundos depois, uma das empregadas veio e pegou nossos casacos molhados. Eu queria protestar, mas Vlad teria mandado que eu tirasse o casaco, de qualquer forma. Tiramos nossos sapatos molhados e a empregada nos trouxe novos sapatos.

A empregada, cujo nome eu não sabia, se curvou para colocar o sapato na frente de Vlad, mas surpreendentemente, Vlad balançou a cabeça e pegou os sapatos das mãos dela e me entregou o meu. Olhei-o cautelosamente.

Eu tinha acabado de ver humildade?

Deixei meus pensamentos frenéticos para lá. Passar tempo com Vlad me deixava confusa. Às vezes ele fazia coisas que me deixavam sem saber o que pensar. Uma vez, ele se ajoelhou na minha frente para me entregar a minha blusa. Agora, ele tinha evitado que sua empregada se ajoelhasse diante dele. Era algo... normal. Uma coisa atenciosa. Não era algo que um assassino sociopata faria.

Toquei o topo da minha cabeça, tentando tirar a neve antes de passar os braços à minha volta, ainda com frio.

Vlad indicou a grande lareira com a cabeça e eu o segui obedientemente.

O fogo já estava queimando quando entramos. Meus olhos repousaram sobre as chamas vermelhas e laranjas balançando enquanto dançavam na minha frente, queimando a madeira. Elas lançavam longas sombras sobre o tapete de pele de carneiro e o chão de madeira. O lugar era quente e acolhedor. Durante a infância, eu não tive lareira em nenhum dos lares adotivos em que vivi. Isso parecia um luxo, algo que eu não estava acostumada. Encarei o fogo, hipnotizada e encantada, enquanto a chamas pulavam como um tigre selvagem em uma dança interminável.

Devia ser bom ser uma chama.

Livre.

Ela queimava enquanto dava calor aos outros, a fumaça gravitando em direção à chaminé. Estendi minhas mãos na frente do fogo, sorrindo quando o calor trouxe alívio para os meus ossos gelados. Um momento depois, congelei sentindo um olhar intenso sobre mim. Meu sorriso desapareceu e eu me virei contra o fogo,

abaixando as mãos até o meu colo.

Meus olhos caíram em Vlad, que me encarava de volta.

Ele estava sentado em uma poltrona perto da lareira, presumi que o motivo era que não queria compartilhar o sofá de dois lugares comigo. O fogo lançava sombras nele, iluminando sua pele e fazendo-a brilhar. Fiquei um pouco desconfortável sob seu olhar intenso, especialmente pela forma como Vlad encarava, como se eu fosse uma iguaria fascinante que ele queria devorar.

Eu estava no covil de um lobo e era a sua presa.

Natalie entrou alguns minutos depois, trazendo dois copos e uma garrafa de *scotch*. Eu não bebia, mas aceitei educadamente. Eu precisava de algo para esquentar porque meu interior tinha murchado. Era difícil dizer se era por causa do clima congelante ou porque eu estava me tornando como Vlad.

Sozinha e morta.

Ou, talvez, a verdade fosse assustadora demais – que ele me desconcertava como nenhum outro homem tinha me afetado antes.

Vlad deu um gole em seu *scotch* e ergueu a sobrancelha. Percebi que nunca respondi sua pergunta, a que ele tinha feito no *hall*. Dei um gole na minha bebida, tentando não estremecer com o gosto forte.

Eu nunca provei *scotch* antes.

Os olhos de Vlad brilharam, se divertindo com a minha reação não tão sutil. Ele claramente podia dizer que eu não estava acostumada a beber. Ele continuou a dar pequenos goles ocasionalmente, sem dizer nada. Talvez ele estivesse esperando que eu falasse. Eu não tinha que responder a ele. Vlad não poderia me forçar a falar a verdade, certo? Dei mais um gole para acalmar meus nervos.

— O sistema foi... difícil — admiti finalmente.

Vlad continuou a esperar, se inclinando um pouco para frente.

Exalei lentamente. Eu precisava que Vlad confiasse em mim, que pensasse que eu estava segura.

Se quiser sobreviver, aproxime-se de Vlad.

As palavras ecoaram na minha cabeça. Ia contra tudo que eu acreditava, mas eu

precisava sobreviver a isso. Eu sabia antes de Natalie dizer. O instinto de sobrevivência não era novo para mim. Foi o motivo pelo qual eu tinha me oferecido para Vlad, para começar. No fim, ele não aceitou minha oferta.

Ele me rejeitou.

A postura de Vlad estava mais relaxada e confortável agora – devia ser a bebida que ele estava tomando pelos últimos 10 minutos mais ou menos. Durante esse tempo, nós mal nos falamos e praticamente nos encaramos.

— O pregador religioso que me encontrou disse que uma mulher me entregou a ele, quando foi à mesquita. Ela disse que não podia me criar. Eu tinha poucos dias de vida, então, ela foi embora antes que ele pudesse pará-la. Depois, o homem chamou a assistência social e eu acabei num lar temporário.

Os olhos de Vlad não se arregalaram como eu esperava. O rosto dele só mostrava um leve interesse. Talvez estivesse escondendo suas reações?

— Você teve uma mãe? — perguntou, inclinando a cabeça para o lado.

Assenti.

— Eu não lembro dela.

Olhei para cima.

Você também não lembra da sua.

Eu queria que admitisse isso ou adicionasse algo, mas lembrei das palavras da Sra. Messana.

Nós não falamos dela aqui.

— Aparentemente, ela não me queria. — tentei manter minha voz em um tom só e esperava que ela não falhasse.

Eu queria que Vlad compartilhasse algo comigo em troca, mas eu não sabia se ele o faria, então me contive.

Depois de um momento, Vlad perguntou:

— Como você se sentiu, sendo cuidada por pessoas que não eram os seus pais?

Meus olhos se estreitaram com as palavras dele e eu me recostei no sofá.

Vlad foi criado por Natalie. Seus pais não o criaram também. Era estranho, nós éramos dois estranhos, de mundos diferentes e, mesmo assim, tínhamos algo em

comum.

Pressionei meus lábios antes de responder.

— Eu nunca conheci meus pais, então, não poderia comparar.

Vlad apenas assentiu brevemente antes de olhar para a lareira.

Eu estava o perdendo. Eu precisava compartilhar algo para conseguir a atenção dele de novo. Lambi meus lábios nervosamente antes de admitir:

— Era solitário.

Os olhos de Vlad de viraram para mim instantaneamente, surpreso por eu ter falado.

— Meus pais biológicos estavam por aí, talvez ainda estejam, mas não queriam me criar. Eles me colocaram nas mãos de outra pessoa para se livrarem de suas responsabilidades.

A mandíbula de Vlad tensionou e eu tinha sua total atenção no momento. O pai dele, Enzo, tinha feito a mesma coisa. Por um instante, eu quis saber se ele tinha sido pego no colo quando criança.

Ele já tinha sido abraçado pelo pai?

— Sabe, conversas são vias de mão dupla.

Um segredo por um segredo.

O olhar de Vlad me queimou. As feições dele suavizaram e sua mandíbula relaxou. Um sorriso brincava em seus lábios agora. Vlad apoiou uma das mãos debaixo do queixo enquanto o cotovelo repousava no apoio do braço. Ele já tinha tomado dois copos de *scotch*. Observei-o, querendo aproveitar os momentos em que ele sorria para mim. Eu podia aceitar isso. O sorriso de Vlad se tornou largo.

Pisquei para ele, chocada. Eu não estava pronta para um sorriso aberto.

Minhas costas se afundaram contra o sofá dramaticamente enquanto eu o encarava.

— Alguém já te viu sorrir assim? — perguntei.

O sorriso de Vlad se tornou uma risada grave.

Ele *riu*.

Era a primeira vez que eu tinha o escutado rir. O som era grave e reverberava.

Mudava completamente o rosto de Vlad. Ele parecia menos tenso, mais engraçado, mais acessível. Ele parecia um homem que você poderia abordar lá fora. Descontraído. Essa era a palavra. Uma risada era algo diferente nessa mansão enorme. Era algo humano. Normal.

Meus olhos piscaram lentamente. Talvez eu estivesse alucinando por estar bebendo, mas eu só tinha dado alguns goles. Eu não estava nem tonta ainda.

— Isso é algo inédito aqui — murmurei, dando um gole na minha bebida. O gosto não era tão ruim agora. Era defumado e frutado e eu estava começando a gostar.

Eu sabia que Vlad tinha ouvido o meu comentário porque ele ergueu as sobrancelhas para mim.

— Então, *Dahlia* — Vlad prolongou meu nome. Minha respiração acelerou quando ele o falou. — O que você quer saber sobre mim?

Um sorriso apareceu no meu rosto.

— Qual é a sua cor favorita? — perguntei. Ele pareceu estar se divertindo.

— Preto. — *É claro.*

— Eu gosto de dourado.

Agora eu estava empacada. Não sabia que outras perguntas básicas fazer a ele.

— Já está sem perguntas? — provocou, servindo um terceiro copo para si mesmo.

Sustentei o olhar de Vlad. Cruzei uma perna sobre a outra ao começar a me sentir mais confortável, mais aquecida e mais tonta depois de beber mais do *scotch*.

— Eu já sei as coisas mais básicas sobre você — admiti.

Vlad arqueou uma sobrancelha, ainda sorrindo.

— Tipo?

Observei-o friamente enquanto falava.

— Eu sei onde você mora. Conheci o seu pai. — *Mas não a sua mãe.* — Eu sei que você gosta de *scotch* — continuei, indicando a garrafa. — Você não parece ter ninguém próximo, exceto Natalie e talvez Gabriele.

Vlad perdeu o sorriso, mas eu continuei a falar. Uma voz na minha cabeça me

disse para calar a boca. Talvez fosse a bebida saindo da minha boca. Por que eu não conseguia parar de falar?

— Eu sei que Natalie te criou... Sei que você teve boa educação. Fez aulas à distância. E posso dizer que você não gosta muito do seu pai.

Prendi a respiração, antecipando a reação de Vlad. Talvez eu tivesse levado essa conversa longe demais.

Os olhos de Vlad se tornaram ferozes, sua mão apertou o copo e ele ficou imóvel por um segundo. Vlad colocou o copo cheio de *whiskey* na mesa próxima a ele. Isso não parecia bom. Eu devia ter mantido minha boca fechada. Ele estava disposto a ter uma conversa básica e agradável, mas eu falei de forma honesta demais, cedo demais.

— Então... Você claramente esteve falando com Natalie.

Eu não consegui respirar por um segundo. Ele ia machucá-la?

— Você acha que sabe tudo sobre mim, é? — perguntou, interrompendo meus pensamentos, inclinando-se mais para frente em sua poltrona.

A voz dele era baixa e me dava medo. Não parecia mais que Vlad estava brincando comigo, mais como me provocando dessa vez.

— Não — balancei a cabeça.

Mas eu quero, terminei baixinho.

Ele era o meu captor. Eu devia conhecê-lo. Isso funcionaria melhor para os nossos interesses mútuos, certo? Ah, quem eu queria enganar? Eu estava solitária pra caralho e tempos difíceis requerem medidas desesperadas.

Vlad me olhou.

— Hoje, você falou mais comigo do que o normal. — os olhos dele se estreitaram com suspeita. — O que você quer? Eu não vou te libertar, se é isso o que você quer.

É claro que ele pensaria que eu tinha outro motivo.

Eu dei de ombros.

— Eu não quero nada. Só estava curiosa sobre... você.

Vlad passou a mão em sua barba por fazer e meus olhos seguiram o movimento, minha atenção não mais nas chamas, mas sim, nele.

Por alguns momentos, sustentamos nossos olhares, nos encarando. Eu podia manter contato visual com ele agora. Quanto mais eu o via, quanto mais ele ficava na minha presença, menos intimidador ele se tornava. Achei que Vlad ia me pedir para sair ou que ele mesmo ia sair. Depois de perceber que ele não ia falar comigo, coloquei minha mão no apoio de braço do sofá para me levantar. Eu estava quase de pé, mas sua voz grave me parou.

— As pessoas dizem que eu sou entediante — disse ele.

Parei e meus olhos encontraram os dele novamente. Eles estavam brincalhões e provocadores. Um sorriso estava em seus lábios de novo. Sorri antes de voltar ao meu assento.

Ele não queria que eu fosse embora ainda. Esse pensamento era bem-vindo.

— Me pergunte outra coisa — disse ele depois de um momento.

Minhas sobrancelhas se ergueram. Dei um gole na minha bebida, nervosamente, e lambi meus lábios antes de perguntar:

— Como você conseguiu a cicatriz? — meus olhos caíram sobre a longa cicatriz levemente marrom que Vlad tinha acima da sobrancelha.

Minha pergunta não pareceu incomodá-lo.

— Eu tinha 20 anos. Um babaca de uma das famílias rivais tentou me cortar com uma faca.

— Parece mais do que só um corte. — As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse pará-las. Pressionei meus lábios juntos. *Idiota*. Eu queria me dar um tapa.

Houve uma risada no ar.

Virei-me para Vlad, chocada. Duas risadas em um dia? Talvez o apocalipse estivesse próximo.

Abri a boca para fazer mais uma pergunta, mas ele disse:

— É a minha vez de perguntar agora.

Franzi a testa e respondi: — Tudo bem.

— Onde estão os seus pais adotivos agora?

Olhei para Vlad com cautela. Ele estava planejando caçá-los? Lembrei de quando

ele pediu para Gabriele fazer uma checagem de antecedentes. Ele tinha que ter visto o relatório.

— Eu não mantenho contato com eles. Mudei de lar adotivo muitas vezes.

Minha voz soava monótona e robótica, como se eu estivesse falando sobre outra pessoa, e não sobre mim mesma.

Vlad passou a mão livre por seu cabelo bagunçado, despenteando-o ainda mais.

— Por que não? — perguntou ele.

Em vez de responder, eu sorri.

Vlad parecia ter sido pego desprevenido.

— É a minha vez de fazer a próxima pergunta — falei, dando um gole.

Vlad deu de ombros e me deu um de seus sorrisos.

— Você parece... mais legal agora — falei, com cuidado. Minha voz saiu mais acusatória do que eu pretendia, o que me fez estremecer.

O sorriso de Vlad ficou ainda maior, expondo sua covinha.

— Você quer que eu seja mau? — retrucou.

Franzi a testa.

— Não. Vlad Cruel é assustador às vezes — deixei escapar.

Merda. Eu não devia ter dito isso.

Ele riu.

— Esse é o seu apelido para mim?

Dei um sorriso tímido.

— Você disse que pulou de lar adotivo a lar adotivo. Eles não deveriam ter te mantido até os 18 anos?

Claramente, Vlad era inteligente e calculista para ter percebido logo a minha fraqueza e focado nela.

— Sim, mas tiveram... problemas — admiti.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Por que eles te transferiram?

Sustentei o olhar de Vlad. Eu não queria responder isso. Eu não podia revelar

muito sobre mim, não para ele. Então, perguntei algo que eu estava ansiosa para fazer.

— Por que ninguém fala sobre a sua mãe?

E num piscar de olhos, eu o perdi.

Os olhos cinza de Vlad viraram aço, endurecendo-o para o homem ranzinza que eu conhecia. Seus sorrisos, sua risada e suas brincadeiras tinham sumido agora. A frieza tinha voltado. Vlad virou o rosto para longe de mim e, depois de alguns instantes, ele se levantou e me deixou sozinha no covil, sem olhar para trás.

Meus olhos repousaram lentamente na lareira de novo.

Quando as chamas estavam cheias, elas saltavam e ameaçavam consumir a mim e a casa. Mas agora que Vlad tinha ido embora, as chamas estavam morrendo, reduzidas a brasas brilhantes. Fiquei sentada até que tudo o que tinha sobrado do fogo eram as cinzas frias e os restos de madeira queimados.

Um sentimento afundou-se em meu coração.

Assim como as chamas, Vlad também me consumiria.

Capítulo 13

Vlad

VLAD TINHA UMA entrega hoje.

Um carregamento.

O estômago dele revirou enquanto ele ia até os caminhões. Um nó sempre se formava em sua garganta quando um carregamento chegava.

Vlad podia ouvir as vozes delas enquanto passava. Ele deu uma volta, garantindo que todas as garotas tinham sido contabilizadas. Elas estavam distantes umas das outras, em contêineres separados, com uma apertura de metal no topo. Vlad se fez imune a elas, escondendo seus sentimentos enquanto passava pelas garotas.

Trinta garotas.

Essa foi a quantidade recebida. Era um número alto.

Quando estava próximo de alcançar o último contêiner, Vlad notou um movimento nas sombras. Ele estava prestes a marcá-la como número trinta, mas parou quando a ouviu falar.

— Olá?

A voz chamou a atenção de Vlad.

Ele queria saber quem estava dentro.

A voz parecia jovem. Jovem até demais.

Ele não conseguia vê-la, já que ela tinha se escondido nas sombras.

— Abra esse contêiner — ordenou a Leo, que estava atrás dele. Leo fez como ordenado.

Uma vez o contêiner aberto, os olhos de Vlad desceram até a pequena criatura.

Não tinha nem um metro e meio de altura.

Uma criança. Uma garota. Não uma mulher.

Ela tinha pele morena clara, com cabelos castanho-claros embaraçados e grandes olhos de corça que tomavam um rosto tão pequeno. Por algum motivo, ela o

lembrou de Dahlia. A menina usava uma blusa rosa da *Hello Kitty* que batia em seus joelhos e calça preta. Havia sujeira nos braços e na calça dela.

— Quantos anos ela tem? — Vlad perguntou a Leo, sua voz ficando perigosamente baixa. Ele esperava que ela fosse mais velha, que só parecesse pequena.

Por favor, que seja isso.

Leo ficou tenso, mas encontrou o olhar de Vlad.

— Ela disse que tem dez anos.

Isso não está acontecendo.

Vlad passou a mão pelo rosto, frustrado e com raiva. Ele se virou na direção de seus homens, mas manteve os olhos focados em Leo e Gabriele. Vlad lançava *lasers* nos dois através de seus olhos. Leo desviou o olhar, mas o primo de Vlad manteve o contato visual. O Don não sabia quem matar primeiro. Os dois o encaravam, talvez esperando por seu comando.

— Quem a pegou? — exigiu saber. — Ela é nova demais!

Eles começavam com a idade mais jovem de dezoito anos.

Essa menina não deveria estar na frente dele, parada, indefesa. Ela devia estar em casa, com os pais, escondida em segurança e protegida. Vlad não queria machucar crianças. Ela era uma criança. A menina provavelmente ainda dormia com a droga de seu ursinho de pelúcia.

Fúria atravessava seu corpo enquanto esperava pela resposta que nunca veio. Vlad olhou para Gabriele e Leo, impacientemente. Ele não gostava de se repetir. Desde que era criança, ele odiava quando fazia perguntas ao pai e o mais velho não respondia.

O Vlad de dez anos de idade olhou para o pai.

— Papai, eu tenho uma mamãe?

Seu pai, Enzo, o olhou severamente.

— Todos os garotos que eu conheço têm uma mamãe. Onde está a minha?

Vlad mordeu o lábio enquanto esperava uma resposta. Ele já tinha perguntado a

Natalie, mas ela sempre evitava o assunto.

O pai de Vlad virou de costas para ele e encarou a parede silenciosamente.

— Papai, onde está a mamãe? — Vlad tentou de novo.

O rosto de seu pai ficou vermelho. Ele exalou devagar. Talvez estivesse tentando se acalmar.

— Papai! Eu quero a minha mamãe — choramingou Vlad, as lágrimas querendo deixar seus olhos.

Bem na hora, Natalie ouviu sua voz e disse:

— Patrãozinho, aí está você. Vamos lá, não vamos incomodar o senhor. Eu fiz biscoitos para você. Você quer um?

Vlad se virou e sorriu para o doce rosto de Natalie antes de limpar as lágrimas.

Sua pergunta já estava esquecida e ignorada.

Vlad voltou para o presente.

Leo e Gabriele trocaram um olhar.

Leo se manifestou, tenso, passando uma das mãos pelo cabelo.

— Don... Você sabe que eu recebo ordens diretamente de você, mas quando o Rei me pede para fazer algo, eu também não posso desobedecê-lo. Ele ainda é um Vitalli e o antigo Don.

Os olhos de Vlad se arregalaram e sua expressão se tornou severa. Vlad suspirou. Seu pai sempre estava interferindo. Obviamente, Vlad era o Don agora e estava no comando dos negócios, mas seu pai sempre gostou de meter o nariz onde não era chamado. É claro, o pai tinha construído o império, mas ele o tinha entregado para Vlad voluntariamente.

Enzo precisava se afastar.

— O velho mandou você fazer isso? — perguntou Vlad.

— Sim — respondeu Leo.

Vlad olhou na direção da garotinha assustada, que estava mordendo o lábio agora.

— Ela foi machucada no processo?

Leo ficou tenso antes de continuar.

— Não que eu saiba. Eu dei a ordem, mas não estava lá.

Os olhos de Vlad ficaram nervosos antes de caírem sobre o pulso da menina, que tinha um hematoma. Parecia que um dos homens a tinha arrastado. Talvez quando ela tivesse sido levada.

Vlad se virou para a menina de dez anos. Ele andou em direção ao contêiner, mas ela se encolheu e se afastou. Ele parou, não querendo que ela o temesse.

Vlad deu um pequeno e triste sorriso.

— Eu não vou te machucar — prometeu.

A menina estava desconfiada e com os olhos marejados. Ela disse algo que fez o coração dele apertar.

— Eu quero a minha mamãe.

Esse sentimento era bem familiar para Vlad.

Algo sobre a garotinha o incomodava. Não era só a idade dela. Era a *inocência*. Era isso. Vlad via partes dele, de quando tinha a mesma idade, nela.

Vlad piscou devagar e mordeu o lábio com força em frustração, mas parou quando a dor se tornou demais. Seu coração gelado doía pela criança ter sofrido enquanto deveria estar com a mãe.

— Qual é o seu nome? — perguntou com doçura.

— Lily.

— Prazer em te conhecer, Lily — disse Vlad, suavemente.

Ele não tinha qualquer experiência com crianças, mas com certeza ia tentar.

— Qual é o seu sobrenome, Lily?

Ela o olhou de novo.

— Dawson.

— Eu vou te levar para casa, tudo bem? — disse Vlad.

A criança ficou quieta e cruzou os braços sobre o peito, desviando o olhar. Vlad se afastou da menina e olhou para Leo, que se encolheu sob seu olhar.

— Devolva-a — ordenou Vlad.

Parecia que Leo queria protestar, mas manteve a boca fechada.

Vlad simplesmente o encarou.

— O nome dela é Lily Dawson. Descubra quem são os pais dela e garanta que ela fique a salvo com eles. Provavelmente existe um alerta de criança desaparecida.

Os olhos escuros de Leo se arregalaram.

— Por que Gabriele não pode fazer isso? — perguntou. Ele encarou Gabriele com raiva, que apenas balançou a cabeça.

Vlad revirou os olhos.

— Você recebeu a ordem, agora você cuida disso. A menina não será machucada.

— Sim, Don — cedeu Leo, abaixando a cabeça antes de pegar a menininha e ir embora.

Depois de alguns momentos, Gabriele se virou para Vlad.

— Você acha que é a melhor decisão? A garotinha viu o nosso rosto — disse ele calmamente, virando o rosto na direção dele.

Vlad prontamente dispensou as preocupações dele.

— Eu não ligo.

Ela é só uma criança.

— Dahlia ouviu nossos nomes e viu nossos rostos e, ainda assim, você não a libertou — acusou Gabriele.

Os olhos de Vlad se estreitaram para o primo, mas a expressão de Gabriele não combinava com seu tom. Era brincalhão e provocador.

— Cuide da sua vida — bufou Vlad.

Gabriele deu de ombros e sua expressão se tornou séria.

— Você a tocou, Irmão?

Vlad simplesmente franziu a testa, sem morder a isca.

Gabriele riu, seus olhos se iluminando.

— Então, você ainda não a tocou.

Era uma afirmação, não uma pergunta.

— Você fala demais. — Vlad retrucou para Gabriele, colocando as mãos nos

bolsos.

O sorriso de Gabriele ficou ainda maior.

— Mas, por que não? Quero dizer, ela é... *linda*. — ele ergueu as sobrancelhas como se incitasse Vlad.

Raiva preencheu o coração de Vlad antes de ele se virar contra Gabriele, mas seu primo não se acovardou. Ele não temia Vlad como os outros, já que eles tinham crescido juntos.

— Olhe para ela de novo e eu arranco os seus olhos — rosnou Vlad, perdendo a calma.

Gabriele levantou as mãos em redenção, mas ainda sorrindo.

— Eu nunca te vi tão afetado por uma garota antes.

Vlad pressionou os lábios antes de rosnar novamente.

— Você tem sorte de ser do meu sangue.

O Don virou de costas para Gabriele, indo em direção ao carro.

Estava na hora de ter aquela conversinha tão esperada com seu pai.

*

Vlad entrou na mansão do pai, que ficava a dez minutos de sua própria. Enzo tinha entregue sua coroa a Vlad quando ele tinha 28 anos de idade. Vlad se mudou porque seu pai gostava de ser controlador. Ele não sabia por que seu pai tinha se aposentado, mas não queria sair de férias. Metade do tempo, Vlad não suportava ficar perto do pai. Eles eram duas pessoas diferentes. Eles podiam ser parecidos, mas não eram nada iguais. Um sentimento persistente sempre o incomodou de que, um dia, ele acabaria como o pai, sem humanidade.

Vlad queria comandar o império do seu jeito.

Os guardas de Enzo cumprimentaram Vlad. Tecnicamente, agora eles eram homens de Vlad, mas ele permitia que seu pai tivesse alguns por perto por segurança. A propriedade do pai de Vlad era muito maior e muito mais tradicional que a dele. A mansão era antiga, construída no século XIX e seu pai não tinha reformado. Era como um daqueles castelos assustadores e assombrados e Vlad sempre receava ir até lá.

Ele sabia que o pai estava em casa. Onde mais estaria?

Enzo estava sentado na sala de estar, usando o celular. O mais velho tirou o óculos de armação prateada ao olhar para cima. Um meio-sorriso o saudou, mas ele não retribuiu.

— Olá, filho — disse o pai, calorosamente. — O que o traz aqui?

Vlad sentou-se no sofá preto, de frente para o pai. Juntou as mãos no colo e se inclinou para frente, exalando lentamente antes de soltar a bomba, olhando diretamente para o pai.

— Crianças. Você sabe que eu não vendo crianças — soltou Vlad. Ele foi direto ao ponto, sem enrolar. Ele não foi bater papo, mas deixar algo claro. Tudo tinha limite.

Enzo ergueu as sobrancelhas pretas e grossas.

— Elas são lucrativas.

A bile ameaçou subir pela garganta de Vlad.

— Eu só vou dizer isso uma vez, pai.

Não vou me repetir para você como tive que fazer durante toda a minha infância.

— Eu não vendo e não vou vender crianças. Eu sempre fui contra isso. Se você der ordens para os meus homens de novo sem me perguntar, vou esquecer do fato de que somos da mesma família.

O pai de Vlad se levantou da cadeira em um estalo. Os olhos dele se estreitaram em confusão e rapidamente transformaram-se em raiva.

Vlad não temia o pai. Ele o respeitava às vezes, mas era só isso. Eles não eram próximos. Vlad não conseguia lembrar de uma época em que foram. Eles nãos eram normais. Pai e filho só falavam sobre negócios quando se encontravam.

— Eu o fiz Don. Eu o fiz tudo o que você é.

Vlad permaneceu sentado e recostado, relaxado. Passou o braço sobre o encosto do sofá e cruzou a perna por cima da coxa, ficando confortável. Ele balançou a cabeça e falou.

— As pessoas me seguem porque eu sou Vlad Vitalli, não porque sou o filho de Enzo Vitalli. Eu sou o homem mais temido em Nova York, pai. Não é mais você.

A voz de Vlad era calma e firme. Ele nunca tinha confrontado o pai assim. O bordel, o tráfico de pessoas... ele continuou por respeito ao pai. Às vezes, até mesmo os homens mais poderosos tinham que ceder à família.

Famiglia era a única coisa que as pessoas tinham até a morte.

Mas, se dependesse de Vlad, eles se separariam. No entanto, isso significaria ir contra os desejos de seu pai.

Enzo sorriu cruelmente.

— Arrogância não combina com você, Vlad. Se eu posso fazê-lo Don, posso tirar isso de você.

Vlad apenas deu de ombros, sem medo do pai ou de sua ameaça velada.

— Você pode tentar. Os homens que você me deu são meus agora. Eles lutam para mim. O seu tempo já passou. O poder que você está desejando é *meu*. Eles seguirão um líder mais novo, mais forte.

Enzo tensionou a mandíbula enquanto encarava Vlad, sem dizer nada.

— Esse é o meu primeiro e último aviso, pai. Na próxima vez que eu ouvir que você fez alguma coisa contra as minhas ordens diretas, e eu quero dizer qualquer tipo de desobediência ou traição, eu vou cuidar disso do jeito que eu cuido dos traidores. Entendeu?

O pai de Vlad deu um passo para trás.

— Você nunca falou assim comigo antes, Vlad. — havia dor na voz de Enzo? Vlad quase se sentiu mal. Quase. A expressão de seu pai mudou. — É aquela garota? Dahlia? Ela está te deixando mole? Eu já te disse como lidar com ela.

— Dahlia é *minha* — disse Vlad, agora irritado.

Tudo nela pertence a mim.

A memória do pai insistindo para que ele a tocasse ainda passava na mente de Vlad como se estivesse em modo de repetição. Seu pai tinha feito questão de atormentá-la. Ele sabia que Dahlia não provocava desejo em Enzo, já que o velho estava ligado demais a uma mulher do passado.

Mais uma memória passou pela mente de Vlad, a de ter Dahlia em sua boca. Ele não planejava fazer aquilo, mas ela estava tão vermelha e machucada lá. Vlad queria

fazer com que todas as dores dela sumissem. Ele tentou tanto se manter sob controle naquele dia, mesmo quando Dahlia gemeu contra ele e agarrou seu cabelo... Os pensamentos de Vlad se voltaram àquela cena. Ele esteve a poucos instantes de tomá-la no sofá e ela não o tinha parado.

Vlad voltou a atenção para seu pai.

— Esse negócio é meu. O império é meu. Nova York é minha, pai. Se você for contra mim, não será a minha voz falando com você... será a minha arma. Eu sou o seu único herdeiro, lembre-se disso. Você não quer me desafiar ou me perder.

Sem esperar por resposta, ele virou de costas, mas não antes de perceber um sobressalto sufocado do pai. Vlad esperava que seu pai atirasse nele por trás, pelo desrespeito que ele tinha mostrado em sua própria casa. Ele já estava quase perto da entrada, indo embora, mas o tiro nunca veio.

Enzo o tinha deixado ir embora com vida.

Capítulo 14

Dahlia

OLHEI O LADO de fora, pela varanda do meu quarto, até a escuridão.

Dias viraram noites.

Eu não via Vlad há dias, desde a última vez que falei com ele. Minha mente voltou para a nossa última conversa, perto da lareira. Talvez eu tivesse passado dos limites.

Eu pensei muito. Era justo? Ele me fez perguntas delicadas sobre os meus lares adotivos e eu tentei respondê-las sem me ofender. Tantas perguntas passavam pela minha cabeça enquanto eu procurava desesperadamente por respostas.

Vlad era como um quebra-cabeça.

Desde então, ele fugia de mim como o diabo foge da cruz. Eu o vi sentado perto da lareira algumas vezes, bebendo *scotch*, mas eu não sabia se estava convidada. Agora, eu evitava aquela área. Eu não pertencia àquele lugar. Também não acho que ele me queria por perto.

Puxei o ar e cruzei os braços sobre o peito. Fechei os olhos momentaneamente, inspirando e expirando devagar, tentado acalmar meus pensamentos dispersos. Mudei meu foco para outra coisa. Ainda estava frio e ainda havia neve no chão, mas não estava tão gelado como antes.

Apertei o meu robe branco de dormir em volta do meu corpo. As luminárias no caminho para a mansão estavam ligadas, com intensidade reduzida, mas ainda lançando um brilho amarelado. Eu tinha saído para ver o céu estrelado antes de ir para a cama. Eu nunca tinha visto tantas estrelas em Nova York antes, longe das luzes e com o grande terreno escuro em volta da mansão, as estrelas eram mais visíveis.

Quase parecia o meio do nada, com grandes árvores cercando o lugar. Era privativo. Somente os ricos e privilegiados tinham dinheiro para viver assim. Fiz bico, me perguntando se algum dia eu conseguiria escapar dali. Não era a minha

casa e nunca poderia ser. Não era o ambiente urbano em que eu tinha crescido e com que eu ficava confortável. Não havia suor, sujeira ou tráfego e eu sentia falta disso. Parecia um mundo completamente diferente.

Observei os seguranças, os homens de Vlad, e o portão fortemente guardado, mas não sabia como passar por eles sem que me matassem. Eu precisava que ele me levasse para outro lugar, fora dessa gaiola dourada.

Aproxime-se de Vlad.

O conselho de Natalie ecoava na minha cabeça.

Essa parecia ser a melhor opção, mas a minha salvação, minha paz e minha liberdade viriam com a minha derrota se eu dormisse com a fera. Lágrimas beiravam os meus olhos e eu exalei profundamente, nuvens brancas se formando no ar frio da noite.

Senti uma presença atrás de mim e congelei.

Meus ombros ficaram tensos, meus olhos se estreitaram e meus instintos me colocaram em alerta máximo.

Eu não sabia quando a porta tinha se aberto. A varanda estava longe demais da porta do quarto. Eu não ouvi nenhum barulho. Fosse quem fosse devia ter entrado silenciosamente, como um ladrão no meio da noite.

Por um instante, pensei que pudesse ser Vlad. Ele tinha vindo me procurar?

Mas então, lembrei que ele ainda estava chateado comigo pela última vez que nos falamos.

Senti o cheiro de cigarro e algo mais forte. Maconha, talvez.

Eu estava prestes a me virar, mas braços fortes envolveram a minha cintura, me prendendo e pressionando minhas costas contra o homem que estava atrás de mim.

— Eu te encontrei sozinha — disse a voz.

Meus olhos se arregalaram.

Aquela voz era tão fria.

Parecia muito com Leo.

Eu não tinha ideia do que ele estava fazendo no meu quarto. Ele não devia estar aqui. Virei a cabeça para o lado e olhos pretos e vazios me encararam de volta.

— Você achou que eu ia esquecer que o Don me ferrou por sua causa?

O sorriso de Leo era sarcástico e cruel enquanto ele me olhava.

Meu coração batia tão forte contra o meu peito, ameaçando pular para fora.

Isso era ruim. Muito ruim.

As mãos de Leo deslizaram pela minha cintura. Uma delas prendeu meus braços, que estavam abaixados ao lado do meu corpo, e a outra subiu em direção ao meu peito. Leo puxou o robe pelo meu ombro com força e sua mão deslizou para baixo, em direção às minhas coxas, puxando a minha camisola para cima. Contorci-me, tentando me afastar, mas os braços de Leo apertaram ainda mais ao meu redor, me prendendo.

O toque de Leo me lembrou da vez em que ele me tocou no carro. Fazia com que eu me encolhesse e ficasse enjoada. Eu realmente esperava que esse escroto voltasse para o buraco de onde saiu e morresse.

Ele colocou a mão dentro da minha calcinha, tocou a minha fenda, sobre as minhas dobras e enfiou um dedo gelado dentro. Sua outra mão ainda me apalpava.

Estremeci.

Eu estava seca. Tão seca.

Eu nunca ficaria excitada com esse merda.

Eu podia gritar e esperar que alguém me ouvisse, talvez até Vlad. Com certeza, ele não sabia que Leo estava aqui. Leo tinha desobedecido Vlad de novo. Ele estava aqui por vingança. Vlad tinha tirado os guardas da minha porta há muito tempo. Agora, qualquer pessoa estava livre para entrar e sair do meu quarto. A porta podia trancar por fora, mas não por dentro.

— Por que você não está gritando, piranha? Você gosta, é por isso. Admita. — a voz de Leo era rouca em meu ouvido, seu hálito quente no meu pescoço, me dando arrepios. Os braços dele estavam muito apertados à minha volta, me machucando e me marcando.

Eu estava cansada de ser uma boa garota e não ia gritar para esse idiota. Eu tinha certeza de que ele teria prazer nisso. A maioria – se não todos – dos estupradores tinha. Eles gostam quando você grita.

Eu sabia disso.

Capítulo 15

Dahlia

Dez anos atrás

FIQUEI DEITADA IMÓVEL enquanto ele pairava em cima de mim.

Olhei para ele com os olhos cheios de lágrimas, querendo que ele parasse. Minhas roupas já estavam rasgadas no chão. Meu corpo tinha marcas que já estavam ficando roxas. Minhas mãos estavam presas contra a cama.

Não havia para onde fugir.

— Grite, minha puta — a voz ordenou.

Eu fiquei em silêncio.

— Eu gosto quando elas gritam enquanto eu as fodo — disse ele, enquanto se forçava para dentro de mim duramente. Estremeci, mas pressionei meus lábios juntos em um pequeno ato de rebeldia. Era tudo o que eu podia fazer.

Eu nunca gritaria para ele.

Eu só dei a ele o meu silêncio, mas nunca lhe daria a minha rendição.

Capítulo 16

Dahlia

Presente

ENCAREI LEO COM mais ódio do que senti em muito tempo. Ele estava de costas para a varanda e eu estava na frente dele, o cabelo bagunçado e sangue escorrendo pelo meu rosto.

— Você vai morrer — sibilei com veneno em minha voz.

Leo olhou para mim, confuso, então, me atacou. Dei um chute de lado com toda a minha força e, antes que eu pudesse perceber, Leo caiu da varanda de costas, soltando um grito de horror.

Cheguei para frente lentamente e olhei para o chão, quatro andares abaixo da varanda.

Ele estava uma bagunça em escarlate contra a neve e, ainda assim, eu não sentia nenhum remorso pelas minhas ações. As pernas de Leo estavam tortas em uma ângulo não-natural, mas ele ainda estava respirando. Estava vivo. Talvez sua coluna estivesse quebrada. Sangue derramava da cabeça de Leo, se infiltrando no chão ao seu redor. A mancha escura encharcava a camisa cinza-escura dele. A poça de sangue em que Leo estava deitado escurecia rapidamente, tomando um tom amarronzado. O peito dele se movia para cima e para baixo em um ritmo lento, mostrando que ele ainda estava respirando.

Com as mãos trêmulas, prendi meu cabelo desgrenhado atrás da orelha. Eu não sabia há quanto tempo estava ali, olhando Leo grunhir no chão abaixo de mim. Só deviam ter passado alguns segundos, mas parecia uma eternidade. Adrenalina começou a percorrer as minhas veias enquanto o pânico se instalava. Tentei acalmar minha respiração, manter a cabeça fria como eu tinha ensinado a mim mesma, mas estava ficando fora do meu controle.

Eu tinha acabado de chutar o Braço Direito de Vlad da varanda.

Minhas costas ficaram tensas quando senti outro movimento no quarto.

Olhei para trás.

Merda. O que ele estava fazendo aqui? Ele não poderia ter vindo em hora pior.

Uma das mãos de Vlad estava no bolso de sua calça de seda preta e a outra passava por sua barba que crescia lentamente. Parecia que ele não fazia a barba há dias. Os olhos de aço dele estavam focados em mim e sua mandíbula estava tensa. Vlad parecia irritado e que ia atirar em mim.

— E-eu... — gaguejei. — Leo me atacou!

Vlad continuou parado e em silêncio enquanto me olhava.

— Há quanto tempo você está aí? — perguntei.

Ele tinha me visto lutar?

Vlad não deveria saber disso. Ninguém deveria saber disso.

Se Leo tivesse morrido, eu podia dizer que ele caiu da varanda, mas ele tinha sobrevivido e se Vlad tivesse visto o que eu fiz, ele faria muitas perguntas que eu não poderia responder.

Finalmente, Vlad respondeu em sua voz grave.

— O suficiente.

Meu coração afundou como uma pedra.

— Você esteve aqui o tempo todo e não interveio quando ele me atacou? — acusei, tentando mudar a direção da conversa. — Ele estava tentando me... me... — deixei minha respiração falhar ao mesmo tempo em que eu tropeçava nas palavras, minhas mãos tremendo na frente dos meus lábios.

Vlad inclinou a cabeça para o lado, me examinando.

— Você parecia estar se virando bem sozinha.

Caralho. Eu estava tão ferrada.

Ele se aproximou, muito parecido com um leão caçando um veado. Seus movimentos eram calculados, como se ele estive mais atento e cauteloso comigo.

Será que Vlad pensava que eu ia atacá-lo também?

Eu não me sentia mais como uma leoa. O animal em mim tinha ido embora. A onda de adrenalina e energia que eu senti lutando com Leo tinha se extinguido como uma vela na escuridão, substituída apenas por medo, quando confrontada por

Vlad. Abri a boca para falar, mas nada saiu.

Ele ia me matar por machucar Leo?

— Onde você aprendeu a lutar assim?

A voz de Vlad era perigosamente baixa quando falava.

Caralho. Ele realmente tinha me *visto.*

Agora eu era um problema aos seus olhos?

Eu estava praticamente tremendo com o jeito de Vlad.

Lambi meus lábios e respondi:

— Eu passei por vários lares adotivos por um motivo, Vlad. Aprendi a me defender. — *dos homens.* Eu esperava que ele entendesse o que eu queria dizer.

Os olhos duros de Vlad me estudaram cuidadosamente e se estreitaram. Ele parou na minha frente, como um predador na escuridão.

Seus olhos caíram sobre a minha testa machucada e ensanguentada. Os problemas pareciam ter me encontrado de novo. Toquei o corte na minha testa, limpando o sangue com a manga do meu robe. O branco agora estava manchado de vermelho. Eu não queria pensar em como estava a minha aparência. Vlad não esticou a mão para acariciar os hematomas, como tinha feito antes. Uma pequena parte em mim estava desejando sua bondade, sua proteção, mas o meu bom-senso sabia que eu estava muito longe de sua empatia.

Meu robe ainda estava para baixo de quando Leo o puxou e os olhos de Vlad focaram no meu peito exposto. Eu me sentia tão vulnerável sob seu olhar inquisitivo. Meu longo cabelo preto estava grudando em minha pele ruborizada. Os olhos de Vlad desceram até os meus pés, que estavam em pantufas rosas do *Mickey Mouse.*

Um enorme grunhido envergonhado ameaçou deixar a minha garganta.

Os olhos de Vlad voltaram para o meu rosto. Os lábios dele nem se ergueram em seu sorriso provocador. Não se ergueram de forma alguma. Vlad desviou o seu olhar de mim e olhou para Leo.

Segui o movimento e minhas costas ficaram tensas.

Leo ainda estava respirando, apenas não sabia por quanto tempo mais. Ele

provavelmente estava paralisado e em agonia, a julgar pelos gemidos e grunhidos que saíam de sua boca.

Vlad colocou a mão para trás e puxou uma elegante arma preta.

Dei um passo para trás, apavorada que ele fosse atirar em mim. Defender-me contra Leo era uma coisa, mas lutar contra o homem mais temido de Nova York por sua arma carregada?

Eu não gostava das minhas chances.

Ele vai me matar.

Vlad ergueu a arma e eu só consegui olhar.

Engoli o nó que estava se formando em minha garganta.

O Don engatilhou a arma, me fazendo pular, um choramingo involuntário deixando os meus lábios. Fechei os olhos e comecei a contar meus últimos suspiros.

Contei até três antes de ouvir o tiro ser disparado.

Meus olhos se abriram em surpresa para ver a arma de Vlad apontada na direção de Leo.

Ele atirou em Leo.

Chocados, meus olhos só conseguiam encarar.

Vlad tinha matado um de seus próprios homens? Por que ele não estava atirando em mim, em vez disso?

Meus olhos assustados observaram a forma de Leo. Certamente ele estava morto agora? O torso dele estava sangrando. A princípio, achei que Vlad tinha atirado no estômago de Leo, mas meus olhos focaram nas coxas dele.

Leo levou um tiro entre as coxas, em sua masculinidade.

Isso me fez estremecer. Era terrível.

Os testículos de Leo provavelmente tinham explodido, mas ele *ainda* estava respirando. Eu percebi algo nos olhos de Vlad que abalou as minhas estruturas. Um brilho, um cintilar sinistro que brincava em seus olhos, agora vazios. Era algo que eu nunca ia esquecer.

Satisfação.

Não havia nada parecido com misericórdia. Parecia mais como punição e ele estava desfrutando o ato torturante.

Esse não é o Vlad que eu pensei que conhecia.

Foi um duro lembrete de que ele era um assassino mortal.

Depois de alguns instantes do grito rouco de Leo, Vlad atirou nele de novo, um tiro limpo no coração que o silenciou. Até eu estava começando a me sentir mal pelo cara.

Automaticamente, meus olhos se voltaram para Vlad, esperando uma explicação.

— Viu o que acontece quando você cai de uma varanda? — disse ele, indicando Leo com a cabeça. — Pense nisso quando tentar planejar sua fuga.

Ele passou a mão na arma como se estivesse acariciando-a. Corei pelo fato de que seus dedos poderiam fazer isso comigo um dia. Vlad não estava mirando em mim, mas também não guardou a arma. Ele estava me dando um aviso.

Engoli em seco, lentamente, com medo de Vlad. Perigo emanava dele como ninguém.

Houve um barulho alto ao fundo. Virei em direção ao barulho, assustada. Cinco dos homens de Vlad entraram pela porta do quarto e encararam Vlad esperando por ordens. Todos eles estavam prontos para atirar.

Vlad virou-se na direção deles.

— Livrem-se do corpo.

Sua voz era clara e firme ao falar, não deixando espaço para perguntas. Apesar de Gabriele parecer que queria fazê-las, ele assentiu e se afastou. O resto dos homens saiu tão rápido quanto tinha entrado.

Gabriele se demorou na entrada, me encarando com suspeita antes de olhar para Vlad. Ele também foi embora, nos deixando sozinhos.

Vlad saiu da varanda e foi em direção à entrada do quarto.

Por um momento achei que ia embora, mas ele parou no meio do quarto e me olhou novamente. Pensei que ele queria que eu o seguisse. A varanda estava ficando fria demais.

Puxei meu robe sobre o meu ombro exposto, me cobrindo. Andei com passos

hesitantes em direção a Vlad e parei a poucos metros dele.

— Eu matei um dos meus homens. O meu Braço Direito. Um dos meus melhores homens — disse Vlad, lentamente.

Ele esperava um pedido de desculpas? Eu certamente não ia pedir.

— Ele não devia estar no seu quarto — terminou.

Vlad guardou a arma em suas costas mais uma vez.

Suspirei de alívio pelo fato de que ele não ia me matar.

Então, ele falou de novo:

— Agora, me diga, doce Dahlia. Quem te enviou?

Capítulo 17

Vlad

VLAD ENCAROU DAHLIA, esperando por uma resposta.

Vlad estava a caminho do quarto de Dahlia, para saber como ela estava, mas ouviu vozes na varanda. Ele permaneceu em silêncio ao entrar e encontrou Dahlia batendo a testa na cabeça de Leo.

A atenção de Vlad ficou concentrada na cena.

Como ela sabia lutar desse jeito?

Ele não parou de observá-la. Dahlia se movia como um raio. Seus instintos e reflexos eram rápidos e treinados. Não havia movimentos hesitantes nela. Dahlia nem mesmo gritou quando Leo a socou no ombro. Ela aguentou, como se isso não pudesse pará-la. Ele nunca a tinha visto lutar assim.

E ela nunca me deu uma amostra disso.

Agora, Dahlia estava na frente dele.

— O que você quer dizer? — perguntou ela, inocentemente.

Quando Vlad a conheceu, ele assumiu que essa beleza era reservada, doce e inocente. Não havia nada inocente na garota veloz que ele vira em ação. Obviamente, Vlad sabia que Leo a provocara. Ele entrou no quarto dela, sem ser convidado ou desejado, e Vlad teve que matá-lo.

De certa forma, ele estava feliz que Dahlia o empurrou para fora da varanda, mas odiava o fato de não poder torturá-lo.

Tortura. Isso o fez parar. Vlad normalmente evitava torturar as pessoas. Ele sempre dava ordens... para Leo. A ironia desse fato não passou despercebida.

Agora, a necessidade de infligir uma dor severa e prolongada em Leo, que já estava morto, o dominava. Vlad tinha gostado de ver Leo com dor, quando atirou nele para fazê-lo sofrer. Ele não reconhecia esse sentimento estranho.

Leo estava saindo do controle. Ele tinha visto por si mesmo quando Leo tocou

Dahlia pela primeira vez. O fato de o mesmo homem ter tentado machucá-la fazia o sangue de Vlad ferver.

Ela era prisioneira *dele*.

Por que as pessoas não entendiam isso, caralho?

Vlad soltou a respiração que estava segurando, se concentrando em Dahlia. Ele queria culpá-la por esses sentimentos estranhos, por arranjar problemas, mas ela não tinha pedido por nada disso. Ela era a pessoa que estava machucada e sangrando. De novo.

Vlad se concentrou em suas palavras, não nos ferimentos dela.

— O jeito que você lutou requer treinamento especial... Você lutou com um Homem de Honra, um homem da máfia. Você tem cinco segundos para me dizer quem você é — respondeu ele, lentamente.

Dahlia engoliu em seco antes de falar com pressa.

— Eu fiz treinamento especial de artes marciais. Não é grande coisa. Eu sou órfã. Sempre vivi sozinha e aprendi a me defender.

Vlad suspeitava horrivelmente de Dahlia agora.

Ela estava mentindo para mim esse tempo todo?

Ele cruzou os braços na frente do peito, virando seu rosto severo e olhos raivosos nela. Vlad juntou as sobrancelhas em aborrecimento e frustração. Ele passou os olhos sobre o corpo de Dahlia.

Apesar de ela ainda estar usando sua fina camisola branca e o robe, Vlad conseguia ver a silhueta de seu quadril e seus mamilos eretos contra o tecido. Eles estavam endurecidos, provavelmente pelo frio. Dahlia não estava usando sutiã e ele se perguntou se ela estava de calcinha. A camisola era mais curta do que a preta.

Ah, sim, ele tinha notado.

Essa camisola acabava em suas coxas, expondo suas pernas nuas e torneadas para ele. Mais que nunca, Vlad as queria em volta dele. Sede de sangue preenchia suas veias, pulsando depois da adrenalina de matar alguém. Vlad engoliu em seco com a imagem dela. Fazia seu pau se levantar em atenção. Ele se forçou a olhá-la nos olhos mais uma vez.

— Se você me disser onde está, pode ficar vestida.

— Onde está o quê? — perguntou Dahlia, os olhos arregalados e respirando pesadamente.

— O rastreador.

Dahlia ficou de boca aberta e protestou.

— Eu não faço ideia do que você está falando!

Vlad diminuiu a distância entre eles, furioso. Ele não gostava de mentirosos e odiava traição mais do que qualquer coisa. Claramente, Vlad fora tolerante demais com ela.

— Tira as roupas, Boneca — ordenou. — Você tem algo escondido.

Quando Dahlia não obedeceu, Vlad não deu outro aviso. Ele se manteve frio e emocionalmente distante. Da última vez em que a tocou, na frente de seu pai, Vlad a acalmou, mas não ligava mais. Ele não devia ter protegido Dahlia esse tempo todo. Ele assumira que ela era uma garota indefesa que foi pega no lugar errado, na hora errada.

Uma vítima.

Mas parecia que, durante todo esse tempo, ela nunca precisou de proteção. Ela tinha achado que ele era idiota? Vlad não gostava quando o enganavam. Agora, haveria consequências.

Esse é quem eu sou de verdade.

Um arrepio desceu pela espinha de Vlad enquanto o sangue em seus ouvidos fazia barulho e corria rápido em suas veias. O toque dele era dominante e cheio de força. O Don deu um puxão forte e abaixou o robe de Dahlia, ignorando seus protestos. Em um movimento rápido, sua camisola também foi puxada. Uma voz no fundo da mente de Vlad o alertou que Leo tinha acabado de atacá-la, agredi-la, mas ele não estava atacando Dahlia. Só estava fazendo o que fora treinado para fazer e deveria ter feito, em primeiro lugar. Procurar. Caçar. Farejar os ratos.

— Vlad! — choramingou ela.

Ele ficou surpreso por ela não estar lutando.

— Don — corrigiu.

Os olhos dele tomaram a forma de Dahlia brevemente antes de repousarem no rosto dela. Excitação se agitou dentro dele, mas Vlad se forçou a manter os olhos

levantados. A respiração dele falhou.

Arrepios cobriam a pele dela e faziam algo com ele. Dahlia estava parada à sua frente, apenas de calcinha. A camisola e o robe embolados em uma pilha aos pés dela. Ele desviou o olhar, engolindo com dificuldade. Ele só estava fazendo isso para encontrar o rastreador. Pelo menos, era isso o que ele dizia a si mesmo.

— O quê? — sibilou Dahlia. Ele a olhou abruptamente.

— É Don.

Dahlia tentou cobrir seus atraentes seios nus, mas tudo o que Vlad disse foi:

— Não é como se eu nunca os tivesse visto antes, Boneca.

Ela franziu o nariz em irritação.

— Eu os provei também — murmurou, arrancando dela um suave sobressalto.

Vlad escondeu um sorriso. Seu olhar deixou o rosto de Dahlia, passando pelo corpo da jovem, mantendo o desejo longe de seus olhos e seu toque. Ele precisava achar a droga do microchip.

Ele estava bem ciente de como Dahlia estava agora. Dessa vez, ela não estava usando *lingerie* cara. Era de algodão branco. Simples. Ela parecia um anjo esperando para ser massacrado pela fera. O rosto dela queimava de vergonha sob seu olhar minucioso.

Vlad a virou rapidamente, fazendo-a soltar um barulho de susto. Ele separou o longo cabelo dela e procurou na parte de trás do pescoço. Estava limpo. Suas mãos percorreram as costas macias, pernas, braços e a barriga lisa e firme. O corpo de Dahlia estava tão quente, apesar do vento congelante vindo da porta da varanda aberta.

Ele conseguia sentir seu calor por trás da perna da calça, onde a coxa dela pressionava contra a dele. Ela era macia em todos os lugares e ele estava tentando não gostar muito disso. Vlad a virou de frente para ele e suas mãos encontraram os seios dela. Dahlia prendeu a respiração, encontrando seu olhar. Ela se manteve imóvel.

Por que ela não está me parando como parou Leo?

Vlad passou as mãos sobre eles, olhando o corpo de Dahlia, mas sem reparar de verdade. Tentou sentir algum ponto duro, algo que parecesse estranho, em vez de

macio. Tudo o que encontrou foi pele. A mão de Vlad deslizou até a calcinha de algodão. Ela deixou um pequeno choramingo escapar, mas seus olhos sustentaram os dele, apesar de Vlad não conseguir decifrar a expressão dela.

A pele de Dahlia estava corada e seus olhos de corça estavam arregalados e distantes. Suas mãos não o afastavam mais e apenas agarravam os ombros dele para se equilibrar. Quando as mãos de Vlad roçaram contra seu clitóris molhado, Dahlia tensionou contra ele. Vlad quase sibilou.

Ela está excitada?

A mão dele era grande e cheia de calos, provavelmente áspera contra a maciez de Dahlia. Ele sabia que as pessoas escondiam rastreadores ali, então, tinha que checar. O calor dela facilitou para deslizar o dedo para dentro. Os músculos de Dahlia tensionaram, puxando-o para dentro.

Vlad rangeu os dentes.

Um pequeno gemido deixou os lábios de Dahlia. Ela passou os braços em volta do pescoço de Vlad enquanto ele se inclinava para checar mais profundamente. Seus seios nus roçavam contra a camisa dele enquanto se segurava.

Vlad conseguia senti-los através do tecido. Ele teve que abafar um gemido por tê-la pressionada contra si. O cheiro de Dahlia era de jasmim e rosas, e a feminilidade o arrebatava. Ele manteve o toque leve como pena. Não parecia uma revista e sim, uma carícia.

Na prisão, eles checavam o ânus dos detentos para ver se eles tinham escondido algo lá. Vlad hesitou antes de suspirar em sua mente e levar o dedo em direção a parte de trás da bunda firme e redonda de Dahlia. Ele precisava confirmar. Dahlia soltou um *sim* baixinho, mas se manteve parada enquanto Vlad também checava ali.

— Você está limpa — disse ele, parando a revista e se afastando.

Não sobrou um lugar nela intocado.

Dahlia tirou os braços em volta do pescoço de Vlad e ele sentiu falta de seu calor.

Vlad se virou para ir embora, para acalmar sua respiração e esconder seu volume latejante de Dahlia.

— Eu disse que estava! — ela gritou. — Você não poderia ter mandado uma mulher me revistar?

As costas de Vlad ficaram tensas e ele se virou, seu olhar encontrando o dela. Ele ergueu uma sobrancelha antes de falar.

— Natalie e as outras empregadas da cozinha não são treinadas para encontrar um rastreador. Era eu ou um dos meus homens. O que você ia preferir?

Dahlia mordeu o lábio e não respondeu. Ele apenas balançou a cabeça.

— Foi o que pensei.

Vlad prendeu a respiração enquanto seu olhar viajava pelos seios de Dahlia.

Notando o olhar, ela cruzou os braços sobre o peito. Os olhos de Vlad vagaram até a parte mais íntima dela. Estava coberta, mesmo assim ele conseguia senti-la na ponta de seus dedos. Vlad lembrava que ela estava molhada quando a tocou.

Dessa vez, ele não foi embora.

Seu olhar se demorou em Dahlia.

Isso não aconteceu quando ele a tocou na última vez. Agora, ele estava aproveitando. Dahlia apertou as coxas, juntando-as e os olhos desejosos de Vlad se arregalaram em reconhecimento. Ele sabia que a afetava e a incomodava. As bochechas dela coraram como rosas cor-de-rosa e a respiração estava ficando mais pesada a cada segundo.

— Você está encarando. — Dahlia decidiu chamar-lhe a atenção, cruzando os braços sobre o peito, escondendo a visão dele. A voz dela era baixa e suave, como se estivesse com dificuldade para falar.

— E o que você vai fazer? — desafiou, seu lábio se curvando para cima.

Dahlia ficou de boca aberta e seus olhos se arregalaram.

Vlad estava se divertindo muito, brincando com ela, aproveitando a caça. Ele ia embora, mas mudou de ideia.

— Lute comigo, Boneca — ordenou, olhando para ela mais uma vez e se aproximando. Dahlia se afastou um pouco, sem acertá-lo. Vlad deu um passo à frente e ela apenas chegou para trás, indo para mais longe dele.

Logo não havia mais para onde ir e as pernas nuas de Dahlia acertaram o pé da cama. Ela parou, presa, seus olhos buscando uma saída. As pernas dela ficaram grudadas no lugar. Vlad não sabia por que ela não estava batendo nele.

— Me bata — ordenou novamente, com mais firmeza dessa vez. De novo, Vlad

chegou mais perto. Dahlia não podia chegar mais para trás e caiu nos lençóis macios da cama com um barulho abafado. — Vamos lá, lute comigo.

Não houve qualquer resposta vindo dela.

Os lábios rosados de Dahlia estavam abertos enquanto ela olhava para cima, abaixando os braços da sua área frontal e agarrando o lençol. Aqueles olhos cor de âmbar estavam pesados ao olhar para ele. A garganta dela se movia quando engolia. A pele estava quente e corada, o cabelo preto bagunçado à volta dela.

Dahlia era estonteante e caótica.

Simples, mas complexa.

Inocente e traumatizada.

Angelical e sombria.

Nenhum pingo de maquiagem e sua pele já estava viçosa e brilhante.

Um belo desastre.

Vlad se abaixou, pairando sobre Dahlia e puxou o tornozelo dela em sua direção, arrastando-a até que os joelhos dela batessem contra os dele. Vlad se enfiou entre as coxas dela. Calor emanava da pele de Dahlia, ameaçando consumi-los.

Dahlia deixou um som de surpresa escapar, mas não resistiu a ele de forma alguma. Ela se apoiou nos cotovelos e seus seios subiam e desciam pesadamente ao mesmo tempo em que ela lutava para controlar sua respiração.

O olhar de Vlad caiu sobre os seios perfeitos de Dahlia, que pareciam ficar mais pesados e cheios debaixo de seu olhar faminto. A pele de Dahlia estava toda rosa agora e ela lambeu os lábios. Seus olhos estavam vidrados enquanto o olhava como se estivesse o tentando.

Droga, por que ela não o estava parando?

Os mamilos dela estavam duros. Talvez fosse ele, talvez fosse o vento frio que ainda entrava pela porta da varanda. Vlad gostava de como as aréolas mais escuras contrastavam com a pele clara de Dahlia. Ele queria beijar cada centímetro dela, possuir cada parte dela, tomá-la sem parar até que ela estivesse dolorida demais para andar direito no dia seguinte.

Vlad queria isso desde o primeiro dia.

— Última chance, Boneca. Lute comigo — disse baixinho, encontrando seus

olhos cheios de desejo.

Dahlia apenas pressionou os lábios juntos como se quisesse dizer uma coisa, mas no último instante, tivesse decidido ficar quieta. Ele queria sorrir.

— Por que você matou Leo? — sussurrou Vlad, passando o nariz no pescoço dela, inalando seu cheiro doce e sedutor. Ele queria puxá-la mais para perto, sentir as unhas dela contra sua pele enquanto a pressionava ainda mais contra o lençol.

Dahlia arriscou um olhar, os lábios rosados e cheios semiabertos. Ela lambeu os lábios nervosamente. Vlad quase gemeu com a visão. Ele queria substituir a língua dela pela dele.

Dahlia era uma tentação.

Uma linda, doce e diabólica tentação.

— Eu não queria que ele me tocasse — murmurou, desviando o olhar.

É mesmo?

— O que eu estou fazendo agora que é tão diferente de Leo para eu ainda estar vivo? — perguntou ele suavemente, deixando leves toques desde a coluna até a cintura dela.

Dahlia se arqueou sob o toque de Vlad, seus seios levantando e um barulho baixinho escapou de seus lábios. Ela olhou para cima rapidamente, com vergonha, antes de desviar o olhar.

Ele ainda não a tinha beijado.

Não houve resposta vindo dela, mas suas bochechas tinham ficado vermelhas. Ela soltou um suspiro e agarrou o lençol com mais força. Dahlia não o tocava, como se estivesse lutando para manter o controle. Suas mãos estavam ao lado do corpo. Ela também não estava mais se escondendo dele, enquanto se apoiava nos cotovelos.

— Eu não gostava do toque dele — respondeu ela, depois de um tempo.

Você gosta do meu?

Vlad colocou os lábios ardentes contra a pele quente de Dahlia, bem no meio de seu longo pescoço. Ela jogou a cabeça para trás, dando-o mais acesso. A boca de Vlad desceu até as curvas dos seios dela, dando leves beijos. Ele evitou os mamilos de propósito e deu beijos entre os seios, se movendo mais para baixo, como uma

seta, até chegar ao estômago. Dahlia tremeu contra ele e tentou tocá-lo, mas parou, sua mão parando no meio do caminho.

Os olhos conflituosos de Dahlia olharam para Vlad.

Ele se afastou, tocando a testa ensanguentada dela. Vlad se inclinou para frente, encostando a testa na dela, gentilmente, com cuidado para não a machucar.

— Cuide desse corte e vá dormir, Boneca. Você teve uma noite difícil — disse ele, com a voz rouca, usando cada gota de seu autocontrole para se afastar.

Quando Vlad se levantou, se distanciando de seu corpo nu e quente, Dahlia o olhou, confusa.

Antes de se virar para ir embora, ele falou em uma voz firme e perigosamente baixa:

— Se eu descobrir que você me traiu, vai desejar que eu tivesse te matado quando te conheci.

Vlad saiu do quarto, deixando-a deitada na cama, com a boca aberta pelo choque.

Capítulo 18

Dahlia

EU ESTAVA DO lado de fora, mais uma vez, porque não tinha nada para fazer.

Natalie me disse que já era início de abril.

Olhei o portão com suspeita, pensando qual era a forma segura de escapar. Os portões pareciam pesados e eram altos demais. Seria muito difícil escalar. Enquanto eu andava pelo caminho, notei os dois homens que ficavam do lado de fora do portão. Dois cães de guarda. Eu podia ver a câmera piscando na minha direção e percebi a luz vermelha.

Perguntei-me quem estava me assistindo.

Sem pensar, acenei para a câmera. *Olá, eu estou aqui e não estou fugindo.*

Eu tinha quase certeza de que a pessoa assistindo ao sistema de segurança devia estar chocada com o meu comportamento.

Virei de costas, escondendo uma risadinha. Talvez o constante isolamento estivesse me deixando um pouco maluca.

Voltei para o caminho até a entrada.

Meus passos arruinavam o tapete branco, me deixando triste por eu estar destruindo sua beleza. A neve derretia embaixo das minhas botas roxas de cano alto. Tinha parado de nevar, mas a forte nevasca das últimas semanas tinha deixado o lugar parecendo um paraíso de inverno. Até mesmo o carvalho seco, o jardim de rosas e a grama estavam decorados como um conto de fadas invernal.

Talvez, se a situação fosse melhor, eu pudesse me sentir uma princesa. Às vezes tudo parecia um sonho se tornando realidade. Um palácio, empregados, luxo como eu nunca tinha visto antes; mas eu lembrava que essa realidade vinha com um preço. Eu tentava não ficar remoendo sobre isso diariamente, mas lentamente, um pedaço em mim estava sendo deixado para trás a cada dia que passava. Quanto mais eu ficava ali, mais eu me perdia em onde eu estava.

Dei uma olhada para o portão.

Para a saída.

O único lugar que eu nunca poderia ultrapassar. A gaiola dourada de metal parecia esmagadora à distância.

Olhei os meus pés e soltei um suspiro no ar frio, observando o meu hálito quente se tornar vapor. Tentei sorrir para mim mesma, mas falhei miseravelmente. Inalei o ar profundamente e torci pelo melhor. Talvez a neve fosse uma nova página, esperando para eu decorá-la. Tentei dizer a mim mesma isso todos os dias, tentando encontrar esperança nas pequenas coisas. Eu não estava morta. Minha sanidade ainda estava intacta, mas eu me encontrava perdendo uma batalha interna.

Encarei com admiração a mansão gigantesca, a minha prisão. No entanto, era perturbador, que em um lugar como esse, só vivia um homem, e não qualquer homem – Vlad Vitalli.

Minha mente me levou de volta para o nosso último encontro, que aconteceu uma semana antes.

Vlad tinha se aproximado de mim, mas eu não lutei com ele como tinha feito com Leo. Lembrei que, quando estava perto dele, eu não tinha o medo que sentia toda vez com Leo ou Enzo. Meu corpo não ficava tenso e alerta quando se deparava com Vlad. De alguma forma, meu corpo parecia... confortado, protegido e seguro com ele.

Envergonhava-me admitir, mas meu corpo o queria.

Vlad sempre mostrou pequenas clemências na forma que seu coração gelado fosse capaz. Compaixão era uma grande coisa em um mundo que só tomava.

As pessoas pensavam que você não deveria ser grata se alguém não te violasse. Esse nível de expectativa era baixo demais, mas, e se abuso fosse tudo o que acontecesse durante a sua vida? E se ninguém tivesse mostrado compaixão antes?

Vlad tinha me poupado em vez de me matar. Ele não levantou a mão contra mim quando tentei atacá-lo com uma faca. Ele me manteve prisioneira em sua casa em vez de me vender para um bordel ou no tráfico. Quando foi pressionado na frente de Enzo, seu toque foi gentil e não levou as coisas além do necessário. Ele parou, se ajoelhou na minha frente, me devolvendo a blusa.

Ele matou Leo... Isso foi por mim também?

Vlad também me deixou em paz quando eu provavelmente teria dormido com

ele, se ele não tivesse parado.

Talvez eu fosse patética, procurando por razões para não o odiar, mas eu sabia que todos esses comportamentos não eram a norma aqui.

Nessa vida, só existiam sangue, jogos e violência.

Vlad era o chefe da máfia. Ninguém o questionaria se ele me forçasse. Eu estava em sua gaiola dourada, longe da sociedade, escondida.

O poder era uma coisa corrupta. O cheiro dele enlouquecia as pessoas, forçando-as a fazer coisas que normalmente não fariam. Liberava seus verdadeiros desejos e intenções.

Mas não Vlad...

Ainda era difícil de acreditar que Leo estava morto.

E que Vlad o matara.

Bom, eu tinha uma grande participação primeiro, mas ele tinha sobrevivido.

Os homens de Vlad ficavam alertas toda vez que me viam, talvez me conectando com a morte de Leo. Um deles estava morto por minha causa.

Apesar de Vlad ter mostrado pequenas clemências e alguma gentileza, eu não podia esquecer que ele tinha me sequestrado. Ele estava me mantendo presa aqui. Ele era dono de bordéis e vendia mulheres; matava testemunhas, pessoas inocentes. Suas mãos também estavam cobertas de sangue. Ele também não era santo.

Meus ouvidos ficaram atentos com o som de passos e abri os olhos.

Falando no diabo, aparece o rabo.

Vlad estava bem na minha frente, a poucos metros de distância na direção da entrada. Ele parecia estar entrando. Usava um de seus longos casacos pretos e calça jeans. Dessa vez, seu cabelo não estava úmido como em nosso último encontro na neve.

À distância, a presença de Vlad não parecia tão ruim, mas eu sabia que assim que ele se aproximasse, meu corpo ficaria atento a ele. Sem dizer nada, Vlad impunha autoridade. Esperei, para ver se ele falaria comigo.

Eu não queria ter muitas esperanças. A única pessoa que falava comigo agora era Natalia. O resto dos empregados normalmente só falava comigo quando eu precisava de alguma coisa. Eles não queriam começar uma conversa, como se isso

fosse proibido.

Minhas esperanças diminuíram quando Vlad deu um passo em direção à entrada, mas ele pausou e se virou, dando longos, porém, lentos passos na minha direção.

Sim. Eu queria sorrir para mim mesma e talvez comemorar de alegria.

Mas por que eu necessitava falar com ele?

Eu odiava o fato de ficar procurando motivos para não o odiar, para humanizá-lo.

Droga, eu *ansiava* por ele.

Vlad parou alguns metros à minha frente. Eu nunca poderia esquecer os olhos dele. A cor era tão rara e linda que eu só tinha visto em animais. Talvez fosse um sinal do universo me dizendo que ele *era* um animal. Mas é claro, eu ainda o olhava com curiosidade. Eu sempre observava os olhos de Vlad, já que, na maioria das vezes, eles refletiam o seu humor. Hoje, eles estavam mais suaves. Geralmente, quando Vlad estava bravo, seus olhos lampejavam como um trovão, a cor de aço escurecendo.

Nós éramos tão diferentes um do outro e, ainda assim, eu queria falar com ele.

Talvez eu estivesse procurando consolo.

— Oi — guinchei.

Pigarreei. Minha voz não saiu direito. Eu soava como um ratinho que queria mordiscá-lo.

Os lábios de Vlad se curvaram para cima, quase em um sorriso.

— Olá — respondeu ele, calmamente.

— O tempo parece bom — adicionei.

Idiota, está frio pra caralho.

Eu queria me dar um tapa. Eu não podia achar algo melhor para falar?

Pergunte sobre a mãe dele de novo, disse minha voz interior. Balancei a cabeça silenciosamente. Isso o deixaria nervoso de novo. Eu não podia arriscar. Ele ficaria chateado por eu estar me intrometendo em sua vida. *Mulher, ele checou o seu histórico inteiro.*

Cale a boca, silenciei a voz.

Virei para olhar Vlad.

A expressão dele parecia de divertimento, com a sobrancelha arqueada. A forma como ele me encarava me deixava nervosa e eu acabava tropeçando nas palavras. Talvez houvesse um ímã vindo dele.

É só a aparência dele.

Tentei me acalmar. Vlad tinha aquela aparência e era um Don da máfia. É claro que eu ia me atrapalhar. Ele era intimidador.

— Como foi o trabalho? — as palavras saíram da minha boca e eu me arrependi no mesmo instante.

Você está falando sério, Dahlia?

Eu deveria calar a boca e ir morrer de vergonha em outro lugar.

O que ele fazia mal podia ser considerado trabalho.

Vlad parecia estar obviamente se divertindo com a minha tentativa constrangedora de iniciar uma conversa. Ele me deu um sorriso provocador que me relaxou. Os olhos dele brilhavam e aquela covinha profunda que eu não tinha visto ultimamente, apareceu de novo. Eu não entendia qual a vantagem de ter uma covinha se ela não era usada.

Ele raramente sorria. Eu que deveria ter nascido com uma covinha. Cacete, quem eu queria enganar? Eu mal sorria também.

Dois peixes gelados no oceano. Que par!

No entanto, eu achava que eu era uma estrela-do-mar e ele estava me olhando como se fosse um tubarão.

Acordei dos meus devaneios bobos e coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Você parece nervosa — observou ele, com o sorriso mais largo.

Pisquei lentamente. Vlad tinha finalmente decidido me enfrentar.

— Bem que você queria — menti.

Vlad ergueu as sobrancelhas.

— Eu te intimido?

— Você intimidaria qualquer um. — escolhi não mencionar a mim mesma. Eu queria acreditar que não tinha medo dele. — Você carrega uma arma e é um Vitalli. Você é a pessoa mais temida da cidade.

Ele ficou parado em silêncio enquanto me encarava curiosamente.

Perguntei uma coisa que estava doida para saber.

— Vlad, por que você ficou comigo?

Ele te disse para o chamar de Don, minha voz interior retrucou.

— Você ainda não sabe? — perguntou ele, inclinando a cabeça para o lado.

A forma como Vlad me olhava, entretido e intenso, às vezes mexia com a minha cabeça. Por que ele não tinha tomado uma atitude ainda? Foi *ele* quem parou na outra noite, não eu. Isso me deixava confusa e excitada. Vlad me olhava como se me desejasse, agia como se me quisesse, mas depois me deixava sem nada.

Estava ficando muito difícil odiar o meu raptor. Talvez eu pudesse viver com o ódio. Isso me daria a motivação para lutar mais contra ele, me daria força.

Ele estava me mantendo presa, mas minha antipatia por ele estava diminuindo lentamente.

Esse pensamento me chocou. Eu quase não me reconhecia.

Vlad é o inimigo, não importa quanta compaixão ele demonstre.

Só porque ele me poupou, não significa que ele é bom.

Olhei para o céu, evitando seu olhar.

Vlad respondeu em voz baixa:

— Tudo que é belo, as pessoas querem destruir. Você é bela para mim. Eu não queria que você sumisse até que não houvesse mais nada sobrando.

Virei a cabeça rapidamente com a admissão.

Quando Vlad me chamou de bela, não parecia que ele estava falando sobre a minha aparência.

Os olhos dele simplesmente me observavam, sem se afastarem de mim.

Desviei meu rosto para longe dele, esperando que não estivesse corando. Se ele chamasse a atenção para isso, eu poderia culpar o inverno e o ar gelado. Agora, quando eu corava de vergonha, ficava evidente em minha pele de porcelana no

mesmo instante.

Vlad *sorriu.*

Caramba. Meus olhos se arregalaram. Quem abduziu o Vlad mal-humorado e o substituiu por esse galanteador?

Eu queria que minha piada tivesse diminuído a tensão no ar, mas ela só ficou mais forte. Eu não gostava quando Vlad sorria demais. Isso mudava seu comportamento e o fazia parecer um cara legal, quando eu sabia que ele estava longe disso.

— Acho que você sorriu mais comigo do que, provavelmente, com qualquer outra, estou certa? — perguntei animada.

Eu estava flertando? Estava só brincando. Eu esperava que soasse como uma brincadeira.

Os olhos de Vlad brilharam por um momento e ele falou, repentinamente:

— Seu nariz parece com o do *Rudolph.*

Meus olhos se arregalaram com a pequena alfinetada. Ele estava me zoando? Automaticamente, minhas mãos tocaram o meu nariz. Eu sabia que estava vermelho e eu estava tentando muito não fungar.

Vlad abriu a boca para dizer alguma coisa, mas eu comecei a rir. De todas as coisas que podia falar, ele falou sobre o meu nariz vermelho? O malvado e cruel Vlad Vitalli estava fazendo piadas sobre o meu nariz? Tentei abafar o som com a minha mão, mas eu estava rindo demais.

Durante um tempo, Vlad congelou, observando a minha reação. Seus lábios rosados e cheios se entreabriram, mas ele não riu. Talvez estivesse esperando que eu calasse a boca? No entanto, ele não parecia bravo, apenas surpreso.

Forcei-me a parar de rir da piada boba.

— Desculpa — falei, ainda sorrindo. — O que você estava dizendo?

Ele parecia satisfeito.

— Quando você riu, eu *esqueci* de tudo.

Sorri ainda mais, mas o meu sorriso diminuiu lentamente quando me dei conta do significado. Vlad estava me olhando intensamente, como se, de alguma forma,

eu o fascinasse. Eu nunca tinha rido abertamente assim com ele.

Ouvi a mensagem subliminar de suas palavras – *nada mais importa.* Tentei não dar um significado maior a isso. Talvez eu estivesse entendendo errado, mas os sinais contraditórios me deixavam confusa.

Virei de costas e andei em direção à mansão.

Quando me dei conta, os passos de Vlad estavam bem ao meu lado.

— O que você está fazendo? — perguntei com cautela.

Os olhos de Vlad brilharam antes de ele sorrir. Ah, eu estava começando a odiar quando ele sorria. Sua humanidade aparecia e me fazia pensar diferente sobre ele.

— Andando — respondeu, erguendo as sobrancelhas.

— Sabe, eu te chamo de Fera na minha cabeça.

Droga! Isso escapou.

Arregalei os olhos pelo que tinha falado. Pressionei meus lábios e me virei, envergonhada.

Uma risada baixa veio do meu lado direito.

— Eu ainda sou uma fera? — perguntou, depois de parar de sorrir.

— Não — respondi honestamente.

Eu queria que ainda fosse.

Virei-me para frente e olhei para baixo, minha expressão refletindo o peso em meu peito.

— Você parece triste esses dias. — a voz de Vlad chegou mais perto.

Olhei para ele, surpresa por ter notado. Seus olhos suavizaram, apesar do cenho franzido.

— É, bom... Ser prisioneira não é exatamente o sonho de ninguém, é? — falei sarcasticamente.

— Eu não entendo... — começou ele. — Eu te mantenho longe do perigo, te deixo em paz. Você está vivendo no luxo — disse ele, indicando a propriedade com a mão.

Tentei não revirar os olhos, mas ele percebeu a minha careta.

— Existem homens piores do que eu, Dahlia — disse Vlad, com um certo tom em

sua voz. — Eu não sou um homem bom, mas você sabe o que aconteceria se você fosse encontrada por alguma das outras famílias? — a voz dele ficou mais alta, se tornando firme. — Você passaria de um homem para outro. Seria vendida ou mantida como prostituta. Viveria em um porão escuro, com barras de metal. Passaria fome. Eles te fariam andar por aí nua. Eu não sou nada como eles.

Meus batimentos estavam altos e meus olhos encontraram os dele, mas desta vez, sem medo.

— Só porque você não força as pessoas, não significa que é melhor que alguém. *Não* é normal machucar pessoas — retruquei. Os olhos dele se estreitaram, mas eu continuei falando. — Você acha que é melhor?

Eu deveria calar a boca. Eu realmente deveria calar a boca.

Vlad abriu a boca, antes de fechá-la de novo.

Dei o meu golpe final.

— Você está delirando, Vlad Vitalli.

Se eu fosse mais esperta e tivesse melhor controle da minha raiva, eu não teria tentado provocá-lo, mas eu estava ficando cansada de ainda estar presa sem ninguém para conversar. Eu fui tirada da minha vida. Era um sentimento triste e patético.

A mandíbula de Vlad tensionou e seus olhos cinza já não eram suaves, ficando duros como pedra mais uma vez, afiados o suficiente para cortar metal. Ele esticou a mão para me agarrar e senti um aperto no estômago.

Eu tinha libertado a fera cruel.

Estou fodida.

Tentei me afastar dele antes que Vlad fizesse algo, mas ele agarrou o meu braço, puxando o casaco para me trazer para mais perto. Eu não sabia se devia bater nele. Minha respiração saía em pequenos sopros.

Fúria e raiva pareciam emanar de Vlad.

— Não — rosnou.

Levantei os olhos.

— Eu vi pessoas no meu mundo pegarem as coisas. Eu cresci cercado de força.

Meu mundo é sobre tomar. Eu cresci nisso. No seu mundo, é normal não usar a força, mas no meu, não é considerado normal *não* usar.

Arregalei os olhos e prendi a respiração.

— Isso não me faz melhor, mas não querer ser cruel, com certeza faz de mim alguma coisa.

Eu podia sentir o hálito quente de canela no meu rosto enquanto Vlad falava.

Empurrei-o, ofegante.

Ele ainda me olhava com raiva.

Eu não queria bater nele, então, fiz a coisa mais próxima.

Abaixei-me, peguei uma quantidade de neve do chão e joguei uma bola de neve.

A bola acertou Vlad em cheio, bem no rosto.

Capítulo 19

Dahlia

UM SORRISO AMEAÇOU aparecer em meus lábios.

O homem mais poderoso de Nova York, um rei do submundo, foi atacado por uma bola de neve.

Eu queria rir.

Vlad apenas piscou e limpou o rosto com a mão coberta pela luva de couro. Formando uma linha fina e rígida com os lábios, ele deu passos rápidos na minha direção.

Hesitei tempo demais para fugir.

Até eu me dar conta, Vlad já tinha pego uma bola de neve, me virado de costas e enfiado por dentro do meu casaco e da minha blusa nas minhas costas.

Abri a boca em choque e meus dentes começaram a bater pelo frio. Que droga, aquilo era frio como gelo. Lancei um olhar para Vlad que eu esperava que dissesse *eu vou te matar.*

— V-você e-enlouqueceu? — consegui falar através dos meus dentes batendo enquanto tentava tirar a neve das costas da minha blusa, sem sucesso. A neve já estava derretendo debaixo das minhas roupas. Eu conseguia senti-la ficando parcialmente derretida, adormecendo a minha pele.

Os olhos de Vlad brilhavam. Agora, seu comportamento era brincalhão e convencido. A fera mal-humorada desapareceu tão rápido quanto tinha aparecido.

Revirei os olhos.

Ah, agora ele quer fazer gracinha.

Abaixei-me, peguei outra bola de neve e joguei, esperando arrancar aquele sorriso de seu lindo rosto.

Vlad bloqueou a bola com o antebraço, mas continuei o acertando com bolas de neve. Ele se inclinou para frente e me derrubou no chão.

Antes que eu me desse conta, já estávamos cobertos de neve.

Eu estava com tanto frio que não sentia mais os meus dedos. Acho que tive sorte de ter caído de costas e não de cara.

Vlad se esticou e pegou um pouco de neve para tacar em mim.

Uma risadinha escapou dos meus lábios por conta de seu comportamento infantil.

Mafiosos brincavam de guerra de bola de neve?

Joguei outra pequena bola de neve redonda. Ela o acertou no ombro e eu sorri, claramente satisfeita com o barulho que saiu dele.

Vlad jogou várias bolas de neve.

Uma acertou o meu ombro e a segunda bateu na minha garganta antes de deslizar por dentro da minha blusa, fazendo meu sangue congelar. Eu só estava usando um casaco de lã e luvas, sem gorro ou cachecol, porque só tinha planejado caminhar do lado de fora por menos de dez minutos. Eu não tinha me vestido para uma porcaria de guerra de bola de neve. Eu nem conseguia mais sentir os meus lábios ou dedos dos pés.

A terceira me acertou no rosto e cabelo, me cobrindo de flocos de neve.

Meus olhos congelaram com o impacto. Não foi forte, não doeu, mas a neve estava tão fria. Ela bateu bem no meu nariz, tirando o meu ar. Limpei meu rosto freneticamente, lutando para respirar. Eu tinha certeza de que minha pele estava ficando vermelha pelas queimaduras de gelo.

Vlad pausou ao perceber a minha expressão. Todo seu comportamento mudou e ele correu até mim.

O gelo parecia estar desacelerando a minha corrente sanguínea. De repente, senti minhas roupas pesadas demais, me deixando sem ar. Talvez eu estivesse em choque? Eu precisava tirar essas roupas. A neve ainda estava se infiltrando nelas.

— Por que v-você não e-está c-congelando? — disse enquanto meu corpo tremia de frio e Vlad tentava tirar a neve de mim.

Seus movimentos não eram mais calmos e calculados.

— Eu tenho mais calor corporal — respondeu ele.

Certo. Verdade. Que idiota da minha parte ter esquecido momentaneamente das

diferenças em nossas anatomias.

Meu corpo parecia um picolé.

— Você está muito gelada, Boneca — sussurrou.

Meu coração sorriu com suas palavras, mas a minha boca estava gelada demais para fazer o mesmo. Eu gostava quando Vlad me chamava assim. Os olhos dele observavam meus lábios intensamente. Talvez ele quisesse me beijar?

— Seus lábios estão ficando azuis. Acho que você está com hipotermia.

Acho que não.

Eu não disse nada. Em vez disso, passei os braços em volta do meu corpo, esperando ficar aquecida mais rápido. Meus dentes ainda batiam e eu estava mais do que tremendo. Quanto mais tempo passava, mais fria eu ficava.

— Vamos lá. Vamos tomar um banho quente — ordenou Vlad, com firmeza.

Ele pegou as minhas mãos e me ajudou a levantar. Eu não conseguia sentir as mãos dele muito bem. Já não tinha mais sensação nas minhas. Vlad apertou as minhas mãos lentamente e eu encontrei seu olhar cuidadoso. Eu senti esse toque.

Minha respiração estava rápida e eu não sentia o meu nariz. Estava tão dormente. Eu sabia que estava bem vermelho.

Rudolph.

Logo, fui colocada para dentro.

Rapidamente, Vlad e as empregadas me ajudaram a tirar o meu casaco de lã, as luvas, minhas botas encharcadas e minhas meias.

— Meus aposentos são mais perto que o seu quarto — disse Vlad, enquanto me guiava pelo corredor. Eu mal podia ouvir suas palavras. Minha visão entrava e saía de foco lentamente. Eu me sentia com muito sono, como se fosse perder a consciência a qualquer minuto.

Não registrei quando entrei no banheiro de Vlad. Cada vez que piscava, vislumbres de dourado e mármore preenchiam a minha visão.

Eu nunca fui ao quarto dele antes, muito menos ao banheiro.

Vlad me colocou dentro do box, entrando atrás de mim.

— Eu preciso te tirar dessas roupas — insistiu.

O hálito quente de Vlad tocou minha orelha gelada.

Consegui me virar, diante de sua estranha ordem. Eu só conseguia assentir. Eu não ligava para minha nudez neste momento.

As mãos de Vlad tiraram a minha blusa. Em vez de abrir o meu sutiã, ele arrancou o fecho. Talvez fosse mais rápido assim. Minhas mãos foram até a frente do meu peito, segurando meu sutiã estragado, mas Vlad tirou o tecido gelado de mim.

Eu não conseguia ver a expressão dele, já que ele estava atrás de mim e se abaixou, puxando minha calça jeans e calcinha. Vlad jogou minhas roupas molhadas para fora do box e abriu a torneira.

Arfei quando um jato de água gelada nos acertou. Tropecei para trás até minhas costas encontrarem o peito de Vlad.

— Merda, m-merda. Está t-tão frio. — minha voz era só pouco mais que um murmúrio.

Eu senti que morreria pelo frio. Eu só queria fechar os olhos e deixar a escuridão me levar para outro lugar completamente diferente.

Ouvi Vlad soltar um palavrão baixinho, antes de ligar a água quente. Ele me puxou contra si, debaixo da água agora quente, que me acertou com um jato repentino. A água quente e intensa contra o meu corpo gelado foi um choque.

Fiquei imóvel. Eu estava entrando em choque?

Pessoas podiam morrer disso. Era perigoso.

O encontro brusco do quente contra o gelado parecia queimar a minha pele e minha mente parecia perder o foco. Eu conseguia sentir meus olhos revirarem.

Vlad deve ter percebido o erro mais uma vez, porque xingou baixinho, e desta vez a si mesmo. Ele acelerou os movimentos. Talvez estivesse entrando em pânico. Ele não estava pensando racionalmente. Estava se movendo rápido demais, antes de pensar. Um sorriso fraco apareceu em meus lábios frios, pensando que ele estava ficando nervoso por minha causa.

Eu sentia meu cérebro congelando. Eu não sabia por que estava sorrindo.

Vlad soltou a respiração. Ele se inclinou por cima de mim para diminuir a intensidade da água quente para que ficasse morna.

Pisquei devagar, saindo do meu transe.

Eu ainda estava morrendo de frio, mas a intensidade estava diminuindo lentamente. A sensibilidade estava voltando para o meu corpo.

A água caía em Vlad também. Os braços dele estavam em volta do meu corpo, mas quando recostei contra a camiseta dele, o frio me tomou novamente e me afastei no mesmo instante.

Vlad deu um passo para trás e tirou a camiseta. Eu não sabia o que pensar sobre isso. Minha mente estava confusa quando olhei para trás, suas duas piscinas de cor cinza brilhando.

— É só a minha camiseta — disse ele, debaixo da água.

A água se pendurava nos longos cílios de Vlad, escorrendo pelo cabelo até o queixo. Ele tinha ficado de calça.

Eu assenti.

Ele não estava morrendo de frio também naquela calça gelada?

Meus olhos voltaram para os longos cílios dele. Por que alguns homens eram abençoados com cílios longos? Não tinham utilidade para eles. Esses pensamentos estranhos ficavam voltando à minha cabeça e eu percebi que não estava pensando direito.

Eu estava traumatizada, ainda com hipotermia. Talvez fosse isso. Estava afetando a minha mente também.

Vlad me puxou para perto e me abraçou com mais força. Ele ainda estava frio, mas estava ficando mais aquecido agora.

Mais pessoas, mais calor humano.

Nós ficamos assim, com ele me abraçando, por um tempo.

Vlad me abraçava por trás, não de lado, nem de frente. Ele estava criando uma distância entre nós? Seu peito estava pressionado contra as minhas costas e seus braços envolviam a minha cintura, me segurando perto.

Eu conseguia sentir os músculos firmes de Vlad contra as minhas costas. Quando minha mente ficou mais clara, percebi uma coisa. Eu estava nua, completamente nua comparado com a revista que ele tinha feito alguns dias antes. Vlad também estava seminu comigo pela primeira vez. Pisquei lentamente, tentando fazer minha

cabeça voltar a funcionar.

No entanto, minha mente se aprofundou nesse fato.

Era estranho. Nas três ocasiões, Vlad tinha tirado a minha roupa e eu não sabia se era porque ele queria.

A primeira vez com Enzo.

A segunda, durante a revista.

E dessa vez, porque quase morri.

Agora que estava mais aquecida, mais calma e pensando melhor, eu sentia tudo. O corpo todo de Vlad estava pressionado contra todo o meu corpo. Eu nunca tinha tomado banho com um homem antes. Era pessoal demais, íntimo demais, privado demais. Agora, eu o fazia com Vlad.

Eu não sabia qual era a direção dos olhos dele. Ele estava me olhando? Eu achava que não, porque com certeza sentiria o olhar dele em mim, me queimando.

— Você está bem? — perguntou ele, depois de um tempo.

Fechei meus olhos ao ouvir suas palavras. Parecia que ele se importava.

Uma sensação de vulnerabilidade me atingiu.

Não pense que ele tem um coração. Não pense que ele tem um coração. Uma fera não é um homem. Eu repetia esse mantra na minha cabeça, mas ele desapareceu quando Vlad falou de novo.

— Por um segundo, achei que tinha perdido você — sussurrou ele. Prendi a respiração, com medo do que ele diria a seguir. Era medo de verdade? — Seus lábios estavam azuis. Você não estava respirando direito. Se eu demorasse mais alguns minutos para te trazer para dentro... eu... — sua voz sumiu.

Eu nunca tinha visto Vlad Vitalli sem palavras antes.

Eu não queria virar e o olhar. Eu não queria saber como seus olhos estavam agora. Talvez estivessem mais suaves. A expressão dele diria muita coisa. Eu queria deitar na minha cama em posição fetal e dormir durante dias. Não respondi enquanto tentava acalmar a minha respiração. Eu esperava que Vlad não conseguisse ouvir o meu coração quase saindo do meu peito, estava batendo tão rápido.

Ele ficava melhor sem emoção.

— Boneca... — sussurrou de novo. Estremeci com o apelido porque eu estava começando a gostar demais dele. — Você não me disse se está bem.

Exalei lentamente e abri a boca para falar.

— Estou bem.

Minha voz saiu em um sussurro irregular. Eu ainda estava rouca como resultado dos eventos do dia. Eu esperava que ele não perguntasse sobre isso.

Vlad suspirou e seus braços apertaram a minha cintura possessivamente.

Antes, meus braços estavam ao redor do meu peito, não para me cobrir, mas para atrair mais calor corporal. Agora, meus braços estavam abaixados ao lado do meu corpo. Não abracei Vlad enquanto ele me abraçava. Eu estava aquecida o suficiente. Eu deveria me afastar, mas por algum motivo fiquei do jeito que estava. Estava ficando difícil falar, mas fiquei feliz por ele não poder ver o meu rosto.

— Por que você me chama de Boneca? — perguntei baixinho, tentando me distrair. Eu queria tirar a tensão do ar. Senti falta da guerra de bola de neve. Nós estávamos nos divertindo tanto e me deixava triste o fato de que as coisas boas nunca duravam.

Ouvi Vlad dar uma risada contra o meu cabelo.

— Por causa do seu nome, *Dahlia.*

Ah. Essa não era a resposta que eu estava esperando.

Parecia que ele estava zombando de mim agora.

— O que você pensou? — murmurou ele contra o meu cabelo.

A água estava nos atingindo com menos força agora. Vlad diminuiu a intensidade, ficando mais fácil para falarmos.

Fiquei calada antes de responder, me encolhendo.

— Que você me via como uma boneca... um brinquedo que você queria quebrar.

O corpo de Vlad ficou tenso. Por um instante, fiquei com medo de ter falado errado, o acusado de algo de novo, mas ele respondeu:

— Eu olho nos olhos de mulheres quebradas todos os dias. — minha respiração falhou. — De serem usadas, menosprezadas, infelizes. Eu as vejo nos bordéis e quando os carregamentos chegam.

Eu estava chocada com a admissão de Vlad.

Esperei, ansiosa, querendo mais dele.

— Não há nada bonito em ser quebrada — disse ele, finalmente. — Não é algo que eu imaginei para você.

Eu estava impressionada com suas palavras.

Então, o que você imaginou para mim?

As palavras estavam na ponta da minha língua, mas eu lutava para formar a frase.

— Por que você está quieta? Lá fora você estava tão animada — falou, provocando. A voz dele possuía um tom de humor e eu tinha certeza de que ele estava sorrindo.

Os braços de Vlad se moveram em volta da minha cintura antes de ele abaixar a cabeça até o meu pescoço, me puxando para perto.

— Você está com medo agora, Dahlia?

Sua voz era como um murmúrio contra a minha bochecha. Meu nome em sua boca parecia um ronronado. Eu queria que ele repetisse. Meu nome nunca soara tão poético antes.

Senti algo cutucar a parte inferior das minhas costas, a excitação de Vlad evidente.

— Você nunca me disse por que foi transferida nos lares adotivos.

Isso me tirou do transe hipnótico em que eu me encontrava. Com as palavras de Vlad, meus sentidos ficaram alertas e minhas barreiras se ergueram.

— Você nunca me contou sobre a sua mãe — rebati. Vlad ficou tenso e, por um instante, fiquei com medo que ele estivesse se afastando. — As coisas que você esconde em seu coração vão te matar.

Ele suspirou atrás de mim.

— Me contaram que ela morreu quando eu era criança — murmurou ele. Meus olhos se arregalaram. — Nunca disseram uma data ou quando foi o funeral dela. Eu perdi minha infância muito cedo.

Puxei o ar e perguntei: — Como ela morreu?

Vlad deu uma risada com o rosto no meu cabelo. Eu gostava de ouvi-lo rir.

— Isso não é justo. Você devia responder uma pergunta minha agora — retrucou. Eu fiz bico. — O que aconteceu com você nos lares adotivos?

Pressionei meus lábios, me perguntando quanto eu deveria revelar sobre o meu passado.

— Experiências ruins com meus guardiões, principalmente os pais — respondi, esperando que essa resposta fosse o suficiente.

Olhei para minhas mãos enrugadas. Nós estávamos há muito tempo debaixo do chuveiro e meus dedos agora pareciam ameixas secas.

Voltei a falar antes que ele pudesse me fazer mais perguntas.

— Como a sua mãe morreu?

— Meu pai disse que atirou nela e cortou a cabeça — admitiu Vlad, depois de um tempo.

Um arrepio repentino me atravessou antes que eu pudesse evitar e Vlad sentiu, é claro. Meu coração estava prestes a sair pelo meu peito.

— P-por quê? — gaguejei.

— Você não joga limpo — repreendeu de leve, apesar de eu sentir que suas emoções eram fortes sobre esse assunto sério. — Ele disse que minha mãe traiu sua confiança.

Tantas perguntas se agitavam em meu estômago.

Eu queria saber tudo sobre ele. Eu queria conhecê-lo. O Vlad real.

— Nós devíamos sair do chuveiro. Estamos aqui há muito tempo.

Mas eu fiquei parada, imóvel.

— Boneca? — chamou ele, em voz baixa.

Continue me chamando assim, eu queria dizer.

Meus olhos desceram até os braços tonificados e musculosos que estavam em volta da minha cintura. Eu queria movê-los pelo meu corpo. Eu o queria em volta de mim. Eu não podia mais culpar a hipotermia ou o choque por isso.

Eu ainda estava com sono, mas não estava mais em choque.

Era simples.

Eu o queria.

Eu queria Vlad Vitalli.

Meu dedo traçou o braço bronzeado que estava enrolado na minha cintura. Atrás de mim, Vlad puxou o ar. Meus dedos tinham vontade própria agora. Eles estavam fascinados por Vlad, por seu cheiro, sua presença e seu corpo.

— O que você está fazendo? — murmurou em meu ouvido.

Capítulo 20

Dahlia

MEU CABELO MOLHADO grudava em nossas peles como se nos unisse.

Levantei a cabeça e olhei.

Meus olhos aquecidos encontraram os olhos frios de Vlad.

Havia perguntas em seus olhos, mas ele não disse nada. Apenas me encarou.

Aproxime-se de Vlad.

Talvez fosse mais fácil aceitar. Isso iria acontecer um dia. Eu sabia o jeito como Vlad me olhava, mesmo quando não estava tentando olhar. Eu não era cega ou imune ao seu charme. Longe disso. Eu sentia profundamente cada olhar, cada toque.

Minhas costas estavam contra ele, recostando em seu peito. Ele era muito bonito, como se tivesse sido moldado cuidadosamente por Deus. Eu não queria admitir, mas sua beleza era assustadora com suas feições robustas. Se você os tirasse, ele era assombroso.

Vlad Vitalli. *Vladimir.*

Um nome clássico para alguém como ele.

Eu não sabia se eram apenas os meus hormônios aprontando porque estávamos expostos um ao outro, mas eu sabia que o queria mais perto de mim. Os olhos de Vlad estavam semicerrados enquanto ele me olhava, seu cabelo preto molhado caindo nos olhos.

Eu dei o primeiro passo.

Levantei a mão e coloquei o cabelo dele atrás da orelha, acentuando seus traços italianos.

Continuei o encarando, atordoada para ver o que ele faria a seguir.

— Você é uma beleza cruel — sussurrou. — Estou tentando ser um bom homem.

Sorri pelas palavras de Vlad.

Ele está tentando. Eu não tinha olhado as coisas pela perspectiva de Vlad antes. Em uma vida cheia de violência e derramamento de sangue, ele estava tentando escolher um caminho diferente para si.

Com o meu sorriso, um brilho apareceu nos olhos estreitos dele.

A excitação de Vlad estava queimando em seu olhar e eu sentia esse olhar, essa química entre nós, até os meus dedos do pé.

Meu olhar desceu até os lábios cheios e molhados de Vlad.

Preenchi a distância entre nós. Me inclinando para cima, pressionei meus lábios contra os lábios quentes dele. Foi um pequeno movimento, mas foi tudo. Fechei meus olhos debaixo dele e... Vlad me beijou de volta.

Vlad gemeu na minha boca antes de pressionar mais os lábios contra os meus, aprofundando o beijo enquanto acariciava meus lábios. Ele tinha o gosto tão doce, fazendo um raio correr pelas minhas veias. Nossas bocas se apresentaram. A língua de Vlad deslizou para dentro da minha boca, explorando, tomando o que ele queria. Vlad estava caçando. Vlad estava caçando uma forma de entrar em mim, na minha boca, no meu corpo, e eu deixei.

Meu Deus, eu deixei.

Ele mordeu o meu lábio e um pequeno gemido traidor deixou a minha boca. Eu o queria. Eu queria mais. Vlad era uma fera que eu não deveria querer, mas eu queria ser consumida por ele. Eu me sentia extasiada, absorta e maravilhada.

Os braços de Vlad ainda estavam na minha cintura, segurando com força, mas se recusando a mover para cima ou para baixo para me tocar em outro lugar. Minhas costas estavam firmemente pressionadas contra seu peito. Levantei as mãos dele da minha cintura e as coloquei sobre os meus seios. Eu queria que ele me tocasse ali.

Quando suas mãos os tocaram, Vlad parou o beijo antes de abrir os olhos. Encarei-os diretamente. Ele voltou a me beijar, me fazendo sorrir. Vlad fez um barulho antes de suas mãos se apertarem à minha volta, me tocando, apertando meus seios. Sua pegada era forte agora, segurando a minha carne e deixando rastros de fogo para trás. Meus mamilos molhados ficaram duros sob o toque de Vlad e doíam, querendo a boca dele de volta.

Vlad deslizou a boca pela minha mandíbula, deixando beijos leves até parar no meu pescoço. Ele chupou o ponto sensível atrás da minha orelha e lambeu a água

dali até que eu estivesse gemendo e me contorcendo em resposta. Ele continuou a me torturar enquanto passava o nariz no meu pescoço. Vlad enfiou uma das mãos em meu cabelo molhado, puxando-o com força e expondo o meu pescoço enquanto a outra mão continuava em meu seio, segurando e massageando.

Eu queimava de desejo ao mesmo tempo em que gemia contra Vlad.

Minha pele estava quente e tensa debaixo dele.

Eu estava me afogando com a água morna que ainda caía.

Estava me afogando em medo e excitação.

Eu estava me apegando demais.

Vlad estava mexendo com a minha cabeça.

Ele era bruto e gentil.

Cruel e disciplinado.

Intenso e apaixonado.

Eu não o amava. Era só desejo.

Sim, talvez fosse só isso. Podia ser algo puramente sexual, mas por que parecia muito mais que isso? Eu sentia que se seguíssemos com isso, não teria volta.

Virei-me rapidamente, quebrando o beijo, e meus seios pressionaram contra o peito de Vlad. Eles roçaram contra seus pequenos cachos pretos. Eu estava de frente para ele agora, ofegante. A própria respiração de Vlad estava áspera enquanto ele me olhava. Desejo brilhava nas profundezas geladas de seus olhos. Tinha algo aterrorizante e fascinante sobre olhos profundos e a forma como eles me olhavam. Dúvida atravessou o rosto de Vlad. Ele estava hesitando, esperando por mim.

Isso me dava tanto medo.

Levantei a cabeça, segurando o pescoço de Vlad antes que puxá-lo em minha direção com uma das mãos e deixando a outra repousar sobre seu peito, sentindo seus músculos bem definidos. Ele tinha cicatrizes e marcas que eu nunca tinha visto antes. As tatuagens gravadas em seu corpo enchiam a minha visão, uma vida inteira de violência marcada na pele.

Percebi uma tatuagem que dizia *Minha carne irá queimar.*

O que isso significava? Percebi outra tatuagem, de cruz. Outra, tinha asas. Passei

minhas mãos nas curvas e símbolos no peito de Vlad e ele se arrepiou.

Sorri para mim mesma.

Eu o tinha beijado primeiro.

A mandíbula de Vlad estava tensa e seus olhos queimavam com desejo.

— O que essa tatuagem significa? — perguntei, traçando a tatuagem com asas.

— É o meu título e o símbolo da nossa família — respondeu, depois de um instante. — Eu tenho uma no meio dos meus dedos também. É mais fácil de reconhecer a posição.

Ah, agora eu estava fascinada. Eu estava prestes a pegar o dedo de Vlad, tentando ver a pequena tatuagem ali, mas ele tirou a mão.

Olhei para cima, surpresa e confusa.

— Descanse — sussurrou Vlad.

— Você sempre fala para eu ir descansar. — fiz bico e Vlad estreitou os olhos. — Eu não estou cansada — sussurrei, levantando a cabeça e passando a mão no meio do peito dele. Eu estava desobedecendo suas ordens.

Vlad ainda estava tentando parar isso, mas era tarde demais. O desejo nublava minha mente, aquecendo cada centímetro do meu corpo. O desejo corria em mim, fazendo cada centímetro da minha pele formigar. Eu já estava viciada nele. Eu simplesmente sabia que não teria o suficiente dele.

— Caralho, o que você quer de mim? — perguntou Vlad bruscamente, agarrando a minha mão e me fazendo parar no meio do caminho.

Eu encontrei seu olhar firme e intenso de novo.

Meu rosto se iluminou com um sorriso provocador.

— Você está com medo agora, *Vladimir*?

Usei as palavras que ele tinha usado mais cedo.

Ele rosnou baixo, ferozmente, como se estivesse frustrado consigo e irritado comigo. Os lábios de Vlad desceram até os meus com força. Havia agressividade no beijo e ele respondeu como se quisesse me devorar e, droga, eu deixaria. Seus lábios eram quentes e habilidosos, sua língua deslizando para dentro da minha boca. Nós estávamos envolvidos em um abraço ardente que me desconcertava. Minhas mãos

agarraram o cabelo dele, puxando. As mãos dele deslizaram na minha cintura para me segurar com firmeza.

Eu nunca tinha sido beijada assim em toda a minha vida.

Isso me fez queimar como uma fogueira.

Antes, tinha a ver com necessidade. Agora, era apenas o desejo.

Eu sentia como se estivesse ultrapassando um limite e que eu devia parar essa loucura antes que eu ficasse presa. Antes que se tornasse difícil demais para escapar. Nós estávamos andando em uma corda bamba e eu queria pular dela. Cada pensamento racional sumiu da minha mente. Se eu não tivesse cuidado, eu perderia o controle.

Vlad arrastava os lábios nos meus. Isso não era amor, mas eu não sabia o que era essa coisa que fervilhava entre nós. Não parecia luxúria, apesar de eu desejá-lo. A solidão estava crescendo dentro de mim e eu esperava que ele preenchesse o vazio. A tensão que crescia na atmosfera, embaçando o box, era muito maior do que nós dois. O fogo entre nós ameaçava nos devorar. Ele nos mataria um dia.

O gosto de Vlad era tão bom. Eu odiava que ele fosse o meu inimigo, o meu captor, a fera.

Vlad se afastou de mim abruptamente.

Fiquei confusa pela separação repentina, querendo puxá-lo para mim mais uma vez. Percebi que Vlad tinha fechado o chuveiro. Antes que eu percebesse, minhas pernas estavam em volta da cintura dele e estávamos entrando no quarto.

Gemi quando meu sexo pressionou contra sua barriga musculosa e firme.

Vlad me olhou, com um pequeno sorriso.

Idiota. Babaca sorridente.

Abaixei a cabeça e mordi o lábio de Vlad, para fazê-lo parar de sorrir.

Ele me jogou na cama, mesmo eu estando encharcada do banho.

Vlad estava acima de mim enquanto eu estava exposta diante dele. Apoiei-me nos cotovelos enquanto o olhava. O olhar ardente de Vlad me analisou enquanto o desejo corria pelas minhas veias. Eu não sentia necessidade de me cobrir sob seu olhar faminto e errante. Eu gostava que ele me olhasse. Vlad era a ameaça mais sexy de todas e isso estava me excitando.

— Você é *tão* linda — disse ele.

Minhas bochechas coraram com o elogio.

Vlad tirou o resto de suas roupas molhadas e eu o analisei. Melancólico, misterioso e perfeito. Meus olhos deixaram o rosto de Vlad e vagaram para baixo, observando com fascínio enquanto ele tirava o cinto e abria o botão da calça antes de abaixar o zíper. A seguir, a cueca boxer se foi. Engoli em seco. Isso estava realmente acontecendo. Observei o tamanho dele. O membro de Vlad estava tão cheio, rosado e grande, e eu fiquei com medo que pudesse me machucar.

Ele era lindo, mas letal.

Olhei para cima, cautelosa e nervosa.

Vlad se moveu em minha direção e eu me afastei alguns centímetros.

Ele parou e inclinou a cabeça para o lado.

— Você está com medo, Dahlia?

A voz dele era reconfortante e gentil. Não era nada parecida com o jeito provocador que ele tinha usado mais cedo. Vlad não estava mais provocando, ele realmente queria saber.

Engoli com dificuldade e encontrei seu olhar suave.

— Por que você se importa, Vlad? — perguntei timidamente. — Até parece que você está apaixonado por mim — sorri atrevida. Eu não conseguia evitar. Talvez fosse o meu jeito de suprimir o que eu estava sentindo. Fazendo piada.

Os olhos de Vlad brilharam.

— Não fique tão convencida — disse ele, sorrindo de lado e erguendo uma sobrancelha. Vlad perdeu o sorriso quando se abaixou e pegou meu mamilo com a boca, entre seus dentes, e aumentou a pressão até que eu estivesse gemendo debaixo dele. Joguei minha cabeça para trás e fechei os olhos, tentando relaxar por um segundo. Os dedos calejados e ásperos dele traçavam o meu outro mamilo.

Vlad se afastou por um segundo antes de colocar um dedo na boca. Encarei, fascinada e incerta sobre o que ele estava fazendo. Vlad deslizou o dedo molhado sobre um dos meus mamilos quentes em um lento movimento espiral. Deixei escapar um pequeno suspiro. Isso era tão diferente. Tão erótico. Isso me fazia corar. Minhas bochechas estavam ficando mais quentes a cada segundo.

Sua barba por fazer arranhava a minha pele suave enquanto ele dava beijos intensos no meu corpo. Ele deixava uma trilha de frio e calor, o que me dava arrepios de desejo e excitação.

— Vlad — murmurei contra o cabelo dele, enquanto ele mostrava atenção e adoração aos meus seios.

— Eu amo isso aqui — sussurrou contra a minha pele, segurando meus seios. — Mal posso esperar para ver você em cima de mim e vê-los balançando.

Minha respiração parou.

O que ele disse?

Vlad notou minha expressão de surpresa e o brilho em seus olhos voltou.

— O quê? Sem falar sacanagem? — perguntou, se inclinando e me chupando de novo.

Vlad sustentou o meu olhar o tempo inteiro. Ele desceu pelo meu estômago, distribuindo beijos. Antes que eu soubesse o que Vlad estava fazendo, sua língua roçou contra meus nervos sensíveis.

Deixei um gemido tenso e desesperado escapar, meus olhos revirando.

O polegar dele me acariciou, encontrando o ritmo perfeito para me deixar louca. Vlad enfiou um dedo em mim enquanto ainda me tocava. Tentei segurar um gemido, mas não consegui.

Era um sentimento estranho, mas, ah, como eu queria mais.

Meu coração batia com tanta força contra o meu peito.

Era um território perigoso. Íntimo demais.

Eu nunca tive alguém fazendo sexo oral em mim. Eu estava entregando a Vlad uma parte de mim que eu nunca compartilhei com ninguém antes. Apesar de já termos passado dessa fase. Eu também nunca tinha tomado banho com um homem.

Olhei para Vlad, que ainda estava me lambendo e chupando. Esse homem, que estava entre as minhas pernas, era o responsável pelo meu cativeiro. Eu não podia esquecer disso. Nunca. Mas o jeito como ele usava a língua estava me enlouquecendo, me lambendo, me levando ao limite enquanto chupava meu clitóris. Senti os dentes dele rasparem levemente em mim, o que fez o meu corpo tremer com cada suspiro que eu dava. Meus joelhos tremiam violentamente e eu

agarrei o lençol como se estivesse prestes a cair. Com certeza, não havia volta agora.

Passei uma das mãos pelo cabelo sedoso de Vlad, puxando-o mais para perto enquanto eu gemia, gozando. As mãos dele agarraram a minha cintura para me estabilizar. Eu era uma bagunça histérica, pulsando e girando debaixo dele. Eu estava sem fôlego, provavelmente descabelada. Mais cedo, pensei que estava no controle, mas eu estava tão errada. Vlad tinha o controle. Sempre teve.

Depois de alguns instantes, minha respiração começou a se acalmar.

Senti Vlad se posicionar na minha entrada.

Ele parou e me olhou. Ele estava esperando permissão? Esse pequeno gesto criou um nó na minha garganta. Estava ficando tão difícil odiá-lo. Eu me preparei para encontrar um monstro, mas encontrei algo bem diferente.

Puxei o ar enquanto Vlad empurrava para dentro de mim.

Nós estávamos unidos agora.

Eu só queria Vlad, mais ninguém.

Meu inimigo, meu amante.

Ele era tão grande que era quase desconfortável. Eu deveria sentir vergonha. Vlad tinha me sequestrado, mas eu gostava demais disso tudo para sentir culpa. Eu o convidei para dentro do meu corpo, recebendo-o mais profundamente.

Os olhos dele escureceram.

— Você está bem? — perguntou com a voz rouca.

Havia uma preocupação genuína na voz dele. Eu só assenti, sem querer que ele parasse. Eu sabia que ele não era um bom homem, mas agora também sabia que ele estava tentando. Tudo era frio e duro nesse novo mundo cruel.

Eu o queria.

Queria ficar com Vlad.

Apertei as minhas pernas em volta dele e o mantive no lugar. Vlad começou a se mover mais uma vez e o prazer se intensificou, permitindo que ele fosse mais fundo em mim. As estocadas eram tão boas. Nós combinávamos como duas peças de um quebra-cabeça e eu fui ao limite.

Era tão bom que beirava a dor.

Senti meu interior convulsionar e pulsar em volta de Vlad enquanto ele metia em mim. Quase doía, de novo e de novo, um sentimento tão intenso que dava pontadas a cada libertação. Meus músculos tensionaram em volta dele, puxando-o para perto. Tremi de tanta satisfação. Vlad saiu de dentro de mim, se apoiou e começou a se mover em mim em movimentos lentos e constantes. Arqueei-me debaixo dele, choramingando, gemendo, puxando-o mais para perto com os braços enquanto ele me alargava. Ele meteu com mais força e mais profundamente e eu o recebi. Meu corpo se desdobrou para recebê-lo. Enquanto se movia, Vlad grunhia, indo mais rápido e eu arranhava as costas dele, marcando-o.

Os olhos de Vlad queimavam em mim, nunca deixando o meu rosto, vendo as minhas expressões de luxúria e vulnerabilidade enquanto eu gozava. Era tudo para os olhos dele.

— Mais, Vlad — sussurrei, sem me reconhecer.

Vlad deu uma risada.

— Diga a palavra mágica.

Eu sabia do que ele estava falando.

— *Por favor* — pedi suavemente.

Vlad meteu mais fundo.

Eu gemi e agarrei os ombros dele.

Não sei o que me fez perguntar, ainda assim, perguntei.

— Se eu pedir por favor, você me liberta?

Eu não queria ter muitas esperanças.

Os lábios de Vlad se ergueram em um sorriso. Os olhos dele se gravaram nos meus.

— Eu *nunca* vou te libertar, Dahlia. Você é *minha* agora.

Dele.

Revirei os olhos, levantei a cabeça e gozei de novo.

O vazio repentino foi mais doloroso que tudo quando Vlad se retirou e gozou.

Eu queria que ele ficasse lá para sempre.

Eu queria ficar com ele.

Debaixo dele.

Ele dentro de mim.

Eu o deixaria entrar agora. No meu corpo, mas também na minha mente.

Pelo menos meu coração e minha alma ficaram intactos.

Eu esperava que sim.

Capítulo 21

Vlad

VLAD ESTAVA SENTADO perto da lareira com Dahlia. Eram só eles. Seus homens não estavam por perto. Ele gostava de como as chamas projetavam sombras na pele pálida de Dahlia, iluminando-a e tornando-a mais brilhante.

Tinham se passado dois dias desde que eles dormiram juntos e Vlad não a procurou desde então. Ele imaginou que ela pudesse estar dolorida. Ele sabia que Dahlia não era virgem, mas ainda era apertada e ele não foi gentil. Vlad não sabia quando foi a última vez que ela transou. Ele não tinha perguntado. Franziu a testa, pensando que deveria ter sido mais cuidadoso. Ele não tinha usado camisinha, nem ela pediu que o fizesse.

Vlad olhou para Dahlia, na frente dele. Ela usava uma camiseta vinho em gola V e uma calça jeans clara. Ele não sabia por que ela não escolhia vestes mais luxuosas e, em vez disso, procurava as roupas mais casuais e confortáveis. Isso o fazia sorrir. Dahlia não precisava seduzi-lo, tudo o que precisava fazer era ser ela mesma.

Era isso que Vlad gostava. Ela era real.

Dahlia não tinha que tentar impressioná-lo. Vlad tinha dado um dos guarda-roupas mais caros com vestidos de grife e sapatos *Louboutin*, mas ela usava principalmente calças jeans. O rosto dela estava limpo, exceto pelo kajal que marcava seus olhos. Vlad não sabia dizer se ela estava usando outra coisa no rosto. As chamas da lareira criavam uma aparência natural e viçosa na pele dela.

Dahlia estava deitada na frente dele, apoiando a cabeça no braço do sofá enquanto olhava para a lareira. Os peitos dela pareciam estar brincando de esconde-esconde com ele. Excitação se agitou dentro de Vlad mais uma vez.

Ele a queria debaixo dele, em cima dele, em seu colo, de quatro. Vlad queria se aproximar dela, mas Dahlia parecia confortável demais. Uma necessidade intensa de tomar a criatura desejável à sua frente aumentou em Vlad, mas ele podia dar a ela alguns minutos para aproveitar.

— Eu não usei camisinha — disse, sem rodeios.

Dahlia o olhou, surpresa, antes de sorrir com as bochechas corando.

— Eu tomei uma injeção de anticoncepcional recentemente.

Ah. Vlad suspirou de alívio. Depois, ficou desconfiado.

Para quê? Ela não tinha namorado.

Vlad olhou para Dahlia mais uma vez, querendo mais informações.

Ela sorriu timidamente.

— Encontros casuais.

Vlad franziu a testa, ciúme queimando na boca de seu estômago.

— Por que você não lutou com meus homens quando eles te levaram? — perguntou ele, tentando se distrair dos pensamentos cheios de ciúme.

Essa pergunta estava na cabeça de Vlad há algum tempo.

Dahlia o olhou, uma expressão reservada tomou as feições dela. Às vezes era difícil saber o que ela estava pensando. Ela estava sempre alerta.

— Todos tinham armas. Não parecia algo inteligente.

Vlad assentiu e parou.

— Mesmo assim, você me atacou com uma faca. Como isso foi inteligente?

Dahlia suspirou profundamente.

— Eu vi uma chance e aproveitei. Talvez eu não estivesse pensando bem, mas eu sabia que uma arma era mais forte que apenas as mãos. Alcança o inimigo mais rápido.

Vlad sorriu.

— Ainda inimigos? Achei que éramos amantes agora — disse ele, sussurrando a palavra *amantes,* como se fosse o segredinho deles.

As bochechas de Dahlia ficaram vermelhas. Ela colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha nervosamente, antes de desviar o olhar para qualquer lugar além de Vlad.

Ele escondeu um sorriso pela expressão dela, pela vulnerabilidade. Ele gostava quando isso aparecia por entre as barreiras. Dahlia parecia mais inocente, como uma gatinha em vez da tigresa que ela gostava parecer.

Não que Vlad se importasse.

Ele gostava igualmente da mente forte de Dahlia, de seu espírito impetuoso e sua coragem.

— Eu não faço ideia do que você está falando — murmurou Dahlia, sentando e brincando com as mãos, procurando outra distração.

Vlad riu da reação envergonhada de Dahlia.

— Eu quero ver quão bem você luta — disse ele. Isso a pegou desprevenida.

Dahlia o encarou com cautela.

— Luta? — perguntou ela.

Sim, me mostre do que você é capaz.

Vlad ergueu uma sobrancelha, sorrindo.

— Sim, Boneca, luta — respondeu ele, zombando, como se estivesse falando com uma criança.

Dahlia pressionou os lábios, claramente não gostando da ideia.

— Achei que você gostaria da ideia de dar um soco — falou, de brincadeira.

— Com quem você quer que eu lute? — perguntou, com a cabeça inclinada para o lado.

Vlad sorriu maliciosamente, gostando da reação dela.

— *Eu.*

Dahlia congelou e bateu com as costas no sofá, surpresa. Ela piscou. Obviamente, ela não esperava por isso. O rosto de Dahlia se iluminou com um sorriso largo.

— Você quer que eu te dê uma surra?

Vlad amava aquele sorriso.

Amava? Que porra é essa, Vlad?, a voz interior dele chamou a atenção.

Ele ignorou e deixou o pensamento de lado.

— Boa sorte. — ele deu de ombros.

Os lábios de Dahlia formaram uma linha fina.

— Não pegue leve comigo só porque acha que eu sou fraca.

Vlad sorriu.

— Vou tentar.

— Se eu vencer, ganho a minha liberdade? — sorriu, convencida. Ela era uma garota esperta. Quase esperta demais. — Você está com medo, Don, que eu acabe com você? — disparou. Os olhos de Dahlia pareciam rir.

Vlad parou, arregalando os olhos antes de se recompor. Os lábios dele se curvaram mais uma vez.

— Sob circunstâncias diferentes, você seria morta por falar comigo assim. Sorte sua que eu gosto de você.

E muito, terminou bem baixinho.

Dahlia fez um barulho de desgosto com a boca, contrariada. Ela parecia estar ficando muito confortável perto dele. Ela repousou as mãos na barriga.

— Que tal... Se eu ganhar, eu te levo para sair? — ofereceu.

Que porra você está pensando, Vlad?

Talvez ele não devesse fazer isso. Ela sabia como se defender. Dahlia seria impulsiva e agarraria qualquer oportunidade para fugir, mas, ainda assim, ele queria levá-la para sair. Ela estava presa nesta casa há mais de 2 meses.

Dahlia arregalou os olhos antes de sorrir.

— De verdade?

Ela levantou a voz, sem acreditar.

— Sim, eu prometo — respondeu ele. Seus olhos se focaram nela. — Se eu ganhar, eu vou poder te foder... — Vlad esperou pela reação de Dahlia antes de terminar a frase. Ele conseguiu uma. Os lábios dela se partiram e a pele dela corou com suas palavras grosseiras. Ele continuou, com um sorriso: — Contra a parede.

Mesmo à distância, ele pôde ver Dahlia prendendo a respiração. Ela pigarrou e o encarou.

— Combinado.

Dahlia não tinha juízo?

Ela não fazia ideia do tipo de acordo que tinha acabado de fazer.

— Onde vamos lutar? — perguntou.

Vlad olhou ao redor, satisfeito.

— Eu gosto das paredes daqui.

Vlad gostava de implicar com Dahlia, principalmente quando ela se irritava. Dahlia ficou de boca aberta. Então, ela lançou adagas com o olhar.

Vlad se levantou e ela fez o mesmo rapidamente. Ele tirou o relógio e o deixou na mesa perto dele, junto com o celular. Ele percebeu quando os olhos de Dahlia seguiram o telefone. O fato de ela ainda querer escapar e ficar alerta perto dele o deixava triste.

Eles começaram a cercar um ao outro.

Vlad não deu o primeiro passo, esperou por ela.

Dahlia se aproximou. Ele permitiu e não fez nada. Ela deu um soco forte na mandíbula de Vlad, fazendo a cabeça dele ir para trás.

Pego desprevenido, Vlad olhou para Dahlia.

Ela batia bem.

Ela congelou e mordeu o lábio, com medo de ter passado dos limites.

Vlad passou a mão no rosto antes de provocá-la.

— É só isso que você sabe fazer?

Os olhos de Dahlia se estreitaram e ela assumiu uma postura de combate. Inclinou-se para frente para socar Vlad mais uma vez, mas ele desviou. Dahlia o chutou, acertando-o no peito e fazendo com que ele soltasse um grunhido. Vlad se afastou, um sorriso diabólico aparecendo em seus lábios.

Ele gostava de lutar com ela.

Dahlia estreitou os olhos, talvez pelo sorriso de Vlad, antes de atacá-lo novamente, mas Vlad passou por baixo dela, torcendo o corpo de Dahlia e tirando a camiseta dela, descartando-a.

Dahlia gritou. O barulho era doloroso para os ouvidos de Vlad.

— O quê? Você não pode tirar as minhas roupas!

Vlad apenas sorriu e deu de ombros.

— Estou deixando-a preparada. — Ele deu uma piscadinha de brincadeira.

Tudo que Vlad notava era que ela estava parada em seu jeans claro e sutiã preto.

Ela parecia a deusa da morte. O peito dela subia e descia na frente dele. Dahlia ficou reta, cercando Vlad, pronta para atacar.

Essa é a minha garota.

Dahlia se lançou em Vlad, mas ele bloqueou o soco com o antebraço. Ela o acertou no estômago, fazendo-o se encolher. Vlad olhou para o rosto sorridente de Dahlia e agarrou os braços dela, conseguindo prender as mãos dela nas costas. Dahlia tentou chutá-lo, mas Vlad prendeu as pernas dela com as suas. Ele se inclinou e mordeu o pescoço dela.

Dahlia soltou um gritinho e começou a arranhar as costas de Vlad.

— Sem unhas. Isso é contra as regras — murmurou ao mesmo tempo que um gemido deixava seus lábios.

— Está falando sério? Você está mordendo o meu pescoço! — gritou ofegante.

— Acho que não posso bater em você. Sinto que se fizer, você provavelmente vai *morrer* — disse Vlad, com a expressão divertida, se afastando e colocando distância entre os dois.

Dahlia franziu a testa, sua mão tocando o ponto recém-mordido.

— Você não joga limpo — murmurou.

Vlad ergueu uma sobrancelha.

— Eu estou sendo legal! — exclamou.

Dahlia estreitou os olhos antes de alcançar Vlad mais uma vez. Ele estava esperando um soco, mas, em vez disso, ela se abaixou e o chutou no joelho, fazendo com que ele caísse.

Os olhos de Vlad dobraram de tamanho quando ele caiu de barriga para baixo com um barulho abafado. Ele não teve qualquer chance de reagir enquanto caía no chão acarpetado. As mãos de Vlad bateram contra o chão e ele olhou para Dahlia por cima do ombro.

Ela estava nas costas dele, prendendo-o.

— Você se rende? — perguntou ela, sua respiração fazendo cócegas na orelha dele.

Vlad apenas sorriu. Rapidamente, ele se virou, segurando o corpo de Dahlia e

fazendo-a sentar em cima dele.

Dahlia parecia surpresa. Ela começou a se afastar, mas Vlad levantou os bojos do sutiã dela para cima, expondo seus peitos.

Ela deixou escapar um som de surpresa.

— Está r-roubando! — gaguejou acusatoriamente.

— Ah, é? — desafiou. — E quem vai me parar?

Não tinha um juiz.

Vlad balançou as sobrancelhas, brincando.

Ele rasgou o sutiã dela, ignorando os protestos.

— Você rasgou minhas roupas! — gritou.

Um sorriso provocador apareceu no rosto de Vlad. Ele sorria tanto esses dias, desde que Dahlia entrara em sua vida. A princípio, ele dava meio-sorrisos, mas agora, Vlad se encontrava sorrindo e rindo perto dela com mais frequência.

Pequenas mudanças, mas ele não deixava de perceber o efeito que Dahlia tinha nele.

— Eu compro outras para você.

Dahlia tentou bater em Vlad de novo, acertando um soco no peito dele, o que o fez gemer. Ela realmente estava tentando machucá-lo mais uma vez. No entanto, Vlad rapidamente segurou as mãos de Dahlia com apenas uma de suas mãos, prendendo-as nas costas dela. Dahlia tentou se mover, mas ao fazê-lo, seu cabelo e peitos balançavam.

— Gosto de você assim. Nua para mim — sussurrou ele.

Ela congelou, os lábios partidos. Mesmo assim, Vlad não diminuiu o controle que tinha sobre ela, caso ela tentasse alguma coisa.

O olhar dele viajou através da bagunça descabelada que descia por trás de Dahlia e os envolvia como um casulo. Vlad admirava o físico feminino dela. Os peitos dela pareciam maiores, agora que ela estava reta. Eles pendiam diante dele, como se oferecendo para ele, para sua degustação. Tensão percorreu Vlad enquanto ele olhava os peitos de Dahlia intensamente. Um rubor desceu na pele dela, antes que ele voltasse a observar o rosto dela. Olhos brilhantes, lábios cheios e partidos e respiração ofegante. Dahlia estava estonteante.

— Eu odeio você — disparou ela, com todo veneno que conseguiu juntar.

Vlad parecia estar se divertindo.

— Prometo que um dia você vai me amar.

As bochechas de Dahlia se moveram enquanto ela bufava com as palavras de Vlad.

— Coloque-os na minha boca — ordenou ele, olhando para os peitos dela.

Dahlia balançou a cabeça desafiadoramente.

Vlad agarrou os quadris de Dahlia com a mão livre e a trouxe para perto de sua boca. Ela se contorceu e tentou se afastar, mas ele agarrou seu cabelo, puxando-o para trás. Um suspiro deixou os lábios de Dahlia enquanto ela se arqueava. A língua quente de Vlad deslizou e deixou uma grande lambida nas aréolas dela.

Dahlia gemeu em cima de Vlad e ele pôde sentir um arrepio percorrer o corpo dela. Sua boca se fechou no peito dela, aprisionando-o com os dentes. Vlad soltou as mãos dela, para poder agarrá-la e se deliciar nela, atacando-a com a boca.

Dahlia puxou o cabelo dele com força, o que o fez gemer.

Vlad mordeu o mamilo dela em resposta. Dahlia gemeu e parou de puxar o cabelo de Vlad quando ele mordeu com mais força. O mamilo dela endureceu instantaneamente, como um diamante pronto para cortar vidro. Por alguns instantes, ela não o parou e parecia que estava se rendendo. Vlad sabia que se Dahlia se afastasse agora, ela ficaria machucada e ensanguentada. Ela estava entre os seus dentes, sob seu controle. Vlad puxou o outro mamilo com a boca, alongando-o o máximo possível.

Dahlia se contorceu sobre ele, gemendo e arranhando os ombros de Vlad.

— Vlad, isso dói — gemeu desesperadamente.

Ele soltou o mamilo dela e olhou para cima.

— Uma dor boa ou ruim?

Dahlia mordeu os lábios rosados, deixando-os vermelhos. Suas bochechas ficaram rosas, seu corpo corava e brilhava com a leve camada de suor devido ao calor vindo da lareira.

— Boa — admitiu ela, com os olhos pesados.

Então, Vlad voltou sua atenção para os peitos dela.

Ele passou de um mamilo para o outro, deixando marcas leves e continuando sua doce tortura.

— Nós não concordamos luta com sexo! — resmungou ela.

Vlad olhou para cima e encontrou Dahlia o encarando. Os lábios dela se partiram quando ele estreitou os olhos e deixou a luxúria transparecer neles deliberadamente.

— Concordamos quando combinamos que o vencedor fode o perdedor.

— Você não é o vencedor! — protestou ela, empurrando Vlad e tentando fugir. Ele levantou, ficando sentado, agarrou-a pelos longos cabelos e a puxou até que ela estivesse no meio de suas pernas, com a bunda em seu colo. As costas de Dahlia estavam pressionadas contra seu peito. Adrenalina e testosterona corriam por suas veias. Ele estava excitado e maravilhado com o fato de ela lutar.

Vlad tirou a calça de Dahlia, ignorando os gritos de "trapaça" enquanto colocava as mãos dentro da calcinha preta dela e enfiava dois dedos. Neste momento, ela se calou. Ele conseguia sentir a umidade.

— Você está encharcada, querida — sussurrou no ouvido dela. — Isso é para mim?

Dahlia respirou pesadamente.

O desespero dela pareceu aumentar quando percebeu que estava à mercê de Vlad, mas com isso, a excitação também pareceu aumentar. Com uma das mãos, Vlad torceu o mamilo de Dahlia e a outra acariciava dentro da calcinha. O corpo de Dahlia parecia enfraquecido pelo desejo. Ela tentou prender a mão de Vlad ao cruzar as pernas. Ele sorriu para si mesmo pela tentativa fraca de resistência dela e apenas a abriu de novo.

— Você se rende, Boneca? — sussurrou contra a pele dela, ainda a esfregando.

Dahlia lambeu os lábios, ofegante.

— Vlad — sussurrou, agarrando os braços dele com força.

— O que foi? — murmurou ele.

— Ah... por favor, por favor — implorou ela.

A palavra mágica. Vlad amava quando ela usava essa palavra. Ele se tornava um

fantoche, se curvando às vontades e desejos dela.

— Você se rende? — repetiu.

Vlad observou enquanto Dahlia pressionava os lábios e estreitava os olhos em frustração. Ele sorriu em retorno.

— *Tozz feek* — sussurrou ela, com raiva. Vlad ergueu uma sobrancelha.

— E o que isso significa?

— Vai se ferrar — respondeu Dahlia, sem fôlego.

Vlad deu um leve tapa no sexo dela, fazendo-a pular.

— Vamos lá, desista — murmurou Vlad contra o cabelo de Dahlia, aumentando a velocidade de seus dedos. Ela não estava mais lutando contra ele. A resistência parecia ter ido embora. No entanto, ela era bem treinada e sabia como atacar. Vlad não sabia quanto ela poderia se defender dele, apesar de ter um vislumbre quando ela lutou com Leo.

Dahlia fez outro barulho, um gemido metade de prazer e metade de frustração.

— Eu queria sair.

Os dedos de Vlad pararam.

— Nós vamos sair, você perdendo ou ganhando.

O que você está falando, seu idiota?, a voz interior protestou.

Dahlia jogou a cabeça para trás e olhou para Vlad com seus olhos de corça, as pálpebras semicerradas. Ela estava tão perto dele e seus lindos olhos estavam tão brilhantes que ele podia ver o reflexo de si mesmo neles.

Os olhos de Dahlia se iluminaram e ela perguntou: — Jura?

Vlad assentiu lentamente. Ela sorriu.

— Então, você ganhou.

Vlad respondeu tirando a própria camisa e a calcinha dela. Ele a virou e a deixou de pé, levantando-a pelos quadris, fazendo Dahlia arfar de susto enquanto montava nele.

Ele nunca quis tanto alguém.

Os seios macios dela se esfregavam contra o peito de Vlad.

Ele se inclinou para juntar o quadril de Dahlia com o seu próprio. Ela passou os braços em volta dele, puxando-o mais para perto. Seus beijos não eram leves, e sim, brutos e necessitados. Ele a beijava com fome, sem pausar o movimento. Ele queria devorá-la.

Naquele momento, Vlad precisava de Dahlia como precisava de ar para viver.

Ele a empurrou contra a parede, afrouxando o aperto que tinha nos quadris dela para tirar o cinto, abaixar o zíper da calça e tirar a calça junto com a cueca boxer. Ele observou o corpo dela. Dahlia tinha leves marcas cobrindo seus mamilos delicados. Vlad gostava de suas marcas nela. Como se os botões rosados tivessem vontade própria, eles endureceram em resposta. Vlad soltou um suspiro trêmulo, colocando-se no meio das pernas de Dahlia e ela segurou os ombros dele com mais força.

— Você é *minha,* Dahlia — rosnou. — *Toda minha.* Não tem como fugir de mim agora. Você não faz ideia do que deixou ultrapassar as suas barreiras. Eu vou fazer isso todos os dias, até você desmaiar.

Os olhos de Dahlia estavam assustados enquanto olhavam para Vlad, absorvendo suas palavras brutais.

Vlad levantou a mão e agarrou Dahlia pela garganta, sufocando-a ligeiramente. Por um instante, eles apenas se encararam.

Quando Dahlia soltou um pequeno choro, ele a soltou e afastou as mãos dela, colocando-as contra a parede, segurando seus pulsos. Ela tinha a expressão de um animal perdido e encurralado, colocando-o no papel de predador.

— Diga o que você quer — ordenou.

Dahlia parecia nervosa quando lambeu o lábio inferior. Os olhos de Vlad seguiram o pequeno movimento e o desejo rosnou dentro dele.

Esses lábios são meus.

— Por favor — sussurrou ela. — Eu quero você.

— É só isso o que você quer, Boneca? — murmurou Vlad, colocando o rosto na curva do pescoço dela.

Dahlia suspirou devagar antes de desviar o olhar. Parecia difícil para ela admitir sua submissão, mas Vlad não ia deixar que ela se livrasse.

— Eu preciso de você dentro de mim.

Dahlia fechou os olhos e suas bochechas ficaram vermelhas.

— Você consegue fazer melhor que isso, Boneca — sussurrou Vlad.

Ele queria que ela dissesse.

— Eu nunca falei assim antes — disse ela.

Os olhos de Vlad se arregalarem de surpresa e então, ele perguntou curiosamente: — Nunca?

Dahlia só balançou a cabeça. Um sorriso provocador apareceu no rosto de Vlad.

— Eu vou ser o único homem com quem você vai falar putaria. Agora, me diga o que você quer — exigiu. Não era um pedido, mas uma ordem.

— Por favor, me fode, Vlad — falou Dahlia. As bochechas dela queimavam. Vlad ficou tenso contra ela. — Com força — sussurrou.

A respiração de Dahlia falhou ao dizer as últimas palavras. Então, Vlad grunhiu em aprovação.

— Diga de novo — ordenou.

Dahlia ficou em silêncio por alguns instantes, respirando pesadamente como se não conseguisse se controlar perto dele.

Vlad colocou uma das mãos no cabelo de Dahlia, puxando a cabeça dela para trás, forçando Dahlia a olhá-lo nos olhos.

— Por favor, me fode com força — repetiu.

O hálito suave de Dahlia tocou os lábios de Vlad.

Vlad pressionou a boca contra a mandíbula de Dahlia e ela se arrepiou contra ele. Vlad sabia que estava a enlouquecendo.

— Eu nunca quis falar sacanagem com ninguém além de... você — admitiu baixinho, como se não tivesse falado.

Essas palavras pertencem a mim.

Dahlia era um caos sombrio esperando para ser libertado.

Um prazer e um pecado.

Vlad olhou para cima, encontrando os olhos de Dahlia. Ali, ela deu um pequeno

sorriso hesitante, pegando-o desprevenido. Ele estava excitado como nunca. Os sorrisos de Dahlia o confundiam. Eles acendiam coisas além de sentimentos de luxúria.

Esse sorriso pertence a mim.

Vlad se posicionou contra a entrada de Dahlia e estocou com força para dentro. Dahlia gemeu. Os batimentos de Vlad aceleravam em seus ouvidos.

— Você gosta de ser fodida por um assassino? — sussurrou no ouvido dela.

Dahlia ficou tensa. Ele parou. Ela olhou para cima, encontrando o olhar de Vlad, destemida.

— Só se o assassino for você.

Com a resposta de Dahlia, Vlad começou a sussurrar mais coisas no ouvido dela. Ele puxou o longo cabelo solto da nuca de Dahlia. Com pequenos movimentos da língua, Vlad começou a chupar a pele sensível antes de deixar marcas possessivas, como se estivesse a reivindicando.

Dahlia ofegava enquanto o corpo de Vlad colidia com o dela e ele metia mais fundo. Ela choramingou contra ele e arqueou as costas. As pernas de Dahlia o puxavam para mais perto, como se pudesse se moldar a ele. Seu corpo reagia ao de Vlad, à brutalidade dele, implorando por ele. Ela parecia indefesa perto dele.

Vlad a encarou nos olhos, dentro de sua alma, como se pudesse ler cada um de seus sonhos e medos. Ele não esperava que Dahlia entrasse em sua vida. Ela era tão preciosa, tão linda. As feições, o contraste de sua pele com o cabelo escuro e cheio que descia por suas costas ao mesmo tempo em que parte se espalhava sobre seus ombros. Os olhos cor de âmbar eram emoldurados por longos cílios. Os lábios rosados estavam partidos enquanto ela o encarava.

Dahlia era deslumbrante.

Os dedos de Vlad apertavam os quadris de Dahlia cada vez que ele estocava nela, mais rápido e menos cadenciado. O ritmo e a loucura estavam aumentando e era impossível se concentrar em qualquer outra além de Dahlia. Os mamilos dela endureceram no ar gelado da noite e Vlad abaixou a cabeça e mordeu um deles. Seu olhar era firme e implacável ao descer pelo corpo dela. Ele era imparável. Vlad continuou a foder Dahlia impiedosamente enquanto esfregava um dedo contra o clitóris dela.

De tempos em tempos, Vlad percebia o olhar de desejo nos olhos de Dahlia.

O jeito que ela o olhava como uma mulher olha um homem.

Dahlia gemeu mais e mais a cada movimento, a cada estocada. A voz dela soava rouca e desesperada.

Vlad pressionou os lábios contra os dela ao mesmo tempo em que Dahlia era arrebatada na frente dele. A boca de Vlad abafou os sons de Dahlia, possuindo a ela e à sua voz.

Capítulo 22

Dahlia

MEUS DIAS AGORA eram passados com Vlad na minha cama. Passaram-se cerca de 2 semanas desde a primeira vez que ficamos juntos. No entanto, eu não sabia como rotular. Nós ainda conversávamos, mas as conversas eram limitadas, já que estávamos ocupados demais nos tocando. Às vezes eu deixava de usar sutiã, porque meus mamilos estavam vermelhos e sensíveis demais pelas mordidas e chupadas de Vlad.

Ao passar por Natalie na cozinha, coloquei a cabeça para dentro, para ver o que ela estava cozinhando.

— Precisa de ajuda? — perguntei.

Natalie se virou para me olhar e sorriu, balançando a cabeça.

Eu dei de ombros timidamente.

— Eu não me importo. Sei cozinhar.

— O Patrãozinho mencionou que você é libanesa.

Assenti. — Sim.

— Você sabe cozinhar comida árabe?

Sorri. — Sim. Você tem carne marinada e temperada?

Natalie assentiu.

— Eu estava planejando fazer bife hoje à noite, então, marinei a carne.

— Perfeito.

Juntei-me a ela no balcão, puxando as mangas do meu suéter para cima. Natalie me deu um avental branco antes de começarmos a cozinhar.

— Você tem espetos por aí? — perguntei.

Natalie franziu o cenho e me olhou com suspeita.

— Você planeja atacar Vlad de novo?

Eu dei uma risada.

— Ele provavelmente atiraria em mim antes que eu conseguisse acertá-lo. — não conseguia evitar a onda de vergonha ao lembrar da primeira vez, quando tentei atacar Vlad e não deu certo.

Os olhos de Natalie brilharam e ela foi pegar os espetos.

Comecei a cozinhar um prato chamado *shawarma*. Consistia em pedaços de carne, empilhados em formato de cone. Normalmente, eu preferia assado no espeto.

— Quem ensinou você a cozinhar? — perguntou Natalie.

Dei de ombros.

— Eu aprendi sozinha. Morei sozinha depois de completar 18 anos e sair do meu último lar adotivo.

Eu podia sentir Natalie me olhando, esperando por mais informações.

— Não tem muita coisa a ser dita sobre mim. Eu vivi uma vida solitária. Sou reservada e fico na minha. Fui para a faculdade e consegui meu diploma. E você? — perguntei para Natalie, me virando para ela.

Natalie sorriu.

— Eu trabalho para a família Vitalli desde que me mudei para o país. Eles são próximos a mim. Gostaria de poder dizer que sou a família deles, mas não sou, apesar de sempre ter criado Vladimir como meu próprio filho.

— Você é casada?

Ela me deu um sorriso fraco.

— Meu marido morreu anos atrás. Eu tenho dois filhos na Itália. Eles moram lá agora.

Assenti e comecei a adicionar temperos como cúrcuma, cominho, canela e páprica. Adicionei coentro e uma pitada de pimenta caiena. Também fiz pão árabe, já que o prato era melhor servido com ele.

Natalie observou, aprendendo os passos enquanto eu cozinhava.

— Você fala árabe? — perguntou. Eu assenti.

— Não sou completamente fluente, mas estudei quatro anos de árabe na

faculdade, então, estou em um nível avançado.

— Você não tem pais? — perguntou Natalie.

Talvez Vlad tivesse contado a ela.

Não a olhei quando respondi.

— Eles me abandonaram quando eu nasci. — Natalie puxou o ar em choque, mas eu continuei: — Eu não sei quem eles são.

— Você tentou procurá-los?

Tentei.

— É difícil achar pessoas que você não sabe o nome.

A carne estava na churrasqueira a gás na potência máxima e eu deixei ali por mais de sete minutos, para ficar bem passado. De vez em quando, eu virava a carne na grelha.

— Você sente falta dos seus pais? — perguntou Natalie.

Parei e olhei para ela.

— Como sentir falta de alguém que você não conhece?

Natalie assentiu, como se entendesse.

— Vlad me falou sobre a mãe dele — falei. Os olhos de Natalie se arregalaram.

— O Patrãozinho nunca falou dela comigo. Ele sempre proibiu todos de falarem sobre a Madame.

Minhas bochechas ficaram ligeiramente rosadas e eu tentei esconder meu rosto com o cabelo.

— Nós ficamos próximos — falei. Imaginei que dividir a mesma cama – ou parede – nos tornava mais do que conhecidos agora, mesmo que eu não soubesse o que éramos um para o outro.

Natalie me deu um sorriso cúmplice, seus lábios se alargando.

— Eu ouvi barulhos vindo da sala de estar no outro dia. — depois, ela fechou a boca como se tivesse falado demais. Suas bochechas ficaram um pouco mais rosadas e combinavam com as minhas. Natalie se virou para me olhar. — Eu não olhei, é claro, mas imaginei que era isso que estava acontecendo.

Ai, meu Deus. Desviei o olhar. Minha pele ficou vermelha e eu desejei que a terra me engolisse. Bom, isso foi inesperado e constrangedor.

Senti Natalie me encarando, então, levantei o olhar.

— O Patrãozinho olha diferente para você — começou. Arqueei uma sobrancelha. — Eu nunca o vi olhar para uma mulher assim.

Eu escondi um sorriso. Minhas bochechas ficaram vermelhas de novo.

— Mas eu também nunca o vi trazer alguém para casa — disse ela, sorrindo. Eu também sorri.

— Acho que a *shawarma* está pronta agora.

— Eu termino o resto — afirmou Natalie, docemente, vindo na minha direção.

Comecei a protestar, mas ela me dispensou.

Dei um sorriso tímido antes de tirar o avental e ir embora.

*

Olhei para Vlad ao sentarmos à mesa de jantar.

Ele usava uma camisa de cetim cinza e calça preta. Eu gostava desse estilo. Profissional e relaxado ao mesmo tempo. Assim que voltou para casa, um lado da camisa estava para dentro da calça, o outro lado estava para fora e as mangas arregaçadas. Isso fazia eu me perguntar por que Vlad se esforçava tanto quando saía.

Esse era o Vlad real, o que estava na minha frente.

Se ele era tão cuidadoso em proteger sua imagem pessoal do lado de fora e só se permitia relaxar em casa, me perguntei o que mais ele fingia gostar.

Lembrei que ele mencionou não gostar de olhar para mulheres quebradas. Isso significava que ele não apoiava a prostituição forçada e o tráfico de pessoas. Então, por que ele simplesmente não acabava com isso? Eu queria perguntar, mas sabia que não era o meu lugar. Era o negócio dele.

Vlad me pegou encarando e levantou as sobrancelhas como se perguntasse: *o que foi?*

Balancei a cabeça e dei um pequeno sorriso.

Natalie tinha preparado tudo e colocado na nossa frente.

Vlad olhou a *shawarma* com curiosidade.

— Eu nunca vi isso preparado aqui.

— Eu fui a sua chef hoje — dei de ombros. Vlad pareceu satisfeito.

— Você gosta de cozinhar?

Franzi o nariz, apoiando o queixo na minha mão.

— É mais um hábito do que um prazer. Talvez você goste. É *shawarma.*

Os olhos provocadores de Vlad focaram em mim.

— Está envenenada?

Meu queixo quase foi parar no chão. Relaxei quando percebi que era uma brincadeira.

— Sim.

Vlad começou a se servir e eu o observei com curiosidade, ansiosa para fazer mais perguntas e continuar nossa conversa de mais cedo.

— Por que você tem um nome russo e como você é filho único? — perguntei, disparando as primeiras perguntas que apareceram na minha cabeça. Só depois comecei a me servir.

Os olhos frios de Vlad repousaram nos meus.

Pausei momentaneamente. O rosto de Vlad se iluminou quando ele me lançou um de seus sorrisos provocadores, o homem mal-humorado que eu conhecia nele parecendo ter sumido há muito. Era um choque, na verdade.

— Voltamos ao jogo de perguntas? — questionou.

Vlad deu uma mordida na *shawarma.*

Seus olhos se arregalaram pelo gosto. Ele engoliu, mas um pouco do suco da carne escorreu para fora de sua boca, caindo no prato. Minha boca se encheu de água com a visão. Quando ele ficou tão gostoso? A língua de Vlad apareceu para lamber seus lábios lentamente, se deliciando com o gosto antes de pegar o guardanapo para limpar a boca. Eu nunca estive tão hipnotizada por ele, até agora, assistindo-o comer.

Seria possível sentir ciúmes de um guardanapo?

Eu era como um cachorro salivando ao observar Vlad comendo.

Afastei meus pensamentos maliciosos.

— Isso é muito bom. Você deveria cozinhar para mim com mais frequência.

Eu sabia que ele estava brincando, mas respondi: — Eu não sou sua esposa.

Vlad parou de mastigar e me encarou antes de engolir, seu pomo de Adão se movendo enquanto o fazia.

— Sim, você está certa. Você não é minha esposa — comentou, me encarando fixamente.

Virei meu rosto para longe de seu olhar intenso.

— Como você ainda não casou?

Vlad riu suavemente.

— Está cheia de perguntas essa noite, não é mesmo? — então, ele respondeu. — Meu pai nunca casou de novo depois da minha mãe. E eu não casei porque... — a mandíbula de Vlad ficou tensa antes de ele admitir. — Por causa da traição da minha mãe. Não acabou só com o casamento deles, mas com meu pai também. Ele não se apega mais a mulheres. Acho que eu sou parecido.

Lembrei quando Enzo me tocou. Eu não percebi desejo nos olhos dele.

— Ela teve um caso com outra pessoa — continuou, de forma natural.

Fiquei chocada com essa nova informação.

— Eu não tenho certeza se meu pai sempre foi perverso, ou se foi só depois da traição da minha mãe. — Vlad fez uma careta antes de voltar a falar. — Claro, ele sempre foi prático e insensível, mas é como se às vezes ele se distanciasse deliberadamente, para não sentir a dor dos outros... Ele é assim desde que consigo lembrar. Gosto de pensar que ele foi diferente algum dia, mas depois que se machucou, toda a empatia dele morreu com a minha mãe.

Quanto mais Vlad compartilhava comigo, mais eu percebia que não sabia muito sobre ele.

— A única coisa que eu não suporto é traição... Eu nunca vou permitir que alguém se aproxime o suficiente para me machucar — terminou, dando um gole em seu *whiskey* e depois me encarando com um olhar significativo.

Eu entendi a mensagem muito bem.

Podíamos transar, mas não passávamos disso um para o outro: sexo casual.

Mesmo assim, no fundo, eu esperava, a essa altura, que fôssemos mais do que isso.

Lembrando da minha outra pergunta, mudei de assunto.

— Como seu nome é Vlad? Não é italiano.

Estudei as feições de Vlad curiosamente. Ele tinha feições italianas, exceto pelo nariz. Ele não tinha a protuberância e o nariz era mais fino e reto. Parecia único e diferente.

Vlad apenas sorriu.

— É a minha vez de fazer uma pergunta.

Fiz bico, amuada, e assenti.

— Qual é a pior coisa que você já fez?

Fui pega de surpresa com a pergunta, não esperando de forma alguma.

Olhei Vlad nos olhos, sem saber como contar, mas tentei.

— Meu último pai adotivo — comecei e, em seguida, engoli em seco, encarando o meu prato. Eu tinha perdido o apetite, especialmente sabendo que eu provavelmente ia me arrepender de contar isso para ele, mas o faria mesmo assim. Vlad tinha compartilhado tanto comigo, então, eu poderia deixá-lo entrar um pouco, não podia? — Eu o esfaqueei. Ele sangrou até morrer...

O cômodo estava tão quieto. Esse silêncio era anormal entre nós. Vlad parou de comer ao ouvir a revelação.

Eu me lembrava daquela noite com clareza. Eu só tinha 17 anos e ia completar os meus 18 anos em dois dias. Eu poderia me mudar, me livrar da jaula de crueldade que o meu pai adotivo chamava de casa. Mas ele tinha que tentar algo naquela noite também...

Eu tinha que me defender. Puxei uma faca, nós lutamos e eu acabei o esfaqueando. Talvez fosse por isso que eu não tinha me arrependido da morte de Leo. Eu não tinha medo de sangue e da morte. Eu tinha visto a morte bem de perto quando nova.

Vlad pigarreou, me fazendo pular.

— Isso não apareceu na sua checagem de antecedentes. Sua ficha está limpa. — Vlad me olhou, esperando por mais informações. Eu estava surpresa que ele não tinha investigado mais a fundo e descoberto se meus pais adotivos ainda estavam vivos ou não.

Eu assenti, cutucando a comida com o garfo.

— Não houve denúncia contra mim. Foi legítima defesa. Não foi para a minha ficha... Eu me livrei do corpo. As pessoas acham que ele está desaparecido até hoje.

Outra pessoa me ajudou.

Olhei para Vlad, que parecia chocado.

— Você se livrou de um corpo?

Vlad piscou antes de dar um longo e lento gole em seu *whiskey*. Eu quase sorri com a falta de compostura dele. Minhas mãos também estavam sujas de sangue. Acho que a diferença entre mim e Vlad era que eu não tinha derramado sangue inocente.

— Legítima defesa? — repetiu Vlad. Ele segurou o copo com mais força. Sua pele estava ficando vermelha de raiva. — Ele estava atacando você?

— Não gosto de falar sobre isso — respondi e me forcei a comer um pedaço da comida que eu tinha feito.

Vlad ficou em silêncio e então disse:

— O que aconteceu com "O que você guarda no seu coração vai te matar"?

Meus olhos surpresos encontraram os dele. Sorri brevemente. Ele usou as minhas próprias palavras contra mim. Exalei lentamente antes de tomar um gole da minha água. Com o coração pesado e mantendo contato visual, falei:

— Você considerou que meu coração pode já estar morto?

As sobrancelhas de Vlad se ergueram. Ele abriu a boca para falar alguma coisa, mas eu mudei de assunto casualmente.

— Quando você matou pela primeira vez? Eu tinha dezessete anos.

Eu queria mudar de assunto. Queria saber quão jovem Vlad era quando matou, para descobrir como ele tinha se tornado do jeito que era agora.

Vlad me olhou brevemente e hesitou. Calmamente, ele comeu mais um pedaço da comida antes de responder.

— Eu era três anos mais novo que você. Tinha catorze anos.

Tão jovem e inocente.

— Eu não tive escolha. Era a minha marca nesse mundo. Era matar ou morrer — adicionou baixinho, com a voz rouca.

Assenti, entendendo muito bem. Eu tinha feito a mesma coisa. Tinha me escolhido. Eu me salvei. Olhei para Vlad, embasbacada.

— Nós não somos tão diferentes um do outro, Boneca.

Sua voz não tinha o tom brincalhão atual. Ele também não estava me provocando, apenas fazendo uma conexão entre nós. Meu coração acelerou com esse pensamento, mas voltou a um ritmo estável. Eu não queria ficar muito esperançosa de novo, apesar de Vlad ter acabado com minhas esperanças momentos antes.

Agora, Vlad estava em silêncio e tinha voltado a comer. Eu fiz o mesmo, embora minha mente ficasse voltando para as palavras dele.

Nós nunca conhecemos nossas mães.

Fomos criados por guardiões.

Tomamos uma vida quando éramos crianças.

Não havia nada de inocente em nós.

Algo me ligava a Vlad, ao sentimento de perda e dor dele. Ele mencionou uma vez que as pessoas o achavam entediante, talvez porque ele falava tão pouco. Mas as pessoas não o conheciam bem. Vlad era charmoso, engraçado e poderia até ser chamado de doce quando queria ser. Vlad era muito mais do que sempre mostrou aos outros.

Eu fiquei perdida em pensamentos até ele falar.

— Minha mãe era russa.

Levantei meus olhos. Percebi que ele estava respondendo à minha pergunta original, aquela que tinha começado a conversa. Eu não fiquei surpresa com a resposta. Seu nome e nariz praticamente gritavam *Russo!*

Vlad pigarreou antes de continuar.

— Ela deu o meu nome.

Eu estava curiosa sobre a mãe dele.

— Os italianos e russos não se odeiam?

Vlad me olhou, sorrindo como uma criança.

— Não sei dizer se você lê muitos romances de máfia ou assiste muito ao noticiário.

Fiz um barulho com a boca, cruzando os braços sobre o peito. Os olhos de Vlad brilharam.

— Isso é verdade. Faça outra pergunta.

Cocei a cabeça, mas não consegui pensar em nada.

— Já acabou com o jogo? — provocou ele.

Grunhi audivelmente com a provocação. Vlad claramente gostava de me deixar desconfortável. Olhei-o cautelosamente.

— Você está ficando confortável demais, Don. Você era melhor mal-humorado.

— Você gosta do Don frio e misterioso? — perguntou, se divertindo.

Coloquei a língua para fora como uma criança. Os olhos de Vlad se estreitaram e ele esticou a mão para puxar meu braço para perto dele.

— Coloque essa língua para fora de novo e eu vou mordê-la — murmurou.

Meu coração estava acelerado agora. Era tão forte que eu tinha medo que Vlad pudesse ouvi-lo. Eu não sabia como as palavras dele podiam me deixar tão fraca e indefesa. Sacanagem. Era tudo sacanagem. Eu nunca tinha feito isso antes, então, realmente me afetava. Certamente essa era a explicação, não?

Vlad soltou meu braço e se ajeitou no assento como se nada tivesse acontecido. Balancei a cabeça e peguei meu copo d'água.

— Você me faz uma pergunta agora — falei, sorrindo, mudando de assunto.

— Você ainda está dolorida? — perguntou depois de um tempo, tirando um pedaço de sua comida.

Eu acabei cuspindo minha bebida, olhando para Vlad.

Ele precisava ser tão grosseiro durante o jantar?

Mas se parar para pensar, estávamos falando de homicídios momentos antes.

Vlad notou a minha expressão e deu de ombros, como um menino. Um sorriso se mostrava em seu lindo rosto. Idiota. No entanto, aquele pequeno dar de ombros mexeu comigo. Um sentimento estranho que eu não conseguia identificar. Vlad quase parecia um adolescente, em vez do homem que eu conhecia.

Decidi ser rebelde.

— Não vou contar.

— Por que não? — arqueou uma sobrancelha.

— Você vai me levar para sair? — perguntei com os olhos arregalados.

Os olhos de Vlad se estreitaram, ficando desconfiados.

— Você acha que eu não sei que, uma vez que eu te leve para sair, você vai fazer alguma coisa para tentar escapar?

Franzi o cenho.

— Você me deu sua palavra... — protestei.

— E você acreditou? — Vlad parecia estar se divertindo.

Ele estava mentindo antes ou brincando comigo agora?

— Você disse que odeia traição. Eu odeio falsas promessas — falei teimosamente, me levantando da cadeira e me virando para deixar a mesa. Eu tinha acabado de comer e queria ficar longe de Vlad. A decepção estava acabando comigo e eu não queria vê-lo.

Passei por Vlad, mas ele pegou a minha mão, me fazendo parar.

Ele ainda estava sentado na cadeira enquanto me olhava.

— Você está chateada, Boneca?

Estreitei os olhos.

— Eu não sou sua boneca. Você é só um mentiroso.

Vlad estreitou os olhos e sua mandíbula ficou tensa.

Merda, ele parecia bravo.

Nãão.

Eu não devia ter falado isso, não devia tê-lo acusado. Eu o chamei de mentiroso. Desta vez, eu realmente temia ter passado dos limites. Mantive os olhos em Vlad, apesar de ter medo de sua reação.

Os homens dele não estavam por perto. Ninguém estava.

Vlad se levantou da cadeira e eu prendi a respiração.

— Do que você me chamou? — perguntou em uma voz perigosamente baixa.

Parecia no limite, como o Vlad distante. Arrependi-me do fato de ter sentido falta desse lado. Talvez eu tivesse o pressionado demais. Vlad não soltou a minha mão, apenas a apertou com mais força. Era forte o suficiente para chamar a atenção, mas não o suficiente para ser doloroso. Percebi que estava à mercê dele. Vlad era a pessoa que decidia quando queria mostrar misericórdia ou não. Eu permaneci em silêncio.

— Você acha que só porque transamos algumas vezes pode falar assim comigo?

Suas palavras doíam mais do que deveriam.

Elas me machucavam.

Nós não éramos um casal normal.

Não éramos exclusivos.

Eu não sabia o que éramos.

Olhei para ele com dor em meus olhos, sem desviá-los. Eu não deveria me sentir triste. Eu não devia permitir que ele me machucasse.

Eu não tive a intenção de machucar Vlad e realmente não gostava de ver esse lado dele à tona. Eu queria que ele fosse bom e gentil comigo de novo. Percebi que estava o perdendo novamente.

Tirei a minha mão do aperto de Vlad.

Ele se moveu na minha direção, mas eu o parei.

Vlad estreitou os olhos, mas parou.

— Você não é bem-vindo no meu quarto hoje — bufei.

Deixei Vlad parado ali, sozinho.

Eu pensei que estávamos nos aproximando. Ele estava começando a se abrir, mas então, me dispensou como se eu não fosse nada para ele. Mas era verdade. Eu não

tinha status aqui.

Vlad pensava em mim como uma prostituta que ele podia usar?

Eu não me sentia como uma.

Você não tem conversas profundas com prostitutas.

Você não beija prostitutas.

Ele tinha feito todas essas coisas comigo.

Eu também não estava sendo paga.

Mas ainda era uma prisioneira durante o dia e amante durante a noite.

Vlad não foi atrás de mim.

Uma parte patética dentro de mim queria que ele tivesse ido.

*

Depois da nossa discussão, Vlad não foi para o meu quarto durante a noite.

Eu também não o vi no dia seguinte.

Ele tinha voltado a me evitar?

Fiz uma careta ao pensar em nossa conversa. Ele estava preocupado que eu fosse tentar escapar? Ele devia estar. Eu sempre tentaria buscar uma saída, mesmo que ele me mantivesse presa para sempre. Eu não tinha nascido para ser uma prisioneira. Pessoas não nasceram para ficar em gaiolas, mesmo que fossem douradas.

Suspirei profundamente enquanto me sentava sozinha, no meu quarto.

No entanto, eu esperava que ele viesse essa noite.

Olhei para fora, na varanda. O clima estava ficando mais quente, mas ainda estava frio. O clima em Nova York nunca era consistente. Lembrei que, uma vez, nevou em abril. Natalie tinha me dito que agora era o início de maio.

Eu sentia falta das ruas cheias. Eu não podia vê-las à distância. Os sons não me alcançavam aqui.

Apertei o meu robe branco à minha volta enquanto olhava o vazio. Eu fazia isso com frequência... tentar conseguir um vislumbre do mundo lá fora. Todo dia eu encarava os portões de metal. Os seguranças ficavam do lado de fora. Quando eu ficava cansada, voltava para dentro, com o coração cheio de desespero.

Parei no meio do caminho quando notei algo de errado.

A rosa preservada tinha murchado.

Estava morta.

A linda rosa não durou muito, apenas alguns meses. Seria esse o meu destino também? Observei-a por alguns segundos, o tempo passando até eu ouvir a porta do quarto sendo aberta.

Virei as costas para a rosa e pensei que Vlad tinha voltado. Então, falei:

— Vlad.

Mas fechei a boca rapidamente.

Tinha um sorriso nos lábios daquela pessoa.

Esse sorriso era muito familiar.

Era perverso.

Não era de Vlad.

Era de seu pai.

Enzo Vitalli.

Capítulo 23

Vlad

VLAD FOI ATÉ a sala de estar.

Natalie levou um copo e a garrafa de *scotch* que ele tanto gostava de beber quando voltava para casa.

Já tinha passado das nove da noite.

O *whiskey* queimava na garganta. O sabor defumado e cítrico o aquecia. Seu corpo estava frio pelo clima gelado do lado de fora. Vlad esperou o álcool fazer sua mágica e aquecê-lo.

— Vou servir o jantar para você, *mio caro* — disse Natalie, com carinho.

Vlad encontrou os olhos castanhos brilhantes dela.

Ele sorriu com o apelido. *Meu querido*. Ele não tinha mãe. Natalie era a coisa mais próxima disso.

— Traga Dahlia também — disse ele, dando mais um gole da bebida.

Vlad não a via desde a noite anterior, depois da discussão que tiveram.

Ele devia fazer as pazes. Ele sabia que, no fim das contas, Dahlia sempre escolheria sua liberdade a ficar com ele. Ela era prisioneira e Vlad sabia que ela queria ser libertada. No entanto, o que o incomodava era como ela tinha reagido, acusando-o de mentir e fazer falsas promessas.

Um longo suspiro deixou os lábios de Vlad. Talvez ele tivesse sido muito duro com ela na noite anterior. Ele passou a mão na parte de trás do pescoço em frustração, odiando a si mesmo por ser tão frio com Dahlia.

Ele não tinha falado sério.

Dahlia não era apenas um brinquedinho para ele. Ela não era só uma amante ou alguém que com quem ele transava casualmente. Ela era muito mais do que isso, muito mais do que ele tinha demonstrado. Vlad só tentou esconder seus sentimentos. Era melhor assim. Ele não podia se dar ao luxo de as pessoas ao seu

redor detectarem qualquer fraqueza ou pensarem que ele estava amolecendo.

Vlad queria sair com Dahlia, com uma surpresa que ele achava que ela poderia gostar.

Natalie não saiu do lugar. Ele conseguia sentir o olhar dela e ergueu as sobrancelhas em questionamento.

— Sim?

— Dahlia não está aqui, Vlad.

Confusão o acertou em cheio.

— Como assim ela não está aqui? — perguntou entredentes. Ele chegou a uma conclusão rapidamente. Vlad segurou o copo de *whiskey* com força. — Ela escapou? Por que ninguém me disse? — a voz dele era alta e firme. Ele estava tentando se manter calmo, mas falhou.

Ao ouvir a voz de Vlad à distância, Gabriele entrou na sala correndo, com os olhos assustados.

— Onde está Dahlia? — exigiu Vlad.

Gabriele coçou a cabeça, confuso.

Vlad nunca esqueceria as próximas palavras que saíram da boca de Gabriele.

— Você não sabe? O tio Enzo disse que você falou para levá-la.

Espera. O quê?

Foi aí que Vlad perdeu o controle.

Ele quebrou o copo com a mão, mal notando a dor por cortá-la.

Natalie arfou.

Vlad tinha raiva em seus olhos. Ele nunca tinha se sentido tão traído quanto neste momento. Seu próprio pai roubou Dahlia de bem debaixo do seu nariz, para fora de sua própria casa. Ele ofegava e passou a outra mão pelo cabelo.

— *Mio caro* — disse Natalie suavemente, pegando a mão ensanguentada de Vlad, mas ele a puxou de volta.

Não havia tempo pra isso.

Pequenos cacos de vidro estavam presos na palma da mão de Vlad, mas ele não

tentou removê-los. Em vez disso, fechou-a com mais força. Isso o fez estremecer, mas agora, ele precisava que doesse. Ele não queria conversar. Vlad queria infligir dor e não só nele mesmo.

— Vlad... — a voz tensa veio de Gabriele.

Vlad se levantou, encontrando o olhar do primo.

Ele pegou a garrafa de *scotch* e a jogou contra a parede. A garrafa quebrou, respingando por todo o tapete.

— Por que ninguém confirmou comigo, caralho? Deixei claras as minhas intenções com Dahlia! Ela pertence a mim! — Vlad estava gritando. Sua voz estava tensa e rouca.

Outros homens chegaram e se entreolharam com medo.

— Foi o seu pai... — disse Gabriele, depois de um tempo.

Os olhos ferozes de Vlad encontraram os de Gabriele, fazendo-o dar um passo para trás.

— Você não o conhece? Você esqueceu o que o meu pai fez da última vez, tentando me fazer vender uma *criança* de dez anos de idade? — disparou Vlad.

Os olhos de Gabriele se arregalaram antes de passar a mão por seu cabelo loiro.

— O Rei ainda é poderoso, Vlad. Dahlia é uma garota qualquer. Não faltam garotas para você. Mesmo que ele a tenha levado, isso não deveria importar. Você pode ter qualquer uma.

Ela é importante.

Vlad se aproximou e agarrou o colarinho de Gabriele.

— Seu filho da puta.

Gabriele arregalou os olhos antes de empurrar Vlad.

— Pare com isso, Irmão.

Gabriele o chamou assim abertamente, talvez tentando lembrar a Vlad que eles eram parentes. Vlad mal resistiu à vontade de atacar Gabriele e quebrar o pescoço dele, mas então, parou.

Esse era Gabriele, seu primo.

O segundo em comando.

Gabriele abaixou a cabeça.

— Peço desculpas, Don.

É, grande erro.

Vlad sabia onde o pai tinha levado Dahlia.

Um evento estava acontecendo esta noite.

Capítulo 24

Dahlia

OLHEI MEUS ARREDORES, me perguntando onde eu estava.

A princípio, fiquei feliz por Vlad estar finalmente me levando para sair.

Como tinha prometido.

Eu fiquei confusa porque Vlad não tinha ido pessoalmente, ou porque Natalie ou até mesmo Gabriele não passaram a mensagem. Eu não sabia por que Enzo tinha vindo.

Agora, eu estava perdida sobre o porquê ele ia jantar conosco. Nenhum de nós era próximo dele.

Eu estava desconfiada e em alerta, mas fiquei quieta. Esse homem era o pai de Vlad. Eu queria protestar, mas ele me mataria sem pensar duas vezes. Enzo não tinha nada a ver com o filho. Com certeza Vlad não me perdoaria lutar contra seu pai, certo? Enzo não era Leo. Ele não se livraria de um parente de sangue tão facilmente. Mas por que Enzo estava usando o nome de Vlad? Enzo não mentiria, certo?

Tantas perguntas enchiam a minha mente frenética.

Enzo mandou eu me vestir e sair usando o vestido que Vlad tinha escolhido para mim. Aquilo nem podia ser chamado de "vestido". Bufei olhando para ele, me perguntando se ele tinha me dado a peça errada.

O vestido era de um tecido nude e colado no corpo. A cor era apenas dois tons mais escura que a minha pele. Era sem alças e acabava no meio das minhas coxas. O vestido era fino. Fino demais e meus mamilos cutucavam através do tecido. Nas laterais, tudo estava exposto; a frente e as costas unidas por um *design* de zigue-zagues indo de cima a baixo. Eu não podia usar um sutiã por baixo e não tinha um sem alças no novo guarda-roupa que Natalie tinha me dado.

Esse foi o vestido que Vlad escolheu para mim? Sério?

A única coisa que eu usava debaixo do meu suposto vestido era uma calcinha

fina cor da pele.

Enzo me disse para usar maquiagem e fazer um penteado, então eu o fiz, escolhendo um *look* bronzeado. Fiz o contorno das bochechas e meu *blush* era rosado. Delineei meus olhos com o kajal, fazendo a maquiagem árabe que eu gostava. Isso era uma das coisas a que eu me mantinha próxima. Às minhas origens. Meus olhos pareciam maiores do que o normal, tomando o meu rosto. Tentei sorrir em frente ao espelho, mas era forçado e parecia mais uma careta. Terminei a maquiagem com um batom nude.

Enzo me deu uma gargantilha de diamante, dizendo que era um presente de Vlad. Observei-o cuidadosamente, mas seu rosto não tinha qualquer emoção. Ele era ainda mais difícil de ler do que Vlad. Suas expressões eram sempre cuidadosamente mascaradas.

Eu queria confirmar com Vlad, mas nem ele, nem um de seus homens estava por perto e eu não tinha um telefone para contatá-lo.

A gargantilha de diamantes parecia muito com uma coleira de cachorro. Só faltava a guia. Eu nunca tinha usado diamantes antes. Eles brilhavam e eram lindos. Eu ficava impressionada de estar segurando uma coisa tão cara nas mãos. Era um colar muito bonito até eu colocá-lo. Era sufocante demais. Eu não gostei.

Quando saí do quarto, Enzo me cumprimentou na sala de estar e simplesmente disse:

— Vamos.

Ele não se deu ao trabalho de me olhar e não ligou para a minha aparência.

Pelo menos eu não teria que ficar com medo de ele me tocar.

Segui Enzo silenciosamente.

Eu vi Gabriele e estava prestes a questioná-lo, mas ele apenas me olhou, assustado, me olhando de cima a baixo rapidamente antes de suas bochechas ficarem vermelhas. Depois, ele deu de ombros na minha direção.

A reação dele confirmou os meus medos. Eu estava muito exposta. Mas isso não parou Enzo. Certamente, Gabriele não deixaria Enzo me levar se não estivesse agindo sob as ordens de Vlad.

Ninguém desafiava Vlad. Eu sabia disso agora.

Os homens à minha volta permitiram que Enzo me levasse para fora.

Então, percebi uma coisa.

Enzo não estava mentindo. Isso estava acontecendo sob as ordens de Vlad.

Meu coração queimava como lava.

No carro, Enzo ficou em silêncio. Nós íamos encontrar Vlad no restaurante?

A viagem foi constrangedora. Dois homens sentavam na frente, enquanto eu e Enzo nos sentamos atrás. Fiquei de um lado e Enzo não puxou conversa comigo. Afundei-me no assento da *Bugatti*, achando conforto em um carro tão luxuoso e caro.

Era confortável e cheirava bem. Eu sempre fui contra coisas materiais e ostentação. Talvez porque eu vim do nada, sem uma casa de verdade, enquanto as pessoas ao meu redor agora andavam por aí com bilhões de dólares. Era tão injusto que um pequeno número de pessoas no mundo fosse bilionário, enquanto em comparação, todas as outras pudessem ser categorizadas como pedintes.

O carro parou em frente a uma área escura e isolada. Dois homens nos cercavam enquanto andávamos. Entramos em um beco. Isso não parecia um restaurante. Parecia um lugar para um encontro secreto do submundo. Prestei atenção nas ruas em que estávamos, mas não reconheci nenhuma.

Enzo bateu na porta uma vez, parou e depois bateu três vezes.

Um sentimento horrível preencheu meu coração quando cheguei a uma conclusão.

Era um código secreto.

Ele não estava apenas batendo na porta para abrirem.

Meu coração ficou apertado, sabendo que algo estava acontecendo e eu não sabia o que era. Acho que, no fundo, eu sempre soube, mas tentei negar.

Vlad mentiu para mim.

Uma sensação de vazio me acertou. Eu não devia me sentir traída. Vlad era um assassino a sangue frio, mas ele tinha prometido que ia me proteger e me salvar de seu pai.

Essa era a minha punição pela briga da noite anterior?

O momento não podia ser só uma coincidência.

Depois de alguns segundos, um guarda abriu a porta e eu pude ouvir o som vindo de dentro.

Onde estávamos? Em uma festa?

Recusei-me a andar e fiquei imóvel.

Enzo só me olhou antes de assentir para um dos homens atrás de mim, que me deu um empurrão, me forçando a passar pela porta. Virei e olhei o homem, mostrando toda raiva possível.

Meus passos eram hesitantes enquanto eu descia as escadas.

Virei para encarar Enzo.

— Isso não é um jantar.

Ele me lançou um sorriso assustador que me arrepiou até os ossos.

— Não, Dahlia. É melhor.

Notei que alcançamos o que parecia ser um *lounge* quando passamos por homens fortemente armados. A música estava mais alta, mas não era música de boate. Eu podia ouvir pessoas conversando.

Onde nós estávamos?

Observei as pessoas ao meu redor. O lugar cheirava a *champagne* caro e dinheiro. Instantaneamente, olhos se focaram em nós. Talvez fosse a presença de Enzo, ou talvez fosse o meu vestido transparente.

No mesmo instante, me senti nua e exposta diante dos olhos das pessoas. Puxei a barra do meu vestido vulgar, desejando que ficasse mais longo. Sentimentos de vergonha e vulnerabilidade me acertaram bem em cheio.

Eu estava deliberadamente nua para os tubarões. Enzo não me deixou colocar um casaco por cima da roupa. Olhos famintos se viravam para mim. Homens em ternos caros me olhavam, mas não tocavam enquanto eu andava pela multidão com Enzo. Seus olhares me queimavam ao admirarem a minha aparência. Eles estavam completamente vestidos e eu estava fazendo uma caminhada da vergonha diante deles. Meu vestido mal cobria alguma coisa. Meu corpo estava visível. Tentei cobrir meus seios com os braços, mas Enzo me lançou um olhar.

— Você deve manter seu olhar para o chão e suas mãos entrelaçadas na frente do corpo — disse Enzo por entre os dentes, sorrindo para as pessoas.

De jeito nenhum.

Encarei-o.

Os olhos dele encontraram os meus e se estreitaram.

— Eu não sou Vlad, Dahlia. Vou quebrar os seus ossos na frente de todos, se você não obedecer.

Eu precisava de um plano para escapar, mas não tinha um, então, por enquanto, faria a vontade de Enzo.

Dei um sorriso de lábios fechados, mandíbula tensa e encarei o chão, entrelaçando minhas mãos na minha frente. Eu podia fingir. Eu daria a ele a melhor atuação que eu conseguisse.

— *Boa garota* — Enzo sussurrou no meu ouvido.

O hálito quente contra a minha pele me deu arrepios; não de prazer, mas de medo.

Mesmo com a cabeça abaixada, eu podia sentir os olhares em mim.

Havia poucas mulheres.

Então, dei uma espiada e meu olhar caiu sobre um palco. Era ali que estavam as outras mulheres.

Meus olhos se arregalarem e eu não conseguia acreditar no que estava vendo. A cena partia o meu coração e despedaçava antes de pisar nele. Várias mulheres estavam no palco, uma sendo anunciada depois da outra. Algumas estavam nuas, outras estavam presas em correntes ou amarradas em um poste.

Um leilão.

Capítulo 25

Dahlia

ENGOLI COM DIFICULDADE antes de desviar o olhar.

Minhas pernas quase cederam.

Vlad está me vendendo.

Ele me odiava tanto assim depois da nossa discussão?

Enzo me guiou até o bar. Muitos homens se afastaram quando nos aproximamos. Todos pareciam reconhecer Enzo e abaixavam a cabeça, murmurando:

— Rei.

Enzo me disse para sentar e relaxar. Ele estava conversando com alguém por perto e me apresentou como Dahlia.

Essa área estava fria com o ar-condicionado ligado. Eu mantive minhas pernas pressionadas para gerar mais calor. Minhas mãos continuavam em meu colo enquanto eu espiava o palco mais uma vez. Meus olhos se focaram nas mulheres. Elas claramente não queriam estar ali. Seus rostos abatidos e desamparados gritavam para que eu as ajudasse.

Eu me sentia enojada. Olhei para o meu colo de novo, desejando poder fazer alguma coisa. Mas o que eu poderia fazer? A segurança no lugar era forte, com guardas armados em todos os lugares. Se eu os atacasse tentando ajudar as meninas, eu levaria um tiro. Nem mesmo Enzo poderia evitar que eles me matassem e eu me perguntava se ele tentaria evitar.

Preocupe-se com você mesma. Você deve ajudar a si, implorou minha voz interior.

Fiquei imaginando se Enzo planejava me colocar naquele palco.

Medo correu pela minha espinha.

Vlad não teria concordado com isso, certo?

Um nó se formou na minha garganta, fazendo com que fosse difícil engolir. Eu

pensei que meu relacionamento com Vlad estava chegando em algum lugar.

Ele me prometeu.

As palavras de Vlad ecoavam em minha mente.

Ela pertence a mim.

Eu pertenci em algum momento, Vlad?

Eu não compartilho, pai.

Isso foi uma mentira então?

Eu nunca vou te soltar, Dahlia. Você é minha agora.

Eu estava sozinha agora.

Não há nada bonito em ser quebrada. Isso não é algo que imaginei para você.

Isso machucava muito o meu coração.

Toda vez que Vlad me perguntava "você está bem, Boneca?" naquele tom gentil que usava ocasionalmente, eu me deixava acreditar que ele se importava e que não era um monstro, que ele tinha um coração, quando eu deveria ter ficado alerta. Eu me odiava por ter me deixado levar pela encenação de Vlad, por ter pensado que ele se importava comigo.

Lágrimas beiravam os meus olhos, mas eu me recusava a chorar.

Era tão difícil acreditar que o homem que tinha me mostrado compaixão e afeto em certos momentos era o mesmo homem que tinha se virado contra mim.

Uma onda de raiva percorreu o meu corpo, esquentando o meu sangue.

Vlad nem mesmo teve a coragem de me vender pessoalmente. Ele não tinha me avisado ou se despedido. Ele chamou Enzo para fazer seu trabalho sujo e, com isso, tinha me entregado impiedosamente para um monstro ainda maior.

Será que Vlad estaria em casa agora? Rangi os dentes ao visualizá-lo, provavelmente, saboreando seu *whiskey*, feliz por estar livre de mim e da minha boca grande. Talvez ele simplesmente tivesse concluído que não me suportava e agora estava me fazendo pagar por isso. Uma triste parte de mim desejava estar com ele.

Era mais seguro estar perto de Vlad.

Minha segurança não era mais garantida.

Uma enxurrada de emoções me atravessava.

Dor. Traição. Tristeza. E raiva.

Houve um movimento perto de mim, interrompendo meus pensamentos.

Senti a presença do homem antes mesmo de ele falar.

Um odor masculino de couro atingiu meu nariz. Meus olhos ainda estavam no meu colo, sem olhar para o homem. Eu podia ver os sapatos de couro brilhando e a calça azul-marinho formal. Não era Enzo perto de mim.

— Olá, Docinho.

Estremeci com o apelido.

Pelo menos, quando Vlad me chamou de "Boneca", ele escolheu por causa do meu nome. "Docinho" fazia eu me sentir um saco de batatas. Minha garganta doía com os pensamentos de Vlad. Onde ele estava? Por que ele tinha me punido assim? Eu ficaria de boca fechada só para vê-lo de novo, só para ele me abraçar mais uma vez.

— Você parece solitária aqui.

A voz do homem era grossa e potente. A voz quase soava como se estivesse ronronando e me provocando. Não era como a voz de Vlad, que era fria e afiada. Eu não sabia onde Enzo estava – provavelmente tinha se afastado para esse homem me analisar e me devorar com os olhos. Isso me dava arrepios.

— Enzo disse que seu nome é Dahlia.

Permaneci em silêncio. Eu não queria olhar para ele. Esse homem não merecia meus olhos nele. Não se estava a fim de comprar mulheres.

Ele deu uma risada.

— O Enzo te proibiu de falar?

Eu não reagi enquanto mantinha meus olhos longe.

O homem levantou a mão e ele passou um dedo quente na minha bochecha.

— Nunca te vi antes — murmurou ele, se aproximando.

Estremeci, virando para longe dele, para longe de seu toque.

— *Kol khara* — disse, finalmente.

— E o que isso significa? — perguntou, curioso.

Olhei para o homem pela primeira vez, desobedecendo a ordem de Enzo.

Eu sou uma idiota.

— Vai à merda.

Talvez eu fosse morta por Enzo. Mas era melhor isso do que esse homem me tocando.

O homem pareceu surpreso por um segundo, antes de se recompor.

Pisquei lentamente, observando suas feições. O homem tinha pele clara, cabelo loiro penteado para trás e preso atrás das orelhas. Ele tinha uma barba clara e aparada. Seu olhar forte sustentou o meu com olhos que eram de um azul cristalino e delineados por longos cílios que repousavam sobre seu nariz aquilino e italiano. Os orbes azuis brilhavam, notando minha reação. Ele claramente estava acostumando a ser olhado por mulheres. Ele tinha o tipo de rosto que deixava pessoa paralisada.

O homem era atraente, com o rosto de um anjo.

Esse fato assustador me tomou. Infelizmente, todos os homens à minha volta eram bonitos, mas suas aparências não combinavam com suas almas frias e horríveis. Era uma pena. Beleza sendo desperdiçada. Eu tinha pensado diferente sobre Vlad, mas ele provou que eu estava errada. Eu estava ali porque ele não me queria. Talvez eu não devesse ter sido uma vaca ou falado demais. Engoli com dificuldade, já que essa conclusão tornava mais doloroso estar ali.

Eu ainda não tinha visto um homem feio. Talvez porque todos eram mafiosos italianos. Bons genes, mas almas horríveis. Beleza só levava alguém até certo lugar. Esse homem tinha uma aparência angelical, mas eu sabia que suas mãos estavam cobertas de sangue, como todas as outras.

O homem se inclinou, sorrindo maliciosamente.

— Você é uma lutadora, não é? — perguntou em voz baixa.

Ah, sim, eu era e queria chutar as bolas dele. Desviei o olhar em direção à saída, depois, voltei meu olhar para ele.

— Vá embora, Diabo de olhos azuis — disparei.

Ele sorriu, como se eu tivesse feito uma piada boba.

— De onde você é? — perguntou, depois de um momento.

Mantive minha boca fechada e apenas o encarei.

Enzo apareceu ao lado do homem. Ele viu que eu não estava mais olhando para o chão e me lançou um olhar desaprovador, mas felizmente, não tentou me bater.

— Ela é libanesa — disse Enzo, respondendo à pergunta. — Dahlia, esse é Salvi Moretti. Ele é o atual Don da família Moretti.

Eu conhecia o nome desse homem como conhecia o de Vlad.

Eles eram difíceis de ignorar, com suas fotografias estampadas nos noticiários com frequência, conectando-os a algum crime, antes que os casos fossem arquivados. À primeira vista, todos pareciam ter negócios legítimos, como os restaurantes de Vlad e os cassinos de Salvi Moretti, mas eu sabia que eram apenas fachadas para a imagem pública.

As cinco famílias de Nova York.

Eu já tinha conhecido dois.

— Salvi se ofereceu para comprar você — continuou Enzo.

Estremeci e as palavras fizeram meu coração apertar. Meu destino foi decidido por mim em menos de 30 minutos nesse lugar.

De jeito nenhum. Encarei Salvi desafiadoramente.

— Eu não estou à venda.

Enzo parecia prestes a falar, mas Salvi levantou a mão, interrompendo-o. Salvi sorriu de lado. Eu odiava como seus olhos sorriam para mim, como se fôssemos amigos agora. Se essa fosse uma situação normal e ele estivesse sorrindo para mim assim, seria algo convidativo e eu ficaria interessada em dar meu número de telefone. Mas eu não tinha qualquer interesse em ser amiga do diabo.

O que eu estava interessada em fazer era esfaqueá-lo no olho. Ele não tinha o direito de ficar confortável comigo. Fantasiei brevemente sobre como seria bom e libertador quebrar os ossos de Salvi com as minhas próprias mãos.

— Salvi deu o maior lance. Cinco milhões de dólares por você.

Meus olhos se arregalaram quando ouvi o valor. Meu queixo quase caiu até o chão. Idiotas. Eu estava cercada de babacas misóginos sedentos por poder.

Bufei para Enzo e o sorriso convencido de Salvi ficou ainda maior.

— Bom, que pena. Talvez você precise de um reembolso — retruquei para Salvi.

Salvi me deu um sorriso e riu.

Ele *riu* das minhas palavras.

O som de sua risada debochada me cortou mais fácil do que aço cortando seda.

Os olhos frios de Enzo se estreitaram. Sua mandíbula ficou tensa e suas narinas dilataram. Merda, parecia que ele ia me matar. Enzo levantou a mão para me dar um tapa. Dessa vez, eu estava preparada para me defender. Lembrei da vez que ele me bateu, como tinha me pego desprevenida. Assim que ele ia me bater e eu levantei o antebraço para bloqueá-lo, o braço de Salvi apareceu e parou a mão de Enzo a poucos centímetros do meu rosto.

Eu não esperava que o diabo me defendesse.

Aparentemente, nem Enzo. Ele franziu o cenho para Salvi.

O mais novo perdeu o sorriso, parecendo mais o filho da mãe sem alma que provavelmente era por dentro.

— Ela pertence a mim. Eu vou dar a punição.

Revirei meus olhos pelo comentário.

Escrotos convencidos.

Registrei o segundo comentário. *Punição?* Meu sangue ficou frio com que tipo de punição ele escolheria para mim. Do que ele gostava?

Enzo pareceu confuso, antes de assentir.

— Muito bem. Foi um prazer fazer negócios com você.

Negócios?

Eu jurava que minha mandíbula estava doendo pelo esforço de mantê-la fechada.

Enzo foi embora.

Sentimentos conflitantes cruzavam a minha mente. Eu queria que ele voltasse. Eu estava meio que sentindo falta da presença dele. Deus, eu devia estar desesperada. Enzo me olhava como se quisesse me matar, mas pelo menos, não tinha me tocado. Naquela vez com Vlad, ele queria me humilhar. Eu queria que o homem que desejava me bater voltasse. Eu preferia apanhar do que ser destruída... Eu não sabia qual homem era pior.

Voltei minha atenção para Don Salvi.

— Eu não vou a lugar nenhum com você.

Encarei-o, mas ele só parecia estar se divertindo.

Talvez eu devesse parar de falar, só para ele parar de me olhar desse jeito.

— Você pode vir comigo de boa vontade, mostrando classe e com a dignidade que esse "vestido" proporciona, ou meus homens podem carregar você. — Salvi deu de ombros. — Escolha.

— Isso não é escolha! — retruquei. — Eu pertenço a Vlad.

Eu sabia que Vlad tinha se livrado de mim, mas eu queria irritar esse Don.

Salvi quase perdeu o sorriso.

Bingo. Agora eu sabia o que provocava esse diabo.

Pelo que eu podia perceber, havia certa tensão ali.

— Enzo disse que Vlad não tinha qualquer interesse em manter você — falou Salvi.

Isso foi como uma facada em meu estômago, causando uma ferida que doía mais do que devia.

Vlad tinha prometido.

Mas eu sabia que era bom demais para ser verdade. Vlad mentiu.

Salvi ficou de pé, em sua altura de mais de 1,80m. Ele se elevava sobre mim e me encarava friamente.

— Você vem?

Eu não me movi.

Salvi fez um sinal para seus homens.

Dois homens grandes, vestidos em ternos pretos sob medida, vieram rapidamente, me agarrando. Seria difícil lutar nesse vestido e saltos. Desviei dos homens até que um deles me puxou pelo cabelo, me fazendo estremecer. Doía e, no mesmo instante, me arrependi da decisão de deixar meu cabelo longo. Um dos homens me jogou por cima do ombro como se eu fosse uma boneca de pano. Soquei as costas dele o mais forte possível, fazendo-o grunhir. Sorri para mim mesma por ter acertado um bom soco e, então, bati na cabeça do homem, fazendo

com que ele gemesse e acabasse me soltando.

Caí no chão com um som alto, fazendo meus ossos tremerem. Eu sabia que ficaria roxa e dolorida nos próximos dias. Desde que eu entrara nesse mundo, sofri ferimentos demais e eu estava ficando cansada disso. Mais um motivo pelo qual eu precisava fugir.

Olhei para baixo, para ver se meus seios estavam expostos. Eu nunca pude confiar em vestidos sem alças. Por sorte, as meninas ainda estavam guardadas dentro do vestido, mesmo que o meu colo estivesse exposto. Meu vestido agora estava acima das minhas coxas, revelando minha calcinha nude. Rapidamente, puxei a barra, tentando consertar o suposto vestido.

Eu olhei para cima de novo.

Um grupo de homens à minha volta me encaravam boquiabertos. Todos os olhos estavam em mim e ainda assim, nenhum filho da mãe veio me ajudar. Nenhum.

Espiei Salvi Moretti de rabo de olho, que assistia a cena se desenrolar em fascínio. Ele se apoiou em uma cadeira e passou uma das mãos no rosto, me observando. Ele estava impressionado?

O outro homem que veio na minha direção agora me pegou com força e me levantou no ar. Eu bati minha cabeça na dele e ele me soltou. Chamei a atenção de Salvi mais uma vez. Ele observava com satisfação enquanto passava os dedos na barba. Ele claramente gostava de me ver lutar. Isso o instigava.

Arranhei a bochecha de outro homem, fazendo-o grunhir e sangrar. Eu estava tão grata por ter unhas grandes. Perfeitas para arrastar aquelas caras idiotas. Quando o homem tentou me alcançar de novo, dei uma rasteira nele, fazendo o homem cair como babaca desastrado que era. O homem em quem eu dei a cabeçada parecia ter se cansado, então, pegou a arma e apontou para mim. Ele estava ofegante enquanto me encarava.

Parei de lutar e o encarei.

Ele ia atirar em mim?

— Vai em frente — desafiei.

O homem olhou para Don Salvi, esperando por instruções.

Salvi me olhou, ainda sorrindo, ainda satisfeito.

— Só amarre as mãos e os pés dela — disse Salvi, casualmente.

Antes que eu soubesse, vários pares de mãos prenderam meus pulsos e tornozelos com corda e eu não consegui me mover. Entrei em pânico e tentei morder a corda, mas era grossa demais. Meu olhar enfurecido encontrou o de Salvi.

— Carreguem-na. Tentem não se machucar mais — disse aos homens, rindo.

O Don se virou e foi embora.

Um dos homens de Salvi me colocou por cima de seu ombro bruscamente. Meus pés e minhas mãos estavam presos, e minhas tentativas de atacá-los não estavam funcionando. Além disso, agora que eu não podia mais correr, talvez não fosse inteligente continuar atacando. O homem que me carregava apertava ao redor das minhas coxas com força, me beliscando e isso me fez parar. Eu tinha que encontrar outro jeito. Talvez quando eu estivesse sozinha com Salvi e, com sorte, desamarrada, eu poderia lutar de novo. Tentei controlar minha respiração, puxando grandes quantidades de ar frio enquanto íamos para o lado de fora, mas isso não ajudou.

O ar frio penetrava a minha pele exposta e corada, me fazendo tremer.

Os homens me jogaram dentro de uma limusine espaçosa, provavelmente de Salvi, porque o carro parecia ter o cheiro dele.

— Desamarre-a — Salvi ordenou. Os homens pareciam querer protestar, mas não expressaram suas opiniões. — Eu posso lidar com ela.

Sorri para mim mesma.

Isso é o que veremos.

Capítulo 26

Dahlia

OS HOMENS ME desamarraram, libertando minhas mãos e meus pés. Tentei chutar um deles, mas estavam esperando por isso. Antes, eles pensaram que eu era inofensiva, mas agora estavam mais espertos. Eu sabia que eles não podiam me matar. Seu Don não me queria morta... ainda.

O diabo entrou na limusine depois de mim e se sentou a uma certa distância, na minha frente. Lentamente, ele tirou o *blazer* azul, alargou a gravata e a tirou enquanto me observava. Salvi deixou a gravata de lado, se inclinou para frente e apoiou as mãos entre as coxas, enquanto me encarava com curiosidade.

Ainda não o ataquei. Eu precisava de um momento em que ele fosse pego de surpresa. Eu tinha que esperar a hora certa. Salvi sabia que eu o atacaria. Eu só precisava de uma abertura. Se eu atacasse no momento errado, ele ia me amarrar ou me bater.

Cruzei os braços sobre o peito e o encarei.

O movimento levantou os meus seios e os olhos de Salvi foram atraídos rapidamente para o meu decote. Eu suspirei. Típico.

Descruzei meus braços, mas isso não foi melhor. Meus mamilos tinham endurecido pelo frio. Eles estavam mais eretos e visíveis através do tecido transparente. Eu tinha percebido o jeito que Salvi os olhou. Às vezes, eu me perguntava se os homens realmente pensavam com o pau. Os hormônios certamente pareciam controlá-los, ficando com água na boca pela visão de dois montes.

— Eu não me atacaria, se fosse você — disse ele, sorrindo.

Eu odiava o sorriso dele; odiava como ele agia como se fôssemos melhores amigos agora. Idiota.

Não falei nada e mantive minha boca fechada. Salvi disse que gostava de eu ser uma lutadora. Eu não ia lutar com ele, pelo menos não verbalmente. Talvez ele

estivesse esperando para ver se eu o desafiaria de novo.

— O gato comeu sua língua agora? — perguntou, erguendo as sobrancelhas.

Ignorei-o, pressionando meus lábios juntos, sem morder a isca.

O carro estava se movendo, deixando aquela área.

Olhei para o lado de fora das janelas escurecidas por um instante.

O diabo se aproximou, me pegando desprevenida.

Merda. Eu não esperava que começasse tão cedo!

Diabo tarado.

Eu podia me bater por ter dado a ele a oportunidade de se aproximar. Assim que percebi quão perto ele chegou de repente, tentei socá-lo, mas Salvi torceu a minha mão e prendeu nas minhas costas. Tentei dar uma cabeçada nele, mas errei quando ele se moveu, desviando para a direita. Salvi puxou o meu cabelo com força, me fazendo gemer de dor. Meu couro cabeludo queimava pelo puxão. Não era nem safado, era só cruel. Salvi agarrou o meu queixo. Encarei-o com ódio.

— Sai de perto de mim! — ordenei.

Ele não atendeu.

Salvi soltou o meu braço e puxou meu vestido em um movimento rápido, para deixá-lo enrolado na minha cintura. Olhei para ele, de boca aberta e espantada, antes de começar a lutar com ele mais uma vez. Eu não ia me render sem lutar.

— Eu comprei você. Paguei por você — murmurou no meu ouvido.

Cada instinto meu se retraiu com as palavras de Salvi.

— Você *não* é meu dono — rosnei entredentes.

O peito firme de Salvi estava pressionado contra meus seios nus e eu me sentia exposta e violada. Eu nunca me senti assim com Vlad. Mesmo quando Enzo o pressionou, Vlad garantiu que eu ficasse bem. Ele tocou meu quadril gentilmente para me acalmar. Também fez isso quando me xingou cruelmente na frente de seus homens; dessa vez, ele tocou minha mão. Eu tinha reconhecido o sinal dele, uma comunicação silenciosa entre nós, sem intrusos.

Onde está você, Vlad? Cadê o seu sinal agora?

Eu me odiava por pensar no meu sequestrador e ainda mais por ter esperanças

que ele se importasse o suficiente para me salvar, quando ele era a razão para eu estar ali.

A camisa de cetim de Salvi era macia e eu odiava a sensação do tecido de sua calça contra minhas pernas nuas. Era macio demais. Era errado. Deveria ser áspero como ele.

Salvi se abaixou – para me beijar, talvez? Eu não tinha certeza.

O tipo dele beijava?

O beijo de Salvi não era doce e gentil. Não era terno e apaixonado. Ele era bruto e agressivo. Sua boca era dura e exigente. Isso não era um beijo. Isso era para provar quem ele era e o que ele podia fazer.

Ao ter seus lábios pressionados contra o meu, mordi-os com força e logo senti o gosto de seu sangue amargo na minha boca. Os lábios dele se arregalaram e ele gemeu, pego desprevenido.

Afastei-me e dei um pequeno sorriso orgulhoso. Eu só podia imaginar como estava. O sangue de Salvi em mim, todo nojento e sinistro como um filme de terror.

Salvi sorriu com seu lábio ensanguentado.

Puta merda, o babaca estava sorrindo.

Foi aí que eu percebi: ele se excitava com a dor.

Salvi era sadista, não um dominador.

Lentamente, meu sorriso sumiu. Eu estava prestes a atacá-lo, mas ele foi rápido como um raio e prendeu minhas mãos em segundos, me forçando contra o assento. Eu estava deitada na frente dele, cada centímetro ciente do meu corpo exposto. Pelo menos a limusine era aquecida.

O motorista não parou o carro com a luta acontecendo na parte de trás. Eu não conseguia vê-lo por causa da divisória.

Salvi estava em cima de mim.

Seu aperto nos meus braços ficou mais forte enquanto ele me encarava com olhos azuis intensos.

Ele não parecia mais angélico.

O diabo já foi um anjo antes.

Os olhos dele estavam mais escuros e esfumaçados. Eles mudaram de cor bem na minha frente. Salvi parecia focado. Eu ainda não conseguia detectar raiva em seus olhos.

Tentei me mover e até mesmo chutar, mas ele sentou nas minhas pernas, me prendendo completamente. Ele nem mesmo precisava de corda para me conter. Seus dedos apertavam a minha pele dolorosamente. Durante alguns segundos, lutei contra ele, então, parei. Eu não podia gastar minha energia. Eu ficaria cansada demais. E ficaria mais fácil para ele me machucar. Eu era mais esperta que isso. Eu tinha aprendido a lutar. Era preciso esperar e procurar outra oportunidade quando ele baixasse a guarda.

Eu não ia chorar. Eu já tinha chorado muito na minha infância. Eu não era normal. Se eu fosse outra pessoa, talvez estivesse implorando, aos prantos, mas eu não era outra pessoa.

Eu era forte.

Os olhos de Salvi desceram do meu rosto enquanto viajavam pelo corpo.

Ele me tinha onde queria e parecia animado por isso. Faminto.

Eu sabia a aparência do meu corpo. Eu estava ciente das minhas curvas. Meus seios eram maiores do que eu queria. Eram bonitos, mas cheios demais. Desejáveis demais. Feminino demais.

Eu não sei como seus olhos podiam ficar mais escuros. Eu achava que Vlad era cruel, mas Salvi estava em um outro nível.

Selvagem.

Pelo menos, a Fera podia ser domada, mas o Diabo não. Virei meu rosto, desviando meus olhos de Salvi, para que ele não pudesse ver o medo nos meus.

Salvi se abaixou e seu cheiro, seu perfume me dominou e penetrando minhas narinas. Virei meu rosto mais para longe. O cheiro era bom e não pertencia a alguém como ele.

Salvi se inclinou, mordendo meu pescoço.

Contorci-me debaixo dele.

— Tão linda — murmurou no meu ouvido. — Então é isso que Vlad tem aproveitado, é? — brincou.

Ele não estava fazendo uma pergunta.

As palavras de Salvi me davam medo. Elas só falavam das coisas horríveis que ele queria fazer comigo. Eu podia sentir a luxúria em sua voz. Tentei me mexer debaixo dele, mas ele tinha me prendido. Meus braços e pernas eram inúteis.

Engoli com dificuldade antes de minha mente me levar para quando Enzo ia me bater. Lembrei da reação de Salvi.

— Você vai me punir? — perguntei baixinho.

Prendi a respiração enquanto aguardava a resposta de Salvi. Ele era o meu captor agora. Uma risada histérica queria irromper de dentro de mim e eu temia estar ficando louca.

Do céu ao inferno e aqui estamos.

Ele me olhou com as sobrancelhas erguidas.

— Essa punição não é o suficiente para você?

Eu não respondi porque senti o volume nas calças de Salvi.

A boca dele percorreu o meu pescoço antes de se dirigir aos meus seios. Ele soltou uma das minhas mãos, e aproveitei a oportunidade para socá-lo, mas ele agarrou meus pulsos firmemente com uma das mãos, me parando. Sua força era maior que a minha. Não havia como competir. Salvi me deu um sorriso diabólico e passou sua mão áspera sobre os meus seios. Ele provocou os mamilos rosados até que estivessem duros e sensíveis. Eu odiava que estivessem endurecendo para ele. Eu não podia controlar a reação do meu corpo.

A boca quente de Salvi se fechou sobre o meu mamilo.

Eu estava em sua boca.

Encarei-o com raiva, querendo enforcá-lo.

Eu me mexi de novo, mas acabei enfiando meu seio ainda mais na boca de Salvi. Libertei um dos meus braços do aperto que ele tinha em mim com uma única mão, e ele me segurou com as duas. Os olhos de Salvi encontraram os meus antes de ele morder meu mamilo. Fraco a princípio, mas depois, com força. Seu dente perfurava e machucava minha pele e eu tentei, mas falhei em segurava um choro de dor. Meu mamilo estava doendo. Ardia e tinha ficado um rosa vivo, mas Salvi mudou para o outro. Lágrimas queimavam nos meus olhos.

Chorei contra Salvi. Eu sabia que ele podia ver as lágrimas, mas isso não o parou.

Ele pairou em cima de mim e lambeu uma lágrima perto do meu olho, que estava prestes a cair. Sua língua me fez encolher de nojo e eu prendi a respiração pela proximidade dele.

— Suas lágrimas são *tudo*, Docinho — sussurrou contra a minha bochecha.

Salvi se abaixou mais uma vez e assoprou meus mamilos machucados, fazendo-os entumecer e aliviando a dor. Depois disso, ele os beijou quase gentilmente. Essa ação me lembrou muito do que Vlad tinha feito uma vez.

Meus mamilos não estavam sangrando, mas estavam extremamente sensíveis e inchados. No entanto, eu estava aliviada. Pensei que Salvi se vingaria mais por eu ter tentado socá-lo e me morderia mais.

Mas não tinha. O que eu acabei de presenciar?

Ele estava me machucando, me causando dor intencionalmente, mas tentando aliviar depois. Uma guerra de emoções e sensações começou na minha mente e no meu corpo. Apesar do medo, meu corpo estava reagindo a esse gesto doentio, porém, gentil. Uma parte em mim lembrou de não acreditar nesse cuidado de Salvi.

Algo me disse para lutar. Eu tive uma ideia. Ela apareceu na minha cabeça, mas eu precisava reunir forças para isso.

Salvi ainda estava me olhando enquanto me chupava. Eu não poderia ter o meu seio na boca dele quando fizesse o que eu queria. Não ia acabar bem para mim. Quando levantei a cabeça, os olhos de Salvi se estreitaram com suspeita. Ele deixou o meu seio e se aproximou de mim. Meus movimentos eram mais lentos. Não parecia que eu estava prestes a atacá-lo, então Salvi deixou que eu me aproximasse.

Coloquei minha língua para fora e lambi o lábio inferior ensanguentado de Salvi, sentindo o gosto de sangue de novo, deixando que tomasse meus sentidos. Às vezes, você tinha que fazer coisas que nunca imaginou com um monstro.

Salvi parou por um segundo, pego de surpresa.

Escondi um sorriso. *Te peguei.*

Eu tinha Salvi na palma da minha mão.

Eu cresci cercada de pais adotivos. Se tinha uma coisa que eu sabia era que o sexo oposto queria intimidade e atenção da mesma forma que nós.

Eu nunca seria uma vítima.

Eu sou uma sobrevivente.

Consegui a minha oportunidade. Usei meu corpo para empurrar e rolar por cima dele. Fiquei feliz por estar no assento, foi mais fácil para derrubá-lo no chão. Salvi era mais pesado que eu. Ele fez um som quando caímos no chão da limusine. Agradeci secretamente ao *kismet*[1] por estarmos em uma limusine grande e não em um carro apertado. Eu não seria capaz de virá-lo tão facilmente se não estivéssemos na limusine.

Agora, eu estava por cima.

Por um instante, os olhos surpresos de Salvi me encararam.

Meu cabelo estava embaraçado e bagunçado. Eu tinha certeza que tinha kajal manchando o meu rosto. Minha pele estava brilhando e corada. Minhas mãos ficaram no peito de Salvi e meus seios nus ficaram pendurados acima dele. O olhar de Salvi caiu sobre os meus seios antes de voltar para os meus olhos.

Dei um soco em Salvi, acertando a mandíbula dele com força.

Isso ia deixar um hematoma em seu rosto bonito.

A expressão de Salvi mudou quando sua cabeça voltou na minha direção. Nessa hora, eu vi pela primeira vez. Raiva. Eu tinha batido em Salvi. O hematoma já estava aparecendo em seu rosto. Ele não estava mais sorrindo para mim. Seu olhar era homicida. Eu tinha acabado de socar o Don de uma das famílias dominantes e eu não me arrependia.

Sem aviso, Salvi levantou a mão e puxou meu cabelo com força, me fazendo arquear as costas.

— Você quer ser uma garota durona? — murmurou com um tom em sua voz que me assustou. Salvi demonstrou sua força e se sentou, seu peito saindo do chão mesmo com todo o meu peso o pressionando. Imediatamente, minhas costas foram pressionadas contra a almofada do assentou enquanto Salvi pairava de forma ameaçadora à minha frente. Nós ainda estávamos no chão.

Encarei-o, chocada. Ambos estávamos ofegantes, misturando nossas respirações.

— Vai embora, Diabo — cuspi ofegante, porém, o medo estava rapidamente tirando a força da minha voz.

Salvi apenas me deu um sorriso provocador e seus olhos azuis brilharam.

Eu o odiava. Eu odiava como seus olhos cintilavam. Isso me lembrava muito de *Vlad*. O nome me incomodava. Não saía da minha mente. Estava preso lá para sempre. Se Vlad quisesse me salvar, ele já teria o feito.

Ele não liga para mim.

A mão de Salvi deslizou para dentro da minha calcinha e dois dedos roçaram contra as minhas dobras.

Arrepiei-me e me virei. Tentei chutar Salvi e me virar, mas nada funcionou.

— Docinho, eu quero te fazer gozar com a minha boca.

As palavras explícitas me chocaram. Salvi tirou os dedos e os chupou lentamente, um por um. Eu fui pega de surpresa. O gesto era íntimo demais, erótico demais, *errado* demais.

Salvi deslizou os dedos de volta para dentro de mim com força, me machucando mais do que a primeira vez. Gritei: *pare!*, mas a outra mão dele saiu do meu cabelo e cobriu a minha boca.

Eu congelei.

Parei de gritar.

A mão de Salvi pressionou com mais força contra a minha boca.

Ele não precisava.

Eu parei de gritar, de lutar, de pensar.

Tudo parou.

O diabo estava fazendo coisas com o meu corpo, me tocando, mas eu não conseguia me conectar mais a elas. Meu corpo podia sentir, mas eu não achava que estava acontecendo comigo. Parecia que eu era outra pessoa agora. Eu estava tonta.

O pequeno movimento, aquela pequena ação levou minha mente para outro lugar.

---

1. Destino, em árabe.

Capítulo 27

Dahlia

21 anos atrás

— OLÁ, PEQUENA DAHLIA — disse a voz. — Eu trouxe uns doces pra você.

Olhei para ele ansiosamente. Eu estava feliz.

— Vamos jogar um jogo, tudo bem? — falou a voz.

Eu estava confusa, mas assenti mesmo assim.

— Para cada pedaço de doce que eu te der, você tira uma peça de roupa.

Olhei para ele, ainda mais confusa.

Menos roupas era igual a mais doces?

— Está tudo bem, querida — murmurou.

Fiz bico e respondi: — Tudo bem, mas quero meu doce primeiro.

— Ah, vamos negociar, é? — a voz riu.

Sorri e assenti, querendo agradar a ele.

Ele me deu uma barrinha de chocolate Snickers *e eu puxei meu vestido por cima da minha cabeça. Depois, o ar frio me atingiu.*

Eu me sentia estranha. Tão estranha. Não parecia um jogo justo. Minhas roupas já tinham saído e eu só tinha ganhado um doce?

Abri a boca para falar, mas ele colocou a mão na frente da minha boca, abafando minhas perguntas.

— Vamos continuar o jogo. Sem perguntas — disse a voz.

Capítulo 28

Dahlia

Presente

VOLTEI À REALIDADE quando percebi que o diabo tinha parado de se mover. Salvi ainda estava em cima de mim, mas sua mão não cobria mais a minha boca. Ele estava me estudando, encarando intensamente. As sobrancelhas dele estavam franzidas, descendo em direção ao nariz.

Fiquei ciente dos meus arredores e observei à minha volta, confusa. Olhei para as minhas coxas. Minha calcinha ainda estava lá e Salvi ainda usava roupas. A calça dele não estava desabotoada, apesar de eu conseguir ver o volume ameaçando sair. Meu corpo não parecia esticado e dolorido.

Encontrei os diabólicos olhos azuis.

— Por que você parou? — perguntei lentamente.

Minha língua parecia estranha na minha boca. Era esquisito. Por um instante, pensei que a humanidade de Salvi tivesse aparecido e que sua consciência o tivesse feito parar.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Você não estava lutando.

Estremeci com essas palavras, retirando meu pensamento anterior.

Salvi sorriu. Um sorriso que poderia parecer doce. Ele estava brincando? Isso me chocou. Eu não entendia seus sorrisos e jogos mentais. Eu não sorri de volta ou reagi à expressão dele.

O sorriso desapareceu do rosto de Salvi. Eu ainda estava dolorosamente ciente do quão perto ele estava e que eu ainda estava exposta.

— O que aconteceu com você antes? — perguntou Salvi.

Eu evitei a pergunte dele como se fosse a peste.

Ele não merecia saber nada sobre mim.

Salvi inclinou a cabeça enquanto me encarava.

— Você ficou distante — comentou.

Eu não ofereci qualquer informação e desviei meus olhos.

Eu podia senti-lo chegar mais perto até que seu rosto estivesse a centímetros do meu.

— Quem te machucou? — perguntou ele em uma voz perigosamente baixa.

Eu podia detectar a ameaça por trás das palavras de Salvi, mas ele realmente pensava que eu ia confessar todos os meus segredos mais sombrios? Era preocupação que eu via no rosto de Salvi? Minha mente parecia estar pregando peças em mim.

Ele sorriu para mim mais cedo como se eu fosse ficar de quatro se ele me tratasse bem.

Eu era mais esperta que isso. Eu não era mais uma criança.

Essa era a reação verdadeira de Salvi ou ele estava atuando?

Vlad reagiria assim, não esse diabo.

Virei meu rosto para ele e dei um sorriso rancoroso.

— *Você* me machucou.

Salvi estreitou os olhos. Ele pressionou os lábios, mas não me tocou mais.

— Diga o que está passando na sua cabeça.

Mais uma vez, era uma ordem e não um pedido.

Encontrei os olhos azuis dele. Eles pareciam mais angelicais.

Passei meus braços em volta do meu corpo nu, tentando me cobrir. Eu me sentia tão vulnerável. Eu não tinha muito energia para lutar mais. Eu desassociei. Ter uma mão sobre a minha boca era um dos meus piores gatilhos. Era difícil agir depois disso. Não era algo de que eu pudesse me recuperar tão facilmente.

— Quantos anos você tinha? — perguntou Salvi.

Eu sabia o que ele estava perguntando. Ele tinha descoberto.

Seu olhar firme estava cheio de curiosidade e algo mais, só que eu não conseguia identificar o quê.

Eu não sabia porque precisava falar a verdade sobre o meu passado para Salvi. Minha mente estava flutuando. Às vezes, ela permanecia no passado e às vezes, no presente. Eu não era eu mesma nesse momento.

— Eu tinha cinco anos — sussurrei, desviando meu olhar.

Senti Salvi ficar tenso, mas ele não disse nada.

— Eu tinha onze anos, depois, dezessete. Homens diferentes — admiti.

Eu estava chocada por ter revelado algo tão pessoal.

Olhei para cima. Os olhos de Salvi eram assustadores e severos enquanto me olhavam. Ele não parecia bravo ou surpreso. Então, eu disse algo idiota de que sabia que ia acabar me arrependendo.

— Eu não gosto da punição — falei baixinho.

Fechei meus olhos ao mesmo tempo em que uma lágrima escorria deles. Limpei-a com raiva antes que Salvi notasse, mas eu sabia que ele tinha notado. Não era algo que eu pudesse esconder agora.

Eu não tinha mais forças para lutar. Era difícil me concentrar.

Encarei Salvi.

— Vlad vai machucar você — falei teimosamente.

Sua garota burra. Ainda pensando nele?, minha voz interior disparou.

Uma parte de mim ainda se recusava a acreditar que ele era responsável por tudo isso.

O rosto de Salvi se iluminou com divertimento.

— Ele te *vendeu*, Docinho. — fechei meus olhos com as palavras duras dele, sem querer que elas fossem verdade. — Eu sou tudo o que você tem agora.

Salvi tentou me alcançar novamente, mas eu congelei e meus olhos se arregalaram. Um pequeno gemido que eu não pude evitar deixou meus lábios. Tentei levantar o braço para bloqueá-lo, porém, meus membros estavam pesados demais. Estava ficando mais difícil levantá-los.

Pensei que ele ia me beliscar de novo e acabei dizendo:

— Meus seios estão doloridos demais. — eu estava implorando. Eu esperava que ele entendesse.

O diabo parou por um instante.

— Eu não ia te tocar aí.

Olhei-o desconfiada, sem saber qual seria o próximo passo. Ele estava tão perto e, mesmo assim, mantinha certa distância.

Salvi passou a mão pelo meu cabelo e repousou a mão na curva do meu pescoço. Sua mão estava quente contra a minha pele.

Encarei Salvi em confusão, sem ter certeza do que ele estava fazendo ou quais eram seus motivos. Quase parecia um ato de carinho.

Eu pisquei, desacreditada.

— Que diabos você está fazendo? — continuei olhando Salvi com cautela, mas ainda não me afastei de seu toque.

Os lábios dele se ergueram em um sorriso e seus olhos suavizaram.

Ele se aproximou ainda mais até ficar a poucos centímetros de distância e só me encarou, sustentando meu olhar.

Abri a boca para falar, mas nada saiu. Eu estava desconcertada. Salvi planejava me machucar, me violar e agora tinha parado? Por que esses mafiosos perigosos eram tão confusos? Eu não conseguia decifrá-los bem.

Eu esperava que eles fossem assassinos bem treinados e sem coração. Eu não tinha certeza se faziam isso de propósito para as mulheres se abrirem e eles poderem se aproveitar delas. Eu ainda olhava Salvi com suspeitas, mas permiti que ele deixasse a mão ali. Ele não tentou mais nada, apenas segurou o meu pescoço e sustentou o meu olhar o tempo todo.

Eu não sabia quantos segundos ou minutos tinham passado.

O carro parou abruptamente e eu bati contra o peito de Salvi, a mão dele ainda segurando o meu pescoço. A outra mão agarrou o assento para que ele não caísse.

Houve uma gritaria do lado fora e sons de tiros. Eu não entendia o que estava acontecendo. Salvi olhou pela janela, super alerta.

O telefone dele tocou.

Teve uma voz do outro lado da linha antes de Salvi desligar e guardar o celular. Ele pegou uma arma no bolso de sua calça. Meus olhos foram atraídos pelo objeto brilhante e meu coração acelerou.

Salvi me olhou mais uma vez. Algo se passou em seus olhos.

Fique, ele parecia ordenar sem dizer uma palavra.

Não fiz qualquer movimento de sair – não porque estava o obedecendo, mas porque eu não sabia se conseguiria. Meus membros pareciam chumbo e eu não tinha mais forças para lutar.

Salvi saiu da limusine, me deixando sozinha na escuridão. O ponto no meu pescoço estava vazio e frio, sentindo falta do calor.

Houve mais gritaria do lado de fora. Não me dei o trabalho de olhar.

Em vez disso, apoiei minha cabeça no assento e fiquei olhando o teto do veículo com minhas mãos moles ao lado do meu corpo. Eu estava tão perdida, minha mente vagando e voando para lugares que eu não queria revisitar. Lugares perigosos e sombrios da minha infância. Um lugar mentalmente sombrio. Uma lágrima ameaçou cair, mas levantei a mão e a limpei antes que isso pudesse acontecer. Eu estava morrendo por dentro lentamente. O fantasma de uma garota preso, sozinho, nesse mundo.

Eu não queria pensar no que Salvi tinha acabado de fazer. Isso só me confundiria mais, então, mudei meu foco para outra coisa, tentando me agarrar desesperadamente ao aqui e agora em vez de voltar ao meu passado.

Uma parte de mim sentia falta de Vlad. Eu não queria, mas sentia.

Por que o meu coração traidor sempre acelerava quando ele estava por perto?

Até meu coração queria me trair.

Ele me traiu.

Tinha algo de muito errado comigo. Algo sombrio cresceu em mim, algo não natural. Eu não deveria me sentir traída pelo homem que era o meu sequestrador e que era mais que isso há algum tempo. Vlad nunca foi um dos bonzinhos e eu sabia disso, mas, de alguma forma, uma parte minha ainda esperava que ele fosse. Ele nunca planejou me levar. Ele não era totalmente ruim. Eu cruzei seu caminho e ele me levou porque eu era um risco.

Vlad disse que eu tinha mostrado meu rosto e por isso ele me levou. Esse era o motivo real? Porque ele não me beijou até que eu desse o primeiro passo. Eu lembrava de quando conheci Vlad no baile antes de tudo ir pelos ares no

estacionamento. Eu tinha esperado que ele falasse comigo de novo no baile, mas o meu acompanhante não saía do meu lado.

Eu via o lado bom de Vlad que às vezes escapava antes de desaparecer de novo.

Vlad não me machucou.

Ele me protegeu.

Riu comigo.

Brincou comigo.

Então você acha que são amigos agora?

Eu estava viva por causa dele.

Existia por causa dele.

Existia só por ele.

Eu não sabia por quanto tempo estava sentada assim.

A porta foi aberta.

Lentamente, virei minha cabeça na direção da porta, pensando que o diabo estava de volta.

Eu encontrei olhos selvagens e cinza.

A Fera me cumprimentou.

Capítulo 29

Vlad

OS OLHOS DE Vlad encontraram os olhos vazios de Dahlia.

Ela estava sentada ali, no chão da limusine, encostada no assento. Seu pequeno vestido transparente estava embolado em sua cintura. Ela estava de lado para ele, por baixo, apenas a calcinha. Ela estava exposta. Ele não sabia que merda tinha acontecido naquele carro.

A raiva de Vlad aumentou pela visão de Dahlia.

— *Boneca* — sussurrou ele.

Ela apenas piscou.

Sua linha d'água estava úmida, borrando o kajal ainda mais em volta de seus olhos. Ela estava uma bagunça. Seu cabelo estava solto e caía à sua volta, como uma capa. Ele fazia as vezes da roupa, envolvendo-a. Suas bochechas estavam coradas e havia sangue em seus lábios. Os olhos de Vlad se focaram nela.

Ele odiava perguntar, mas precisava saber.

— Você está... você está...? — a voz de Vlad sumiu.

Ele nem consegui formar as palavras certas naquele momento. Ele esperava que não fosse tarde demais. Depois que descobriu que seu pai enganou a todos para deixarem levá-la, Vlad a procurou freneticamente.

Ela tinha saído há algumas horas.

Foi difícil rastrear Salvi.

Quando Vlad chegou ao leilão, Dahlia já tinha ido embora.

Ele descobriu que ela tinha sido *vendida.*

A pequena esperança que ele tinha em seu peito de que ela não tivesse sido forçada, estava diminuindo lentamente.

Dahlia não respondeu à pergunta, apenas o olhou sem expressão, quase como se não soubesse quem ele era. Ela não estava o vendo realmente.

Mas que porra tinha acontecido?

— Vamos colocar uma roupa — disse, gentilmente.

Vlad manteve a voz suave. Ele nunca tinha falado assim com ninguém, além de Natalie.

Dahlia despertava coisas em Vlad para o qual ele não era treinado.

Ela virou de costas para ele, perdida e encarou o teto.

Ela parecia tão destruída.

O ódio de Vlad por Salvi ardia em chamas. A necessidade de matar se agitou em seu corpo. Ele colocaria fogo nesse carro com Salvi dentro. Queimaria o filho da puta vivo. Mas primeiro, Vlad torturaria Salvi da pior forma, mantendo-o vivo durante dias, sem deixar que ele morresse até que implorasse pela morte.

— Você me vendeu — disse Dahlia finalmente, em uma voz suave, porém, acusatória.

Isso machucou o coração gelado de Vlad.

Uma parte dele morreu lentamente com as palavras de Dahlia.

— Eu acreditei em você.

Vlad levantou a cabeça.

— Você disse que ia me salvar do seu pai — continuou ela.

— Eu não sabia... — falou Vlad suavemente.

Dahlia continuou falando como se não registrasse as palavras dele.

— Você me deu sua palavra.

A respiração dele falhou.

— Isso foi porque acusei você de ter quebrado sua promessa de me levar para sair? Esse foi o meu erro? Foi por isso que você mudou de ideia sobre ficar comigo? — Dahlia fungou e olhou diretamente para Vlad. — Você disse "nós só transamos algumas vezes". Você pisou em mim e me jogou para o diabo!

Vlad fechou os olhos, arrependimento o tomando. Ele abriu os olhos devagar e balançou a cabeça.

— Eu *nunca* venderia você. Eu prometi que não faria isso.

— Eu não acredito em uma palavra que você diz — disse ela, sua voz falhando.

Dahlia soava como se o odiasse e a dor rasgou o peito de Vlad.

— Eu não sabia, Boneca. Eu não estava em casa. Eu não sabia o que ele estava planejando — sussurrou Vlad. Agora ele estava implorando para que ela acreditasse? Ele não gostava de ver Dahlia nesse estado, exposta para o mundo e uma casca vazia do que ela costumava ser.

Dahlia não respondeu e fechou os olhos.

— Suas roupas. Vista. Eu vou levar você para casa.

Vlad estremeceu quando suas palavras saíram parecendo uma ordem. Ele precisava ser gentil com Dahlia, mas a verdade era que ele estava perdendo a paciência. Em casa. Era lá que ela pertencia. Com ele.

— O outro Don me comprou. Salvi. Eu pertenço a ele agora.

As palavras de Dahlia o magoaram.

— Só por cima do meu cadáver — rosnou Vlad. — Você é minha e eu vou destruir qualquer pessoa que te machuque.

Dahlia abriu os olhos e finalmente pareceu focá-los em Vlad, pela primeira vez.

— Eu não gosto de você. Não vou a lugar algum com você.

As palavras dela pareciam a de uma criança birrenta.

Vlad passou a mão no cabelo. Ele respirou fundo e se aproximou de Dahlia para tocá-la e confortá-la, mas ela estremeceu e se afastou dele.

Vlad parou no meio do caminho.

— Saia do carro, Dahlia — ordenou suavemente.

Ela balançou a cabeça.

— Então você quer ir com Moretti? — cuspiu.

Sua voz tinha uma força agora. Ele precisava de Dahlia fora do carro. Ela se virou totalmente de frente para Vlad. Ele tinha a atenção dela agora. A luz estava ligada na limusine, e Vlad podia ver a aparência de Dahlia. Os olhos de Vlad caíram sobre as marcas de mordida nos seios dela e ele respirou com dificuldade. Ele tentou procurar por outras marcas. Vlad observou os pulsos dela, que tinham grandes marcas de mão, antes de levantar a cabeça.

Dahlia estava quieta enquanto o encarava, uma casca vazia da mulher que já foi um dia.

Aquele fogo, aquele espírito que Vlad tinha visto antes tinha desaparecido.

Ele a queria de volta. Não gostava de vê-la tão vazia.

Dahlia não fez qualquer movimento para se cobrir dele.

A mandíbula de Vlad ficou tensa e ele se aproximou.

Os olhos de Dahlia se arregalaram e ela chegou para trás no carro, balançando a cabeça. Vlad odiava que ela o temesse agora. Dahlia tinha acabado de baixar a guarda com ele.

Aquele pouquinho de confiança foi embora.

— Pare, Boneca — murmurou ele, tentando alcançá-la.

Dahlia o arranhou, atacando e fazendo um pequeno corte no pescoço de Vlad. Doeu um pouco, tinha penetrado a pele.

Vlad passou os braços em volta do pescoço de Dahlia, não deixando suas mãos vagarem para baixo. Ele apenas a abraçou por um instante, esperando que ela deixasse. Por alguns segundos, Dahlia lutou, mas ele apenas a abraçou com mais força até que ela parasse de lutar. Ainda assim, Dahlia não o abraçou de volta, mas deixou Vlad a abraçar.

— Eu disse a ele que pertencia a você.

A respiração de Vlad falhou.

— Mas ele não ligou.

— Eu vou enterrá-lo vivo. Pode acreditar — prometeu Vlad.

— Ele parou.

Vlad se afastou de Dahlia, confuso. Ele a olhou, esperando que ela se explicasse, mas ela não o fez. Ele tentou não encarar a forma nua dela. Vlad levantou o vestido de Dahlia, cobrindo-a e rosnou com a visão daquele vestido cor da pele patético. Ele podia ver cada curva do corpo dela, mesma ela estando coberta agora. Seu pai a fez desfilar por aí *nisso*? Isso mal contava como roupa.

Dahlia colocou o cabelo atrás da orelha com as mãos trêmulas.

Essa não parecia a garota confiante e ousada que Vlad conhecia.

— Bom... ele não estava planejando parar — começou ela, lentamente. Vlad ergueu uma sobrancelha. — Mas uma coisa aconteceu e ele parou.

Vlad estava confuso.

Ele soltou um suspiro de alívio e estendeu a mão para Dahlia.

Venha comigo.

O olhar de Dahlia encontrou o dele, antes que ela começasse a encarar a mão dele. Ela a olhava como se fosse venenosa. Então, Dahlia estendeu sua pequena mão lentamente e colocou na de Vlad.

Ele escondeu um sorriso enquanto a ajudava a sair do carro.

Dahlia parou no meio do movimento quando seu olhar caiu sobre Salvi, que espreitava às sombras. Ele tinha uma arma na mão, ao lado do corpo, apesar de estar cercado pelos homens de Vlad.

Dahlia congelou, como se tivesse sido pega no flagra.

— Sabe, eu a comprei por cinco milhões de dólares — disse Salvi, olhando para Dahlia.

Ela desviou o olhar dele e chegou mais perto de Vlad.

Essa vulnerabilidade dela o incomodava.

Vlad queria esmagar Dahlia em seu abraço, mas não podia. Ele não podia mostrar nenhuma emoção como carinho na frente de seus homens. Era uma fraqueza. Todos sabiam que eles transavam, mas ninguém sabia a profundidade dos sentimentos dele por Dahlia. Era uma regra não dita, praticamente proibida.

— Pena que ela não era sua para pegar — Vlad respondeu simplesmente.

— E o meu dinheiro?

Vlad bufou discretamente. Salvi era rico como Vlad. Cinco milhões de dólares era troco para ele, que tinha bilhões.

Vlad chamou Gabriele e o entregou Dahlia. Ela ainda agarrava desesperadamente a mão de Vlad, se recusando a sair de seu lado.

— Eu vou daqui a pouco. Gabriele levará você para casa, tudo bem? — sussurrou no ouvido dela.

Dahlia franziu o cenho antes de olhar para Gabriele.

— Gabriele vai te proteger se for preciso, Boneca — garantiu Vlad.

Ela assentiu, hesitante.

— Eu deveria ficar aqui com você, Vlad. Me deixe lutar — disse Gabriele, seus olhos azuis, arregalados.

Vlad apenas balançou a cabeça.

— Você vai levar Dahlia para casa. — Gabriele abriu a boca para protestar, mas Vlad falou primeiro. — É uma ordem.

Gabriele assentiu relutantemente.

Dahlia se afastou de Vlad. Ela deu alguns passos para frente, mas olhou para Salvi, que deu um sorriso preguiçoso.

— Nos veremos de novo, *Docinho*.

Ela o encarou por um momento, então, virou o rosto e saiu com pressa, correndo até o carro. Uma vez que Dahlia estava em segurança dentro no carro e Gabriele foi embora com ela, Vlad se virou para Salvi.

— Ela não é a porra do seu docinho — disse Vlad, entre os dentes.

— Essa noite ela foi — provocou Salvi.

Não ouse.

— Só um de nós vai sair daqui vivo — informou Vlad, calmamente. — Eu tenho mais homens aqui do que você. Você está em menor número.

Havia reforço com Vlad ali. Ele não foi negociar a liberdade de Dahlia. Ele tinha ido matar.

Era matar ou morrer.

Salvi não parecia impressionado.

— Você precisa de tantos homens assim para me matar?

— Na verdade, eles eram para o meu pai. Eu não sabia que era você que tinha pago por ela. — *Pago, não comprado,* terminou baixinho.

— Que tipo de Don deixa o pai comprometê-lo?

Um Don idiota, claramente. Vlad se recusava a morder a isca.

Seu pai era uma coisa com que ele tinha que lidar também.

Salvi deu um sorriso sarcástico.

— Ela é tão importante assim para você?

Vlad não respondeu.

— Eu consigo entender a atração. Belezinha exótica.

Vlad tentou acalmar sua raiva. Ele sabia que Salvi estava tentando irritá-lo.

— Se você me matar, isso significa uma guerra eterna com a minha família. Você sabe como isso terminou antes da aliança ser formada. Ela vale a pena? — perguntou Salvi, inclinando a cabeça para o lado e o olhando.

Ele não parecia temer o que Vlad podia fazer. A maioria dos mafiosos não temia. Eles sempre souberam que tinham um alvo em suas costas e estavam preparados para morrer quando a hora chegasse. Se Salvi fosse uma pessoa normal, ele estaria mijando nas calças.

Vlad tomou uma decisão.

Ele não podia abraçar Dahlia na frente de seus homens, porque eles pensavam que ela era a amante dele. Mas ela era mais que isso. Vlad tentou segurar um suspiro profundo. Ele estava cansado de atuar. Seu coração estava cansado demais. Durante toda sua vida, o código foi tatuado dentro dele.

Um Don não pode mostrar fraqueza.

Um Don não pode mostrar afeto.

Um Don não tem misericórdia.

Fodam-se as regras.

Ele já tinha quebrado todas elas.

Ele iria lidar com Salvi e Enzo de uma vez por todas.

Vlad encarou Salvi, seu Don rival.

— Tudo o que você fez com Dahlia é um ato de guerra — afirmou calmamente, deixando que todos à sua volta escutassem suas palavras. A seguir, ele parecia estar achando graça. — Da última vez que um homem a tocou, eu atirei no meio das pernas dele. E ele morreu lentamente em uma poça de seu próprio sangue.

Vlad percebeu a hesitação no rosto de Salvi, antes que a expressão dele mudasse para um sorrisinho de lado.

— Solte a arma — ordenou Vlad.

Salvi sorriu perversamente.

— Não. Eu vou conseguir pelo menos um bom tiro antes que você me mate.

— Quem disse que eu estou planejando matá-lo? — retrucou Vlad.

— Ah. Tortura, então? — zombou Salvi. — Vai fazer jus à sua reputação?

Vlad apontou a arma na direção do rival.

No mesmo instante, Salvi apontou a dele.

Os homens de Vlad e de Salvi seguiram.

— Que tal eu e você fazermos isso de um jeito diferente? — perguntou Salvi. — Que tal uma boa e velha luta?

A mandíbula de Vlad ficou tensa.

— Vamos lá, aí, você pode me dar uma surra — disse Salvi, sorrindo.

Vlad engatilhou a arma, sem paciência para joguinhos e mirou na perna de Salvi. Talvez Vlad devesse fazê-lo mancar, para começar. Quando ele estava prestes a apertar o gatilho, Salvi abriu a boca.

— Eu a provei. Os lábios dela — disse ele, seu sorriso aumentando.

Vlad congelou.

O sangue em suas veias se agitou fez barulho em seus ouvidos. Ele soltou uma respiração irregular, necessitando se acalmar.

Ele está tentando me provocar.

— Os mamilos dela são tão rosas. Eu queria ficar chupando os peitos grandes dela.

Isso explica os hematomas.

Salvi continuou falando, sem intenção de parar.

— Eu queria marcar cada centímetro daquele corpinho.

Ela não é sua.

Vlad tentou ignorar seus pensamentos, mas Salvi estava o afetando agora.

— Pouco antes de você chegar, eu estava prestes a meter naquela boceta macia e rosa. Se você tivesse chegado cinco segundos depois, ela não seria a Dahlia que você

queria.

Essa última parte doeu. Vlad perdeu a paciência e respirou com mais força pelo nariz. Sua raiva queimava dentro dele. Ferir Salvi com balas era fácil. Ele não precisava de uma arma, precisava de suas *mãos* na garganta de Salvi. As mãos seriam o suficiente. Vlad queria quebrar os ossos das mãos de Salvi por tocar em Dahlia, a boca por mordê-la, a mandíbula por falar merda sobre ela e arrancar os olhos dele por olhar para Dahlia. Vlad infligiria uma dor que Salvi não conseguia imaginar em cada parte dele que machucou Dahlia.

Vlad não reconhecia essa parte de si mesmo.

Esse não era ele.

Misericórdia. Vlad era misericordioso.

Mas agora, ele queria ser *frio*.

Uma parte de Vlad estava feliz por Dahlia ter ido embora, para ela não ter que testemunhar esse lado dele.

Vlad abaixou a arma, a fúria dentro dele precisando se liberada.

Salvi sorriu largamente.

— Então, um bom e velho duelo?

Vlad colocou a arma por dentro da camisa, mas seus homens não abaixaram as armas. Eles sabiam melhor e ainda miravam em Salvi.

Salvi arqueou uma sobrancelha e colocou a própria arma por dentro da camisa.

Vlad sabia que, assim que um dos dois tentasse trapacear e puxar a arma, os homens iam atirar, cuidando de tudo e defendendo seu Don.

Vlad encarou Salvi, que estava com a aparência desarrumada. Seu cabelo penteado estava desgrenhado e bagunçado. Ele não parecia mais o Salvi elegante e certinho que Vlad conhecia. Suas roupas estavam amassadas. O pomo de Adão de Vlad se moveu, sabendo exatamente o porquê.

Ambos adotaram uma postura de luta.

Seus rostos eram impossíveis de ler, mas não havia medo ou sorriso convidativo.

Vlad não mostrava prazer em seu rosto, já que essa noite só teriam lágrimas. Apenas um homem sairia vivo.

Ele foi para o lado e esperou Salvi atacar, possivelmente antecipando sua própria morte. Nenhuma quantidade de cenário poderia prepará-lo para o resultado da luta. Isto só seria possível se alguém conseguisse pensar. Salvi parecia estar fazendo a mesma coisa. Vlad sabia que Salvi estava esperando um movimento. Então, Vlad deu uma abertura. Bem na hora, Salvi atacou. Vlad desviou para o lado em um movimento rápido.

Vlad lançou um olhar para Salvi. Ele era ameaçador, sua sede de sangue ardendo dentro dele. O corpo de Vlad transbordava com um novo vigor, uma raiva inexplorada. Seus pulsos se fechavam e abriam até suas unhas machucarem suas próprias palmas e irritarem os cacos de vidro que ainda estavam em suas mãos.

Vlad levantou os punhos e socou o queixo de Salvi. Ele bateu em Salvi de novo, mas Salvi o bloqueou com o antebraço. Então, Vlad o chutou no estômago, fazendo-o grunhir.

Você foi atrás de Dahlia. Agora, eu fico no seu caminho.

A batalha não era só no lado de fora. A luta real era dentro do coração de Vlad, o sentimento de traição da confiança. Ele estava com raiva de Salvi e queria matá-lo, mas seu ódio era maior por seu pai. E o pior, ele se odiava por não estar lá para proteger Dahlia quando Enzo foi atrás dela.

Você me vendeu.

A voz dela estava tão baixa e acusatória quando disse essas palavras. Sem que ele quisesse, o mundo de Vlad tinha destruído Dahlia. Ela não foi feita para um lugar assim. Era cruel demais. Acabava com as coisas boas.

Salvi acertou um soco no rosto de Vlad, acertando a mandíbula e chutou a perna dele. Salvi socou com mais força, bem na boca de Vlad.

Uma onda repentina de dor atravessou o corpo de Vlad. Sua boca estava cheia com o gosto de sangue. Seu estômago doía, seu corpo tinha perdido a tensão e suas pernas começavam a enfraquecer. Ele estava machucado, cansado e sua perna estava em agonia.

Salvi não vai vencer.

Enquanto estava no chão duro, Vlad agarrou o pé de Vlad e o puxou para baixo. Sua cabeça estava latejando, mas ele ainda conseguiu acertar um soco na mandíbula definida de Salvi. Vlad jogou todo seu peso nesse soco. O impacto era de milhares

de navalhas perfurando seu punho. Ele ouviu Salvi gemer e seu rosto se curvou em um sorriso enquanto admirava a visão do sangue de Salvi. O soco tinha acertado o queixo de Salvi com tanta força que sangue se acumulava em volta da boca já ensanguentada. Vlad assumiu que Dahlia tinha feito isso. Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios, orgulhoso de que sua garota tinha lutado.

Minha garota.

Salvi limpou a boca antes de analisar a perda de sangue. Seus olhos se estreitaram logo antes de ele atacar Vlad.

Os dois se tornaram uma bagunça de chutes e socos. Vlad não conseguia dizer qual dos dois tinha derramado mais sangue no chão. Ele sabia que estava coberto de hematomas e pensou o mesmo de Salvi. Eles se separaram brevemente antes de mergulharem um contra o outro novamente, determinados a vencer.

Estrelas apareceram na visão de Vlad, mas ele as afastou, continuando a bater em Salvi. O sangue em suas veias vibrava com a adrenalina.

Nenhuma vez ele pensou em se render, e Salvi também não.

A briga pareceu durar para sempre, até que ambos estivessem ensanguentados.

Não havia um vencedor claro ainda.

Um tiroteio vindo por trás de Vlad ressoou pelo ar noturno.

Então, Salvi empurrou Vlad, que caiu de barriga no chão, mantendo a cabeça abaixada e olhou ao redor.

Alguns de seus homens tinham se abaixado com o barulho. Corpos caíam no chão ao seu lado. Vlad olhou para o último lugar em que Salvi esteve, mas o rival não estava mais lá.

Um jipe parou a alguns metros de distância. Os olhos de Vlad o identificaram ao longe. Ele pegou a arma e mirou.

E então, Salvi apareceu e abriu a porta.

Vlad hesitou. Foi aí que ele percebeu uma coisa.

Ele tinha caído em uma armadilha.

Enquanto Salvi entrava no carro, ele olhou para Vlad, que ainda estava segurando a arma, mas não tinha atirado ainda. Salvi erguer as sobrancelhas e balançou dois dedos em um adeus.

Nesse momento, Vlad atirou.

Mas Salvi já estava sentado, protegido pelo carro.

Vlad continuou a disparar até o carro desaparecer.

Alguns dos homens de Vlad o ajudaram a levantar e ir até o próprio carro antes de seu motorista sair a toda velocidade.

Muitos ficaram para trás para acabarem com os homens de Salvi.

A briga foi só um truque, uma distração para Salvi ganhar tempo até que o resto de seus homens, seu exército chegasse, e Vlad tinha caído como um patinho.

Enganado mais uma vez.

Capítulo 30

Dahlia

HORAS SE PASSARAM e Vlad ainda não tinha voltado. Eu tinha acabado de sair do banho e usava um robe branco de algodão. Não tinha colocado as roupas ainda. Gabriele estava do lado de fora, fazendo guarda na minha porta e tinha homens cercando a mansão para evitar quaisquer intrusos.

Houve uma batida na porta antes de ela se abrir.

Pulei de susto, já no limite.

Eu estava em alerta máximo.

No entanto, meu coração sorriu quando eu percebi que era Vlad.

Ele está vivo. Perdi meu sorriso quando notei sua aparência. Soltei um choro enquanto assimilava a visão de Vlad. Ele estava coberto de sangue dos pés à cabeça. Suas roupas finas de cetim estavam encharcadas de sangue. Se ele estava assim, eu queria saber como estava o outro homem.

Ele mancou enquanto andava na minha direção.

Meus olhos desceram até as pernas de Vlad. Quão machucado ele estava?

Eu estava prestes a perguntar, mas ele foi mais rápido.

— Você está bem?

Segurei as lágrimas. Ele ainda queria saber de mim, mesmo quando estava dez vezes pior. Uma risada histérica saiu de dentro de mim antes que eu a silenciasse.

Vlad me olhou como se eu estivesse ficando maluca.

Talvez eu estivesse mesmo.

— Ele está morto? — ousei perguntar.

Ele sabia de quem eu estava falando.

Vlad passou a mão pelo cabelo bagunçado e cheio de sangue. Ele virou seus olhos desconsolados para mim. Era a segunda vez que eu via Vlad assim. A primeira foi quando ele me encontrou no carro do Diabo.

— Ele escapou — falou Vlad, depois de um tempo.

Afundei-me contra a parede, sem saber o que dizer.

Lembrei das últimas palavras de Salvi para mim.

Nos veremos de novo, Docinho.

— Ele vem atrás de mim?

— Se vier, não vai conseguir fugir.

Eu só assenti, querendo contestar e argumentar que Salvi já tinha feito isso.

Eu não sabia o que tinha acontecido no lugar depois que fui embora. Eu só queria ficar em posição fetal e ir dormir, até o mês seguinte se possível e recomeçar do zero.

Olhei para Vlad.

— Você está horrível.

Os olhos dele brilharam.

— Eu vou sobreviver.

Ele exalou devagar e veio na minha direção. Prendi minha respiração. Apesar de Vlad ter ficado longe de mim por algumas horas, parecia que uma eternidade tinha se passado. Eu não queria mais ficar longe dele.

Parecia que Vlad queria me fazer mais perguntas.

— Você disse que Moretti parou. O que o fez parar?

Perguntei-me quanto eu deveria dizer a ele.

— Ele cobriu a minha boca com a mão.

Vlad esperou que eu continuasse.

— Isso me deu um gatilho... — falei baixinho. — Uma desassociação. Eu tenho isso às vezes, quando alguém me toca de uma certa forma. — suspirei lentamente, lágrimas enchendo os meus olhos. Virei o rosto para longe de Vlad. — Começou quando eu tinha cinco anos de idade. O abuso nos lares adotivos. Eu tinha uma senhora que era legal como mãe adotiva uma vez, mas ela morreu e eu fui transferida de novo. O abuso nunca parou de verdade.

Vlad ficou quieto, mas eu podia sentir a raiva irradiando de seu corpo.

— Quais são os seus gatilhos? — perguntou ele, gentilmente.

O jeito como Vlad estava falando me deixava com os olhos ainda mais cheios d' água.

Eu não deveria contar. As pessoas usavam as fraquezas das outras contra elas, então, escolhi responder à pergunta de forma diferente.

— Acho que é o jeito do meu corpo de lidar com isso. Um mecanismo de defesa. Meu corpo ainda está ali fisicamente, mas a minha mente vai para outro lugar, em um mundo diferente, uma memória.

— Pode ajudar se eu souber os seus gatilhos — insistiu Vlad.

Virei para Vlad e balancei a cabeça furiosamente.

— Eu preferia morrer do que contar para você.

Vlad franziu o cenho.

— Eu gostaria de saber, caso eu cometa um deslize e engatilhe algo na próxima vez que ficarmos juntos.

Ah, era por isso que ele queria saber.

Vlad me encarou incrédulo.

— Você acha que eu usaria seus gatilhos contra você?

Fiquei quieta.

— Talvez — respondi depois de um momento.

Prendi o cabelo atrás das minhas orelhas, puxando as pontas para que me machucassem. Eu precisava de dor. A dor me impediria de ficar dormente. De me tornar uma casca fria e vazia.

— Salvi parou... Ele disse que parou porque eu não estava lutando. — eu ainda não sabia se ele estava sendo um filho da puta doente ou descarado. — Eu não posso contar minhas franquezas.

— Você não confia em mim? — perguntou Vlad com a voz rouca.

— Eu deveria confiar, Vlad? Você está me mantendo aqui, talvez para sempre. Eu estou presa. Você me levou como refém, mas eu sou pior que isso. Sou uma prisioneira. Pelo menos, os reféns são libertados depois que as coisas acabam, ou morrem. Eu estou presa aqui sem ter para onde ir, além de ir até você.

Vlad me olhou com mágoa.

Até aquele momento, eu não sabia que poderia machucar o Don.

— É tão ruim assim? Ficar comigo? — perguntou em um sussurro.

Meus olhos raivosos encontraram os dele. Em que século esse homem vivia?

— Você não entenderia porque você é livre.

Vlad riu das minhas palavras e eu franzi a testa.

— Você acha que eu sou livre?

Bufei e cruzei os braços sobre o peito.

— Não é? Você vive luxuosamente, pode ir e vir como quiser sem ter que responder a ninguém. Você é rico. Ninguém pode ousar desafiá-lo e, se tentarem, você os pune. Você é temido entre as pessoas. A lei não pode encostar em você. Você tem mais liberdade que a maioria das pessoas. Você tem escolhas.

Vlad me olhou, cansado.

— Eu não escolhi ser Don.

Eu estava surpresa.

— Você não queria liderar?

— Lider um exército de homens para a morte? — ele balançou a cabeça. — Eu nasci nessa vida, não a escolhi. Meu avô, meu pai, eles foram Dons. Então, quando foi a hora de meu pai se aposentar, isso passou para mim. O dever.

Minha respiração falhou com as palavras de Vlad.

— Eu sempre tive seguranças comigo. Eu tenho alvos nas minhas costas. Eu saio em carros à prova de balas. Minha casa é fortemente guardada e cercada. Eu tinha catorze anos quando fui iniciado. Que criança de catorze anos tem escolha?

Eu não tinha uma resposta. Eu não sabia.

— Eu matei pela primeira vez com catorze anos. Para ser iniciado, você deve matar. Quando eu matei, fiz um juramento. Minha pele queimará.

Estremeci com essas palavras. Era isso que a tatuagem significava.

— Minha primeira morte foi... — Vlad suspirou lentamente antes de terminar. — O pai de Salvi.

Olhei para Vlad, chocada. Eu podia sentir a tensão e a intensidade na voz dele. Tinha tanta emoção.

Vlad apenas assentiu.

— Talvez seja por isso que ele me odeie tanto. O pai de Salvi e o meu costumavam trabalhar juntos. Eles eram Dons, mas tinham formado uma aliança, um gesto de paz e amizade. Mas o pai de Salvi traiu o meu e tentou roubar centenas de milhões de dólares dele. Meu pai disse para matar o pai de Salvi para me tornar um Homem de Honra.

Abri minha boca, mas nada saiu.

— Isso causou uma guerra entre as nossas famílias. Meu tio, o pai de Gabriele, morreu nela. Apenas recentemente, há cinco anos, outras famílias se envolveram e criaram uma aliança entre nós. Nossas famílias não são amigas, mas ficamos longe um do outro. — Vlad pausou antes de continuar. — Pelo menos, ficávamos.

Eu sabia o que tinha mudado isso.

Eu.

As famílias deles estavam em guerra agora por minha causa.

— Sou temido porque a minha primeira morte foi a de um Don de outra família. Ele foi morto por uma criança — continuou Vlad.

A voz de Vlad parecia distante, mas nervosa. Tensão preenchia o quarto e minha pele aquecia sob o olhar de Vlad. Talvez eu o tivesse julgado demais.

— Eu sou temido porque sou *Vlad Vitalli*. Sou italiano e russo. Sou *La Cosa Nostra* e *Bratva*. Não comando a Bratva, mas eles me reconhecem. Não tenho um relacionamento com eles, mas a Organização me deixa em paz porque eu sou sangue e eu também não toco neles. Eu sou Vladimir.

Levantei os olhos para o rosto de Vlad.

Vlad apertou a ponte do nariz antes de voltar a falar.

— Minha mãe era Bratva. A princesa deles.

Encarei-o de boca aberta.

— Roza Ivanova... Minha mãe era conhecida por sua beleza. As pessoas diziam que ela parecia uma rosa. Não existem fotos dela. Tentei pesquisar sobre ela quando

era criança. — Vlad me deu um sorriso fraco. — Mas não consegui achar nada. Eu não lembro da aparência dela.

A expressão de Vlad parecia tão cheia de admiração. Eu sentia por ele, pelo menininho que nunca conheceu a mãe.

— Meu pai a sequestrou por rivalidade... Eu não escolhi essa vida. Os que nascem nela nunca escolhem. Talvez as pessoas de fora que entram nessa vida escolham.

Franzi a testa ao pensar nas palavras de Vlad.

Essa era outra coisa que tínhamos em comum.

O pai dele sequestrou a mãe.

E Vlad me sequestrou.

— Por que você não me forçou na primeira noite que passei aqui?

Vlad me deu uma expressão abatida.

— Isso era o esperado de mim, não? Meu pai forçou minha mãe. Então, ela me teve. — Observei os olhos de Vlad, que se tornaram gélidos mais uma vez. — Ele a fez se casar depois que ficou grávida, porque ela estava carregando o herdeiro dele. Eu não quero ser como o meu pai.

Meu coração ficou preso na minha garganta enquanto eu o encarava, chocada e enojada com o que o pai dele tinha feito. Ele estava me contando tudo e, ainda assim, eu não tinha compartilhado muito.

— Talvez seja por isso que eu nunca tentei possuir você. — a voz dele tremeu. — Eu sou uma criança nascida de um estupro. Um bastardo. O mundo não espera nada de bom vindo da crueldade e do pecado. Eu não quero ser associado com isso. Eu preferia morrer do que.... — sua voz falhou e ele se concentrou em olhar para o chão, parecendo um menino perdido.

Eu queria me aproximar e abraçá-lo, segurá-lo próximo a mim. Ele só era incompreendido. Vlad não escolheu o crime. Ele não era como o resto. Ele era melhor que isso.

— Enzo agiu sem me consultar — disse Vlad, exalando lentamente e me olhando nos olhos.

Ele disse Enzo, não "meu pai".

— Eu nunca o deixaria tirar você de mim. Eu sempre lutei por você e sempre

vou lutar.

Levantei o olhar enquanto uma lágrima descia pelo meu rosto.

Vlad puxou o ar ao mesmo tempo em que segurava meu queixo gentilmente. Funguei e deixei que ele acariciasse minha bochecha. Eu não me importava que ele fosse me sujar de sangue. Vlad tinha arriscado a vida por mim. Ninguém o forçou a isso. Ele foi procurar por mim.

Aconcheguei-me em seu toque e ele se aproximou.

— Eu quase perdi você... de novo. — a voz de Vlad falhou na última parte, antes de ele pigarrear. Eu não sabia o que dizer e simplesmente fechei meus olhos, mas desta vez, mais lágrimas saíram deles. — A primeira vez foi na neve, quando você teve hipotermia. Eu achei que você fosse morrer — sussurrou ele. Meus olhos encontraram os dele. — Hoje, eu não reconheci você. Sua personalidade, sua alma, sua essência, o que te faz quem você é, parecia ter ido embora.

Era difícil engolir o nó na garganta quando Vlad estava me olhando daquele jeito. Como se eu fosse *tudo*.

— Eu nunca tive medo antes.

Meus lábios se partiram e meus olhos se arregalaram com a confissão, com a vulnerabilidade de Vlad.

Ele dizia tanto sem revelar qualquer sentimento.

O que ele tinha dito era proibido.

Meus lábios começaram a tremer e eu fiquei na ponta dos pés para beijar Vlad. Ele tinha um machucado ali, mas eu tive cuidado para não piorar. Ele estava uma bagunça, todo ensanguentado, mas eu não dava a mínima.

*

Vlad

Os lábios de Dahlia se demoraram nos de Vlad por cinco segundos.

Sim, ele contou.

Ela se afastou timidamente.

Vlad gostava quando ela corava. Dahlia sorriu. Foi um sorriso pequeno, mas foi

o suficiente para lembrá-lo de que ela ainda estava ali. Aquela pequena chama tinha voltado aos olhos dela. As bochechas de Dahlia ficaram rosadas enquanto ela o olhava.

— O que foi isso? — perguntou, surpreso. Ele não estava esperando por isso.

— Eu queria que o meu último beijo fosse... com você — disse ela suavemente, sem olhar para Vlad.

Um encerramento. Era isso o que ela queria.

Olhos de Vlad se estreitaram e, sem pensar duas vezes, ele abaixou a cabeça e capturou os lábios dela. Ele queria dar a ela um beijo de verdade.

Dahlia praticamente derreteu contra Vlad. Seus beijos eram doces, gentis e pensados, como se ela estivesse tomando cuidado para não piorar os machucados dele. Apesar de beijar realmente estar machucando a boca de Vlad, ele ainda a queria.

Ele pressionou ainda mais contra os lábios dela, precisando de mais. Ela soltou um pequeno suspiro antes de colocar as mãos na mandíbula de Vlad, segurando o rosto dele. O beijo parecia ficar mais profundo e firme. Ele sentia o gosto de sangue nos lábios. Sua ferida estava aberta agora e estava sangrando, mas isso não impediu nenhum dos dois.

Eles continuaram a se beijar por alguns segundos. No entanto, Vlad precisava de uma pausa. Ele deu um passo para trás e absorveu a visão dela. Os olhos cor de âmbar de Dahlia estavam escuros e turvos enquanto ela o olhava de volta. Seus olhos estavam pesados, seus lábios partidos e cheios de sangue e as bochechas, coradas.

Ela sorriu e o coração de Vlad aumentou de tamanho.

Ele deu um beijo demorado na testa de Dahlia antes de se virar para sair.

— Você não vai ficar? – Vlad escutou Dahlia perguntar.

Caralho.

Ela exercia tanto poder sobre ele com tão poucas palavras.

Vlad parou e se virou para olhar Dahlia, ainda encostada contra a parede. Os olhos dela brilhavam, cheios de esperança. Ele esperava que ela ficasse assim para sempre, cheia de vida e nunca quebrada.

— Eu tenho que lidar com uma coisa e depois volto para você — disse ele, suavemente.

Os lábios de Dahlia se curvaram em um sorriso ainda maior.

— Nós só vamos... ficar de conchinha essa noite — falou Vlad, com uma careta.

Ficar de conchinha não soava certo em seus lábios.

Dahlia deu uma risadinha, cobrindo a boca, que agora tinha sangue por causa do beijo.

— Você sabe como ficar de conchinha? — provocou ela, com os olhos brilhando.

Ele se aproximou, esticando a mão para tocar a bochecha macia de Dahlia.

— Eu posso tentar.

O olhar dele ardia em Dahlia e ela parou de sorrir. Dahlia o olhou intensamente, talvez esperando que ele dissesse alguma coisa, mas ele já tinha admitido tanto.

Ela era a fraqueza de Vlad. Agora todos sabiam.

Ele virou de costas para ela antes que dissesse algo estúpido.

Agora, Vlad tinha que lidar com seu pai.

Capítulo 31

Vlad

VLAD JÁ TINHA instruído Gabriele e seus homens a trazerem seu pai.

Agora, Enzo estava na frente dele, na cela.

Vlad mantinha celas como essa.

Não eram na casa dele, mas em uma área isolada e secreta que ele comprara com um nome falso. Ele não queria deixar rastros.

Enzo o encarava raivosamente. Ele não se sentou no colchão sujo e amarelado. O porão era imundo. Não era para ser o paraíso. Vlad mantinha desse jeito de propósito.

Esse homem era o sangue dele.

O Don anterior.

Vlad estudou Enzo, que o encarou de volta com rancor. Parecia que ele queria botar fogo em seu filho. Vlad cruzou os braços calmamente na frente do peito enquanto encarava sua única família restante. Bom, o primeiro de dois membros restantes. Gabriele ainda estava vivo. Ele sabia que tinha família na Bratva, mas não os conhecia.

Vlad não tinha se dado ao trabalho de tomar banho. Ele deixou Enzo ver o estado em que ele estava para que soubesse a situação em que tinha metido seu herdeiro, seu único filho. Ele podia ter morrido.

Dois dos homens de Vlad estavam atrás dele e outros cinco estavam guardando a área. Ele tinha deixado Gabriele em casa para proteger Dahlia. Por um segundo, Vlad se perguntou se deveria ficar mais alerta sobre Gabriele também. Mas balançou a cabeça. Gabriele não iria contra ele.

— O que significa isso? — Enzo exigiu saber, estreitando os olhos.

Vlad ficou satisfeito.

— Você não sabe por que está aqui, *pai*? — Vlad usou a palavra para provocar

Enzo. Ele já não usava como afeto.

Os olhos de Enzo se arregalaram e ele rangeu os dentes para Vlad.

— Isso é por causa da garota? — disparou.

Vlad ficou em silêncio.

— Você está falando sério, porra? Tudo isso por uma garota? Você me manteve preso por causa daquela *vadia*? — Enzo levantou as mãos em incredulidade.

As palavras machucavam, mas Vlad não as deixou afetá-lo.

— Eu avisei — começou Vlad.

— Você está ficando mole demais para comandar esse império! — gritou Enzo, pisando forte em direção a Vlad e batendo nas barras da cela.

— Cuidado. Você vai quebrar as mãos antes que eu possa quebrá-las — disse Vlad, friamente.

Atordoado, Enzo o encarou de boca aberta antes de cambalear para trás pelo choque.

— Você machucaria seu próprio pai? — perguntou Enzo, sem acreditar. Depois, apontou para si mesmo. — Você *me* mataria por *ela*? — Enzo balançou a cabeça e bufou.

— Você matou a minha mãe, não matou? — Vlad perguntou calmamente.

As narinas de Enzo dilataram e ele encarou Vlad, seus punhos se abrindo e fechando.

— Você estava ficando desobediente. Estava escolhendo a garota em vez da sua família. Eu percebi quando falei para você checar se os peitos dela eram reais. Foi a primeira vez que você me disse não.

Vlad se lembrava muito bem daquele momento.

— Então, você decidiu se livrar dela? — concluiu.

Enzo não respondeu.

Vlad se aproximou enquanto ordenava a seus homens para amarrarem Enzo a uma cadeira. Seus homens fizeram como pedido. Eles obedeciam a Vlad e não ao pai dele.

Enzo gritou e protestou. Ele lutou contra os homens, socando-os. Enzo ainda

conseguia lutar bem, mas Vlad apontou uma arma para ele.

— Você luta e eu te mato agora mesmo — disse Vlad entredentes, raiva rugindo em suas veias.

Enzo pressionou os lábios e deu um aceno curto.

Ele se sentou mais calmo, agora preso na cadeira.

Vlad entrou na cela, apesar de tentar não inalar o fedor para que não penetrasse em suas narinas.

— Você sabe o que acontece com traidores? — perguntou Vlad, brincando com o pai.

Uma voz irritando no fundo da mente de Vlad o dizia para parar, que aquele era seu pai. Para mostrar misericórdia, mas isso era para aqueles de quem Vlad tinha pena. E ele não sentia um pingo de pena ou remorso pelo pai. Ele deveria ter feito isso há muito tempo.

— Eu sei que você gosta de começar a tortura arrancando as unhas deles.

Os olhos cinza de Enzo se arregalaram antes de ele começar a balbuciar gemidos.

Vlad apenas sorriu de lado.

— Mas eu não faço isso.

Enzo deu um grande suspiro de alívio.

— Eu começo queimando seus corpos.

Ele estava ansioso para começar.

O queixo de Enzo foi até o chão.

— Você não pode me matar, Vlad! — gritou.

— E quem vai me desafiar?

Só houve o silêncio no lugar.

Vlad parecia tão longe da realidade.

O pai dele não o tinha criado. Nunca mostrou qualquer tipo de amor ou afeto. Vlad nunca recebeu amor parental em toda sua vida. Natalia atuava no lugar de seus pais.

Enzo apenas existia, como uma formalidade.

Vlad fez um gesto para um de seus homens pegar o atiçador de lareira.

Ele ignorou os protestos do pai, desligando sua mente e seus pensamentos. Hoje, ele seria exatamente o que seu pai tentou enfiar em sua cabeça desde a infância.

Implacável.

O homem voltou com o atiçador que estava vermelho e brilhante com o calor. Um sorriso cruel brincava nos lábios de Vlad. Ele machucaria qualquer pessoa que tentasse desafiá-lo. Mesmo se o homem preso na frente dele fosse seu próprio pai.

Vlad encostou o atiçador quente na pele do pai, que grunhiu, mas não gritou. Vlad tinha que reconhecer... Enzo ainda era forte para um homem perto da morte.

Você me obrigou a fazer um juramento. Agora, a sua pele irá queimar.

Enzo sibilou entre os dentes cerrados enquanto Vlad trocava para queimar a outra mão.

Vlad pressionou o atiçador contra o peito de seu pai, por cima da camisa. O calor queimou o tecido e penetrou a pele, marcando-o e fazendo-o sangrar. Um sorriso frio apareceu nos lábios de Vlad com a visão. Agora, o tecido estava grudado na pele de Enzo. Vlad gostava disso. Uma tatuagem permanente.

Foi aí que o pai de Vlad se descontrolou. Enzo gritou, mas Vlad não ouviu. Ele parecia tão perdido, tão longe. Ele não se reconhecia.

Por um segundo Vlad lembrou que não gostava de ser cruel. Mas depois, ele balançou a cabeça. Neste momento, ele queria mais desse poder. Agora que tinha sentido o gostinho, ele não queria parar.

Vlad já sabia que iria prolongar isso.

Ele não mataria o pai tão fácil ou rapidamente. Ele manteria Enzo ali por semanas, adiando a morte de Enzo.

Vlad sentiu um pedaço de si morrer.

Sua humanidade.

Ela estava desaparecendo lentamente.

Ele já tinha matado antes, mas nunca gostou do ato de torturar. Ele nem assistia quando Leo cuidava dessa parte. Dessa vez, Vlad aproveitou.

A dor de Enzo o satisfazia.

Ninguém ousaria desafiá-lo ou pegar o que era dele de novo.

O império era dele.

Dahlia pertencia a ele.

A cidade estava sob seu controle.

Capítulo 32

Dahlia

Duas semanas depois

VLAD E EU estávamos na cama.

Eu estava em cima dele.

Surpreendentemente, ainda estávamos de roupas.

Estiquei-me e dei uma batidinha com a ponta do dedo no nariz de Vlad enquanto o olhava.

Os olhos dele estavam fechados, com o rosto em direção ao teto. As mãos dele estavam atrás da cabeça.

Abaixei e dei um beijo na bochecha de Vlad.

Ele abriu um dos olhos e me olhou com um leve divertimento.

Meu rosto se iluminou com um sorriso enquanto eu me aconchegava perto dele. Olhei o quarto enorme. Era maior que o meu, repleto de móveis dourados e piso de mármore. Percebi algumas armas expostas na parede, mas era só isso. Não tinha fotografias ou pinturas no quarto. As paredes eram nuas e cor de creme. Havia uma sensação quase inquietante em relação à ala de Vlad. Era vazia demais.

Vlad me pegou observando e meus olhos viraram na direção dele. Seu olhar ficou suave. Suas feições austeras eram atraentes. Até mesmo sedutoras. O alfa sombrio. O desejo secreto de várias mulheres. Não era só a aparência dele. Era a forma que ele falava também.

Suspirei profundamente.

— Você é estranho — acusei.

Um pequeno sorriso apareceu nos lábios de Vlad e eu queria beijá-lo para fazer desaparecer.

— Como eu sou estranho? — perguntou.

Eu pisquei lentamente. — Você só sabe ficar me olhando.

— *Potrei guardarti tutto il giorno.*

Sorri com as palavras em italiano saindo da boca dele. Parecia poesia. Naquele momento, qualquer coisa que viesse dele seria maravilhosa.

— O que isso significa?

— Eu poderia olhar para você o dia todo.

Lambi meus lábios nervosamente.

— Além disso, eu não posso olhar o que é meu?

Meu coração acelerou com as palavras de Vlad. Engoli o nó na minha garganta.

— Você é meu também? — perguntei.

Eu não sabia se ele dormia com outras mulheres, ele nunca tinha deixado isso claro para mim antes.

Vlad inclinou a cabeça para o lado ao mesmo tempo em que se inclinava para cima e mordiscava meu queixo.

Sorri, me enrolando como um gatinho.

— Eu não toquei mais ninguém — murmurou ele.

Meus olhos se arregalaram. Ele tinha toda a minha atenção agora.

— Você acredita em monogamia? — brinquei.

Ele me deu um sorriso fraco antes de começar a mordiscar meu pescoço.

Eu precisava perguntar uma coisa, então me afastei.

— Vlad? — ele parou e me olhou. — O que nós somos?

Eu queria saber a nossa situação.

Eu era amante dele?

Namorada?

Tantas perguntas queimavam no fundo da minha mente e apenas Vlad poderia me dar a satisfação de uma resposta.

Em vez de me responder, ele falou: — Eu vou levar você para sair amanhã.

Meu coração se encheu de esperança.

— Jura? — eu praticamente gritei.

Vlad sorriu e traçou meu lábio inferior com o dedo. Eu apenas o encarei, hipnotizada pelo movimento.

— É um pequeno baile privado. Achei que você pudesse gostar. — sorri. — Eu tenho um negócio para fazer lá, mas também queria passar um tempo com você fora de casa.

Negócio? Pisquei.

— Que tipo de negócio?

Vlad piscou lentamente como se eu fosse idiota por não saber o que ele fazia.

— Drogas — murmurou.

Vlad levantou a mão e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. O gesto parecia tão íntimo e doce. Eu sorri para ele.

— Se você continuar sorrindo assim, eu vou me apaixonar — brincou. Seus olhos de lobo brilhavam.

Prendi minha respiração antes de soltá-la lentamente. A minha respiração bateu nos lábios de Vlad.

O que ele disse?

Repete, por favor.

Talvez eu estivesse alucinando.

Baguncei o cabelo de Vlad de brincadeira.

— Criminosos malvadões não se apaixonam. Isso não é um conto de fadas. Não tem um final feliz. Você não sabe amar, senhor.

Vlad me olhou e seu lábio se curvou em um sorrisinho de lado.

— E se eu souber? — perguntou com um tom de desafio na voz.

Eu o encarei de boca aberta.

Será que ele percebeu o que tinha acabado de me dizer?

Antes que eu pudesse responder à pergunta, Vlad se esticou e me puxou mais para perto para um beijo. Nossas bocas se uniram e ele passou a língua sobre os meus dentes, engolindo o meu gemido, nossas línguas se cumprimentando avidamente.

Nas últimas duas semanas, Vlad não me tocou e só me abraçou quando

estávamos dormindo. Até mesmo nessa hora, usávamos nossas roupas. Mas agora que ele estava perto de mim de novo, eu percebia o quanto sentia falta dele. Vlad aproximou o rosto do meu e começou a me beijar.

Seus beijos gentis se tornaram mais profundos e mais urgentes a cada segundo, me marcando enquanto nos uníamos. A mão de Vlad segurava a minha nuca, me deixando tonta antes que ele se afastasse de mim. Meus olhos se abriram lentamente. Puxei o ar gelado. Olhei para cima e encontrei os olhos brilhantes de Vlad que sempre pareciam cintilar para mim como estrelas no céu. Ele era intoxicante. Seu cheiro de cedro defumado era incrível.

Passei os dedos pelo cabelo macio e sedoso de Vlad. Arqueei minhas costas quando ele deu leves beijos em minha mandíbula me sufocando com eles. Sorri contra o toque de Vlad. Seus beijos doces me levaram ao limite. Enfiei meus dedos no cabelo dele, puxando-o mais para perto. Os lábios dele desceram até o meu pescoço, beijando minhas clavículas.

Então, ele parou e me olhou.

— Eu te quero *tanto*. Você está pronta?

A voz de Vlad estava rouca, como se ele estivesse sem fôlego. Ele me olhava esperançosamente. Quando ele me pedia assim, eu faria qualquer coisa. Assenti lentamente. Eu queria isso.

Eu nunca quis ninguém como queria Vlad.

Eu era a *Boneca* dele e ele era o meu conto de fadas sombrio.

Vlad tirou minha blusa por cima da minha cabeça, me expondo ao ar frio, causando arrepios no meu corpo. Por alguns instantes, Vlad me observou. Movi minhas mãos para me cobrir porque eu estava me sentindo muito exposta em cima dele, mas Vlad me parou e balançou a cabeça. Suas mãos estavam mais geladas hoje. O calor usual nelas estava faltando. Isso me fez franzir a testa. Sibilei entre os dentes quando as mãos dele encontraram a minha pele quente.

Meu cabelo estava selvagem, caindo em uma cortina preta ao nosso redor, nos cobrindo, nos protegendo. Nossas roupas saíram rapidamente. Agora, eu estava flutuando enquanto Vlad entrava em mim, por baixo, me fazendo arfar. O correr do sangue nas minhas veias era intenso. A chama do desejo estava na própria atmosfera ao nosso redor. Olhei para Vlad o tempo todo em que ele se movia

contra mim enquanto eu deslizava sobre seu corpo. Eu nunca deixei meus olhos irem para outro lugar. Sustentei aquele olhar o tempo todo.

Vlad me virou, me pegando de surpresa e ficando por cima.

Ele me cobriu, todo seu corpo pressionado contra todo o meu. Eu gostava de como nossos corpos se encaixavam como se fossem feitos um para o outro. Esse pensamento me assustava. Eu não deveria sentir tanta coisa por ele.

Eu estava quase no limite.

Meu pulso acelerou de medo e excitação. Eu nunca me senti tão viva até aquele momento. Vlad trazia um lado meu à tona que eu só tinha descoberto recentemente.

Vlad era tão carinhoso e gentil comigo.

Nós não estávamos transando.

Isso não tinha nada a ver com sexo.

Ele estava *fazendo amor* comigo.

Ele era tudo.

Vlad podia ser a Fera, o monstro, o inimigo, mas naquele momento, ele era tudo o que eu queria.

Capítulo 33

Dahlia

NA TARDE DO dia seguinte, Vlad me deixou um vestido dourado com um bilhete.

Arrume-se, minha linda.

Gabriele irá te buscar.

Seu Don.

Sorri para mim mesma.

Vlad finalmente ia me levar para sair. Eu esperei muito tempo por disso.

Olhei o vestido dourado luxuoso na minha frente. Um vestido feito para uma rainha. A rainha dele, talvez. O decote e as mangas brilhavam. Quando olhei de perto, percebi que eram diamantes.

Encarei-os, chocada.

É claro, Vlad era rico.

O vestido era maravilhoso. Tomei um banho rápido e sequei meu cabelo. Uma vez seco, o enrolei até que ele descesse em cascata pelas minhas costas e apliquei minha maquiagem. Coloquei um pouco de perfume e me vesti.

Encarei-me no espelho.

O vestido cabia perfeitamente, como uma luva. Os diamantes brilhavam quando a luz os acertava. O decote do vestido era oval, expondo as curvas dos meus seios. Atrás, o vestido deixava as costas nuas. Eu não podia usar sutiã com ele. O vestido abraçava minhas curvas nos lugares certos. Era como se fosse feito sob medida. Por um momento, rodopiei em frente ao espelho, mas parei, me sentindo tola.

Eu mal conseguia reconhecer essa pessoa como eu. A garota que cresceu em lares adotivos sem nada.

Minha maquiagem e meu cabelo estavam feitos.

Meu vestido era caro.

Eu me encaixava nesse lugar agora, nessa mansão, neste palácio. Mas eu queria isso?

Era isso que Vlad estava fazendo?

Deixando-me preparada?

Afastei meus pensamentos e coloquei minhas sandálias de salto douradas.

Saí do quarto e fui em direção à saída, quando esbarrei com Natalie.

— Ah, minha querida, você está tão linda — sorriu Natalie.

Corei com as palavras dela antes de responder.

— Obrigada.

Ela me olhou curiosamente.

— Vlad gosta muito de você. Não parta o coração dele.

Olhei para Natalie.

O que ela sabia?

Ela é protetora quando se tratava dele, é claro. Devia ser isso. Não deveria haver mais nada por trás dessa fala, certo?

— Vlad disse que Gabriele está aqui para buscar você — falou Natalie.

Apenas assenti antes de me apressar em direção ao *Porsche* que me esperava do lado de fora. Era preto, claro. Pelo menos as calotas eram douradas.

Começamos a seguir em silêncio.

Isso era luxuoso. Luxuoso demais. Eu pedi por algo simples: apenas sair. Vlad não só me deu isso, como fez um conto de fadas se tornar realidade. O vestido. Os diamantes. O carro. Contorci-me no assento, me perguntando por que ele não foi me buscar pessoalmente.

Olhei para frente até sentir os olhos de Gabriele em mim. Ele me encarava através do retrovisor. Olhei-o, esperando que ele dissesse alguma coisa.

— Não sei que tipo de vudu você fez em Vlad — murmurou ele.

Escondi um sorriso.

— Magia sinistra — respondi brincando. — Talvez você precise de um pouco também.

Gabriele sorriu através do retrovisor. Pela primeira vez, ele me agraciou com um sorriso. Caía bem nele. Transformava-o em um garoto dourado decente e acessível. Ele não tinha muita semelhança com Vlad. Ele era mais pálido, quase como um vampiro comparado à pele bronzeada de Vlad. Eu não sabia que eles eram primos até Gabriele me contar. O sorriso dele o fazia parecer doce, então, parei quando percebi que estava olhando demais.

— Você está sorrindo — acusei, com a intenção de deixar a atmosfera mais leve. Gabriele balançou a cabeça e parou de sorrir. — Minha mágica está funcionando com você também. Quando foi a última fez que alguém sorriu nesse lugar? Há oitocentos anos? — quis saber.

Gabriele ficou em silêncio enquanto dirigia.

Continuei falando apesar de ele não ter me respondido.

— Eu acho que é obviamente porque vocês são da máfia, mas também porque quase não tem mulheres por perto. Sem suavidade ou doçura para animar os homens um pouco. — Então, meus olhos se arregalaram quando um pensamento apareceu na minha mente. — Você tem uma namorada?

Ele apenas bufou.

— Não tenho tempo para relacionamentos.

Franzi a testa.

— Deve ser uma vida solitária.

Gabriele arqueou uma sobrancelha.

— Esse é o momento em que eu devo falar com quantas garotas eu durmo?

Revirei os olhos, mas escondi um sorriso.

— Eu espero que você encontre a sua bela árabe um dia, apesar de eu preferir que vocês não sequestrassem mulheres.

E assim, o sorriso de Gabriele apareceu de novo. Depois, ele tossiu, limpando a garganta, talvez tentando se livrar do sorriso.

— Nãão, eu prefiro a *Cinderela* — disse ele, depois de um instante.

Eu sorri tanto com as palavras de Gabriele que minhas bochechas começaram a doer.

O celular dele tocou.

Pulei com o som.

Gabriele atendeu antes de me entregar o celular.

— Vlad quer falar com você.

Atrapalhei-me para pegar o celular. Eu não segurava um desde que falei com Vlad do jardim de rosas, semanas antes.

Cortaram todo o meu contato com qualquer pessoa da minha antiga vida.

Um pensamento me tomou, me fazendo perder o sorriso.

Eu tinha a chance de escapar. Eu só tinha um homem comigo, segurança limitada, mas ainda estava em um carro em movimento. Isso era perigoso. Mas eu não podia fazer isso agora. Não nesse vestido e não com Vlad. Ele merecia mais, não?

Eu não queria machucá-lo... Vlad me mostrou tanto carinho e proteção nos últimos meses. E eu queria tanto vê-lo. Meu coração acelerou com a ideia de ver seu lindo rosto. Eu estava atormentada agora.

De qualquer forma, eu não iria longe com esse vestido pesado.

Gabriele estava me observando através do retrovisor, então, pigarreei e falei no telefone.

— Alô.

— *Oi, Boneca.* — a voz de Vlad cumprimentou do outro lado da linha. Eu sabia que ele estava sorrindo. Eu sabia por causa de sua voz. — *Vejo você em vinte minutos. Estou cuidando de negócios agora.*

Eu sabia o que ele queria dizer. *A negociação.*

Assenti, apesar de ele não poder ver.

— Tudo bem — falei em um sussurro. — Mal posso esperar para te ver. Eu... senti saudade.

Eu me sentia tão patética. Eu esperava que Gabriele não pudesse me ouvir.

Vlad deu uma risada com as minhas palavras.

— *Você me viu ontem.*

Fiz bico. — Mas não te vi hoje.

Eu soava chorona, chata e desesperada até mesmo para os meus próprios os ouvidos. Ah, por favor alguém me faça calar a boca.

— *Você vai me ver em alguns minutos* — garantiu. — *Como se fala "sinto sua falta" em árabe?*

Sorri pelas palavras dele.

— *Inna' iftigadik.*

— *Então. Digo o mesmo para você.*

Encontrei-me corando.

— *Tenho que ir* — disse ele.

Despedi-me e me percebi encarando o celular na minha mão. Olhei para Gabriele.

— Onde é o baile?

Gabriele me olhou antes de dar de ombros.

— Nos Hamptons. Mariana Hotel.

Assenti e devolvi o celular.

Quando chegamos, Gabriele abriu a porta para mim e me ajudou a sair.

Ainda não havia sinal de Vlad.

Eu esperava que ele estivesse ali para me receber.

Um sentimento de decepção se instalou no meu coração

— Tudo bem, garota mágica, Vlad está te esperando lá dentro.

Eu juro que se corações pudessem sorrir, o meu tinha feito isso. Ele queria sair do meu peito. Sorri para Gabriele, que me olhou espantado antes de me acompanhar para o lado de dentro. Ele ficava atrás de mim, observando a área enquanto eu entrava.

Quando chegamos à área do baile, estava vazio. Eu não conseguia ver o que estava na minha frente porque havia uma cortina de veludo azul-royal pendurada, bloqueando a minha visão.

Vlad mencionou que era privado.

Mas eu não sabia que era tão privado.

Não havia ninguém por perto. Nenhuma pessoa.

Atrás de mim, Gabriele se distraiu com um telefonema. Ele ficou de costas para atender e andou alguns metros. Ele parecia ainda estar me observando, atento. Eu não tinha certeza se era porque ele pensava que eu ia escapar ou porque Vlad mantinha seus homens alertas por conta da guerra com a família Moretti. Gabriele se afastou mais e foi em direção ao corredor. Eu ainda conseguia ver suas costas, mas ele estava bem longe agora.

Uma mão forte agarrou o meu braço e meus olhos se arregalaram. Tentei dar uma joelhada em quem estava atrás de mim, mas era difícil chutar com meu vestido longo. Eu errei e a pessoa me arrastou rapidamente. Gabriele não conseguia me ver. Ele ainda estava no telefone, de costas para mim.

O homem me arrastou até a outra ponta da cortina, nos envolvendo nela até que estivéssemos escondidos.

Exalei antes de me virar, pronta para lutar.

Olhos azuis me encontraram.

Salvi Moretti estava na minha frente.

O diabo estava de volta.

— Que merda você está fazendo aqui? — perguntei.

Ele veio matar Vlad?

Ele usava um terno de cinco peças sob medida, cinza e preto. Era brilhante e seu colete e camisa pareciam feitos de seda. O cabelo loiro estava mais uma vez perfeitamente penteado para trás. Ele era todas as coisas que Vlad não era. Salvi era impecável e elegante, enquanto Vlad era bruto, desarrumado e casual. Havia diferenças gritantes entre eles. As almas deles também eram diferentes. Os olhos de Salvi brilhavam para mim enquanto ele parecia refletir sobre a minha pergunta.

— Olá para você também, Docinho — disse suavemente.

Revirei os olhos e rangi os dentes.

— Vai pro inferno — disparei, tentando me concentrar. — Se você me tocar de novo, eu vou cortas as suas mãos e fazer você comê-las.

Os olhos de Salvi suavizaram antes de ele soltar uma risada.

— Eu gostaria de ver você tentar.

Eu estava prestes a dar um soco em Salvi, quando ele falou.

— Eu não vou machucar você.

Parei, sem confiar nas palavras dele.

— Você está aqui para me matar?

Os lábios dele se ergueram em um sorrisinho malicioso.

— Por que eu faria isso?

Eu bufei.

— Você quer matar Vlad.

— Sim, Vlad, não você. — Salvi me olhou.

Pisquei diante das palavras dele, sem reconhecer o significado. Afastei-me, esperando criar mais distância entre nós. Onde estava Gabriele? Eu não conseguia vê-lo.

Virei-me para sair, mas Salvi falou de novo.

— Você acha que Vlad é melhor que eu?

— Pelo menos Vlad não compra mulheres — disparei.

Os olhos de Salvi brilharam.

— No entanto, eu tenho certeza de que ele é dono de bordéis e vende mulheres.

— Enzo começou isso. Vlad não concorda. Ele não é um monstro como você! — Defendi Vlad ferozmente.

Meus olhos se arregalaram e eu fiquei sem saber o que dizer. Eu estava congelada, lembrando de quando estava sozinha no carro com o diabo. Eu tive um gatilho e ele parou de me tocar.

Salvi se aproximou até que estivéssemos quase nos tocando. Prendi minha respiração enquanto ele me olhava. Os olhos de Salvi tinham um calor por mim que eu não entendia, mas ele não fez qualquer movimento para me tocar e manteve as mãos ao lado do corpo. De perto, os olhos de Salvi eram da cor do mar e seu cheiro me envolvia. Eu queria desviar o olhar, mas o sustentei, sem querer parecer submissa.

— Por que você está aqui? — perguntei, mudando de assunto.

— Eu estava na vizinhança.

Eu o olhei com suspeita. Ele estava espionando Vlad?

Os lábios dele se curvaram em um sorriso antes de Salvi balançar dois dedos.

— Nos veremos de novo, *Docinho*.

Desta vez, isso parecia mais uma promessa do que uma ameaça.

Foi a mesma coisa que ele disse no primeiro encontro.

Observei as costas de Salvi, esperando que a sensação estranha no meu estômago não fosse o meu almoço ameaçando voltar. Assisti Salvi deslizar por trás da cortina e desaparecer da minha vista.

Respirei fundo para me acalmar e puxei a cortina pesada para o lado. A alguns metros de distância, Gabriele procurava por mim freneticamente. Pigarreei, chamando a atenção dele.

Gabriele soltou um suspiro de alívio antes de vir até mim.

— Onde você estava? — exigiu saber.

— Salvi — consegui sussurrar. — Ele estava aqui.

Os olhos de Gabriele se arregalaram brevemente, para depois se estreitarem debaixo de seu cenho franzido.

— Vlad não vai gostar disso — disse ele, balançando a cabeça.

— Onde está Vlad?

Gabriele indicou as escadas que levavam para baixo com a cabeça.

— Ele está esperando por você.

Assenti animadamente. Tentei libertar meus pensamentos de Salvi. Como ele sabia, para aparecer aqui? Onde estavam seus homens? Ele estava sozinho de verdade? Tantas perguntas giravam em minha mente e eu não conseguia responder nenhuma delas.

Com um suspiro, levantei meu vestido alguns centímetros para conseguir andar sem tropeçar no comprimento. Eu me sentia como uma princesa enquanto a cauda dourada fluía atrás de mim. Olhei para trás e vi que Gabriele tinha ido embora. Talvez patrulhar o local do lado de fora e chamar reforços. Pétalas de rosas estavam

espalhadas por todo o tapete macio, o que me fez sorrir, lembrando da rosa que preservei.

Você quer que eu compre flores para você?

Meu corpo formigava com a lembrança.

O salão era lindo e luxuoso. O lugar parecia tão mágico, iluminado por um enorme candelabro dourado que refletia seu brilho deslumbrante. Era tão lindo. Havia um salão de baile de verdade na minha frente, com teto alto pintado de creme e dourado, como se para complementar meu vestido.

Olhei para o final da escada e vi um homem em um terno azul-royal.

Apesar de estar de costas para mim, eu sabia quem era antes mesmo que ele virasse.

Minha Fera.

Vlad se virou para me olhar enquanto eu terminava de descer as escadas.

O lindo rosto de Vlad me cumprimentou. A visão dele me deixou sem ar. Nós nos estudamos, apreciando um ao outro.

Os olhos de Vlad se arregalaram em apreciação quando ele me observou, seu olhar passando do meu cabelo para as minhas clavículas, até as minhas pernas. A princípio, ele parecia extasiado, mas então, seus lábios se curvaram em um de seus sorrisos cativantes.

O cabelo preto de Vlad estava penteado para trás, dando uma aparência arrumada e mais elegante do que ele normalmente tinha. Escondi um sorriso porque eu sabia o quanto ele odiava *looks* arrumados e como preferia os mais bagunçados. Ele estava de barba feita, apesar de eu já poder ver uma sombra começando a aparecer em sua mandíbula. A cor do terno era perfeita para ele. Uma cor para um rei.

Deveria ser um pecado ser tão bonito assim. Deveria ser ilegal.

Ele era impressionante e inebriante. Eu não podia negar que ele era assustadoramente lindo. A beleza gritante de Vlad chamava a atenção de muita gente.

— Você está linda — murmurou, pegando a minha mão.

— Isso tudo é para mim? — perguntei, meus olhos se enchendo de lágrimas pelo

gesto.

Ele tinha mantido a palavra.

Vlad tocou minha bochecha com a mão livre.

— Por que não seria? — perguntou, se inclinando para beijar minha bochecha suavemente. O cheiro dele me atingiu primeiro e eu fechei meus olhos. Quando abri de novo, ele estava me olhando e sorrindo. A covinha dele apareceu na bochecha.

Vlad tinha o sorriso mais lindo do mundo e eu vi.

Ele escolheu mostrar para mim.

— O seu último Dia dos Namorados não deu muito certo — disse ele, fazendo uma careta. No entanto, eu escondi um sorriso. Aquela memória horrível não me incomodava tanto mais. Foi o dia em que ele me levou. — Eu queria recriá-lo.

Vlad levou minha mão aos lábios e a beijou.

— *Tesoro mio* — disse suavemente.

Encontrei o olhar dele e dei um sorriso tímido.

— O que isso significa?

— Meu tesouro.

Minhas pernas ficaram fracas e eu senti que podia cair no chão. Por sorte, Vlad ainda estava me segurando. Eu não conseguia lidar com isso. Com ele. Com sua intensidade. Sua devoção a mim. O jeito em que ele me olhava como se fizesse qualquer coisa por mim.

Vlad me puxou contra seu corpo, dançando comigo lentamente.

— Eu acho que estou ficando louco — admitiu, se aproximando e passando os braços em volta da minha cintura.

Somos dois.

A música estava tocando ao fundo enquanto ele me girava, e eu sorri por estarmos dançando de verdade. Eu não era exatamente uma dançarina de salão, mas Vlad parecia um especialista pela forma como se movia e me guiava. Eu era como uma bailarina sob suas mãos, me moldando ao seu mundo.

— Quando conheci você, não sabia o quão importante você se tornaria para

mim. — Vlad sussurrou no meu ouvido, me fazendo arrepiar.

Olhei para ele, para a confissão dele.

Vlad me girou pelo salão vazio e eu me desenrolei na frente dele. Ele era um bom dançarino. Eu não sabia que ele sabia dançar assim.

— Você tinha essa aura que me atraiu. Você estava hipnotizante... Eu queria te fazer minha de cada forma possível. Sua alma e seu coração. Eu queria isso também — disse Vlad.

Eu não achava que meu coração pudesse aguentar isso.

Por favor. Pare. De. Falar.

A música ao fundo, *Stairway to Heaven*, da banda Led Zeppelin, parecia desaparecer enquanto o sangue fazia minha cabeça latejar com adrenalina e dor no coração.

— Isso é para mim, não é, Boneca? — perguntou, me olhando.

Havia hesitação na voz de Vlad, como se ele estivesse com medo da minha resposta.

Aqueles olhos cinza estavam cheios de intensidade.

Abri minha boca para falar, mas sem uma resposta real para oferecer, fiquei aliviada quando Vlad se inclinou e pressionou um beijo leve contra os meus lábios, me permitindo evitar de respondê-lo.

Seus beijos eram doces e gentis, mas eu precisava de algo mais, de algo maior. Vlad tinha acendido um fogo em meu coração que precisava ser liberado. Desmoronei enquanto o beijava avidamente, como se fosse a última fez que eu iria beijá-lo. Eu não queria soltá-lo. Eu queria que Vlad continuasse me segurando, me abraçando. Puxei-o mais para perto de mim, segurando seu rosto enquanto colocava tudo o que eu tinha naquele beijo. Minhas mãos agarraram seu cabelo, puxando. Eu não me reconhecia neste momento.

Vlad gemeu contra mim, suas mãos agarrando minhas costas nuas possessivamente. Eu o beijei como se minha vida dependesse disso, desesperada para sentir o gosto dele uma última vez.

Eu o queria tanto.

Vlad se afastou de mim lentamente e eu senti saudade dele no mesmo instante.

Tentei puxá-lo de volta para mim, mas Vlad apenas pressionou a testa contra a minha.

— O que deu em você? — sussurrou, dando uma risada.

Eu queria poder dizer a ele.

Vlad se afastou de mim, para que eu pudesse olhá-lo diretamente nos olhos.

— Meu tipo não é para você. Não existe lugar para pessoas de bom coração aqui. Você é linda demais para esse mundo, para o meu mundo, para a minha tribo.

Sorri docemente, ficando perdida nos olhos de Vlad por um segundo.

— Mas *você* é a minha tribo agora.

Sem você, eu não sou nada.

Era como nascer de novo. Antes, eu não era nada. Eu não tinha direitos sobre nada e nem ninguém. Então, Vlad entrou na minha vida e se tornou meu tudo.

Mas o que ele queria dizer?

Agora, Vlad perdeu o sorriso.

— Se eles pegarem você... — assumi que ele estava falando sobre a família Moretti. — Eles sabem que vão me pegar. Eu sempre iria atrás de você, Boneca. Aí, tudo vai virar uma merda. — Ele exalou lentamente e continuou. — É doloroso para mim deixar você ir. Dói, mas é melhor para *você* ficar longe de mim agora. Você precisa ficar escondida. A vida que eu levo cria inimigos, derramamento de sangue e violência. Pessoas querem dominar o mundo. É a única vida que eu conheço, o que eu aprendi. Eu prometo que sempre vou estar ao seu lado.

Ele estava me soltando.

Uma lágrima desceu pelo meu rosto.

Vlad levantou a mão e a limpou.

— Lágrimas não pertencem a esses olhos lindos — sussurrou. — Elas são para as pessoas quebradas. — os olhos de Vlad se iluminaram. — E você é tudo, menos isso.

Quando Vlad me olhava desse jeito, eu me sentia a coisa mais preciosa do mundo, como se eu tivesse esperanças para o futuro.

Vlad me olhou com um afeto juvenil.

— Boneca, eu estou perdidamente apaixonado por você. — Ele me deu um

sorriso fraco. — Eu tentei negar, mas não posso mais escapar da verdade.

Encarei Vlad, de boca aberta pela confissão dele, tão vulnerável. Ele deveria ser um monstro. No entanto, eu não podia me apaixonar por um monstro. Mas quando ele não estava perto, eu sentia falta dele. Eu ansiava pelo toque dele. Eu desejava a companhia *dele*. Quando Vlad deixou a minha cama nessa manhã, solidão e melancolia tomaram o meu peito. Meu coração estava tão pesado no meu peito.

A única coisa impedindo a minha felicidade era *eu*.

— *Toqborneh* — sussurrei.

Vlad deu leves beijos no meu pescoço enquanto se roçava nele.

— O que isso significa? — Sussurrou no meu ouvido.

— *Enterre-me.*

Ele parou e esperou que eu continuasse, talvez sem entender o eu quis dizer.

— Eu quero morrer antes de você, para não te ver morrer.

Vlad se afastou me mim e me olhou, confuso. Eu tinha lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Eu tentei segurá-las, mas elas caíam mesmo assim. Era a segunda vez que eu chorava abertamente.

Nesse conto de fadas, não havia um final feliz.

Era uma tragédia esperando para acontecer.

Houve um grito atrás de nós.

— DEA[2]! Parados!

Vlad olhou para cima e, instantaneamente, tentou pegar a arma, mas percebeu que ela estava na minha mão. Ele me olhou, chocado, claramente confuso sobre como a arma tinha parado ali. Eu tinha puxado enquanto ele me beijava.

— Me dê a arma, Boneca — murmurou, tentando pegá-la.

Eu me afastei dele.

Vlad me olhou com confusão antes de me dar um de seus sorrisos provocadores que tocou o meu coração dividido.

— Você sabe como usar isso? Não é um brinquedo.

Partia o meu coração ver o quando Vlad confiou em mim.

Ele ergueu as sobrancelhas para mim antes de olhar ao redor do lugar que estava, lentamente, se enchendo de policiais e agentes da DEA. Então, Vlad estreitou os olhos para mim.

— Me dê a arma agora, *tesoro mio.*

Meu tesouro.

Fechei meus olhos com força e suspirei devagar.

— Eu sinto muito, Vlad — sussurrei.

Dei um passo para trás, para ainda mais longe dele e apontei sua própria arma para o peito dele.

Os olhos cinza e suaves de Vlad observaram as minhas lágrimas antes de olharem para a arma engatilhada e carregada que eu segurava, meu dedo pronto para puxar o gatilho e atirar nele. Vlad não disse uma palavra. Nenhuma palavra. Ele ainda me olhava confuso, sem entender o que estava acontecendo.

Doía. Doía tanto vê-lo desse jeito.

Não era assim que deveria ter acabado.

— Você está bem? — um policial estava ao meu lado, apontando uma arma para Vlad.

— Sim — respondi, encontrando o olhar de Vlad.

Soltei um suspiro trêmulo, rezando silenciosamente para que eu ficasse bem. Eu me preparei para este momento pelos últimos seis meses, mas agora que o momento tinha chegado, era uma vitória vazia.

Vlad ainda me olhava, talvez esperando por uma explicação. Ele não parecia ligar para a polícia ou para quantas armas estavam apontadas para ele.

Mais de quinze policiais estavam nos cercando, formando um círculo. A atenção de Vlad ficou em mim, como se o resto do mundo não existisse. Mesmo nesse caos, eu era o centro de sua atenção. Soltei um fôlego lentamente antes de encontrar o olhar dele. A felicidade que eu senti momentos antes tinha desaparecido. Ela foi substituída por um sentimento desesperador. Eu gostaria de poder mostrar a ele a misericórdia que ele tinha me mostrado. Vlad estava preso a esse mundo, tanto quanto eu era leal ao meu.

Suspirei lentamente ao olhá-lo.

As memórias que eu estava criando nesse momento me assombrariam para sempre.

— Meu nome é Dahlia Hadid, Vlad — falei claramente.

Ele piscou devagar, estreitando os olhos.

Joguei a bomba nele.

— Agente Especial Dahlia Hadid. Eu trabalho com a DEA. Eu fui encarregada de te prender.

Os olhos de Vlad se arregalaram em descrença. Logo, se tornaram acusatórios antes de mudarem para pura mágoa. Tantas emoções intensas passaram pelos olhos de Vlad em poucos segundos.

Eu me odiava por magoá-lo, tanto que ameaçava me consumir. Eu tinha ligado para o chefe da minha força-tarefa, o diretor da DEA, Miran Demir, que agora estava parado ao meu lado em suas roupas pretas e colete à prova de balas. Ele estava ali por minha causa. Eu o alertei.

Foi a ligação no carro. Eu liguei para o código secreto de três dígitos para emergências para contatar Miran: *268. Eu não falei no telefone. Gabriele falou. Ele disse o endereço do lugar onde íamos. Meu chefe e eu estávamos planejando isso há muito tempo.

Para pegar Vlad no flagra.

Uma negociação tinha acontecido.

Era a oportunidade perfeita.

Nós precisávamos pegá-lo no ato para termos as evidências.

— Coloque as mãos no ar e fique de joelhos — Miran ordenou a Vlad. — Vlad Vitalli, você está preso por tráfico de drogas, venda de substâncias ilegais e posse de três milhões e meio de dólares em cocaína. Nós o assistimos ao vivo, temos vídeos e áudio.

Miran ainda estava falando enquanto lia os direitos de Vlad.

Mas Vlad só continuava me encarando. Seus olhos se encheram de água e ele engoliu em seco.

Ele estava chorando? Eu não sabia se podia suportar.

O pomo de Adão dele se moveu com força. Ele desviou o olhar, como se não conseguisse mais continuar me olhando.

Vlad desviou o olhar.

Eu não era merecedora de seus olhos. Eu não esperava que doesse tanto, mas doeu. Isso deveria ter sido fácil.

Mas eu nunca esperei que meu captor fosse se tornar piedoso.

Isso tornava odiá-lo muito mais difícil.

Isso tornava prendê-lo muito mais difícil.

Neste momento, os olhos avermelhados de Vlad me encararam acusatoriamente.

— Você me *traiu*, Dahlia — sussurrou.

A voz de Vlad falhou.

Minha respiração ficou presa na minha garganta.

Eu nunca esqueceria do tom da voz dele naquele momento.

Vlad nunca tinha dito meu nome antes.

Ele sempre me chamava de *Boneca*.

O fato de Vlad ter escolhido usar o meu nome em vez do apelido que tinha me dado doía.

Ele estava ajoelhado diante de mim agora, incapaz de me olhar.

A primeira vez que Vlad tinha se ajoelhado na minha frente foi para me mostrar respeito, enquanto eu estava parada seminua na frente dele.

Esse não era o homem que eu conheci tão bem.

Esse Vlad parecia partido e completamente derrotado enquanto se entregava para as autoridades.

Ele estava certo sobre uma coisa, no entanto.

Eu sou uma beleza tão cruel.

Ele era a minha ruína.

Meu juízo final.

Minha completa destruição.

Algo se quebrou esta noite, além de Vlad.

Minha alma.

---

2. Drug Enforcement Administration (sigla DEA): uma agência estadunidense de combate ao tráfico e distribuição de drogas no país.

Capítulo 34

Dahlia

Nove anos antes

— NÃO É SUA culpa. — o policial disse suavemente.

Sua voz grossa com um leve sotaque chamou minha atenção.

Olhei para cima, ainda ensanguentada e nua. Ele era um homem mais velho, talvez com vinte e poucos anos, e eu tinha medo que ele também tirasse proveito da situação. Fui tomada pela vergonha. Meus braços estavam cruzados sobre o meu peito enquanto eu me encolhia no chão.

Depois que matei o meu "pai adotivo", eu liguei para a polícia, dizendo que eu precisava de ajuda. Eles mandaram o policial que agora estava na minha frente.

Ele era alto. Muito mais alto que eu, e tinha cabelo preto que se enrolava atrás das orelhas. O homem não estava usando uniforme, mas eu podia ver a arma guardada na lateral de seu corpo. Talvez ele não estivesse em serviço quando foi chamado.

Era tarde. Três horas da manhã.

O policial esticou a mão para mim e eu choraminguei, com medo.

Ele parou.

— Você está segura comigo — garantiu.

Eu não queria confiar nele.

O homem se abaixou até o nível dos meus olhos mantendo a distância.

— Ele não pode mais te machucar — prometeu. — Qual é o seu nome, garota?

Mordi meu trêmulo lábio inferior, sem ter certeza se deveria dizer a ele.

— Meu nome é Dahlia — respondi, depois de um tempo.

Ele me ofereceu um sorriso triste.

Então, tirou a jaqueta de couro que usava sobre a camisa branca e passou-a em volta dos meus ombros, me cobrindo com ela.

Meus olhos se encheram de lágrimas com o gesto e eu encontrei os calorosos olhos cor de mel do homem.

Eu não via um predador.

Ele me deu um sorriso que não alcançou seus olhos.

Uma covinha apareceu.

— Eu sou Miran.

*

O homem, Miran, olhou o estado em que eu estava depois da agressão e me ajudou a encobrir o crime.

O assassinato que eu cometi.

Eu não pedi isso. Ele só começou a fazer por conta própria.

— Nós precisamos nos livrar do corpo.

Eu o olhei, confusa.

— Eu conheço um lugar que ninguém vai. — ele continuou falando, mas agora era baixo, como se estivesse falando sozinho e não comigo.

— Por que você está me ajudando?

Miran estava andando pelo lugar, esfregando o chão, limpando o sangue.

Ele estava uma bagunça... igual a mim.

— Eu não posso te deixar ir para a cadeia por isso.

Minha respiração falhou.

— Eu vejo vítimas todos os dias. A próxima coisa que vai acontecer é que você vai para o hospital.

Meus olhos se arregalaram. Eu não tinha pensado sobre isso.

— Você foi machucada, mas, ainda assim, terá que provar. Como se os hematomas não fossem o suficiente. E então, eles vão fotografar esses mesmos hematomas.

Meus olhos saíram de Miran para as marcas de mordida vermelhas na minha pele e os hematomas de socos e chutes no meu estômago.

— Você pode se sentir violada de novo. O ataque não acaba aqui.

Fechei meus olhos ao ouvir isso.

— Você ainda pode alegar legítima defesa, mas pode haver um julgamento. As acusações podem ser descartadas, mas sempre haverá um arquivo do caso em que diz "suspeita". Isso vai aparecer em todos os noticiários. O seu nome será manchado. As pessoas vão te olhar do jeito errado pelo resto da sua vida.

Abri meus olhos e escutei as palavras de Miran atentamente. Ele estava certo. As vítimas não sobreviviam apenas ao ataque. Elas também tinham que lidar com as consequências disso.

— Ninguém precisa saber o que você sofreu. Eu vi o jeito que as pessoas olham para as vítimas depois... Alguns olham com pena, outros julgam e culpam. Você não tem que passar por isso. Você tem toda a sua vida pela frente. Você é muito nova. Se esse homem estivesse vivo, eu seria o primeiro a falar para lutar contra ele no tribunal.

Fiquei parada e encarei o chão.

— Mas, Dahlia, ele não está. O homem que te machucou está morto. Você não precisa mais de um julgamento. Você não tem que lutar mais. Você já o puniu. Ele mereceu. Você pode começar de novo. Mas tem que decidir agora.

Prendi minha respiração pelas palavras de Miran, por sua gentileza. Enquanto eu pensava, Miran suspirou.

— Porra, garota. Eu só sei que você merece algo melhor. Um novo começo. — ele parecia sincero. — Me diga, você está pronta para isso? — perguntou baixinho.

Eu não estava. Eu só queria esquecer isso tudo.

Olhei para ele, encontrando seus olhos turvos e balancei a cabeça.

Capítulo 35

Dahlia

Presente. Um mês depois.

MEU NOME É Dahlia Hadid.

Eu nunca usei um nome falso.

Eu era uma agente infiltrada da DEA que traiu o Don de uma das Cinco Famílias de Nova York.

O policial que me achou na cena da morte do meu "pai adotivo" era Miran. Na época, ele não era agente da DEA e sim, um detetive. Foi ele que me ensinou árabe e me ajudou a fazer faculdade. Miran era árabe e turco. Ele era seis anos mais velho. Quando me encontrou, eu estava prestes a fazer dezoito anos e fui liberada do sistema de adoção. Miran me encontrou na rua com as minhas malas. Eu não sabia para onde ir até ele me acolher. Eu não sabia por que ele tinha feito isso, talvez ele sentisse pena de mim.

Miran não me olhava como o resto dos homens. Ele era o único. Isso me deixava curiosa e intrigada sobre ele. Quando me encontrou, Miran tinha vinte e quatro anos; agora, ele estava com trinta e poucos anos. Pouco depois de colocar um teto sobre minha cabeça, ele começou a trabalhar com a DEA. Então, me treinou para trabalhar com ele quando eu acabasse a faculdade e entrasse na academia da DEA.

Isso me deu um sentido.

Tirar o crime do mundo.

Miran queria prendê-los por contrabando de drogas, o propósito da DEA. Nós começamos a trabalhar com o FBI, já que nossas jurisdições se sobrepunham.

Começamos a investigar profundamente a família Vitalli. Eu queria pará-lo porque eles estavam muito envolvidos com bordéis e tráfico de pessoas. Um número alarmante de mulheres estava desaparecendo nos Estados Unidos e nós sabíamos quem eram os responsáveis por isso. Nós só não tínhamos evidências o suficiente para prendê-los.

Isso se tornou minha missão.

Violência sexual. Eu não conseguia suportar.

Eu o encarava agora, sentada na frente dele, em seu escritório.

Miran Demir.

Esse era o nome inteiro dele. Nós dois éramos árabes. Talvez fosse por isso que nos conectamos ao longo dos anos. Ele era, provavelmente, o meu único amigo. Eu não nos chamaria de melhores amigos, mas também não éramos só colegas.

Nós tínhamos uma ligação silenciosa. Uma ligação de proteção.

Miran era alto, com impressionantes 1,90m. Ele ainda parecia largo enquanto se debruçava sobre sua mesa, analisando a papelada. A barba estava perfeitamente aparada e penteada. Ele não tinha barba quando o conheci. Miran tinha uma pele dourada, clara, e era robusto com grossos cabelos pretos. Ele também não falava muito. Miran era consumido pelo trabalho, sempre foi – talvez por isso nunca casou.

Ele me pegou olhando e me deu um pequeno sorriso.

— Você fez um ótimo trabalho prendendo Vlad Vitalli — disse, sua voz grave com um ar de respeito.

Miran ainda tinha um leve sotaque poético do Oriente Médio mesmo depois de todos esses anos. Ele era fluente em inglês, mas o leve ritmo em seu sotaque ainda permanecia. Ele nasceu nos Estados Unidos, mas tinha se mudado para a Turquia antes de voltar quando tinha treze anos.

Eu não devolvi o sorriso.

Eu me sentia adormecida.

Vlad.

Eu não queria ouvir outra menção desse nome.

A culpa já era pesada demais no meu coração gelado.

Capturar o chefe mafioso foi uma tarefa que recebi meses antes de Vlad me pegar assistindo seus homens matarem alguém. Eu tinha me colocado no caminho dele no baile, mas não esperava testemunhar um homicídio. Depois que Emilio Valentino o chamou de Don no baile de máscaras no Dia dos Namorados, eu observei Vlad atentamente e o segui para o lado de fora.

Naquele momento, eu estava sozinha, sem apoio da DEA. Eu não sabia que havia uma negociação acontecendo. Eu não tinha nenhuma informação na época... diferente do último baile. Tudo o que eu sabia era que o lugar servia de encontro para os ricos e eu assumi que Vlad estaria lá. Eu esperava encontrá-lo e tinha a intenção de me aproximar.

Eu não tinha planejado testemunhar um assassinato. Eu nem sabia que ia acontecer um. E o resto é história.

Eu tive esperanças de começar uma relação com Vlad de forma natural. Um encontro por acaso de suas pessoas. Isso teria sido o mais seguro para mim.

Miran e eu nunca nos preparamos para eu ser sequestrada. Isso era muito arriscado. Eu podia ter morrido. Eu estava grata por ainda estar viva. Senti medo real naquela noite. Eu não estava atuando. Preparei-me para ser violada várias e várias vezes, mas Vlad me surpreendeu.

Ele me deixou intocada.

Vlad não era o homem para quem Miran tinha me preparado. Eu esperava um assassino de sangue frio e um estuprador. Alguém que se encaixava na figura que eu tinha imaginado. Eu não conseguia me fazer tocá-lo de bom grado, mesmo sendo o meu trabalho seduzi-lo e conseguir informações. Eu não tinha planejado tocá-lo no chuveiro, mas sua preocupação tinha me atraído.

E eu não consegui me controlar.

Eu nunca seduzi Vlad.

A mente dele me seduziu.

As coisas aconteceram por conta própria.

— Você tem uma nova missão.

Suspirei profundamente, frustrada. Depois, joguei minhas mãos no ar.

— Pensei que poderia ter uma folga.

— Você já tirou um mês de folga.

Miran sempre foi curto e grosso.

Brinquei com meus dedos, pensando como sair dessa missão.

Ele suspirou antes de começar a falar. Eu sabia que ele tinha ensaiado algo a que

seria difícil dizer "não".

— Vlad Vitalli está sendo mantido em uma prisão de segurança máxima — começou. — Ninguém pode entrar ou sair sem permissão. Nós temos evidências o suficiente para levá-lo a julgamento. Muitos de seus homens morreram devido à luta com a família Moretti. Houve muitas mortes naquela noite. — estremeci. Apesar de todos serem criminosos, doía no meu coração que eu era a razão para eles terem morrido. — Nós pegamos alguns outros, apesar do primo de Vlad, Gabriele Vitalli ter escapado.

Assenti, já sabendo dessa informação. Gabriele era o segundo em comando. Eu imaginava que ele comandaria a máfia, agora que Vlad foi detido.

— Os homens restantes vão pensar que, ou você também foi presa, ou que talvez você tenha fugido. Ninguém sabe a verdade além de mim e Vlad. Eu te mantive escondida. Ninguém viu você. No baile, os policiais que te viram não sabiam quem você era. Eles não ouviram o que você disse para Vlad naquela noite.

Levantei os olhos com as palavras de Miran.

E aí está, senhoras e senhores.

Ele encontrou um jeito.

Malditos árabes. Tão teimosos e de sangue tão quente. E eu achava que os italianos eram ruins.

— Ninguém, nem meus outros agentes sabem que você trabalha para mim — continuou Miran. — Só eu sei. Eu mantive a sua identidade fora dos arquivos. Eu sei que algumas pessoas da DEA e do FBI estão envolvidas com a máfia. Sua segurança e sua identidade são importantes para mim. Eu sempre irei proteger você.

Olhei-o intrigada.

— Se eu pudesse mandar outra agente da DEA, eu teria mandado, mas muitas disseram não por ser arriscado demais. Você era a minha primeira opção, mas a última pessoa a quem pedi por causa do seu... — Miran exalou lentamente antes de continuar. — Do seu passado. Muitas são mulheres de família. Para algumas, não parecia certo trair seus parceiros e se prostituir para o chefe da máfia.

Tentei não estremecer com as palavras de Miran. Eu nunca me senti assim quando eu e Vlad estávamos juntos.

Miran notou minha reação e sussurrou: — Desculpe.

Eu levantei os olhos.

— *Dormir* com o chefe da máfia — corrigiu-se.

Assenti, agradecendo a correção.

— Você não tem família, não tem parentes. Sem amigos. Você é solitária. Praticamente um fantasma. Você é a agente perfeita para isso.

Suspirei novamente e perguntei de forma audaciosa: — Você não é meu amigo?

Os olhos de Miran se aqueceram antes de ele responder seriamente:

— Eu sou o seu único amigo.

Afundei-me na cadeira, olhando para o teto.

— Nós já falamos sobre isso antes. Você não tem fraquezas. Eles não podem usar nada contra você além de você mesma.

Abri minha boca para falar, para discutir, mas Miran não tinha acabado ainda.

— Eu sei que você tem gatilhos.

Pressionei meus lábios. Ele sabia tudo sobre o meu passado, mas ele não sabia sobre o meu presente. Ele não sabia que era uma batalha perdida comigo mesma para me olhar no espelho depois do que fiz com Vlad.

Aos olhos de Miran, eu tinha feito bem.

Eu tinha pego o homem mais poderoso da cidade.

A prisioneira se tornou a captora.

Isso era sem precedentes.

Você me traiu, Dahlia.

Essas palavras me assombravam todas as horas, todos os dias pelo último mês.

Eu não quero que você fique presa no meio da guerra. Eu quero você viva.

Vlad nunca me quis quebrada, mas agora, eu estava quebrando por dentro mais um pouco a cada dia.

Miran exalou lentamente.

— Essa é a sua única fraqueza, mas você é mais forte que o resto. Você já passou por muita merda. Você é resiliente. Você consegue lidar com isso. Você tem um

motivo ainda maior que o meu para lutar contra o crime. Eu sei, é difícil superar a crueldade de Vlad. Eu não sei o que aconteceu com você quando viveu com ele. Não faço ideia. Você não tem falado comigo sobre o que está passando na sua cabeça. Tudo o que você falou foi sobre trabalho. Você tem me isolado desde que voltou. Sinto muito se ele te machucou.

Não, eu o machuquei.

Encarei Miran com os olhos sem brilho. Ele me olhou, procurando alguma coisa no meu rosto, provavelmente um sinal de que eu estava bem, mas eu apenas dei um sorriso cansado.

— Eu estou bem.

Menti para ele pela primeira vez na minha vida.

Você está bem?

Eu não consegui esquecer essa nova voz na minha cabeça.

Ela tinha substituído a outra, da minha infância.

— Enquanto você esteve fora, eu procurei mais. Finalmente encontrei uma conexão. Eu encontrei uma família libanesa que deu à luz a uma menininha há 26 anos.

Levantei os olhos em confusão e incredulidade.

Ele estava falando que...?

— Eu acredito que nós achamos a sua família, Dahlia.

Minha respiração ficou presa no meu peito. Meus olhos se arregalaram com o pensamento de conhecê-los. Um beco sem saída que me deu esperança de novo. Eu tinha desistido há anos, mas Miran nunca parou de procurar. Provavelmente era tarde demais. Essas pessoas tinham me abandonado, me deixado no sistema onde eu tive que cuidar de mim mesma, me perdendo repetidas vezes.

— Você é a única família que eu tenho — respondi engasgada.

Os olhos de Miran suavizaram.

— Faça uma coisa. Conheça essas pessoas primeiro. Isso pode trazer... uma conclusão. Você merece isso mais do que qualquer outra pessoa que eu conheço. Você é a pessoa mais forte que eu já conheci, garota.

Meus lábios se curvaram em um sorriso e isso chegou aos meus olhos também. Fiquei feliz com o apelido familiar que Miran me deu desde que me conheceu.

— Qual é a minha nova missão?

Miran ficou em silêncio por um instante antes de falar:

— Prender Salvi Moretti.

No momento em que o Diabo me viu no leilão, ele me comprou.

A continuação.

Eu acabei com a Fera, e o Don rival, o Diabo de olhos azuis me pegou.

Vlad fez de Dahlia sua rainha. A razão de seu sorriso. E, então, ela incendiou seu mundo. Ninguém pega o que ele quer. Uma fera não é um homem e ele vai provar isso ao arrancá-la do inferno.

Vingança é o que Vlad procura a todo custo.

É matar ou morrer.

NOTA DA AUTORA E AGRADECIMENTOS

Em todos os meus livros, gosto de chamar a atenção para assuntos difíceis, porém, importantes. Apenas nos Estados Unidos, existem 424 mil crianças no sistema de adoção, com a idade média de ٦ anos de idade. Cerca de ٢٦٪ das crianças denunciaram abusos e talvez um número ainda maior não denunciou.

*

Obrigada à minha família e amigos próximos por sempre me encorajarem. Obrigada ao meu time por trás de criar este livro – à incrível artista que fez a capa do livro, Ms Betty, às editoras Julia Firlotte e L.L Lilly, Evelyn, ao time de marketing: Jo e Kylie McDermott, Savannah Richey, Mary, Val e Julie.

Às leitoras beta – Rachel e Bianca (Obrigada pelas traduções italianas!)

As resenhistas dos ARCs do meu fã-clube *Red Roses*, que estão comigo desde a minha estreia – Samiya, Fatima, Katy, Cristina, Celln, Amy, Michelle, Yeasmin, Sharon, Tiffany, Tracy, Aneela, Brenda, Neha, Donna, Ruud, Sophia Ismaa, Mare, Ruth, Jessica, Victoria, Aurora, Aamna, Ana, Mateja, Tina, Sarah, Zoe e Yolanda.

SOBRE A AUTORA

Beena Khan tem sua base em Nova York, trazendo contos de fadas sombrios e mitos à vida. Ela escreve romance de máfia, *new adult*, e ficção contemporânea no estilo de dar ressaca literária. Seus livros são doloridos, caóticos, perigosos e viscerais. Ela tem mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e graduação em Estudos Árabes. Beena explora a psiquê humana com frequência. Ela publicou seu primeiro livro, *The Name of Red,* quando tinha 26 anos de idade.

Ela adora saber das pessoas, e você pode encontrá-la em seu *site, Twitter, Facebook, BookBub* e *Instagram*, sobre próximos lançamentos e mais notícias sobre livros.

Instagram: @Beenaxkhan

Twitter: @Beenaxkhan

Facebook: @Beenaxkhan

Goodreads: @Beena_khan

BookBud: @Beenaxkhan

Próximo Lançamento:

Uma Fera sem Piedade – livro 2